

TRABALHOS
DA
SOCIÉDADE
PORTUQUESA
DE
ANTROPOLOGIA
E
ETNOLOGIA

VI

1933-34





TRABALHOS

DA

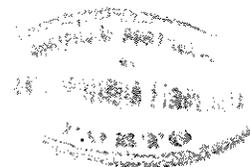
Sociedade Portuguesa

DE

Antropologia e Etnologia

VOLUME VI

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL



PÓRTO

Séde da Sociedade: NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

1933-1934

TRABALHOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



39(08)
Tra

VOL. VI—FASC. I

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL
PORTO, 1933

NUCLEO DE PERIODICOS

FLUP—BIBLIOTECA ()



769687

POLÍTICA EUGÉNICA

PELO

DR. RENATO KEHL

Presidente da Comissão Central Brasileira de Eugénia
Membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro e de Lima, etc.

(Conferência realizada na Soc. Port. de Antrop. e Etnol.
em 24 de Outubro de 1932)

MEUS SENHORES:

Folgo imenso entrar em contacto pessoal com a intellectualidade portuguesa para dizer algo sobre a doutrina eugénica que envolve, indubitavelmente, os mais transcendentos problemas humanos da actualidade.

Sabedor da minha viagem à Europa, o ilustre amigo e mestre, professor Mendes Corrêa, — um dos mais conhecidos e acatados cultores modernos da Antropologia, — convidou-me para fazer uma conferência nesta cidade sobre as questões às quais venho dedicando especial atenção há quasi vinte anos.

Aceitei o convite com prazer, mas, infelizmente, não me é possível corresponder *in totum*, ao desejo do professor Mendes Corrêa de fazer uma conferência na acepção da palavra. Limite-me, pois, a uma simples palestra em torno da tese por mim oficialmente relatada no 3.º Congresso Internacional de Eugénia de New-York.

Devo dizer, inicialmente, que reina certa confusão sobre os verdadeiros fins da ciência de Galton, mesmo entre intellectuais apesar de tantas publicações existentes e de tantos anos decorridos do 1.º Congresso reunido em Londres em 1911, sob os aus-

pícios de sua Universidade, o qual teve enorme repercussão nos meios científicos de todo mundo civilizado.

Há, mesmo, quem suponha as práticas eugénicas incompatíveis com os sentimentos de humanidade ou coercitivas da liberdade individual; como há quem julgue que as mesmas consistem, apenas, em esterilização, em segregamento, em exame pre-nupcial obrigatório, em medidas, enfim, que contrariam as normas usuais de vida dos indivíduos e da sociedade.

— Eugénia, Senhores, não prega a esterilização *à outrance*, nem considera êste processo de ultra-profilaxia indispensável e, por si só, capaz de elevar a média e o coeficiente dos indivíduos bem dotados, somato-psiquicamente.

Eugénia, Senhores, não significa exame pre-nupcial, tão somente; não pretende fechar as portas da felicidade àqueles que aspiram à vida conjugal, embora incapazes para a boa procriação.

Erram os que supõem, ingênuamente, serem tais as únicas medidas propostas pela eugénia, e erram, ainda mais, os ignorantes que a combatem em nome de uma pseudo-moral, dizendo que ela pretende fazer do homem o que êste pratica com os animais irracionais.

A eugénia é uma doutrina cujos preceitos são da mais pura e elevada moral; é uma doutrina que, por meio da educação galtoniana, ipaulatina e perseverante, fará aumentar, progressivamente, o número dos indivíduos conscientes de suas responsabilidades perante a família e a sociedade; é uma doutrina, em suma, que combate o egoísmo, procurando elevar os homens ao verdadeiro nível de seres racionais, pela compreensão exacta dos seus deveres em relação à espécie.

O credo dos eugenistas é um «credo viril, cheio de esperanças, que apela para os sentimentos mais nobres de nossa natureza».

Êle fará o seu caminho, impondo-se como credo do «século do homem», que sucederá ao «século da luz», porque é incompreensível e inadmissível que o homem continue por mais tempo a descurar a sua própria melhoria genética.

De que têm valido tantos progressos materiais, se o número de indivíduos com defeitos físicos aumenta, dia a dia; se os com defeitos psíquicos se multiplicam; se os crimes tomam proporções assustadoras, — curiosa ironia, — sobretudo nos países mais adiantados e ditos super-civilizados?

De que têm valido todos os processos educativos e preceitos morais, se a situação permanece a mesma, senão pior?

Vejamos algumas estatísticas.

Segundo Rodrigues Dória, da Faculdade de Medicina e de Direito da Baía, «as estatísticas demonstram que os crimes têm crescido em proporções maiores que o aumento da população». São de poucos dias as palavras de Hoover sôbre os crimes de morte e as violações da lei no país que se acha colocado no primeiro plano entre os mais adiantados do globo. Contraste chocante: ao lado da civilização requintada, uma criminalidade exagerada! Diz Hoover que «a vida e a propriedade são relativamente mais inseguras nos Estados Unidos da América do Norte do que em qualquer outro país civilizado do mundo». Esta precariedade corre por conta de várias causas de degeneração, que têm resistido aos esforços educativos e legais e aos milhões de bíblias que distribuem pelo povo! Naquele país a imigração intensa e heterogênea, a luta de competição, o urbanismo, o industrialismo, a hipertrofia súbita e desordenada da economia nacional, determinaram fenómenos terríveis de desequilíbrio mental e moral. Segundo Hoover, «nos Estados Unidos mata-se todos os anos um número de pessoas *vinte vezes maior* que o dos que morrem por meios violentos na Grã-Bretanha, tendo em conta a densidade da população. Em relação a esta cometem-se 50 vezes mais roubos

e se levam a cabo 3 vezes mais assaltos de domicílio com roubo do que naquele país da Europa». Isto quer dizer que nem a bíblia, nem a cadeira eléctrica, fôram capazes de melhorar a situação de desordem, que reina no país de Tio Sam.

Do mesmo modo que os americanos acham-se os ingleses atemorizados com a multiplicação geométrica dos degenerados e diminuição do *stock* de equilibrados. Segundo Pearson, a maior autoridade nestas questões e um dos fundadores do Laboratório de Eugénia de Londres, a classe letrada do país apresenta 1,6 de crianças para cada casal, ao passo que as classes desfavorecidas apresentam 6,6 e a dos criminosos 7 filhos.

Os hospícios da Grã-Bretanha acham-se abarrotados de alienados, não sabendo as autoridades onde localizar as levas constantes de infelizes que são conduzidos para êsses estabelecimentos ou depósitos de *pesos mortos*.

Perante a Associação Americana de Psiquiatria, o dr. Walter English, de Brokville, Ontario, asseverou que há nos Estados Unidos 1 milhão e 800 mil deficientes mentais com o nível intelectual máximo do das crianças de 9 anos.

Na Alemanha, pela palavra de Hans Krauss, em consequência do desfalque racial causado pela guerra, que roubou 2 milhões de homens válidos, decresceu fortemente o número de indivíduos normais e produtivos. Segundo êsse autor, existem nesse país 30:000 alienados e 300:000 débeis mentais casados. Aponta, em conclusão do seu trabalho, os perigos resultantes do despararelismo entre a procriação hígida e a procriação blastofórica e degenerada, em crescendo alarmante.

Pelo exposto, Senhores, pretendo ter evidenciado que a educação e as influências favoráveis do meio não são suficientes para melhorar a situação genética da colectividade, porque ambas affectam, tão sòmente, o desenvolvimento do indivíduo e não a constituição da espécie humana. Essas influências, são, por con-

seguinte, temporárias, devendo ser repetidas em cada geração. Não fazem o milagre de *criar* «bons caracteres», apenas *revelam* «bons caracteres», quando estes existem.

Eis porque não basta educar, no sentido corrente, da palavra. «A educação, disse José Veríssimo, não é de-certo, como inculcaram apóstolos demasiado convictos, uma panacea, mas é sem contestação, poderoso modificador. Tristemente, mas triunfalmente, as estatísticas demonstram a falsidade da asserção — que começava a adquirir fóros de axioma — que abrir escolas era fechar prisões». A educação, tão sòmente, elucidando, convencendo, não conseguirá a regeneração humana. Impõem-se medidas outras de maior alcance, que influam a sua individualidade genética. Só as medidas eugénicas, actuando sòbre as modalidades das aptidões hereditárias, garantem condições ótimas ao género humano, porque elas agem efectivamente, intrinsecamente, sòbre os elos da cadeia da vida representados pelas células da imortalidade ou células da reprodução.

Uma política eugénica terá, pois, de se desenvolver, considerando a *espécie*, o *todo* e não a *unidade*, o *indivíduo*. Instrução, educação, confôrto, progresso, beneficiam o indivíduo sem vantagem genética para a descendência; selecção matrimonial, exame pre-nupcial, fomento da paternidade digna, retardamento da paternidade duvidosa, impedimento da paternidade indigna, limitação da natalidade em casos indicados, protecção às famílias de «bem-dotados», segregação, esterilização, imigração seleccionada, cruzamentos eugénicos, com impedimento para os disgénicos, consciência eugénica, esta última difundida nas escolas, nas casernas, nos lares, beneficiam genéticamente a espécie.

A política eugénica pretende a regeneração integral pela aplicação suasória, progressiva e combinada de medidas suaves sem quaisquer propósitos draconianos ou cruéis. Não visa perseguir fracos, doentes, nem degenerados. Ao contrário, procura evi-

tar o aparecimento dêsses infelizes que nascem para morrer, para sofrer e para sobrecarregar a parte produtiva da colectividade. Constitui a verdadeira política da felicidade, porque se esforça pela elevação moral e física do homem, afim de dotá-lo de qualidades ótimas, de fornecer-lhe elementos de paz na família, na sociedade, na humanidade.

*

* *

Antes de apresentar o programa para estimular a fecundidade dos tipos superiores que constitui a base da «política eugénica», permitam-me Senhores, dizer o que entendemos por êsses tipos superiores ou «bem-dotados».

Poderá parecer à primeira vista que só são indivíduos superiores os que apresentam uma intelectualidade elevada. Não é êsse o nosso critério. Para nós indivíduo superior e bem-dotado é todo aquele que se apresenta em estado de equilíbrio somato-psíquico, isto é, que se manifeste física e mentalmente um indivíduo capaz e útil dentro de sua classe social. Entendemos que há indivíduos superiores não só nas classes intelectuais como nas classes de agricultores, de criadores, de artistas, como na de artífices, entre estes compreendidos todos os indivíduos com um ofício, seja de mecânico, de seleiro, de pedreiro, etc.

A eugenia pretende, naturalmente, elevar o nível médio da massa humana, nível êste que se aquilata sobretudo pelo valor mental dessa massa. Ela não pretende, porém, transformar a humanidade num conglomerado exclusivo de intelectuais, ou de homens plasticamente perfeitos, mas num máximo de indivíduos sadios, equilibrados e superiores dentro da vocação e da capacidade de trabalho dos diversos tipos de obreiros existentes no seu seio. Tão necessários são os núcleos de intelectuais como os

núcleos de trabalhadores superiores na sua arte ou profissão. Dentro dêste critério exporei a seguir as medidas capazes de estimular a fecundidade dos «bem-dotados», o que se poderá denominar de um modo conciso por «fomento da paternidade digna».

Para aumentar o *stock* dêstes tipos, isto é, de indivíduos eugenicamente sadios, activos, inteligentes, audazes, cheios de iniciativa e de tenacidade, elevando, portanto, a média dos valores humanos, existem dois únicos processos: o fomento da fecundidade dos indivíduos de melhor estirpe e a restrição da prolificidade dos medíocres e inferiores.

O último processo compreende uma série de medidas, bem conhecidas, dentre as quais algumas vão sendo praticadas e outras ainda encontram sérios óbices que, dentro de pouco ou de algum tempo, serão transpostos, bastando para isso vencer a rotina e a tradição a que se apegam os elementos orientadores e dominantes, mesmo em países civilizados.

Examinemos, prévia e sumariamente, porque os medíocres, os inferiores, incluídos entre estes os débeis mentais, são mais prolíficos; em segundo lugar porque os «bem-dotados» e os superiores têm menos filhos; examinemos, finalmente, as causas apontadas, respectivamente, de hiper-prolificidade e de hipo-prolificidade e, como remate, quais os recursos práticos de que se poderá utilizar para modificá-las a bem do género humano.

1) *Causas de hiper-prolificidade dos medíocres, inferiores e débeis mentais:*

a) A inconsciência e a ignorância dêstes indivíduos que não se preocupam com o futuro dos filhos. A imprevidência é outra causa da prolificidade que arrasta a maioria das famílias numerosas à indigência e à degradação, aumentando o encargo do Estado para sustentar os seus elementos inaptos e criminosos e ao público os que se entregam à mendicidade e à exploração vil de todo género.

b) A filantropia. Spencer na sua *Statique sociale* não recebeu afirmar que quando se ensaia impedir a miséria resultante da competição e da luta pela vida, cria-se, na realidade, mais miséria protegendo os incapazes. Os falsos filantropos, remata aquele filósofo, «são indivíduos mais mal avisados do que sábios, porque legam à posteridade uma maldição incessantemente crescente». A filantropia mal orientada é um fator de viciação, de indigência, de degradação social. Infelizmente, via de regra, como dissemos anteriormente, procura-se tudo favorecer aos mediocres, aos doentes, aos incapazes, que por isso conseguem vencer em detrimento da parte boa sacrificada pela concorrência desleal «filantropicamente» mantida pela sociedade.

c) A ciência. Impede o livre jôgo das leis naturais, salvando a vida dos que estavam fadados a desaparecer.

Expondo estas causas de aumento da prolicidade dos degenerados e dos medíocres, não queremos dizer que esposamos ideias contrárias às tendências humanitárias de nosso tempo, nem à ordem social estabelecida actualmente, mas demonstrar a necessidade de corrigir, a pouco e pouco, as causas e efeitos das medidas que contrariam as leis naturais e estabelecer medidas que favoreçam a multiplicação dos bem-dotados.

d) A sociedade. O professor William Ridgeway proclamou que o auxílio financeiro das organizações sociais e nacionais de educação, alimentação, vestimenta, habitação, é de natureza desfavorável para as classes superiores e médias, porque, em lugar de favorecer a reprodução destes, em que o estado fisiológico é satisfatório, vai favorecer os tarados físicos e morais. Há ainda outro fator, entretanto, que merece registro. Refiro-me à precocidade dos casamentos entre os indivíduos das classes inferiores e aos casamentos retardados ou tardios nas classes médias. Os indivíduos das primeiras, pela regra, casam-se cedo. Não se preocupando com o futuro, pois a visão deles é muitas vezes apenas

limitada ao presente, logo que alcançam uma situação qualquer que dê para a alimentação e moradia do casal, não trepidam em casar-se ou em unir-se maritalmente. Pouco se lhes dá os filhos que vierem. Deus é grande, dizem, e sempre haverá com que alimentá-los e vesti los. Não se preocupando com a seriedade do casamento, muito menos se preocupam com a prolicidade. Venham os filhos! pouco importam, sejam 3, 5, 10 ou 15. Ainda há quatro ou cinco dias, creio que a 22 do corrente, li num jornal de Lisboa que em Setúbal vive uma mulher de 39 anos que já teve 26 filhos, dos quais apenas 3 se encontram vivos, os mais... coitados, ou melhor, felizes, transformaram-se em anjinhos e lá foram... para o céu. Essa pobre mulher procriou e ainda procria com a inconsciência de uma cobaia, para povoar cemitérios ou o mundo de infelizes sem trabalho quando não de hóspedes de estabelecimentos do Estado. E como esta, milhares, milhões de outras! Diz o jornalista que a entrevistou, que ela vive em condições modestíssimas, num dos bairros mais pobres da cidade; que conta, com tristeza, nunca ter conseguido reunir à mesa mais de 6 dos seus filhos, referindo-se que sua mãe foi mais feliz, pois que chegou a vêr, dos 25 que também teve, 12 juntos. Estas informações vão por conta do *reporter* que acrescentou esta nota trágica: declarou a mulher de Setúbal que, se viver até os 50 anos, espera poder *orgulhar-se* de ter lançado ao mundo 40 filhos!

Assim nascem e muitas vezes vingam, os cacoplastas, os párias, os infelizes.

Vejam os quais as causas da queda da natalidade ou hipo-prolicidade dos indivíduos «dotados de eugenismo», isto é, dos indivíduos superiores:

a) *A noção de responsabilidade.* Os indivíduos desta classe compreendem melhor a alta missão matrimonial, preocupam-se com o futuro da prole, evitando, portanto, casar-se, ou só se

casando tardiamente, com a preocupação de evitar prole superior a 1, 2 ou ao máximo 3 filhos.

b) *As condições de vida.* O tempo relativamente longo de educação nas classes superiores, e, depois, as dificuldades para estabelecer condições económicas compatíveis com o matrimónio, retardam-no impedindo a procriação na fase mais favorável para os casais terem maior número de filhos.

c) *O urbanismo.* A vida nas cidades, as dificuldades de alojamento, impossibilitam as proles numerosas entre os indivíduos que compreendem a responsabilidade concepcional.

d) *O egoísmo.* A propagação dos métodos anti-concepçãois e a sua prática indevida entre os indivíduos das classes superiores, em boas condições financeiras. O temor de vêr a fortuna dividir-se é um incitamento decisivo à limitação do nascimento.

Como acabamos de expor, os indivíduos das classes médias e superiores pensam, via de regra, antes de contrair matrimónio. Esforçam-se para conseguir uma situação de certo equilíbrio, situação essa que nem sempre é fácil, e que por isso exige maior esforço e maior praso.

Nestas condições as uniões legais nas classes inferiores dão-se, geralmente, entre 20 e 25 anos e nas classes médias entre 25 e 30 anos.

Assim sendo, as primeiras levam sobre as segundas uma vantagem de 5 anos, no tocante à função procriadora.

Num dos meus últimos trabalhos publicados no Brasil, apresento um cálculo fazendo ressaltar a alta significação dessa diferença.

Admitamos 1:000 indivíduos das classes inferiores que se casam na data de hoje e teem, por casal, 3 filhos no decorrer dos 5 anos, após os quais se casam outros 1:000 indivíduos das classes médias. Quer isto dizer que, quando estes se unirem, aqueles já estarão levando a vantagem de 3 filhos por casal ou sejam 1:500 filhos. No fim de 10 anos os 500 casais de inferiores terão

o dôbro, isto é, 3:000 filhos, enquanto os casais médios alcançarão apenas 1:500.

E neste cálculo não entra em consideração a maior prolificidade média dos inferiores e a prática do «birth-control» (limitação dos nascimentos) frequente na classe média. Eis aí, Senhores, *uma* das razões de se tornarem necessárias maiores atenções pelos problemas eugénicos e que justificam as medidas que propus ao 3.º Congresso de Eugenia de New-York para fomentar a paternidade digna, isto é, para facilitar o casamento dos indivíduos sadios e inteligentes, concorrendo para que se casem mais cedo e tenham recursos para criar e educar os filhos afim de aumentar o número dos que constituem a *elite* eugénica.

Gide (1), no seu tratado de economia política, propõe algumas medidas de estímulo ao acréscimo da população ou pelo menos, para fazer desaparecer os obstáculos que a circunscrevem, sem, no entanto, se preocupar com as classes que mais convém aumentar. Em todo caso, apenas a título elucidativo, transcrevo os remédios pelo mesmo indicados: prémios pela procriação dos filhos, suplementos de ordenados para os funcionários e de salários para os operários, na razão do número de filhos, redução do custo da vida pela abolição dos direitos protectores, facilidades para a habitação, reforma das leis de sucessão, simplificação das formalidades do casamento, imposto sobre os celibatários, isenções ou agravações do serviço militar. Mas de todos êsses remédios, conclui o autor citado, não há senão o primeiro — pingues prémios por filhos a partir do terceiro — que possa ser eficaz. Talvez bastasse para reconciliar o interesse individual com o interesse nacional que, neste ponto, acham-se em estado de conflito.

No XV capítulo de seu livro *What is Eugenics* (2), sugere Leo-

(1) C. Gide, *Economia política*, 3.ª ed. port., 1931.

(2) Leonard Darwin, *What is Eugenics*. London, 1929.

nard Darwin os meios por êle julgados capazes de aumentar o número dos indivíduos de boa estirpe e que, resumidamente, são os seguintes: a) diminuir a taxa da mortalidade nesta classe de indivíduos; b) estimular os componentes desta classe a terem em média 3 ou 4 filhos, apelando para o sentimento do dever e de patriotismo; c) condenar a ambição e o egoísmo causadores da limitação da prole, despertando o ideal elevado de cada casal auxiliar o ideal eugénico no intuito de manter as boas linhagens.

Percorrendo a literatura eugénica encontram-se muitos trabalhos em que são indicadas as principais medidas destinadas a elevar a média dos indivíduos em boas predisposições somato-psíquicas, portanto a combater a mediocrinização ou proletarianização das futuras proles. Entretanto, êsses trabalhos pecam pela falta de concisão ou, então, pela falta de um plano de «política da natalidade» que envolve, *de modo claro e esquemático*, os meios de acção para a diminuição da fecundidade dos indivíduos abaixo da média e o correlativo aumento da fecundidade dos indivíduos acima da média, a primeira com carácter eliminatório e o segundo com carácter electivo e estimulador.

Um plano, nestas condições, torna-se indispensável, quer como base para futuros estudos e discussões, quer como elemento substancial para a organização de planos práticos exequíveis nos diferentes países, dadas as condições especialíssimas de cada um.

Daremos, pois, a seguir, um tímido e sintético esboço de um programa com o qual nos parecem colimar os fins eugénicos:

a) propagar as vantagens do casamento dentro da mesma raça, da mesma classe e, quanto possível, dentro da profissão paterna ou da vocação predominante na família. Esta proposta nós a apresentamos sem qualquer intuito nacionalista, nem qualquer preconceito de raça. Entendemos que a mestiçagem é dissolvente, desmoralizadora e degradante, prejudicando, portanto, o espírito superior visado pela procriação eugénica. É indiscutível o

antagonismo e mesmo a repulsa sexual existente entre indivíduos de raças diversas. Só motivos acidentais ou aberrações mórbidas fazem unir-se v. g. um homem branco com uma negra ou vice-versa. E o produto dêste conúbio nasce estigmatizado não só pela sociedade, como, sobretudo, pela natureza; está hoje provado, não obstante a grita de alguns cientistas suspeitos, que o mestiço é um produto não consolidado, fraco, um elemento perturbador da evolução natural ⁽¹⁾.

Os casamentos devem, portanto, se processar dentro da mesma raça e, de preferência, da mesma classe. Seria conveniente, também, quando possível, que tivessem lugar dentro da vocação predominante na família, não só porque dariam margem à conjunção genética de caracteres vocacionais, como viriam facilitar e consolidar, económica e socialmente, a comunhão familiar.

b) sindicalismo, união de classes, com propósitos elevados de defesa e de progresso de seus membros;

c) seguros, especialmente da paternidade e da maternidade, instituído pelo Estado;

d) dotação ou bôlsas matrimoniais para os que se revelarem espoentes nos cursos superiores, normais e profissionais, isto é, para que os que mais se distinguirem possam logo contrair matrimónio, —dotação esta em dinheiro que será posteriormente aumentada na proporção da respectiva prole, a começar do terceiro filho;

e) concursos de eugenia para adultos, com prémios que equivalerão à preferência para os cargos de responsabilidade;

f) imposto indirecto sôbre os celibatários, cuja taxa reverterá, quando casados, em benefício dos próprios filhos;

(1) Jon Alfred Mjôen, *Cruzamento de raças*; H. Lundborg, *Idem*, nos. «Bol. de Eugenia», 32 e 35, 1931; Renato Kehl, *Lições de Eugenia*, 1929.

g) concessões especiais no tocante ao serviço militar para os indivíduos bem dotados;

h) estabelecimento do exame pré-nupcial obrigatório e esterilização dos inaptos para a boa procriação (débeis mentais, tarados, criminosos);

i) retardar a união dos indivíduos fracos, mediocres, fixando a idade mínima de 25 anos, quando não houver motivo maior para impedi-la, estabelecendo entretanto a exigência legal de um salário mínimo compatível com o sustento do lar; fazer uma campanha de desencorajamento entre êles, mostrando os inconvenientes dos casamentos nas aludidas condições;

j) criação de instituições *especiais* para a protecção dos órfãos dos tipos superiores, afim de torná-los social e eugênicamente aptos a se casarem em tempo oportuno;

k) bôlsas nacionais para a educação e auxílio dos filhos sadios de intelectuais e de artífices premiados na profissão que exercem;

l) estabelecer que as famílias sadias e produtivas só sejam moderadamente atingidas pelos impostos;

m) impostos sucessoriais elevados consideravelmente para as fortunas superiores a 50:000 dolares (1). Uma taxa de 50 %/o deverá ser paga nas heranças de 250:000 dolares para cima. (Popenoe);

n) seguros do Estado para os indivíduos de categoria, isto é, chefes de famílias numerosas de bem dotados;

o) todo casal de bem dotados e de superiores, assim considerados por uma junta de eugenistas, receberá, mensalmente, um subsídio de 50 dolares ao registrar-se o 5.º aniversário do terceiro filho, e de 10 dolares a mais para cada filho que nascer; a dota-

ção será suprimida em caso de morte do filho na mesma proporção;

p) lei da herança, de modo que o imposto seja proporcional, inversamente, ao número de filhos. Se um pai «bem dotado» deixar mais de 4 filhos ficarão êstes dispensados do imposto, a não ser que a fortuna seja superior a 100:000 dolares;

q) novo sistema de recenseamento da população afim de facilitar o estudo genealógico das famílias. Organização de registos genealógicos ou dispensários eugênicos nas cidades com o propósito de instruir os candidatos ao himeneu sôbre seus defeitos e qualidades, o que facilitará a formação de «family-stocks», favorecendo, assim, a procriação de geno-tipos de *élite*;

r) propagar e encorajar a migração para os campos, que deverão tornar-se mais atraentes e a vida de trabalho melhor remunerada, especialmente para os tipos das classes superiores;

s) combate aos latifúndios, política de colonização baseada em novos moldes colectivos no tocante ao valor dos colonizadores e suas tendências vocacionais. Divisão das terras como propriedades definitivas e hereditárias subordinadas ao número de filhos capazes;

t) estabelecer, desde já, uma forte campanha de educação para a criação da consciência eugénica, com o fim de alcançar resultados satisfatórios e mais rápidos na aplicação dos planos da política que acabamos de expor.

(1) O autor refere-se aos impostos em dolares por que assim está na sua tese apresentada ao 3.º Congresso de Eugenia de New-York.

A CERÂMICA PREDINÁSTICA

POR

HUMBERTO PINTO LIMA

Prof. aux. da antiga Faculdade de Letras do Porto

Enquanto que durante o paleolítico o principal actor dêsse grande drama que é a conquista do progresso, é o homem, durante o neolítico é a sociedade. Do paleolítico nenhum vestígio temos que nos possa levar à suposição de que existissem comunidades; as pinturas maravilhosas de Altamira e do vale do Ariège, datam já do final da velha idade da pedra, e mesmo assim se demonstram a existência dum sentimento muito vivo de religiosidade, a vida social de então devia regular pela dos mais rudes australianos actuais, os Aruntas. Por isso as estações paleolíticas são caracterizadas principalmente pela sua *facies* industrial — lítica —, não havendo vestígios nem de habitações, nem de cerâmica, nem de construções que pressuponham uma forte vida social. Pelo contrário, as estações do neolítico distinguem-se sobretudo pelos achados reveladores duma grande colaboração social, dum grande culto funerário e do domínio do meio. São características desta época os fundos de cabana, as cidades lacustres, as construções dolmênicas, a cerâmica, a domesticação de animais e a agricultura. Os fundos de cabana e a cerâmica já aparecem nas estações de transição, no campigniense e nas estações de Mechta-al-Arbi; o animismo incipiente no aziliense, e no fim dêste período, segundo Wilke e Bosch Gimpera, surge a fase das grandes construções colectivas. Da época de transição para a idade dos metais são as habitações lacustres, e mais tarde os «*terramare*».

São êsses vestígios, mais que a técnica do polimento, que caracterizam a idade da pedra polida, e que se manifestam nas estações neolíticas do Egipto, principalmente nas de Fayum, as mais conhecidas.

Nessas estações apareceram os primeiros vestígios cerâmicos do Egipto: vasos esféricos, de base achatada, assimétricos, grosseiros, mal cosidos e de fabrico manual. Além dum revestimento, que a erosão salina muito deteriorou, a má cosedura deu-lhes uma irregular coloração vermelha e negra, escurecendo o interior da pasta; além destas formas globulares, os egípcios de então fabricavam vasos cilíndricos e ovóides. Conjuntamente com esta cerâmica primitiva apareceram pontas e harpões de osso (1).

Torna-se difícil e mesmo quasi impossível acompanhar a evolução da cerâmica neolítica no vale do Nilo, porque os povos dessa época abandonaram as elevações para se fixarem nas margens pantanosas do rio, que iam drenando, e assim as cheias sucessivas cobriram com um espesso manto de sedimentos os pontos onde poderiam ser encontradas as séries ligando a cerâmica de Fayum com a dos kjoekkenmoeddings de Zuaidá e Tuk, os mais antigos restos egípcios depois do paleolítico.

Nêsses monstruosos amontoados de rebotalhos teem sido descobertos abundantes fragmentos de vasos de cerâmica vermelha e bordos negros, de argila vermelha lisa, de argila amarelada, de pedras duras, etc. A natureza prodigalizava ao oleiro riquíssimos materiais para o fabrico de vasos, que êle soube aproveitar com um talento artístico e com uma técnica tão elevada, que conseguiu criar o *paradoxo da cerâmica egípcia*, como lhe chamou Peet (2),

(1) Miss Caton-Thompson, *Preliminary Reports on neolithic pottery and bone implements from northern Fayum desert*—«*Man*», IX, 1922, pág. 12.911.

(2) Peet, *The Cambridge Ancient History*, vol. 1, pág. 243.

visto que a olaria dos primeiros tempos é superior à dos belos tempos dinásticos.

O ceramista egípcio tinha às suas ordens as argilas terciárias de Assuan, os caolinos do Chellal, empregues no fabrico das estatuetas e amuletos, e os próprios lodos do Nilo, que conforme o fogo a que são submetidos, dão vasos mais ou menos resistentes, amarelados ou avermelhados.

Desta argila sabia tirar o artífice os elementos grosseiros, por meio de lavagens; dar-lhe a resistência ao fogo, por meio da junção de certas quantidades de quartzo e calcáreo, e por fim modelá-la à mão, sem o auxílio da roda, em formas que ainda hoje nos espantam pela delicadeza e graciosidade. Depois de sêco ao sol recobria o vaso com uma camada de argila misturada com hematite pulverizada, polindo-o com um seixo liso, e finalmente levava-o ao fogo. Então, se queria que o vaso tivesse os seus bordos negros, emborcava-o sôbre os carvões ardentes que reduzindo os óxidos vermelhos de ferro, davam uma bela coloração negra brilhante à volta da bôca do vaso, enquanto que êste mantinha a côr vermelha sombria da hematite; são os belos vasos bicrômicos de Tuk e Zuaidá, muito vulgares nas estações predinásticas e de que o Instituto de Antropologia do Pôrto possui dois belos exemplares, um dos quais vai reproduzido na fig. 1.

Só mais tarde é que o oleiro predinástico descobriu um pigmento branco que suportava a acção do fogo e com o qual fazia uma decoração geométrica idêntica à dos vasos campaniformes de Ciempozuelos e Palmela.

Como o Vale do Nilo se encontra situado no lado ocidental da região onde domina o emprêgo de recipientes de vime para guardar os cereais e ao mesmo tempo se encontra no limite da região desértica onde é corrente o uso de vasos feitos com cascas de frutos (cabaças), a sua cerâmica comparticipa das duas técnicas. E, assim, aparecem nos mais antigos túmulos, cópias em barro

dos vasos em pedra de modelos indígenas, associados com os vasos de barro vermelho polido, não ornamentados, de formas bojudas como as cabaças, e com vasos de bordos baixos, castanhos escuros, ou negros, ornados com desenhos geométricos, reminiscências do trabalho do cesteiro.



Fig. 1.—Vaso bicrômico de pasta vermelha e bordo negro

Conseguiu Flinders Petrie estabelecer uma sucessão cronológica relativa, tomando como base a evolução tipológica da cerâmica. É o método da *sequence dating*.

Notou o ilustre arqueólogo, que num certo número de vasos a asa era formada por uma aresta ondulada de argila, de cada lado, e que essa aresta se transformava lentamente até ficar reduzida a uma linha inútil incisa no próprio vaso, evoluindo ao mesmo tempo a forma dêste. Fundado nesta evolução dividiu todo o período predinástico e os primeiros tempos tinitas em 100 épocas, agrupadas nos seguintes períodos:

Período predinástico primitivo	<i>sequence dates</i>	30 a 40
» » médio	» »	40 a 60
» » recente	» »	60 a 78
» » dinástico inicial	» »	78 a 100

As épocas 1 a 29 foram deixadas em claro prevendo a hipótese de futuras descobertas de túmulos ainda mais primitivos.

Lentamente a arte do ceramista egípcio evoluía desde os tipos mais primitivos aos vasos polidos e negros, sem decoração, à cerâmica incisa ornada de motivos geométricos, avivados de gesso branco até ao estilo mais peculiarmente egípcio, a cerâmica amarelo-clara despolida ornada com rudes desenhos de homens e mulheres, avestruzes, antílopes, e o enigmático desenho considerado por alguns egiptólogos como a representação da barca funerária e por outros como uma perspectiva das aldeias.

Um pouco antes da primeira dinastia a asa transforma-se numa imitação colocada à volta do gargalo e da pança dos vasos, como se vê nas grandes jarras de provisões, vulgares em Abidos e em Negadá. Estas jarras de que a fig. 2 mostra um exemplar são feitas de argila fina, bem amassada e cozida a uma temperatura bastante elevada.

A cerâmica grosseira, de argila misturada com palha e fabrico manual, é vulgar nas necrópoles do Alto Egipto, e acaba um pouco antes do princípio do Império Médio. A olaria amarela lisa e a cerâmica cinzenta fina, parecem ser uma das características do princípio do período faraónico, sendo desconhecida no período predinástico.

A cerâmica vermelha pintada de negro, de que ainda aparecem vestígios em Negadá, deve ter tido o seu fim antes da quarta dinastia, visto que já não aparece nas mastabas da terceira dinastia.

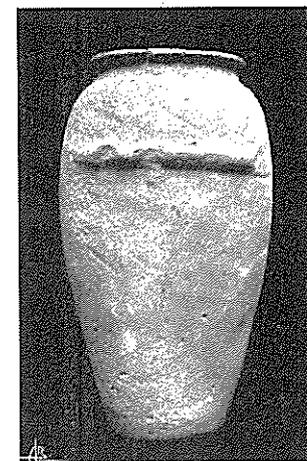


Fig. 2.—Jarra de argila fina com asa, formada por bordalete ondulado (asa cordada)

No período predinástico os egípcios empregaram pedras rijas, como a obsidiana, a geobertite, a dolerite, no fabrico dos vasos de luxo, sendo ainda hoje desconhecida a origem destes minerais.

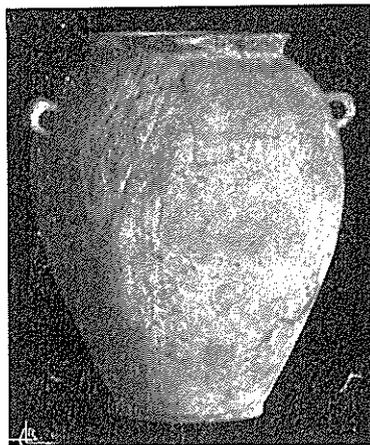


Fig. 3 — Vaso de calcáreo translúcido

A obsidiana usada nos primeiros tempos era muito translúcida, parecida com a do Alto Nilo, e a empregada durante a XII dinastia era opaca como a das ilhas de Milo e Creta; os egípcios desconheciam sempre a obsidiana raiada de vermelho característica da Susiana e do Alagheuz (1).

Este facto e o emprêgo, exclusivo ao Egipto, dos vasos vermelhos de bordos negros, são provas evidentes da independência destas duas culturas.

Os vasos mais interessantes para nós, do período predinástico, são os vasos pintados cuja riqueza de forma não é muito grande. Segundo J. de Morgan (2) os tipos mais vulgares são:

(1) J. de Morgan, *Prehistoire Orientale*, vol. II, pág. 56.

(2) *Idem*, pág. 121.

a) Vasos globulares de fundo arredondado, de grande abertura e pança cercada com um bordalete liso, e munidos de asas funiculares;

b) Cratera de fundo chato, também munida com grosso bordalete e de duas ou três asas funiculares. Estes vasos, por vezes geminados, podem ter tôdas as dimensões, desde 1 decímetro até 80 centímetros;

c) Vasos de formas estranhas, por vezes animalistas, outras de fundo chato, pé muito alto.

Os vasos do primeiro tipo são, regra geral, imitação de vasos de pedra, reproduzindo as manchas de granito, e as espirais dos numulites dos calcáreos eocenos (fig. 4).

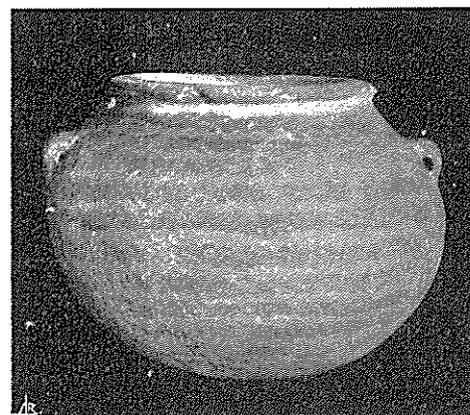


Fig. 4 — Vaso de barro com faixas onduladas pintadas a vermelho (Seg. J. DE MORGAN)

Os vasos do segundo tipo são ornados com as mais curiosas representações desta época, os desenhos em que os artistas de então representavam a sua vida quotidiana, e principalmente cenas que se prendiam com a sua vida religiosa, visto que estes vasos, como J. de Morgan provou, não eram de uso comum, destina-

do-se a usos funerários. Só assim se explica a raridade dos seus vestígios nos kjoekkenmoeddings e a pouca consistência dos seus desenhos (1). Era obra de artistas especiais, como se vê pela sua factura cuidada e pelos detalhes da sua ornamentação onde avultam os avestruzes, elefantes, antílopes, mulheres dançando, homens armados de arcos, linhas onduladas, séries de ZZ e desenhos enigmáticos como uma espécie de ovo achatado, munido de pé, e aqueles que teem sido consideradas geralmente como barcas funerárias.

Nestes esbôços ingénuos já o artista sabia distinguir o traço característico de cada animal e objecto, evidenciando os germens de futura originalidade da arte egípcia, ao mesmo tempo sintética e decorativa (2).

Os elementos que compõem essas curiosas pinturas, as *barcas funerárias*, são os seguintes: dois grossos traços mais ou menos em arco de círculo unidos em ponta nas extremidades ou por meio de duas curvas, tendo por baixo uma série de traços divergentes, geralmente divididos ao meio por um espaço livre. Por cima elevam-se duas construções, por vezes ligadas por uma espécie de ponte. Uma das edificações tem ao lado uma bandeirola sustentando uma insígnia totémica, e numa das extremidades há uma representação de uma planta. Junto dos traços divergentes é vulgar existir uma espécie de esfera.

J. de Morgan e Flinders Petrie teem interpretado estes desenhos como sendo a reprodução da barca funerária que conduzia o morto para a sua última morada. As duas construções seriam os edículos que caracterizam estas barcas, visto que as utilizadas na pesca só teem um, os traços divergentes, os remos, a esfera

(1) J. de Morgan, *idem*, pág. 123.

(2) G. Jéquier, *Histoire de la Civilisation Egyptienne*, pág. 90.

faria as vezes de pedra de ancoragem, e os personagens que a circundam, assim como os animais, nada de comum teriam com a mesma, sendo simples representações das felicidades que esperaríamos a alma bem aventurada no mundo do além.

Ao contrário desta interpretação, Cecil Torr, Ed. Naville e G. Jéquier vêem nestes desenhos a reprodução de aldeias. Os traços divergentes seriam a palissada que as defenderia; as edificações com a bandeirola a casa do chefe, ou os pilónios de entrada; a representação vegetal é a palmeira ou outra planta característica ainda hoje das povoações árabes. Os animais que se encontram perto ou seriam rebanhos ou animais ainda selvagens que os homens caçariam.

Esta interpretação que me parece mais conforme com a realidade, não creio contudo que satisfaça completamente. Estas pinturas devem reproduzir a casa ideal da divindade. Para os primitivos egípcios, como de resto para os egípcios da época faraónica, a outra vida não era mais que a continuação da vida actual, e nessas condições os deuses viveriam em grande abundância. Assim representavam muitos avestruzes, cabras, antílopes, etc., faltando os animais nocivos e os peixes, porque êsses ou desagradam à divindade por serem maléficos ou por serem muito vulgares. Não há nenhuma divindade egípcia itíaca.

Os traços divergentes reproduzem a palissada que defendia o recinto sagrado, como os muros defendiam os templos da época dinástica. As edificações seriam o naos em que se encontra a divindade, isolada no meio de um oasis, como pretende significar a representação vegetal, e cercado por areias como querem provar as linhas curvas. O templo é rico em cereais como se vê pela espécie de cabaceiro, êsse objecto misterioso parecido com um ovo achatado munido de pé, e que seria simplesmente o lugar onde os egípcios de então guardavam os seus grãos.

Esta interpretação baseia-se principalmente numa curiosa

representação dum vaso de Negadá (fig. 5), hoje no Museu do Cairo (1), vaso reproduzido por J. de Morgan (2).

Neste vaso há duas barcas sem remos, e os edículos teem um aspecto muito diverso do vulgar. Na barca maior, há uma que parece um naos das épocas posteriores e na mais pequena outra tem uma forma cónica. Na primeira, e junto dela, dois personagens fazem o gesto de *Knum*,

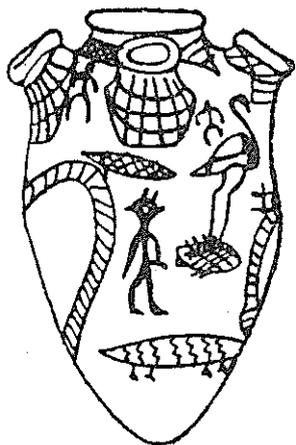


Fig. 5

dando origem às raças humanas, fecundando-se a si próprio. Vejo nesta pintura uma das mais antigas representações do culto egípcio, intimamente ligada com o culto de *Min*, divindade do deserto oriental, das mais antigas, representada sempre como um princípio másculo, criador e fecundador, tendo como símbolo um objecto cónico (como a edificação da segunda *barca*). Nestas pinturas não existem remos e o espaço entre as duas linhas curvas está cheio por linhas que se cruzam, como para indicar a existência de uma espécie de sébe. Quási da mesma época datam as estátuas gigantescas de Coptos, reprodução do deus *Min*, agora no Museu Ashmolean, ligação ainda afirmada pela representação da cabeça dum cervídeo, e que aparece gravada (fig. 6) também numa das estátuas (3).

As linhas em *ZZ* devem representar o vôo de aves.

A hipótese de J. de Morgan é uma hipótese forçada, visto

(1) Quibell, *Arcaic Objects*, pág. 22, n.º 11.557.

(2) *Idem*, fig. 155.

(3) *Ipek*, pág. 81, fig. b, 1926.

que supõe as figuras circundantes como nada de comum tendo com a representação principal, a própria barca, o que é muito pouco crível, visto que a noção de quadro já existia nas mais antigas pinturas rupestres de Hierakonpolis, e para poder explicar a abundância de remos, tão pouco de acôrdo com as pinturas de verdadeiras barcas, mais ou menos contemporâneas destes vasos, lança mão do argumento que seria devido a imperícia do artista, que deveria ser um aprendiz (1), quando um pouco antes (2) atribuía a sua factura a artistas especiais. Além disso não explica a falta de representações de peixes, que seria natural existirem ao lado, por baixo, em conexão de qualquer forma com as barcas.

A hipótese de Naville, muito mais lógica e aceitável, é insuficiente visto não explicar nem as atitudes das mulheres que parecem dançar, nem a ausência de reproduções de casas, nem curiosa pintura que acabamos de estudar, que julgo também aparentada com a dança de Cogul.

Sendo assim, a cultura do capsense norte-africano teria dado origem a dois grandes centros culturais: o egípcio e o do sudoeste espanhol. Voltarei de novo a êste ponto.

Como Mainage notou (3) os *graffiti* situados entre Edfú e Silsilis, no Uadi-Hammamat, apresentam por vezes semelhanças incontestáveis com esta ornamentação cerâmica, e com as pinturas rupestres do Sudoeste espanhol, nada tendo de comum com as

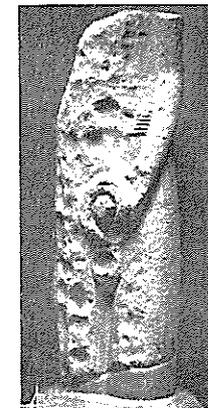


Fig. 6

(1) *Idem*, pág. 126.

(2) *Idem*, pág. 124.

(3) Mainage, *La Religion dans la Préhistoire*, pág. 405.

barcas suméricas como pretende J. de Morgan. Além disso, como notou Amelia Hertz ⁽¹⁾, se tivesse existido contacto entre a civilização do primeiro tell de Susa e a predinástica egípcia, esta não se limitaria a copiar formas especiais de vasos e motivos ornamentais, em vez de conhecimentos verdadeiramente úteis, como a roda do oleiro, conhecida na Susiana desde o primeiro período, e no Egipto só durante a segunda dinastia. Por sua vez os egípcios da época predinástica possuíam um conhecimento mais admirável e que não foi transmitido ao Elum: o fabrico do vidro, pela fusão da areia misturada com soda ou potassa e com um sal metálico, que sabiam colorir, misturando-lhe qualquer óxido, como a malaquite, que lhe dava uma bela côr azul. E fixavam-no, como revestimento, nos vasos que queriam decorar.

(1) Amelia Hertz, *Les sources de la Civilisation Sumérienne* «Revue Archéologique», 5.^a série, tom. XXVII, págs. 100 e segs.

O abrigo pre-histórico da "Pala Pinta"

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente da Faculdade de Ciências do Pórtio,
conservador do Museu Antropológico

A «Pala Pinta» é um interessante documento de arte rupestre, existente no têrmo da aldeia de Franzilhal, freguesia de Carilão e concelho de Alijó.

Situada na margem direita do rio Tua, quasi em frente à estação de Amieiro ⁽¹⁾ da linha do caminho de ferro do Tua a Bragança, fica a «Pala Pinta», ao cimo da íngreme e pedregosa encosta norte dum apertado vale onde corre o ribeiro da Rebôsa.

A «Pala Pinta» foi descoberta nas férias do Natal de 1921 pelo sr. dr. Horácio de Mesquita, ao tempo aluno da Universidade de Coimbra. O descobridor de tão interessante e valiosa estação de arte rupestre elaborou, sôbre ela, uma pequena nota descritiva à qual o ilustre prof. dr. Vergílio Correia juntou um erudito aditamento ⁽²⁾.

Quando em Outubro de 1930 redescobrimos as pinturas rupestres do Cachão da Rapa, na margem esquerda do rio Douro, logo fizemos tenção de visitar a «Pala Pinta». Estas duas estações de arte rupestre ficam separadas pelo rio Tua e distam uma da outra cêrca de 20 quilómetros.

(1) Amieiro fica a 16 quilómetros da estação do Tua.

(2) Horácio de Mesquita & Vergílio Correia, *Arte rupestre em Portugal — A Pala Pinta*, na «Terra Portuguesa», vol. IV, págs. 145-147, com 2 gravs., Lisboa, 1922.

Nas férias grandes de 1931 fizemos a excavação duma pequena plataforma na base do rochedo onde estão as pinturas do Cachão da Rapa e ali colhemos numerosos fragmentos de cerâmica manual eneolítica, alguns deles com ornamentação incisa.

Este facto veio tornar mais insistente o desejo de visitar a «Pala Pinta», visita que só pudemos realizar em Outubro de 1932.

No terreno da vinha, que enfrenta a «Pala Pinta», procedemos a uma sumária excavação exploradora que resultou estéril.

Fizemos então o desenho dos vários sinais ali pintados e os dois clichés que publicamos.

O desenho foi efectuado depois de humedecer com água a superfície, o que dá às pinturas maior destaque e uma maior nitidez de contornos.

Foi-nos grato verificar a maneira conscienciosa como o sr. dr. Horácio de Mesquita desenhou as referidas pinturas, desenho publicado na *Terra Portuguesa* e que nas suas linhas gerais está perfeito.

O interesse desta nova notícia é, por assim dizer, apenas iconográfico, em vista dos clichés que publicamos. Aproveitando o ensejo, faremos porém algumas ligeiras considerações.

A «Pala Pinta» é, como bem mostra o cliché da fig. 3, formada por espessa lapa de granito constituindo um abrigo ou pala com uma abertura de 12^m de comprimento e cerca de 2^m,50 na maior altura. Esta pala faz abóbada ou teto sobre uma superfície de granito que à entrada forma rampa escorregadia onde uma pessoa mal se pode segurar de pé. Mais para dentro, o pavimento torna-se quasi horizontal e vai, à direita, a 5^m de fundo. Ali a altura do abrigo é de cerca de 1^m e, em certos pontos, menos ainda.

Na pala há superfícies lisas de fracturas que foram aproveitadas em parte pelo homem de eras remotas para nelas pintar a

vermelho sinais esquemáticos, alguns, porventura, de curiosa significação simbólica.

O rapaz que, na fig. 3 se vê de pé, serve de referência à maior dessas superfícies. Esta é lisa e vertical, de forma trapezoidal, mais alargada para fora, tendo ali 1^m de altura; de comprimento tem 2^m,50. Vai estreitando para dentro; mede de altura ao findar 0^m,50. Só a parte média, numa extensão de cerca de 1^m,30, foi aproveitada para pintar; fora e dentro não há quaisquer sinais pintados nem sequer vestígios. São curiosas umas manchas estriadas, negras e oblíquas da esquerda para a direita e de cima para baixo, que o cliché da fig. 4 mostra bem claramente. Estas estrias são formadas por cristais de turmalina negra que contrastam com o branco sujo da superfície quartzosa do granito.

O cliché da fig. 4 e, melhor ainda, o desenho da fig. 1 mostram bem o número, natureza e distribuição dos múltiplos sinais pintados nesta superfície. No conjunto avultam os sinais radiados. Além disto, ainda se vêem dois sinais arborescentes, uma cadeia de sete anéis, barras paralelas e agrupamentos vários de pontuações, além doutros sinais menos típicos.

Na parte média e inferior, vê-se uma mancha anegrada, a qual, cuidadosamente observada à lupa, mais parece mancha natural do que haver sido pintada a negro, como à primeira vista se nos afigurou. Na dúvida resolvemos marcá-la no desenho feito. O cliché da fig. 4 revela-nos bem delineada a mancha em questão, a par de outras menos características.

Quatro metros à esquerda da superfície pintada que acabamos de descrever, há outras pequenas áreas que igualmente foram em parte aproveitadas. Os dois homens que se vêem no cliché da fig. 3, servem-lhe de referência, ficando aquelas logo por cima da cabeça destes.

O desenho da fig. 2 mostra que este grupo pictográfico da

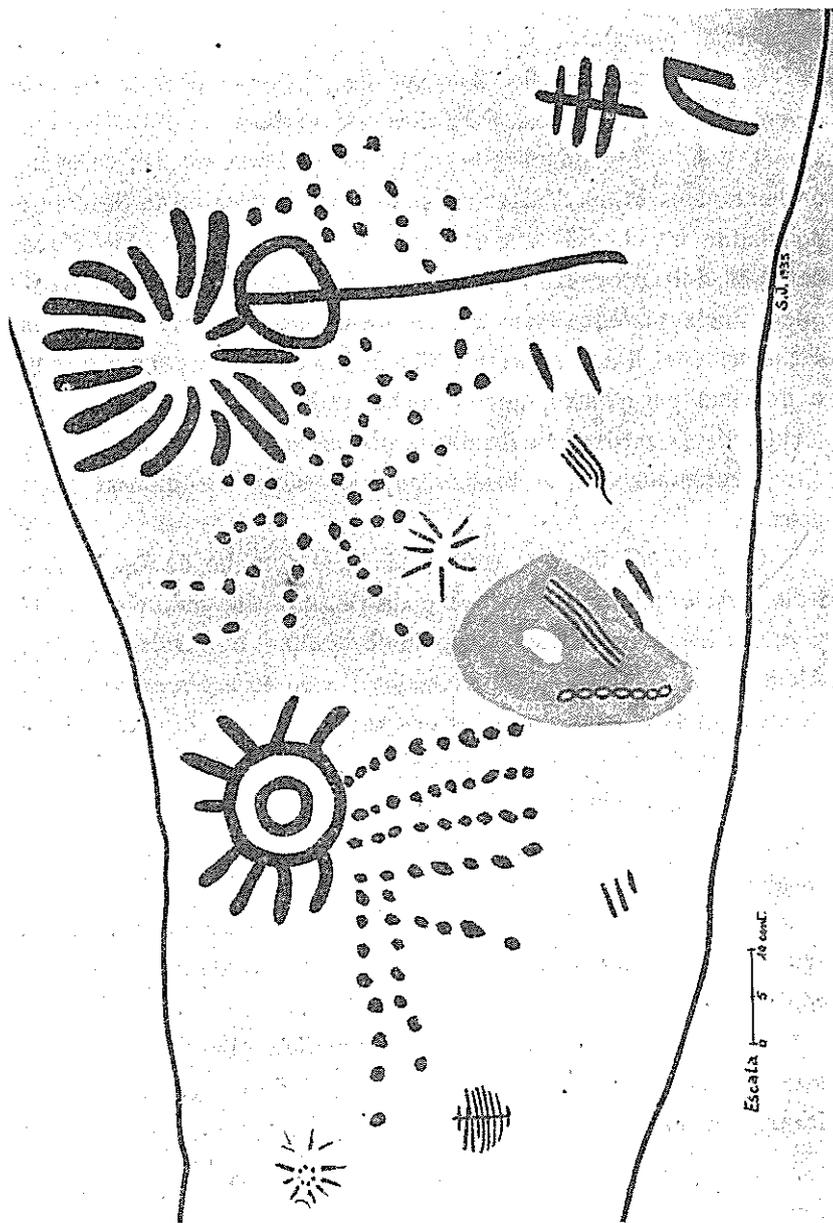


Fig. 1 — «Pala Pinta» : grupo principal

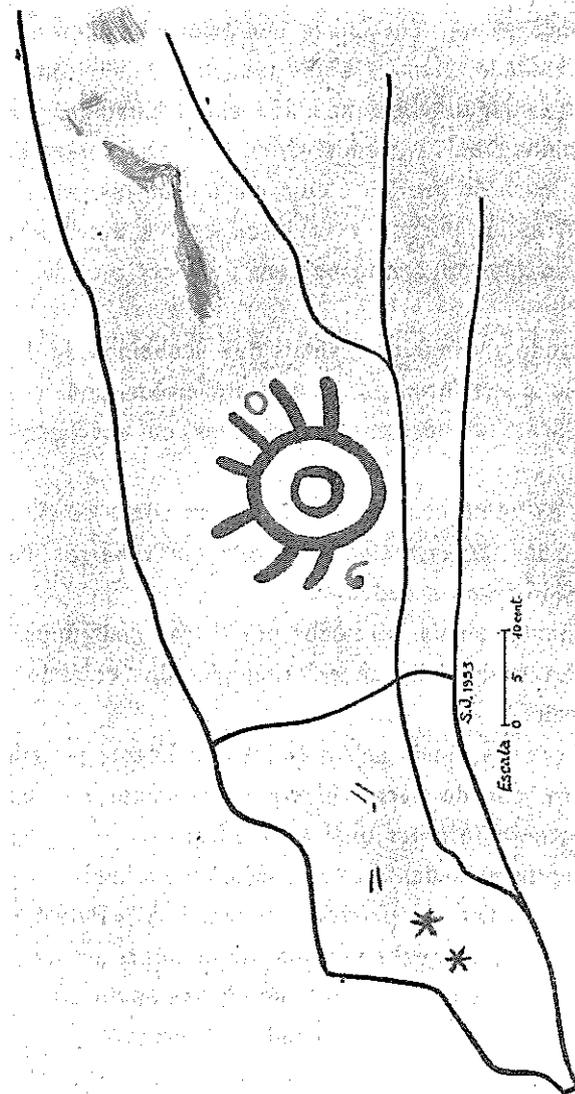


Fig. 2 — «Pala Pinta» : outros sinais pintados a 4m do grupo principal

esquerda é bem mais pobre do que o grupo principal. Aqui repete-se um dos sinais que já vimos no outro conjunto, ou seja, dois círculos concêntricos com faixas periféricas radiantes. À direita deste sinal radiado, viam-se umas manchas delidas onde não nos foi possível distinguir contornos. Há ainda barrinhas paralelas e dois pequeninos sinais radiados. Com a ponta da navalha fizemos saltar uma lasca do granito e com ela um destes sinais radiados. Procedemos assim porque essa lasca estava ameaçada de destruição, e ao mesmo tempo nos era útil para análise da matéria corrente.

Analisando os múltiplos sinais que acabamos de descrever e considerando a sua forma, aspecto e dimensões, podemos concluir que duas foram as técnicas empregadas na execução daquelas pinturas.

Assim as numerosas pontuações, bem como os círculos concêntricos e suas faixas radiadas, e os traços e barras mais largas devem ter sido feitas a dedo.

Os restantes sinais, formados por traços mais finos, resultam duma técnica mais delicada e foram pintados cuidadosamente e por mão firme.

E embora os sinais sejam todos igualmente pintados a vermelho-escuro, cor de borra de vinho, e o exame à lupa duns e doutros não permita notar quaisquer diferenças, o que dá ao conjunto uma certa unidade, ficamos porém com a impressão de terem sido dois os artistas que pintaram os sinais da «Pala Pinta».

Isto, é claro, é apenas uma impressão, que, a corresponder à verdade dos factos, nos permitiria supor que as duas técnicas referidas corresponderiam a dois períodos diferentes.

Quanto à interpretação ou simbolismo, os sinais da «Pala Pinta» são susceptíveis de estudo. Alguns daqueles sinais são frequentes noutras estações de arte rupestre peninsular.

Assim, os círculos com faixas radiais periféricas foram

considerados como símbolos solares, e como tais os consideraremos também (1). Os sinais radiados, formados, quer por traços cruzados ou convergentes, quer por fiadas de pontos radiantes, consideram-se como símbolos de estrélas.

Os sinais ramiformes de que vemos dois tipos no conjunto

(1) Estes diferentes sinais radiados tem sido interpretados de maneiras diversas. A sua provável significação varia com os autores.

À parte a representação solar que é talvez a mais geralmente aceite, outras interpretações tem sido propostas. Assim Cabré e Hernandez-Pacheco estudando certos destes sinais existentes entre as numerosas pinturas da Cueva de Tajo de las Figuras, perto de Laguna de la Janda, no extremo sul de Espanha, deram-nas como representações de ninhos de aves. (Vd. J. Cabré e E. Hernandez-Pacheco, *Avance al estudio de las Pinturas prehistóricas del extremo sur de España, Laguna de la Janda*, in «Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas», n.º 3, pág. 23, Madrid, 1914).

Eugeniusz Frankowski, estudando os mesmos sinais da Cueva de Tajo de las Figuras que Cabré e Hernandez-Pacheco haviam estudado já e dado como possíveis representações de ninhos, e estudando ainda outros vários sinais, e entre eles um de Peñalsordo (Badajoz), emite a hipótese, aliás interessante, de que tais sinais representam palafitas, isto é, habitações pre-históricas construídas sobre estacas. (Vd. Eugeniusz Frankowski, *Hórreos y Palaftos de la Península Ibérica*, in «Comisión de Investig. Paleont. y Prehist.», pág. 122 e segs., figs. 40, 41 e segs., Madrid, 1918).

Segundo Breuil e Burkitt, os sinais radiados podem ainda ser considerados como estilizações humanas. (Vd. Henri Breuil and Burkitt, *Rock paintings of southern Andalusia*, pág. 6, fig. 4, Oxford, 1929). Os dois ilustres arqueólogos, para chegarem a esta ousada afirmação, estabelecem uma seriação de oito sinais cada vez mais complicados, partindo duma indubitável representação humana e terminando num sinal formado por um círculo erigido de 15 traços irradiantes. Pretendem assim demonstrar que os últimos termos da série, sinais radiados de 6, 9, 12 e 15 traços divergentes, não são mais do que possíveis e complicadas representações humanas, talvez individualidades celestiais, escrevendo a pág. 6 do trab. cit.: «We may surmise that these flower-like stars are really intended for heavenly bodies or that they possibly represent round huts on piles». A seriação estabelecida por Breuil y Burkitt não conseguiu convencer-nos de que os sinais soliformes de 9, 12 e 15 traços divergentes representam possíveis figurações humanas. É necessário um especial cuidado no estabelecimento destas seriações de sinais de complicação crescente ou decrescente, pois é quasi sempre possível encontrar, entre a enorme multiplicidade de sinais rupestres conhecidos, intermediários aparentes, que servem de apoio às hipóteses mais audaciosas.

pictográfico principal são geralmente tomados como estilizações esquemáticas da figura humana.

Os outros sinais da «Pala Pinta» são dum simbolismo obscuro e embaraçante que é difícil, se não impossível, definir.

Para estabelecer uma cronologia provável para a «Pala Pinta», como resultasse estéril a excavação sumária a que alí procedemos, resta-nos o método de comparação.

Quási todos os sinais, senão mesmo a sua totalidade, encontram similares nas múltiplas estações de arte rupestre peninsulares e do sul da França.

Não vamos agora estabelecer uma lista de paralelismos para cada um dos sinais da «Pala Pinta».

Mas, olhando o conjunto pictográfico, nota-se imediatamente o predomínio dos sinais radiados, possíveis representações de estrêlas e do sol. Julgamos, portanto, que deve atender-se sobretudo a êste grupo de sinais, para estabelecer afinidades e possíveis relações cronológicas.

Os sinais radiados da «Pala Pinta», que, à falta de melhor interpretação, consideraremos como símbolos astrais, teem representantes da mesma natureza ou similares em muitas estações rupestres da Península Ibérica.

Eis algumas das estações onde o aparecimento de tais sinais tem sido registado: Cueva de Tajo de las Figuras (Laguna de la Janda) (1), Cueva Cimera del Peñon del Tajo (Laguna de la Janda, Cadiz) (2), Cueva del Obispo (Sierra Pedregosa) (3), Cueva de Ranchiles (Sierra de la Plata entre Tarifa e Bolonia) (4), Peñon

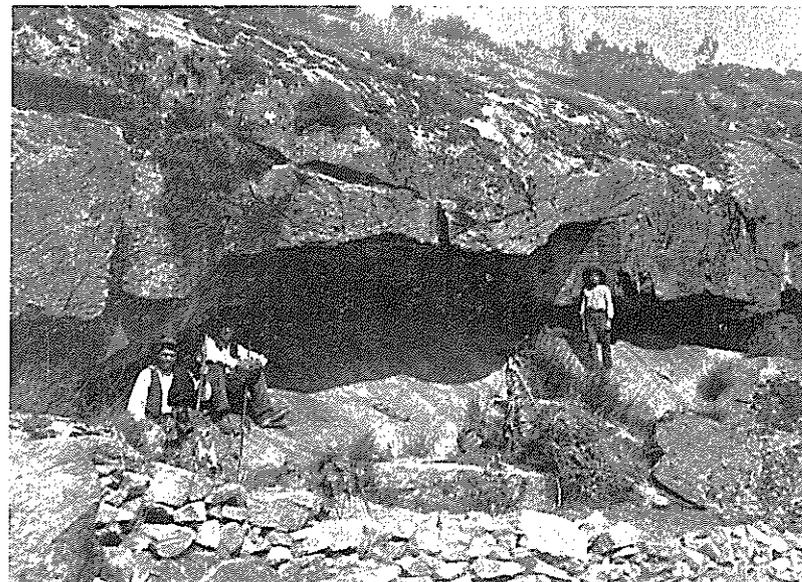


Fig. 3—A entrada da «Pala Pinta»

Cliché do autor

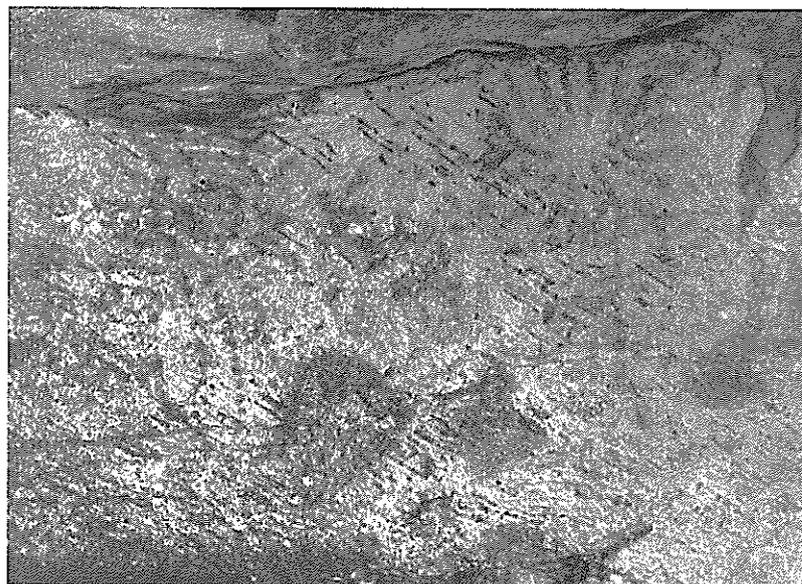


Fig. 4—Sinais radiados e pontuações (grupo principal)

Cliché do autor

(1) Breuil y Burkitt, *Rock paintings of southern Andalusia*, Oxford, 1929, Plate I e mapa colorido que acompanha o livro em separado; Frankowski, *op. cit.*, lam. XV e figs. 39 e 40.

(2) Frankowski, *op. cit.*, pág. 44.

(3) Breuil y Burkitt, *op. cit.*, plate XV, pág. 50.

(4) Idem, idem, plate XX, pág. 59.

de la Cueva (1) e Cueva del Piruetano (Vale do Rio Palmones) (2), Rancho Valdechuelo (Jimena de la Frontera, Salado) (3). Estas sete estações de pinturas rupestres ficam tôdas na região meridional da Andaluzia.

Sinais radiados do mesmo tipo apareceram também em Peñalsordo (Badajoz) (4), em Los Letreros, Los Molinos e El Gabal (Velez Blanco-Almeria) (5), La Batanera e Piedra Escrita (Fuen-caliente) (6) e nos abrigos das Batuecas (Salamanca) (7).

Com esta última estação espanhola são muito estreitas as afinidades da «Pala Pinta». Além dos símbolos solares que nas Batuecas são numerosos, especialmente na Cueva del Cristo, também naquela estação do país vizinho abundam as pontuações semelhantes às da «Pala Pinta», e, como as da nossa estação trasmontana, distribuídas em conjuntos de fiadas paralelas.

Pontuações desta mesma natureza e similar distribuição e arranjo são, de resto, bastante freqüentes em muitas das estações da faixa meridional da Andaluzia e noutras regiões de Espanha, aparecendo também nas pinturas portuguesas de Valdejunco (8).

(1) Breuil y Burkitt, *op. cit.*, plate XXV, pág. 62.

(2) Idem, idem, plate XXIX, pág. 70.

(3) Idem, idem, plate XXXII, pág. 79.

(4) Frankowski, *op. cit.*, fig. 44, pág. 125.

(5) H. Breuil, *L'age des cavernes et des roches ornées de France et d'Espagne*. Ext. de la «Rev. Archéologique», tomo XIX, pág. 35, fig. 34, Paris, 1912.

(6) Idem, idem.

(7) Juan Cabré, *El hombre prehistórico de las hordas — Las pinturas rupestres de la Batuecas*, sep. da revista «Coleccionismo», Madrid, 1922; H. Breuil, *La vallée peinte de las Batuecas* (Salamanca), in «L'Anthropologie», tomo XXIX, Paris, 1919.

(8) H. Breuil, *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre)*, in «Terra Portuguesa», vol. III, pág. 21, fig. 2, Lisboa, 1917; R. de Serpa Pinto, *O abrigo pre-histórico de Valdejunco (Esperança)*, in «Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. V, págs. 245 e 246, Porto, 1932.

Sinais radiados ou símbolos solares, como lhe temos vindo também chamando, aparecem, e com certa frequência, na cerâmica manual eneolítica campaniforme (1).

Símbolos solares aparecem também entre as gravuras dum sepulcro de cúpula de Longh Crew (Irlanda) (2); em alguns utensílios de pedra dos dolmens de Alvão (Vila Pouca de Aguiar, Portugal) (3), e em várias estações de arte rupestre do noroeste peninsular (4).

Podemos pois dizer, depois do que atrás fica, que as representações solares ou melhor soliformes aparecem com grande frequência no eneolítico, na idade do Bronze e até na do Ferro.

Para o nosso caso interessam-nos em especial as pinturas das Batuecas que são, de tôdas, as que mais afinidades apresentam com a «Pala Pinta» bem como os similares sinais radiados ou símbolos solares da cerâmica manual eneolítica campaniforme,

(1) Alberte del Castillo, *La cultura del vaso campaniforme*, Barcelona, 1928. O A. ao falar do campaniforme da estação madrilenha de Las Carolinas diz a pág. 53: «Uno de los fragmentos tiene un motivo que representa una estrella y otro tiene en su cara interna ciervos y soles estilizados, hecho este que tiene su paralelo en Palmela y en parte en Almeria». E a pág. 73: «tipicos de los Millares son los vasos con decoracion de soles ou ciervos, etc.». Neste mesmo trabalho se veem reproduções de vasos ornamentados com símbolos solares, vd. Lams. XXI e LVII. Na Lam. LXXXII entre os motivos decorativos de cerâmica do vaso campaniforme dos megalitos do grupo pirenaico (Ausetânia) figuram círculos concêntricos com traços periféricos radiantes. J. Pérez de Barradas, reproduz um vaso de los Millares (Almeria) com símbolos solares no seu livro, *La infancia de la humanidad*, Lam. XII, fig. 4, Madrid, 1928.

(2) Bosch Gimpera, *Etnologia de la Peninsula Ibérica*, pág. 215, fig. 170, Barcelona, 1923.

(3) Ricardo Severo, *Comentário ao espólio dos dolmens do concelho de Vila Pouca de Aguiar*, in «Portugália», vol. 1, est. XXXIII e XXXIV, Porto, 1903.

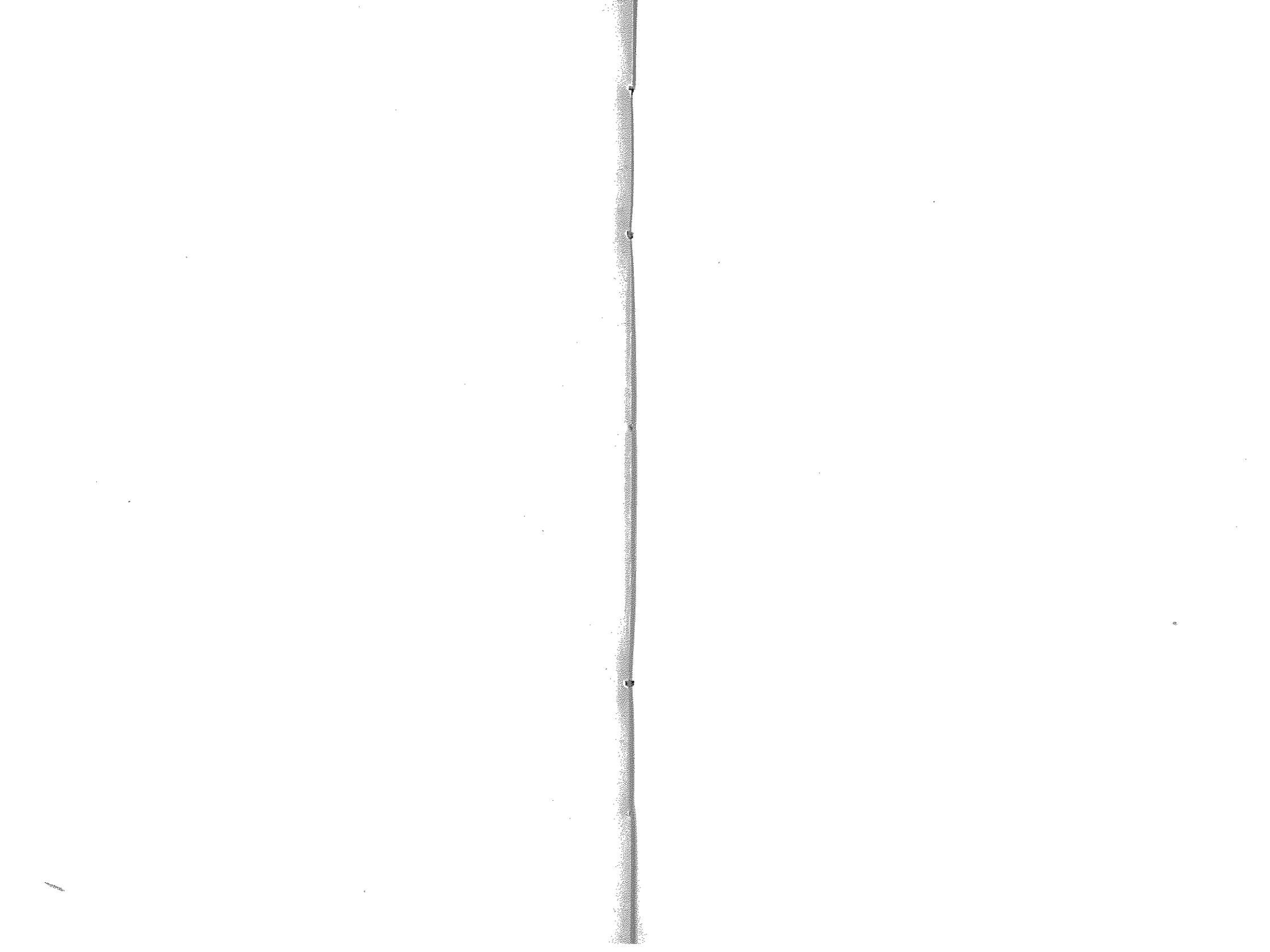
(4) F. Cuevillas e Bouza Brey, *Oestrinnios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*, Publ. em «Arquivos do Seminario de Estudos Galegos», II, pág. 56, fig. 10, A Coruña, 1929. Êstes dois ilustres arqueólogos galegos, na classificação que propõem para as gravuras rupestres, estabelecem um grupo, o 4.º, com as insculpturas soliformes.

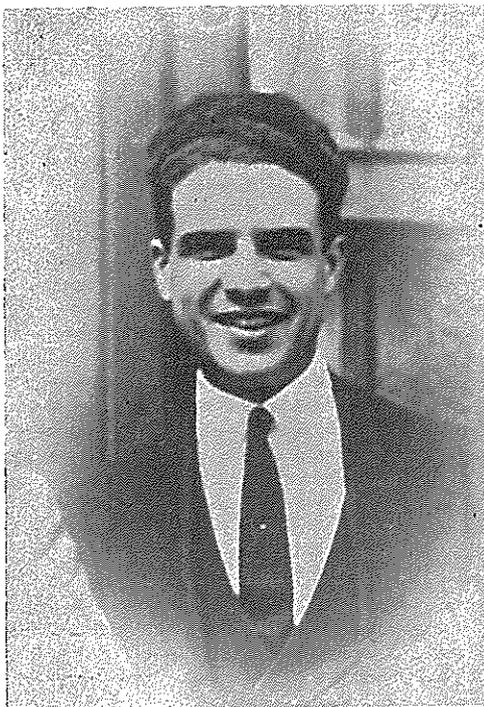
o que permite estabelecer para as pinturas da «Pala Pinta» uma cronologia eneolítica, possivelmente mesmo a idade do Bronze.

Conclusão: A «Pala Pinta» é, sem dúvida, um valioso monumento prehistórico da arte rupestre portuguesa. Ela e as vizinhas pinturas do Cachão da Rapa na margem direita do Rio Douro (Tua), bem como as pinturas do abrigo de Valdejunco (A Esperança — Arronches — Portalegre), constituem, até à data, os três únicos documentos portugueses deste género. No nosso país há, é certo, um maior número de estações arqueológicas com pinturas, mas de género diferente. São tôdas elas pinturas em câmaras dolmênicas ornamentando a face interna dalguns dos esteios das mesmas.

A «Pala Pinta» constitue um abrigo que, pelas suas escassas dimensões, sobretudo em altura, não deve ter servido de habitação ao homem que pintou os sinais esquemáticos hoje ainda ali patentes. É possível, pois, admitir que estejamos em presença dum local escolhido para manifestações de culto, ou seja dum verdadeiro santuário rupestre, o qual, como acabamos de ver, se pode fazer remontar pelo menos à idade do Bronze.

Universidade do Pôrto, Instituto de Antropologia, Abril de 1933.





Rui de Serpa Pinto
(1907-1933)

VÁRIA

Rui de Serpa Pinto

Um luto cruel atingiu a nossa Sociedade. Em 23 de Março de 1933 faleceu no Pôrto, victimado por uma cepticemia tifóide, o nosso consócio, bibliotecário e vogal do Conselho Director desta colectividade, dr. Rui de Serpa Pinto, seguramente um dos mais privilegiados e prometedores talentos de cientista da actual geração.

Contava apenas 25 anos, pois nascera em 6 de Agosto de 1907. e, no entanto, adquirira já nos meios científicos do país e do estrangeiro uma sólida e cabida reputação. A ciência ficou privada dum dos seus mais esperançosos e dedicados cultores. A nossa Sociedade perdeu um dos seus elementos mais distintos e mais prestantes. Tendo-se associado às manifestações fúnebres realizadas, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia consagrará entretanto uma sessão especial a uma justa homenagem ao inditoso confrade e amigo.

Damos, porém, desde já algumas notas bio-bibliográficas do malgrado homem de ciência e breves informes sôbre o seu funeral e sôbre vários testemunhos de pesar que o tristíssimo desenlace ocasionou.

Rui de Serpa Pinto era natural do Pôrto e aqui fêz os seus cursos, obtendo sempre distintas classificações. Licenciado em Matemática pela Faculdade de Ciências em 1927, completava em 1930 na Faculdade de Engenharia o seu curso de engenharia civil. Neste mesmo ano é nomeado, após concurso documental, assistente do grupo de Ciências Geológicas da primeira daquelas Faculdades, onde aliás vinha já sendo, havia anos, colaborador activo do Instituto de Antropologia.

Em 1925, ainda estudante, realizara a sua primeira descoberta científica, de grande relêvo: a da cultura asturiense em Portugal. Sôbre as estações asturienses que encontrou no litoral minhoto, escreveu um importante estudo que saiu nas páginas desta revista em 1928. Mas não fica por aí a sua actividade investigadora: visita e estuda museus, castros, dolmens, abrigos, estações de

arte rupestre, jazidas paleontológicas, etc., num afanoso e fecundo labor que suscita justificadamente a admiração dos que o seguem de perto. Nas bibliotecas, nos arquivos, no laboratório, no terreno, não descansa, antes pesquisa, indaga sempre e, não satisfeito com esse esforço nobilíssimo, estimula os seus alunos e companheiros, com o seu exemplo e com os seus informes preciosos. A prehistória, a petrografia, a geologia, a paleontologia, a arqueologia protohistórica e histórica, a numismática, a geofísica, a engenharia, a bibliografia, atraem poderosamente a sua admirável curiosidade científica, servida por excelentes dotes de observador, por um escrúpulo perfeito, por um notável desinterêsse e por uma erudição verdadeiramente excepcional na sua idade.

Colaborador activo dos trabalhos e das sessões da nossa Sociedade, Rui de Serpa Pinto deu também o seu concurso valioso a muitas outras organizações científicas. Era titular da Associação dos Arqueólogos Portugueses, membro da direcção do núcleo portuense da Sociedade Portuguesa de Meteorologia e Geofísica, sócio do Seminário de Estudos Galegos, do Instituto Internacional de Antropologia, da Sociedade Prehistórica Francesa, da Sociedade dos Antiquários de Londres, etc. Foi um dos fundadores e secretário do grupo dos Amigos do Museu Municipal do Pôrto e também um dos fundadores do Centro Académico de Estudos Coloniais. Tomou parte no Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica em Coimbra e Pôrto, no Congresso de Lisboa para o Avanço das Ciências, no Congresso Internacional de Arqueologia de Barcelona, no I Congresso Internacional de Ciências Prehistóricas e Protohistóricas em Londres, e na reunião de Roma, em 1932, da Comissão Internacional da Carta do Império Romano.

Tôda essa actividade não o impediu de ser um dos fundadores e directores do Colégio Brotero na Foz do Donro e um dos sócios do escritório dos «Engenheiros Reunidos», no Pôrto, dando a uma e outra iniciativas uma colaboração constante e valiosa.

A sua bibliografia, repartida apenas pelo período de 1928 a 1933, é uma afirmação do mais prodigioso esforço investigador:

1. *O Asturiense em Portugal*—«Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», Pôrto, 1928.
2. *Nótulas asturienses*—I—«Id.», Pôrto, 1928.
3. *Petroglifos de Sabroso e a Arte rupestre em Portugal*—Publ. do Seminário de Estudos Galegos—A Cruña, 1928.
4. *Museu de Martins Sarmiento*—I—*Machados de pedra polida*; II—*Machados de bronze*; III—*Terra sigillata*. «Revista de Guimarães», Guimarães, 1929.

5. *Bibliografia do Professor Mendes Corrêa (1909-1928)*—Publ. do Inst. de Antropol. do Pôrto, Pôrto, 1929.
6. *Nótulas asturienses*—II—«Trabalhos da S. P. A. E.», Pôrto, 1930.
7. *Museu de Martins Sarmiento*—IV—*Bipene votiva de Sabroso*. V. *Centipodium de Belmonte*. VI. *Lucernas*—«Rev. de Guimarães», Guimarães, 1930.
8. *Nótulas ceramográficas*—I—*Um vaso pintado de Lamego*—«O Arqueólogo Português», vol. XXVII, Lisboa, 1930.
9. *Bibliografia do Asturiense*—Publ. do Inst. de Antrop. do Pôrto, Pôrto, 1930.
10. *Observations sur l'Asturiense du Portugal*—Comun. ao V Congr. Intern. de Arqueologia.—Argel, 1930.
11. *Sur le mïolithique en Portugal*—Comun. ao Congr. da Assoc. Franc. para o Avanço das Ciências em Nancy—Paris, 1931.
12. *Nótulas asturienses*—III—«Trabalhos da S. P. A. E.», Pôrto, 1931.
13. *As fïbulas do Museu Regional de Bragança*—Id., Pôrto, 1931.
14. *Nota sobre as cartas de Portugal prehistóricas*—C.-R. do XV Congr. Intern. d'Antrop. e Arqueol. Prehist., em Coimbra e Pôrto.—Paris, 1931.
15. *Prehistória angolense*—«Trabalhos da S. P. A. E.», t. IV, Pôrto, 1931.
16. *Sur la taille du silex à Muge*—Com. ao Congr. Prehist. de França—Nîmes, 1931.
17. *Sobre «Elephas meridionalis» cfr. «antiquus» do Casal do Torquato (Alenquer)*—«Anais da Faculd. de Ciências do Pôrto», t. XVII, Pôrto, 1932.
18. *O abrigo prehistóricas de Valdejunco (Esperança)*—«Trabalhos da S. P. A. E.», vol. V, Pôrto, 1932.
19. *Etnografia arqueológica*—I—*Antigas contas empregadas como amuletos*—Id., id., Pôrto, 1932.
20. *Cemitério bárbaro de Esmoriz*—Id., id., Pôrto, 1933.
21. *A Cividade de Terroso e os castros do norte de Portugal*—Comun. ao IV Congr. Intern. d'Arqueol. de 1929 em Barcelona.—«Rev. de Guimarães»—Famalicão, 1922.
22. *Notas para um plano de estudos geológicos entre Minho e Lima*—«Anuário de Viana do Castelo», Viana, 1932.
23. *Resenha dos meteoritos caídos em Portugal*—«A Terra», n.º 3, Coimbra, 1932.
24. *Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge)*—Congr. da «Assoc. Españ. para el Progr. de las Ciências» em Lisboa—Madrid, 1932.

25. *Daniel Sharpe e a Geologia Portuguesa* — «Anais da Faculd. de Ciências do Pôrto», t. XVII, Pôrto, 1932.

26. *As tectites e o problema da sua origem* — «A Terra», n.º 7, Coimbra, 1932.

Além destes trabalhos, Rui de Serpa Pinto deixou ainda inéditas as suas comunicações ao Congresso de Londres (*Bronze Age Mining and Metallurgy in Portugal*) e ao Congresso de Paris (*La Préhistoire de l'Afrique Portugaise*). Também publicou vários artigos sobre antigüidades locais, no «Tripeiro», devendo destacar-se uma excelente síntese da *Prehistória portugalense*.

O funeral de Rui de Serpa Pinto foi uma grandiosa manifestação de pesar a que se associaram a Universidade, corporações cidadinas, delegados dalgumas colectividades científicas do país, etc. No cemitério, junto do jazigo, usaram da palavra, em comovidas alocuções, o sr. prof. Adriano Rodrigues, Reitor da Universidade do Pôrto, o director da Faculdade de Ciências e presidente da Sociedade de Antropologia, o sr. tenente Afonso do Paço em nome da Associação dos Arqueólogos Portugueses, e o estudante sr. Canto Moniz, em nome dos estudantes da Facu'dade de Ciências. Todos enalteceram os méritos do nosso querido e saudoso companheiro, a sua actividade, a sua inteligência, o seu saber, as suas nobres qualidades morais e afectivas.

Perpetuando o seu nome, o seu esforço investigador, e a sua acção notável, comquanto tão curta, como membro do corpo docente da Faculdade de Ciências, os seus amigos e companheiros de trabalho organizaram uma subscrição para se instituir naquela Faculdade um «Prémio Rui de Serpa Pinto», destinado ao aluno distinto de Antropologia ou de Ciências Geológicas que revele, em cada ano, melhores tendências para a investigação científica. Cortada tão abrupta e cruelmente a carreira científica do jovem investigador, a sua memória fornecerá ainda um estímulo aos novos para que lhe sigam o exemplo.

A Sociedade de Antropologia e a Faculdade de Ciências receberam do país e do estrangeiro numerosos telegramas, cartas e bilhetes de corporações e pessoas que lhes apresentaram, na triste emergência, o testemunho do seu pesar.

Em *El Pueblo Gallego*, o ilustre etnógrafo e prehistoriador Bouza Brey, escreveu sobre Serpa Pinto um enternecedor e belo artigo sob o título «Dor de Portugal». A revista de sismologia e geofísica *A Terra*, de Coimbra, inseriu um comovido necrológio do seu malogrado colaborador. Muitos jornais noticiosos se referiram também expressivamente ao jovem cientista e ao seu desaparecimento prematuro do mundo dos vivos.

O eugenista Renato Kehl, que convivera com Serpa Pinto no Pôrto, escreveu do Rio de Janeiro ao autor destas linhas dizendo que, tendo lido um lacónico telegrama de Lisboa em que se noticiava a morte do professor Serpa Pinto, não queria admitir que se tratasse do ilustre colaborador do Instituto de Antropologia e querido amigo comum. Mas, sob uma «dívida terrível», acrescentava: «Será que a morte nos rouba êsse precioso homem de ciência; do qual tanto esperávamos? Peço-lhe, pois, encarecidamente, uma notícia, fazendo votos para que se trate de outra pessoa e que já tenha vivido pelo menos 70 anos».

Infelizmente, de facto, a notícia referia-se a êsse jovem de 25 anos apenas. Grande perda foi para a nossa Sociedade, para o Instituto de Antropologia, para a Faculdade de que êle fazia parte. Mas o que perdeu a Ciência, dizem-no os testemunhos expressivos de tôda a parte recebidos. Cuevillas, o grande arqueólogo galego, escreveu a Santos Júnior que o desaparecimento de Serpa Pinto «representa uma perda inapreciável para a cultura e para a ciência.» Com a sua grande autoridade, o eminente prof. Hugo Obermaier, escreveu também a quem traça estas linhas, que a morte de Serpa Pinto foi «uma perda enorme para a ciência prehistórica». O sr. Conde Bégouen escreveu a seu turno: «Eu pude portanto apreciar directamente o encanto da sua conversação, o ardor do seu entusiasmo, a segurança do seu juízo, sem falar da sua erudição, que se manifestava nas suas publicações. Podíamos considerá-lo como um dos mestres futuros da Ciência. A sua morte é uma grande perda para esta e para os cientistas idosos que esperavam passar-lhe o facho, certos de que êle o não deixaria extinguir, antes, pelo contrário, reavivaria a chama!»

Que tão eloqüentes consagrações sirvam de consolação, se é possível, à desolada Senhora com quem poucos meses antes Serpa Pinto se consorciara, à Mãe extremosíssima que ascendeu a êste Calvário de dôr, à dedicada Irmã e restante Família, a todos enfim os que, como nós, deploram o desaparecimento prematuro e cruel dum dos espíritos mais gentis e mais nobres que temos conhecido.

Congresso dos Anatômicos

Durante as últimas férias da Páscoa, celebrou-se em Lisboa a XXVIII Reunião da *Association des Anatomistes*, juntamente com a I Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa, que acaba de organizar-se.

O Congresso decorreu brilhantemente, e nele tomaram parte muitos dos mais notáveis biólogos contemporâneos.

Foi presidido por Champy, professor de histologia da Faculdade de Medicina de Paris, e colaboraram na reunião, entre outros, Rouvière, de Paris; Lucien, de Nancy; Latarjet, de Lyon; Dubreuil, de Bordeus; Weber, de Genebra; Collin, de Nancy; Dustin e Girard, de Bruxelas; Grynfelt e Delmas, de Montpellier; Ciaccio, de Messina; Rio Hortega, de Madrid; Tuma, de Praga; Leboucq, de Gand; Turchini, de Montpellier; Terni, de Pádua; Beccari, de Florença; Oberling, de Paris; Duesberg, de Liège; Augier, Verne, Jolly e Fauré-Fremiet de Paris, Forster e Bellocq de Estrasburgo, etc.

Foi valiosa a contribuição portuguesa e dela destacaremos, pela sua excepcional importância, as comunicações do Prof. Egas Moniz acerca da arteriografia cerebral e do Prof. Lopo de Carvalho sobre irrigação pulmonar.

Os congressistas foram recebidos solenemente pelo Ministro da Instrução, pelos Reitores das Universidades, pelas Câmaras Municipais de Lisboa e Pôrto, etc.

A Comissão que se ocupou da recepção dos congressistas, à frente da qual se encontrava o prof. Celestino da Costa, não se poupou a esforços para que os nossos hospedes levassem, a par de impressões agradáveis do nosso País, conhecimentos seguros sobre a história e a arte de Portugal, as suas paisagens e os seus monumentos.

Foi-lhes oferecido um concerto de música portuguesa, visitaram os Jerónimos, o paço de Cintra, a Penha e Monserrate, o Estoril, e, num passeio de barco, puderam admirar as margens belíssimas do Tejo.

Foram igualmente recebidos no Museu de Arte antiga e no Aquário de Vasco da Gama.

No fim do Congresso, numa ampla digressão pelo centro e norte do País, visitaram Alcobaça, Batalha e Leiria, passaram por Coimbra, e foram pernoitar à mata do Buçaco.

No dia seguinte, em direcção ao Pôrto, passaram pela Curia, e por Gaia, onde visitaram as famosas adegas de vinho do Pôrto.

Viram depois esta cidade e a Foz, detendo-se por algum tempo no Instituto de Anatomia.

A mesa do Congresso era constituída do seguinte modo:

ASSOCIATION DES ANATOMISTES

Presidente — Champy.

Vice-presidentes — Athias, Rio Hortega e Vallois.

Secretário perpétuo honorário — Nicolas.

Secretário geral — Collin.

Secretários — Lucien, Debeyre, Augier.

Tesoureiro — Verne.

SOCIEDADE ANATÓMICA PORTUGUESA

Presidente — Vilhena.

Vice-presidentes — J. A. Pires de Lima e Geraldino Brites.

Secretário geral — Celestino da Costa.

Secretários adjuntos — Vítor Fontes e Xavier Morato.

Tesoureiro — Athias.

Este Congresso, assim como o Congresso Internacional de Antropologia, que há três anos reuniu em Coimbra e Pôrto, representou uma excelente prova da vitalidade da ciência morfológica portuguesa.

PIRES DE LIMA.

Escavações arqueológicas

O «Diário do Governo», n.º 91, da 1.ª série, de 18 de Abril de 1932, publicou, pela Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, um decreto, com o n.º 21.117, que regulamenta a classificação e inventário de imóveis e móveis de importância arqueológica e histórica, as escavações e arrolamento das antiguidades nacionais e a guarda e vigilância dos monumentos.

Sobre algumas disposições deste diploma foi entregue ao Snr. Ministro da Instrução a representação seguinte, que foi publicada na imprensa periódica:

« Os sinatários, que representam a quasi totalidade dos investigadores portugueses que se ocupam de escavações arqueológicas »

veem perante V. Ex.^a exprimir o mais vivo desgosto pelo facto de no Decreto n.º 21.117 serem consignadas disposições que, se fossem mantidas, prejudicariam gravemente o desenvolvimento dos estudos arqueológicos em Portugal.

Poucos são infelizmente entre nós os que se consagram a esta ordem de estudos. O Decreto n.º 21.117, convertendo a Arqueologia Nacional em domínio do Director do Museu Etnológico do dr. Leite de Vasconcelos, ainda mais reduziria êsse número, porque ofende lamentavelmente os actuais investigadores que não pertencem ao dito Museu, desgostando-os e restringindo-lhes sem qualquer razão científica a sua actividade, e, por outro lado, nega o estímulo a novas iniciativas pois tôdas ficam inexplicavelmente dependentes do beneplácito do director do museu mencionado.

Não é o dito director a única entidade da sua categoria oficial que no país se ocupa, por dever do cargo, dêstes assuntos, e não pode êle abranger, praticamente, com conhecimento directo da causa, tôda a extensão do territorio nacional e todos os sectores da complexa ciência arqueológica.

O exclusivo da fiscalização e a centralização das investigações nas suas mãos, bem como o olvido completo nas disposições proteccionistas do § único do art. 11.º das escavações promovidas por outras entidades, de idoneidade notória, representam um monopólio científico pessoal que viria aniquilar de facto todos os esforços estranhos, se porventura o decreto viesse a ser cumprido nos termos em que foi redigido.

Se, pelo contrário, os poderes conferidos ao aludido funcionário e ao Museu da sua direcção fossem antes outorgados a um Conselho ou Junta em que, além daquele Museu, tivessem representação os núcleos de investigação existentes no país e de reputação científica estabelecida, não só os de carácter oficial como os constituídos por sociedades ou corporações privadas, a eficácia do decreto seria evidente e ao personalismo que êle favorece, substituir-se-iam uma ampla solidariedade e uma útil suplência de esforços.

Já em tempos o grupo glorioso da «Portugália» a que pertenceram individualidades como Ricardo Severo, José Fortes, Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso, manifestou com êxito o seu fundado desacôrdo para com propósitos de centralização análogos aos sancionados no decreto n.º 21.117.

Como pode o Museu Etnológico fiscalisar e centralisar, por exemplo, investigações de Serviço Geológico e de Institutos universitários cuja autonomia científica nunca foi posta em discussão?

O Serviço Geológico de Portugal possui a mais brilhante tradição de escavações que tem havido no nosso país. Carlos

Ribeiro, Nery Delgado, Pereira da Costa não fizeram «bric-à-brac» ou esgravatadelas de acaso, mas escavações metódicas que honram os seus nomes e Portugal e atraíram as atenções mais vivas dos especialistas estrangeiros. A actividade do Serviço Geológico diminuiu relativamente à paleo-antropologia mas é de esperar e desejar que se renove, e, de resto, o material coligido tem sido ali objecto permanente de estudo. Poderá ao director do Museu Etnológico, professor duma Faculdade de Letras (a de Lisboa), ser atribuído a papel de fiscalisar ou regular essa actividade em domínios de ciência, como a estratigrafia, a paleontologia e a antropologia, que estão fora do respectivo campo de estudos? O mesmo se passa em relação aos Institutos Universitários de Geologia e Antropologia. A estratigrafia e a paleontologia do quaternário, a paleo-antropologia, são assuntos em que se não pode exigir competência a um professor de ciências históricas duma Faculdade de Letras. É erróneo supôr que a Prehistória e a História dispõem de métodos idênticos.

Mas acresce ainda que em nenhum outro ramo dos estudos universitários, se estabeleceu até hoje, entre os respectivos institutos, a dependência que se visa criar para com o Museu Etnológico o qual é anexo à Faculdade de Letras de Lisboa (pág. 42 do Orçamento de despesa do Ministério da Instrução para 1931-1932). Entre os estabelecimentos cuja actividade se pretende coordenar no dito Museu, há alguns que tem recebido da Junta de Educação Nacional subsídios expressamente consignados a escavações ou que, nos termos da legislação universitária, foram elevados à categoria de «Institutos de Investigação Científica». A condição essencial para esta elevação é, nos termos do decreto n.º 19.026, que se verifique terem os professores catedráticos seus directores um mínimo de tempo de serviço e serem «autores de valiosa obra científica demonstrada por trabalhos publicados dentro dos dez anos que precederam a proposta». Esta necessita ainda de reunir 2/3 dos votos do Conselho Escolar respectivo para ser aprovada pelo Governo. Ora, não sendo o professor que dirige o Museu Etnológico também Director dum Instituto de Investigação Universitária nos termos do decreto n.º 19.026, como pode êle sobrepor-se a institutos que estão nas condições dêsse decreto ou a qualquer outra entidade expressamente incumbida de escavações?

Foi inteiramente esquecido que sob a direcção de professores das Universidades de Coimbra e Porto se tem realizado nos ultimos anos, além de outras, em Condeixa e Muge (respectivamente), escavações sistemáticas que mereceram o elogio dos especialistas estrangeiros que as visitaram durante o Congresso Internacional

de Antropologia e Arqueologia Prehistórica de 1930. Diapositivos destas escavações foram solicitados, como exemplos de método, pelo Conde du Mesnil de Buisson, eminente director da Missão Arqueológica Francesa na Síria, para ilustrarem as lições do curso de escavações por êle dirigido na Escola de Louvre, em Paris.

Sr. Ministro: Os sinatários, avessos a qualquer personalismo, são, entretanto, forçados a declarar que desconhecem as indicações que determinaram a entrega ao Director do Museu Etnológico duma função cujo exercício por uma só pessoa é inédito na legislação de países em que a Arqueologia está incomparavelmente mais adiantada do que entre nós, e mesmo em Portugal, em que para os vários serviços públicos existem juntas, conselhos e comissões, ao lado das direcções gerais e repartições respectivas.

Não basta ser director dum Museu Etnológico para exercer num ramo da ciência portuguesa um papel tutelar e centralizador que nunca individualidades da envergadura de Schliemann, Evans, Cartailhac, Dechelette, Boule, Schulten, Obermaier, Bosch Gimpera, Ramon Melida, Gomez Moreno, etc., se lembraram de assumir nos respectivos países.

Seria bem preferível, a nosso ver, uma coordenação salutar de esforços por uma comissão em que estivessem representados todos os que em Portugal teem autoridade científica e o dever de intervir no assunto. Essa comissão teria a seu turno delegados regionais como sucede noutros países. Não se trataria assim duma inexequível e indefensável centralisação na pessoa do director dum Museu. Mas o que sobretudo seria para desejar era que se subvencionassem largamente os serviços capazes de exumar do solo sagrado da Pátria os mais antigos documentos da vida humana neste recanto do mundo.

É na esperança de que serão ponderadas as circunstâncias anómalas criadas à Arqueologia Portuguesa e aos seus cultores pelo Decreto n.º 21.117 que os sinatários apresentam à consideração de V. Ex.^a esta exposição inspirada apenas na consciência dos seus deveres para com a Pátria e para com a ciência que desinteressadamente servem.

Saúde e Fraternidade. — Lisboa, 23 de Maio de 1932.

(aa) — *Antonio Augusto Mendes Corrêa*, presidente da S. P. A. E.; *José de Pinho*; *Pedro Vitorino*, director da «Portucale»; *Aarão de Lacerda*, vogal da Academia Nacional de Belas Artes; *Dr. Eusébio Tamagnini*, director do Instituto de Antropologia da Faculdade de Coimbra; *Vergílio Correia*, director do Museu Machado de Castro; *Aristides de Amorim Girão*, professor da Universidade de Coimbra;

Alberto Souto, director do Museu de Aveiro; *João Gualberto de Barros e Cunha*, professor auxiliar do Instituto de Antropologia de Coimbra; *Alfredo Ataíde*, assistente do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto; *Rui de Serpa Pinto*, assistente de Geologia da F. C. U. P., delegado da Société Préhistorique de France; *Joaquim Rodrigues dos Santos Junior*, assistente da F. C. U. P.; *Luis de Pina*, assistente da Fac. de Med. do Porto; *Ricardo Freitas Ribeiro*, da Sociedade Martins Sarmento; *Antonio Armando Temido*, assistente do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra; *Francisco de Almeida Moreira*, director do Museu Grão Vasco; *Eugénio Jalhay*, vice-presidente da Secção de Arqueologia Prehistórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses; *Joaquim Fontes*, presidente da Secção de Arqueologia Prehistórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses; *Félix Alves Pereira*, antigo Conservador do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, da Associação dos Arqueólogos Portugueses; *Afonso do Paço*, 1.º secretário da Associação dos Arqueólogos Portugueses; *Artur Rodrigues Cohen*, engenheiro-chefe dos Serviços Geológicos; *Mário Cardoso*, presidente da Sociedade Martins Sarmento e director do Museu Arqueológico da mesma Sociedade.»

Uma nota infeliz enviada à imprensa da capital pelo Museu Etnológico, veiu aludir ao propósito que a direcção do dito Museu teria de ir efectuar escavações em Muge, no objectivo de «preencher uma lacuna das colecções» daquele estabelecimento e pela «conveniência científica em ali serem feitas escavações por investigadores sem ideias preconcebidas e sem teses a defender». Além disso nessa nota anunciava-se que ia ser entregue a um antropólogo estrangeiro determinado material craniológico obtido por aquele Museu. Imediatamente o director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, sinatário da representação supra e que está realizando escavações em Muge, veio à imprensa protestar contra a atitude do director do Museu Etnológico. Esse protesto teve a solidariedade de muitos investigadores, secundando-o, por exemplo, o Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra nos termos seguintes, que alguns jornais de Lisboa e Porto reproduziram:

«INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Universidade de Coimbra. — Ex.^{mo} Snr. Dr. Mendes Corrêa. — Tendo lido a carta de V. Ex.^a publicada em «A Voz» de hontem vimos significar-lhe a nossa plena concordância com os princípios por V. Ex.^a expostos na mesma.

É mais do que inadmissível, porque é deprimente, que se

proponha convidar «um antropólogo estrangeiro para estudar material português, enquanto se não provar que não existem antropólogos portugueses que possam e queiram realizar tal estudo.

As escavações arqueológicas em todos os países civilizados são permitidas a quem as queira realizar, com a restrição única de se exigir provada competência científica para isso. Mas a mais elementar cortezia e os preceitos de camaradagem científica proíbem a intervenção de um investigador no campo que esteja já a ser explorado por outro: os abaixo assinados tinham pensado em levar a efeito uma exploração antropológica nos «Kjökkenmöddings» de Muge, chegando a estar para isso autorizados pelo proprietário dos terrenos, e desistiram desse intuito logo que souberam que V. Ex.^a já estava a executar essa investigação, para não transtornar a orientação dos seus planos. Isto lhes dá autoridade moral para protestar contra a intempestiva intervenção em tal assunto do dr. Heleno ou de qualquer outra entidade.

Aceite V. Ex.^a pois os nossos protestos de consideração e leal camaradagem, podendo fazer desta carta o uso que entender. Coimbra, 25 de Janeiro de 1933.

aa) — *Dr. Euzebio Tamagnini, J. G. de Barros e Cunha e Antonio Armando Themido.*»

Inseriram alguns jornais de Lisboa cartas, firmadas pelo sr. director do Museu Etnológico, em pretensa réplica aos protestos do presidente da nossa Sociedade, publicados nos mesmos jornais.

Limitar-nos-emos a transcrever trechos duma carta que o ilustre director de *L'Anthropologie* e professor da Faculdade de Medicina de Toulouse, prof. H. Vallois, dirigiu ao prof. Mendes Corrêa, cujas investigações sobre Muge o sr. dr. Heleno pretendia amesquinhar, escudando-se com supostas críticas que a essas investigações teriam sido feitas pelo eminente antropologista francês:

«*Toulouse*, le 1 — 2 — 33.

Mon cher Collègue et ami,

.....
Je suis tout à fait de votre avis en ce qui concerne les fouilles que vous avez entreprises à Muge et auxquelles j'ai eu le plaisir d'assister, lors de ma visite à ce célèbre gisement en 1930. Les autres membres du Congrès d'Archéologie et moi-même avons suivi avec beaucoup d'intérêt vos explications et, tous, nous avons

remarqué le soin et la méthode avec lesquels vous et vos élèves aviez organisé l'exploitation du Kjökkenmödding à l'étude. J'espère qu'il vous sera possible de continuer ces fouilles et de mettre à jour de nouveaux documents.

En ce qui concerne les crânes de ce gisement, il est certain que mon opinion sur la signification de certains d'entre eux diffère quelque peu de la votre. Mais, naturellement, il ne s'agit que d'une différence d'interprétation et les faits sur lesquels nous basons nos deux thèses sont, pour vous et moi, identiques. N'est-ce pas ce qui importe en science, que deux observateurs étudiant le même matériel, indépendamment l'un de l'autre, arrivent aux mêmes constatations quant aux faits (les théories passent, les faits restent...!).

C'est en tous cas une des raisons pour lesquelles je serais particulièrement désireux que vos fouilles vous fassent découvrir d'autres squelettes. L'étude du nouveau matériel, recueilli dans des conditions stratigraphiques satisfaisantes, et que vous sauriez reconstituer si besoin était (quel dommage que les splendides documents qui sont au Musée géologique de Lisbonne ne soient pas, une bonne fois, soumis à un anthropologiste qui les reconstituerait exactement; votre laboratoire serait tout indiqué pour cela!), pourrait nous départager.

Veillez présenter.....

(a) — *H. V. Vallois.*

Naturellement, vous pouvez user de ma lettre comme bon vous semblera.»

Cientificamente, está o caso liquidado, nos termos elevados e imparciais em que nesta carta é pôsto.

Esperemos agora que oficialmente se liquide também porfim, como de justiça, a situação creada à Arqueologia portuguesa e seus cultores pelas disposições legais que motivaram a representação acima transcrita.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia resolveu por unanimidade, em sessão científica, apoiar a aludida representação. A Associação dos Arqueólogos Portugueses resolveu também representar ao Governo no mesmo sentido, o que fez oportunamente.

Sur le métopisme, son origine et sa signification

Dans le fascicule 1.^{er} (Squelette céphalique) de la 4.^{ème} édition du *Traité d'Anatomie Humaine*, de Poirier & Charpy (Paris, 1931, p. 363), M. Augier écrit au sujet du métopisme, après quelques considérations sur les cas dus à une insuffisance d'ossification par trouble osseux, infantilisme, etc. :

« Il y a sans doute des cas moins graves, moins nets, et qu'il est plus difficile à séparer des cas décrits par Welcker [cas d'hyperdéveloppement frontal]; ce sont peut-être ceux que Mendes Corrêa a examinés et considérés comme des arrêts de développement parce qu'ils s'accompagnaient de forme pentagonale du crâne, mais qu'il a eu tort de généraliser ».

En lisant ce passage du travail du savant anatomiste, j'ai eu le regret de constater que les conclusions de mon examen de quelques métopiques portugais, que j'avais publiées en 1919 (1), n'y étaient pas traduites d'une façon exacte, puisque je n'avais pas basé la diagnose de l'arrêt de développement sur le seul fait de la forme pentagonoïde du crâne et que je n'avais pas non plus généralisé à tous les cas de métopisme ce processus étiologique.

En effet, la majorité des crânes métopiques que j'ai isolés dans une collection de 163 crânes portugais, présentait des caractères (petitesse générale, petit développement frontal, contour pentagonoïdal, prédominance d'une platycéphalie en désaccord avec la tendance hypsicéphale de la population; même, quelques-uns, de la scaphocéphalie, *torus palatinus*, etc.) qui m'ont semblé témoigner plus ou moins nettement d'une insuffisance ostéogénique frontale par arrêt de développement. Mais je n'ai pas généralisé cette constatation, d'autant plus que je présentais aussi des spécimens du métopisme dit *supérieur* (d'après Aurélio da Costa Ferreira (2) qui n'est pas cité par l'auteur français), du métopisme par hyperdéveloppement frontal, établi par Welcker.

Ce n'est pas ma faute si la série examinée par moi a fourni une majorité de cas du métopisme *inférieur*. Je n'ai pas pourtant écrit que ce serait la règle pour le métopisme en général. *Je n'ai parlé que des crânes étudiés par moi*, et j'ai insisté sur la *pluralité* des causes du métopisme (pp. 2 et 6 du tiré-à-part).

(1) A. A. Mendes Corrêa — *O metopismo e a evolução das formas craneanas* — «Portugal Médico», 2.^a série, vol. V, Porto, 1919.

(2) A. Aurélio da Costa Ferreira — *Note sur deux crânes métopiques de la collection Ferraz de Macedo* — «Bull. de la Soc. Portug. des Sc. Naturelles», Lisbonne, 1915.

Mon distingué collègue, le Prof. Amândio Tavares (1), sur une série de crânes plus nombreuse que la mienne, arrivait en 1927 à la conclusion, contraire à celle de ma série, que les cas de métopisme par hyperdéveloppement frontal étaient plus fréquents que ceux d'hypodéveloppement, et que l'on pouvait signaler sur l'ensemble des métopiques une certaine tendance à l'élargissement crânien que je n'avais pas pu observer sur la plupart de mes exemplaires. Mais la réduction de la partie frontale de la courbe antéro-postérieure, la tendance platycéphale et la diminution de la capacité crânienne par rapport aux moyennes des non-métopiques, sont des faits constatés, à la fois, sur les deux séries métopiques, sur celle de Tavares et la mienne. L'abaissement de la voûte ne serait-il pas une compensation de l'élargissement frontal trouvé par le Prof. Tavares ?

Faudra-t-il accepter l'hypothèse de Bloch d'après laquelle le métopisme serait un signe évolutif de la transition de la dolicho-céphalie vers la brachycéphalie? Mon collègue de Porto ne partage pas encore cet avis, et je me rallie à sa prudence, d'autant plus appréciable que ses résultats ne s'opposent pas à l'hypothèse de Bloch d'une façon si nette que les miens.

Je crois qu'il faut peut-être attribuer le passage de M. Augier qui m'a suggéré ces observations, à une connaissance *indirecte* de mon article par l'éminent anatomiste. Néanmoins l'analyse de ce travail par M. Verneau en «L'Anthropologie» (t. XXX, Paris, 1920, p. 174) parle non seulement de la forme pentagonoïdale des crânes, mais aussi de la platycéphalie. Cependant la même analyse rapporte, comme conclusion, que le métopisme «semble être le résultat, dans la majorité des cas, d'un arrêt précoce de développement».

C'est peut-être la lecture de ces mots qui a porté M. Augier à supposer que j'avais étendu au métopisme en général les constatations faites seulement sur ma série. Or je n'ai rien généralisé: je n'ai parlé d'une prédominance du *métopisme inférieur* que dans cette série. Je n'ai donc eu aucun tort, puisque c'était la vérité.

MENDES CORRÊA.

(1) Amândio Tavares — *Sur le métopisme* — «C. R. des séances de la Société de Biologie», t. xcvi, 1927, p. 876; id. — *Sobre o metopismo* — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. xi, Lisboa, 1927. Ces travaux de M. Tavares ne sont pas cités par M. Augier qui l'aurait sans doute fait s'il en avait eu connaissance. Ces travaux sont, en effet, importants.

Um precursor português da Eugenia

Numa conferência na Universidade do Pôrto sôbre antigos professores da respectiva Faculdade de Medicina o sr. prof. Hernani Monteiro fêz uma referência que nos levou a solicitar sôbre o assunto a nota mais desenvolvida que segue:

Aqui venho satisfazer o seu desejo, enviando-lhe alguns informes àcerca das *ideas eugénicas* expressas pelo velho lente da antiga Escola Médica, Câmara Sinval, há bons 90 anos!... *Nihil sub sole novum*...

A frase que despertou a sua curiosidade, e que eu citei na conferência de ontem, foi tirada de uma oração académica recitada por Sinval na abertura da Cadeira de Partos no ano lectivo de 1837-1838.

Dizia então o distinto parteiro: «Nubil virgem, que te propões a ser mãe, sabes se irás dar origem a uma casta valetudinaria; ou se, por uma anomalia de construção no aparelho gerador, vais comprar as delicias do hymineu, a preço da vida?... — Consulta a Obstetrica. — Oxalá, Senhores, que o governo se decida um dia, (e bem breve seja) a interferir, pelo lado physico organico, em a união dos esposos.»

Esta oração vem publicada no n.º 188 da «Gazeta Medica do Pôrto» de 1849.

Mas no n.º 158 da mesma Revista, poderá ler uma explanação ou desenvolvimento daquele passo que deixo acima transcrito.

Trata-se de uma carta que Sinval dirige a um amigo (real ou imaginário) em resposta ao pedido dêste que desejava ouvir os conselhos do professor sôbre o casamento da irmã.

Câmara Sinval não se faz rogado e vai dando sentenças.

E começa:

«A primeira condição physica, que em obzequio do individuo e da sociedade prescreve a hygiene aos que se propõe tomar estado, he que, antes das pessoas casem as idades.» Porque se casasse velha com moço ou moça com velho, «ou se adoecerá por fadiga d'orgãos, que pediam descanso, ou por inercia dos mesmos, que requeriam actividade; em ambos perde a republica numero de membros, que um casamento mais consentaneo em idades lhe produziria.»

E aconselhava ao legislador que não consentisse o casamento das raparigas, entre nós, antes dos 20, «ou ao menos 18 annos», porque de uniões prematuras «não tem o Estado a esperar se não huma grei debil e franzina, e os progenitores huma prole,

que mal poderá pagar-lhes na senil infancia delles os disvelos recebidos na infancia pueril da mesma.»

Segue-se novo conselho:

«Outra condição que deve assistir aos contrahentes he a regular conformação do aparelho gerador e especialmente na mulher, a da bacia.» E, por isso, insensata seria a mulher que se propuzesse casar «sem a previa certeza de que tem bacia para parir.» E acrescenta: «A tal está louca; e de mania que attenta á propria e alheia existencia, e portanto devem atar-se-lhe as mãos; isto he, ser impedida de casar.»

E como o casamento é um «pacto, que por sua natureza se não propõe, nem pode propor, a ruina; porem a melhor conservação dos contratantes», era preciso que o legislador, ou, na falta dêste, os pais de família providenciassem no sentido de não se permitir o casamento de criaturas que padecessem de certas doenças, como tísica pulmonar, cancro do útero, e ainda aneurismas do coração e grossos vasos que fulminam, «na epilepsia da copula, ou no forcejamento do parto, as suas victimas.»

Tais individuos poderiam ter a liberdade de se unirem pelo matrimónio? Sinval entende que não: «Será esta uma franquia muito liberal, muito politica, mas a hygiene, oraclo da legislação em taes materias, desaprova-a redondamente.»

Também devia proibir-se o casamento de pessoas que sofressem de certas moléstias crônicas, como o venéreo, várias afecções da pele, epilepsia, melancolia, etc. E pergunta: «Deverá consentir-se a cohabitação tão frequente e intima, qual he a marital com individuos que em si trazem para o casal destas doenças? Que o decidão as familias amorosas dos seus. Entre alguns povos atava-se hum vivo a hum morto para que a corrupção deste contaminasse aquelle, mas era por supplicio, imposto a grandes crimes.»

Outros individuos havia que não deviam casar: os que sofressem de doenças que se transmitem por herança. E comenta, a propósito: «Saiba o legislador; e resolva depois se algum tem direito de chamar á vida hum ente para lha envenenar no germe: e entretanto saibão-o as familias, e proteção-se.»

Esta carta de Câmara Sinval tem no final a indicação: *Continua*. Todavia, não encontrei o seguimento nos outros números da Revista.

Anteriormente, nos n.ºs 152 e 153 da «Gazeta Médica», de 30 de Abril e 15 de Maio de 1848, Sinval publicara um artigo, também em forma de epistola, dirigida a um amigo, dando-lhe variados conselhos àcerca da escolha de ama para uma criancinha, cuja mãe não podia amamentar. Assunto importante, porque, segundo a experiência do illustre parteiro, adquirida na sua en-

fermaria, destinavam-se a amas grande número de mulheres absolutamente impróprias para tal mister. Daqui resultavam grandes danos para os inocentes. Na eleição de ama, jogava-se — escrevia — «nada mais, nem nada menos, que a saúde da criança, e consequentemente a sua felicidade, se não tem a de morrer em tão bella idade; por quanto um ente enfermisso é, na minha opinião, o maior dos desgraçados.» Há doenças que se pegam, se transmitem. Era, portanto, necessário que os pais «não propinam a seus filhos no leite das amas a que os confiam, mortifero veneno.» E o Estado devia fiscalizar a boa escolha das amas: «Pois ha-de o Poder collocar nos matadouros um facultativo (ao menos na nossa patria Lisboa assim é; aqui não sei) para que inspecione a salubridade das rezes que hão de servir de alimento á parte já crescida da povoação, e não ha-de decretar que se inspecione o alimento destinado á parte da mesma, que ainda está nos primordios da infancia; e por isso tanto mais carecedora, quanto menos resistente ás funestas impressões de um nutrimento mal sadio?!»

Desejava, pois, que o Conselho de Saúde Pública espalhasse instruções a tal respeito, que os Bispos e Párocos dirigissem exortações aos pais de familia, e que nas Câmaras se abrissem registos para inscrição das que se propuzessem a amas, e depois «inspecionem-nas os facultativos delegados do mesmo conselho, e apuradas as idoneas, convidem-se os chefes de familia a escolher d'entre estas as que por particulares circumstancias mais lhes convenham.»

Aqui tem o que pensava e escrevia Câmara Sinval.

Mas, afinal, era isto o que o meu caro Mendes Corrêa pretendia que eu lhe dissesse?

Afectuosos cumprimentos, etc.

Pôrto, 13 de Maio de 1933.

HERNANI MONTEIRO.

Curso de Antropologia Médica

Por iniciativa da Associação Profissional dos Estudantes de Medicina, tem-se realizado, no corrente ano lectivo de 1932-1933, na Faculdade de Medicina do Pôrto, um curso de Antropologia aplicada à Medicina. Nêsse curso, o sr. prof. Mendes Corrêa tem-se occupado dos Primatas em geral, das bases da classificação

das raças humanas, dos tipos humanos prehistóricos e actuais, da hereditariedade e constituições, da paleopatologia e patologia étnica. O sr. dr. Luís de Pina expõe os métodos antropométricos, especialmente no objectivo da determinação da robustez e dos tipos constitucionais e da identificação. O sr. dr. Alfredo Ataíde tem tratado da biometria e dos processos estatísticos.

No curso inscreveram-se cêrca de 100 médicos e estudantes de medicina.

Monumento ao prof. Silva Teles

Constituiu-se na Índia uma Comissão presidida pelo prof. Froilano de Melo e secretariada pelo prof. Germano Correia, a qual se propõe reunir, por subscrição pública, os fundos necessários para erguer numa praça de Nova Gôa um monumento ao saudoso e ilustre professor Silva Teles, antigo ministro da Instrução.

Ninguém ignora o interêsse que a Silva Teles mereceram sempre os assuntos antropológicos. Ele fêz estudos antropométricos e consagrou-se com proficiência às questões de aclimação e colonização. É porisso de esperar que entre os antropólogos portugueses a iniciativa aludida mereça apoio.

Uma fôlha de subscrição se encontrará na séde desta Sociedade até 31 de Julho de 1933.

Prémio «Rui de Serpa Pinto»

Segue a lista dos subscritores para o prémio a que é feita referência no necrológio do nosso saudoso consócio Rui de Serpa Pinto:

Engenheiros Reünidos, Ld. ^a	2.000\$00
M. M.	100\$00
D. Adelina Nogueira Pinto de Oliveira	100\$00
Condes de Leça	100\$00
Adelino Alves Veríssimo	75\$00
Prof. Dr. Antonio Augusto Estêves Mendes Corrêa	50\$00
Dr. Alfredo Mendonça da Costa Ataíde	50\$00
<i>A transportar</i>	2.475\$00

<i>Transporte</i>	2.475\$00
Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior	50\$00
Dr. Antonio Fernandes de Sá	50\$00
Prof. Dr. José de Castro Portugal	50\$00
Eng.º Domingos José Rosas da Silva	50\$00
Dr. Antonio Maria Estêves Mendes Corrêa	50\$00
Dr. Mário Estêves de Oliveira	50\$00
Alberto Serpa de Oliveira	50\$00
Antonio Serpa de Oliveira	50\$00
Alexandre Serpa de Oliveira	50\$00
Dr. Artur de Magalhães Basto	50\$00
João Teixeira Duarte	50\$00
Ricardo Spratley	50\$00
Cristiano Pinheiro Spratley	50\$00
Dr. Augusto de Carvalho e Almeida	50\$00
Antonio Ferreira Machado	50\$00
José Augusto da Costa Miguens	50\$00
José Acurcio Ferreira	50\$00
J. Gomes Pereira	50\$00
Eng.º Afonso N. Sobral Mendes	50\$00
Prof. Dr. Alvaro Rodrigues Machado e D. Fernanda P. Machado	50\$00
Juvêncio Salgado Zenha	50\$00
Prof. Dr. J. A. Pires de Lima	50\$00
Prof. Dr. Hernáni Monteiro	50\$00
Capitão Mário Cardoso	50\$00
Prof. Dr. José Pereira Salgado	50\$00
Antonio F. Domingues de Freitas	50\$00
João de Brito e Cunha	50\$00
Rev. Adriano Moreira Martins	50\$00
Prof. Dr. Aarão de Lacerda	50\$00
D. Berta de Lemos Peixoto	50\$00
Luís de Albuquerque Castelo Branco	50\$00
Prof. Dr. Alexandre Alberto de Sousa Pinto	50\$00
Dr. José Sarmiento	50\$00
Dr. Carlos Azevedo Coutinho Braga	50\$00
Dr. Antonio Mendonça Monteiro	50\$00
Dr. Rui Luís Gomes	50\$00
Eng.º Fernando Henrique Lima Lôbo	50\$00
Dr. Joaquim Moreira Fontes	50\$00
Rev. Eugénio Jalhay	50\$00
Tenente Afonso do Paço	50\$00
<i>A transportar</i>	4.475\$00

<i>Transporte</i>	4.475\$00
Dr. Humberto de Almeida	50\$00
Julio dos Santos Silva Júnior	50\$00
Abel Ferreira Barbosa	50\$00
Antonio de Oliveira Rocha Leite	50\$00
Ernesto Leite Nogueira Pinto	50\$00
Dr. Manuel Forbes Costa	50\$00
Dr. José Maria Soares Vieira	50\$00
Anónimo	50\$00
Joaquim Teixeira Bastos Júnior	50\$00
Dr. Delfim Santos	50\$00
Dr. Fernão Couceiro da Costa	50\$00
Prof. Dr. Antonio Bomfim Barreiros	50\$00
Eng.º Augusto Nascimento Nunes da Fonseca Júnior	50\$00
D. Laura e Francisco Mota Coelho	50\$00
Antonio Bordalo Franco e Espôsa	50\$00
D. Adelaide Pinheiro	50\$00
A. Alão	50\$00
Alberto Vieira Braga	40\$00
D. Fermin Bouza-Brey	40\$00
D. Florentino Lopez Cuevillas (14 Pts.)	39\$30
Eng.º José Aires de Santa Clara Gomes	30\$00
Eng.º Oscar Saturnino da Cruz Monteiro	30\$00
Prof. Dr. Rodrigo de Sarmiento Beires	20\$00
H. Schreck	20\$00
José Ventura dos Santos Reis	20\$00
Eng.º José de Bastos Xavier	15\$00
José Formigal Lopes	10\$00
Arnaldo Rozeira	5\$00
Alfredo Cardim	5\$00
José Victorino da Costa	2\$50
Adolfo Basto Corrêa	500\$00
Eurico Basto Corrêa	500\$00
D. Cecilia Basto Mendes Corrêa	500\$00
D. Maria Alice de Serpa Pinto	500\$00
D. Maria Regina de Serpa Pinto	1.000\$00
D. Aurora de Serpa Pinto	1.948\$20
<i>Total — Esc.</i>	10.550\$00

Desta soma, 500\$00 são destinados já ao pagamento do prémio a um aluno que seja digno dêle no presente ano lectivo. O restante será convertido em títulos públicos cujo juro se destinará anualmente ao prémio.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

ALFREDO CASTELLANOS — *La influencia endócrina en la Morfogénesis humana* — in «Revista de Medicina», n.ºs 63 e 64, Rosario (Argentina), 1932.

Trata o autor, neste discurso que foi pronunciado na Faculdade de Medicina de Rosario, um assunto importantíssimo e de evidente actualidade, o qual se pode resumir na relação que necessariamente existe entre a actividade dos órgãos de secreção interna e a constituição morfológica humana. Depois de algumas considerações sobre caracteres específicos, o autor aprecia e expõe de modo claro, com o seu habitual método científico, a acção endócrina sobre os centros tróficos. Nestes estudos, como noutros publicados pelo mesmo autor, este revela-se evolucionista convicto e particularmente lamarquista, pois evoca como causa de adaptações diversas as circunstâncias mesológicas. Existe em todos os seres o centro ou centros tróficos, sobre os quais o meio exerce a sua influência. Conforme a intensidade desta e o poder de reacção dos seres, assim se formam as variações individuais, graduais e insensíveis das espécies, ou rápidas como as *mutações*. O autor refere-se a todos os seres vivos e em particular ao homem. A hereditariedade, segundo certas leis de genética, é encarregada da transmissão dos caracteres adquiridos definitivamente. A estas modificações impostas à espécie junta-se a selecção natural e a sexual, o efeito do uso e do não uso.

São numerosas hoje as provas da acção endócrina, já no desenvolvimento embrionário, já no indivíduo adulto e na senilidade, governando em cada idade o metabolismo do cálcio e de outros elementos, produzindo, por exemplo as *incrustações*, *anquiloses* e *sinostoses* que marcam as diferentes etapas da vida individual. O autor aplica a mesma teoria ao crescimento e particularmente ao do esqueleto, nas suas diferentes porções. Admite também que a longevidade e a senescência se podem atribuir, como todo o equilíbrio ou desequilíbrio dos sistemas orgânicos, a acções endócrinas, isto é, ao aparelho defensivo, constituído pelos órgãos de secreção interna.

Assim o engrandecimento do esqueleto ou a rarefacção dos ossos se explica também por intervenção das secreções endócrinas. O problema apresenta pois faces múltiplas, qualquer delas de interesse para o morfologista e para o antropólogo sobretudo.

BETHENCOURT FERREIRA.

LIDIO CIPRIANI — *Considerazioni sopra il passato e l'avvenire delle popolazioni africane* — I vol. de 162 págs., publ. da «Società Italiana di Genetica ed Eugenia» e do «Comitato Italiano per lo studio dei problemi della popolazioni», Firenze, 1932.

De 1927 a 1930 o ilustre antropólogo de Florença realizou três viagens através da África, durante as quais recolheu numerosos e importantes materiais de estudo, a alguns dos quais já fizemos referência (*Trabalhos*, vol. V, pág. 382). No presente volume o prof. Cipriani debate a questão do valor psíquico dos negros, chegando a resultados desfavoráveis a estes.

Tem um interesse muito especial as páginas que o A. consagra às grandiosas ruínas e antigas explorações mineiras de Zimbábue, a propósito do que faz a história das relações dos Portugueses dos séculos XVI e seguintes com o famoso império do Monomotapa. Sem se fixar sobre a origem das antigas construções da Rodésia, que aliás não considera extremamente remotas, o A. acentua não haver provas objectivas que permitam atribuí-las a Fenícios, Egípcios, Árabes, Índios, etc. Todos os esqueletos humanos encontrados são dos tipos bantu e bochimane. Os métodos de exploração mineira e de metalurgia eram laboriosos e uniformes. Cipriani admite que um tipo humano de características somáticas elevadas, diversas das dos negros, teria tido uma extensa distribuição na África em tempos remotos. O seu desaparecimento da área bantu teria resultado do contacto com raças indígenas inferiores. Sobrevive esse tipo nalguns Zulus, nos Etiópes, nos Bahima do distrito de Ankole, etc. Razões antropológicas explicariam, segundo o A., a decadência do esplendor da antiga Rodésia.

Dando, sem hesitação, os negros como insusceptíveis de progresso, e descendentes degenerados de antepassados que lhes eram superiores, entende que as nações europeias, especialmente a Itália, tem o direito de tirar da ocupação da África vantagens que elles são incapazes de tirar. Quanto aos mulatos, o interesse

da colectividade estaria em adaptá-los a regiões em que o clima não permitisse o estabelecimento permanente dos Europeus. Não quer tudo isto dizer que a África possa vir a ser um continente totalmente branco.

O prof. Cipriani diz ter visto em Moçambique um negro laureado em medicina por uma Universidade portuguesa, retomar a vida da floresta com um séquito de mulheres, obrigadas a trabalhar para ele e maltratadas por ele «como nenhum selvagem usa fazer». Conhecem-se exemplos semelhantes. Já Corre citava o caso dum tiranete indígena, embrutecido, que fôra laureado por uma Universidade alemã.

O livro do prof. Cipriani está cheio de factos dignos de ponderação e de interessantes observações pessoais. A sua tese da inferioridade psíquica dos negros é cientificamente fundada. Quanto às conseqüências políticas e económicas que, a seu ver, decorreriam da aplicação dos princípios enunciados, estão sintetizadas nas palavras finais do volume, escritas com um patriotismo que deve fazer reflectir o leitor português, notando-se, porém, que o domínio de Portugal em África não é, no livro, objecto de qualquer ataque, antes se salienta ali a situação privilegiada da França e da Inglaterra entre as potências coloniais naquele continente. Entende, entretanto, Cipriani que a divisão política da África é, em muitos aspectos, «casual» e «não está certamente fixada para a eternidade»...

Eis as suas palavras finais: «A África, não tenhamos dúvida, não poderá mais ser dos Africanos, e entre todos os povos do mundo o italiano, por motivos étnicos, por dons inatos e pela sua adaptabilidade aos climas tropicais demonstrada em todos os países, é o destinado a triunfar ali, desde que lhe não venha a faltar, ao atingir a meta, o impulso de que, nestes últimos anos, por um feliz retôrno histórico, retomou o gôsto».

MENDES CORRÊA.

H. V. VALLOIS. — *L'Anthropologie physique et son orientation actuelle* — «Revue Scientifique», Paris, 1932.

A Antropologia física encontra-se como que «submergida» pela quantidade enorme de materiais recolhidos com os métodos clássicos de mensuração. O tratado de Martin enumera cerca de 250 medidas só no crânio...

O prof. Vallois, no n.º da «Revue Scientifique» de 9 de Julho, expõe a situação, mas combate o ceticismo a que a magreza dos resultados obtidos conduziu muitos autores, segundo os quais a Antropologia Física nada mais daria, porque o próprio excesso da sua especialização a teria conduzido a um ponto morto que ela não poderia ultrapassar.

O eminente antropologista traça as largas perspectivas da Antropobiologia, referindo-se aos estudos recentes sobre a hereditariedade, os mestiços, os gémeos, a antropologia das partes moles, os grupos sanguíneos, as constituições. Talvez nêsse terreno se encontrem novas directrizes mais fecundas para os estudos antropológicos.

Expuzemos análoga orientação nas lições de Antropobiologia que fizemos em Abril de 1932 no Instituto de Altos Estudos, de Lisboa, e cuja publicação em volume não deve tardar.

Sentimo-nos felizes pela concordância que se estabeleceu entre o prof. Vallois e nós mesmos, independentemente um do outro.

M. C.

D. PEYRONY — *Les abris Lartet et du Poisson à Gorge-d'Enfer (Dordogne)* — «L'Anthropologie», t. XLII, Paris, 1932; *Station préhistorique de la Gare de Couze ou de Saint-Sulpice-des-Magnats* — «Bull. de la Soc. Historique et Archéol. du Périgord», Périgueux, 1932; *Paléolithiques supérieurs européen et africain, rapports entre eux* — «Rev. Anthropologique», XLII, Paris, 1932.

O distinto conservador do Museu de Les Eyzies, faz, no primeiro dos trabalhos acima indicados, um estudo dos abrigos Lartet e do Peixe, daquela região tão interessante para a pre-história, e expõe os resultados das escavações a que procedeu ali, desde 1918 e 1917 respectivamente.

O abrigo Lartet fornecera aos seus primeiros exploradores uma indústria do aurinhacense médio. M. Peyrony encontrou uma indústria da mesma data e ainda algumas peças do aurinhacense inferior, além duma fauna constituída sobretudo pela Rena e Cavallo, e, na base, por 4 molares de *Rhinocerus tichorhinus*, um canino de Urso das cavernas e uma corôa de canino de Leão.

O abrigo do Peixe, famoso pela inscultura dum peixe que apresenta na abóbada e que Peyrony teve a gentileza de me mostrar em 1931 por ocasião duma inesquecível visita ao seu Museu

e a algumas estações próximas, forneceu, nas novas explorações, duas camadas arqueológicas, uma do aurinhacense médio (horizonte das pontas de base fendida) e outra do aurinhacense superior (tipo de Noailles e de Font-Robert). A camada inferior continha, além de outros objectos, um bastão perfurado em chifre de rena. No entulho resultante das escavações anteriores e de lascas caídas da abóbada, apareceram algumas pedras gravadas e pintadas, com figuras animais. O baixo-relêvo do peixe no teto do abrigo é dado por Peyrony como do aurinhacense final, apesar de sugerir a impressão da técnica madalenense.

No segundo trabalho, o A. descreve as suas escavações numa pequena gruta e dois abrigos na margem direita do Dordogne, junto da gare de Couze. A caverna e o abrigo ocidental continham uma industria atribuível ao madalenense superior. O abrigo oriental continha um variado material do musteriense superior, com predomínio do musteriense de tradição acheulense, e fauna dum clima mais frio do que o do pleno musteriense. Havia ainda nêste último abrigo algum aurinhacense superior e algumas peças do madalenense superior.

O terceiro trabalho tem um interêsse muito especial para os estudos da pre-história do S. da Europa. O A. mostra a semelhança entre as peças numerosas do capsense ou getuliense norte-africano e outras do aurinhacense inferior europeu (nível das pontas de Chatelperron) e do azilense do Périgord. A Sicília (apesar da dificuldade oposta por Vaufray com o estabelecimento de que a separação faunística entre aquela ilha e a África do N. já existia no paleolítico superior) teria, para o homem aurinhacense, servido de passagem, na opinião de Peyrony fundada no estudo das indústrias líticas respectivas.

O tipo antropológico de Combe-Capelle, diferente do de Cro-Magnon e afim dos de Brünn, Predmost e Mechta-El-Arbi, daria, segundo o A., uma prova das relações africano-europeias no aurinhacense inferior. Influências africanas, vindas do NO., se manifestariam no azilense pirenaico. A cultura ibero-maurusiana é aparentada com o tardenoisense.

M. C.

COMTE BÉGOUEN & HENRI VALLOIS — *Un cubitus percé d'une fleche en silex* — «Anthropologie», X, Praga, 1932.

Perante um cúbito humano atravessado por uma ponta de flecha de silex, cúbito existente nas colecções arqueológicas do

Museu de Toulouse, dividiram-se as opiniões dos homens de ciência: uns afirmavam que a ponta de sílex penetrara o osso motivando um trabalho completo de reparação óssea; outros pretendiam que a ponta apenas tocara o perióstio e que este, irritado, produzira substância óssea que envolvera o sílex, dando a impressão duma ferida penetrante do osso pela arma pre-histórica.

Retomando o estudo do assunto, com o auxílio da radiografia, os AA. concluem favoravelmente aos primeiros. O sílex penetrou no cúbito levantando uma esquilula que depois se soldou ao resto do osso. As partes ósseas neoformadas não excedem em largura a própria esquilula, tendo havido portanto reabsorção modelante, o que prova que decorreu muito tempo depois da ferida e não houve talvez muita supuração. A morte do indivíduo foi portanto devida a uma causa diversa da ferida do antebraço.

Numa estampa os AA. apresentam outros ossos do Museu de Toulouse atravessados por peças pre-históricas de sílex.

M. C.

EUGÉNIO JALHAY — *¿Serão pré-asturienses as estações pré-históricas do litoral galaico-minhoto?*, sep. da revista «Brotéria», vol. XVI, fasc. II, 9 págs., Lisboa, 1933; *Alguns raspadores da indústria galaico-minhota de tipo asturiense*, sep. da «Revista de Arqueologia», tomo I, fasc. IV, 4 págs., Lisboa, 1933.

A multiplicidade de achados, no litoral galaico-português, da indústria do tipo asturiense, a diversidade tipológica dos seus instrumentos, ou melhor, o facto de, a par dos picos asturienses característicos, aparecerem e até por vezes predominarem instrumentos líticos de indústria indubitavelmente paleolítica (Campasancos, Carreço), a ausência de elementos faunísticos, e o aparecimento de picos em estações muito mais recentes, como por exemplo em certos castros e citânias, tornam bastante complexo o problema da cronologia daqueles documentos do litoral galaico-minhoto.

O A. atendendo ao facto de em certas estações meridionais desta indústria, ou sejam estações portuguesas e da Galiza, aparecerem instrumentos líticos que pela sua morfologia e posição estratigráfica são nitidamente paleolíticos, e pelo contrário à medida que se avança para o norte (Astúrias, Morbihan, etc.) aparecerem, a par dos picos asturienses, elementos de culturas posteriores, mesmo do eneolítico, conclue com muita lógica que as estações

da indústria do tipo asturiense da nossa província do Minho e do sudoeste da Galiza, são duma data mais remota que a do asturiense clássico das Astúrias — são, «falando com todo o rigor, pré-asturienses».

É curioso acentuar que esta tese, agora defendida com certo número de argumentos probantes, tinha sido, como o sr. padre Jalhay informa, pressentida pelo nosso malgrado colega dr. Rui de Serpa Pinto, quando este nosso saudoso companheiro de trabalho dizia a pág. 39 do seu belo estudo *O asturiense em Portugal* («Trabalhos da Soc. Port. de Antr. e Etn.», vol. IV, fasc. I, Pôrto, 1928): «nas estações atlânticas aparecem instrumentos do paleolítico inferior e talvez do superior, o que faz pensar que sejam pré-asturienses como as da Catalunha». Mas da coexistência de picos e de instrumentos paleolíticos, devemos concluir pelo envelhecimento do asturiense galaico-português, ou, como já em 1928 aventou o prof. Mendes Corrêa (*A Lusitânia Pré-romana*, «História de Portugal», vol. I, pág. 116, Barcelos, 1928), pelo rejuvenescimento dos exemplares de morfologia paleolítica, ou ainda pela separação cronológica das duas indústrias?

Confessamos a nossa dúvida, que a falta de elementos estratigráficos e a possibilidade de factos de convergência, como o A. por exemplo assinala em relação à Irlanda, intensificam.

O segundo trabalho é uma nota descritiva de duas lascas de quartzite retocadas numa grande zona do respectivo bordo, de modo a afeiçoarem-se em raspadores. Foram encontradas pelo A., uma na estação de La Guardia, a outra na estação portuguesa de Âncora.

O sr. padre Jalhay compara estes dois raspadores com dois outros inteiramente semelhantes que pelo ilustre arqueólogo espanhol Conde de la Vega del Sella foram descobertos na gruta de Balmori na costa cantábrica entre instrumentos ípicos da camada inferior da gruta (solutrense).

SANTOS JÚNIOR.

FLORENTINO LOPEZ CUEVILLAS — *Los brazaletes posthallstáticos del noroeste hispánico* — Sep. do n.º 24 do «Archivo Español de Arte e Arqueología», 12 págs., 4 figs. e 2 ests., Madrid, 1932.

Inventário sintético dos braceletes de ouro, cobre e vidro, aparecidos na área geográfica dos antigos conventos jurídicos de *Asturica*, *Bracara* e *Lucus*.

Cuevillas, laborioso e incansável arqueólogo galego, informa-nos das condições e data do aparecimento de cada uma dessas lindas jóias pre-romanas, algumas inéditas e outras já conhecidas e mais ou menos estudadas.

Entre as últimas avulta o riquíssimo bracelete de Lebução, Valpassos, Trás-os-Montes, acerca do qual o seu proprietário, o eng.º Ricardo Severo, publicou em 1906 uma circunstanciada notícia no vol. II da «Portugália».

A propósito de cada uma das jóias estudadas, Cuevillas faz eruditos comentários que o levam a enfeixá-las num grupo, cuja cronologia o título do próprio trabalho indica.

São interessantes as notas críticas que ao A. sugeriu o fragmento de bracelete de vidro da Cidade de Terroso, Póvoa de Varzim. Este fragmento é, até à data, exemplar único e conserva-se no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto.

As considerações feitas pelo A. sobre esta jóia de vidro, teem o maior interesse, pois que são ainda obscuros muitos dos problemas que dizem respeito à indústria pre-histórica do vidro, sua procedência, introdução e vias de dispersão na Europa e particularmente na Península Ibérica.

S. J.

MAURICE REYGASSE — Contribution à l'étude des gravures rupestres et inscriptions tifinar du Sahara Central — 1 vol. de 98 págs. e numerosas estampas e figuras. Alger, 1933.

O eminente pre-historiador de Argel dá-nos neste importante volume uma grande quantidade de gravuras rupestres e inscrições tifinar do Saará Central que foram por êle descobertas em 1928. Antes, faz, porém, uma detalhada resenha bibliográfica sobre os documentos do género, da mesma região, que já tinham sido publicados. A reprodução do alfabeto líbico e tifinar, de Duveyrier, facilita as tentativas de decifração das inscrições recolhidas. O prof. Reygasse publica também algumas marcas de propriedade que viu em camelos dos Tuareg. Apesar de tudo, embora os Tuareg ainda utilizem os velhos caracteres líbicos pouco modificados e possam dar um valor fonético a cada carácter das inscrições rupestres arcaicas, o sentido destes textos escapa-lhes, como sucede aos investigadores europeus.

O A. faz considerações várias sobre a cronologia provável dos documentos encontrados e sobre as suas relações com aná-

logos materiais doutras regiões como a África do Sul e a Espanha.

As semelhanças entre alguns sinais do Hoggar e certos sinais da arte rupestre e algumas inscrições peninsulares, são, na verdade, impressionantes. Impor-se-ia um estudo comparado especial.

M. C.

A. A. MENDES CORRÊA — As origens da cidade do Porto — «Estudos Nacionais», N.º XIV, 54 págs., 12 figs., Gaia, 1932.

«Antigamente sobre o Douro foi povoado o castelo de Gaia, e por aportarem ali mercadores em navios e assim pescadores por o rio dentro e ancorarem e estenderem suas redes da outra parte do rio para isso mais conveniente, se povoou outro lugar, que se chamou Pôrto, que ora é cidade mui principal, donde, ajuntados êstes dous nomes, foi chamado Portugal.»

Este trecho da crónica de Afonso Henriques, deixa transparecer a maior antiguidade de Gaia em relação ao Porto.

Esta tese pela qual o burgo do Porto teria resultado dum desdobramento da povoação — mais antiga — de Gaia, foi, pode dizer-se, quasi geralmente aceite, se bem que vários autores, desde o século XVI até aos nossos dias, a tivessem contestado.

Duarte Nunes de Leão, Gaspar Estaço, D. Rodrigo da Cunha, Contador de Argote, Rebelo da Costa, Alexandre Herculano, João Pedro Ribeiro, Alberto Sampaio, o Prof. Ricardo Jorge e muitos outros aceitaram e defenderam a tese que referimos.

Entre os poucos que se pronunciaram contra, localizando Cale ao norte do rio Douro e atribuindo portanto ao burgo portuense uma maior antiguidade em relação a Gaia, figuram o beneditino Pereira de Novais, Simão Rodrigues Ferreira, Hübner, Vergílio Correia e Leite de Vasconcelos.

Há sem dúvida argumentos, ao menos aparentes, que permitiriam fundamentar a hipótese da localização de Cale ao sul do Douro.

O A. analisa serenamente cada um desses argumentos, dentre os quais avulta o da aparente afinidade verbal de *Cale* com Gaia, que logo a seguir prova não existir de facto.

Com um raciocínio calmo e seguro escarpelisa um a um os vários argumentos, demonstrando que nenhum deles prova suficientemente a tese da maior antiguidade de Gaia em relação ao burgo portuense.

Vêm depois as provas nas quais se estabelece firme alicerce para dar à velha *Cale* uma localização a norte do Douro.

São provas fornecidas pelos antigos textos. É mesmo uma muito maior riqueza arqueológica da região hoje ocupada pela cidade e pelos seus arredores septentrionais.

São as indicações toponímicas fornecidas pela designação de *Cividade* dada num documento de 1521 a um sítio *desta cidade*. O topónimo caíra desde então no esquecimento e ninguém até agora surgira a dar-lhe o verdadeiro valor.

Entre as razões que o Prof. Mendes Corrêa invoca a favor da localização de *Cale* ao N. do Douro avulta a fornecida pelo texto de Salústio, o mais antigo texto conhecido em que ha referência a *Cale*, e no qual se lê «*Cales civitas in campania est et in Gallaecia hoc nomine quam Sallustius captam a Perperna commemorat.*» (pág. 30).

Quer dizer, e é o próprio A. que o salienta, «no séc. I a C., *Cale* ou *Cales*, como *civitas* da Galécia, era localizada ao N. do Douro (visto que o rio era o limite meridional daquela região) e já desempenhava um papel histórico importante nas guerras de Sertório».

No séc. V vem em Idácio a primeira referência a *Portucale* e, segundo João Pedro Ribeiro, já no séc. VI se conhecem, com segurança histórica, bispos portucalenses.

O A. estuda a origem e a evolução de *Portucale* que foi tendo uma importância sucessivamente crescente, servindo porcerto de pôrto de *Cale* sôbre o Douro. É lógico admitir que o primitivo *Portucale* estaria localizado em sítio não longe da actual Ribeira, certamente na confluência do Rio da Vila com o Douro.

Aborda o A. em seguida o interessante problema do *Portucale castrum antiquum* e do *Portucale castrum novum* mencionados nas actas do concílio de Lugo, que a crítica histórica mostrou terem sido escritas três a quatro séculos mais tarde.

As investigações a que o Prof. M. C. se entregou para a localização da *Cividade*, permitiram-lhe assentar em que *Portucale castrum novum*, o castelo ou burgo episcopal, assente na Pena Ventosa no local que hoje ocupa a Sé, era distinto da velha *Cale* correspondente à elevação da *Cividade*, e do primitivo *Portucale* da Ribeira.

A última parte do trabalho compreende o capítulo intitulado «*A localização da Cividade; primeiras escavações*».

Baseado nas primeiras indicações fornecidas pelos documentos pôde o Prof. M. C. localizar a *Cividade* perto de S. Bento, sem contudo estabelecer com segurança qual o môrro ou cabeço onde se teria erguido êsse agregado primitivo.

Um novo documento de 1519 falando «na viela que vai da travessa do Souto para a cidade de sôbre os Pelames», conduziu o A. à perfeita solução do problema.

Assim o Prof. M. C. foi descobrir em pleno coração do Pôrto, pelas indicações dos textos e do toponímia, um alto com optimas condições topográficas duma citânia ou cidade, de encostas escarpadas, que o casario oculta completamente.

Esse monte fica situado a sul da estação de S. Bento entre a calçada do Corpo da Guarda e a Rua Chã, separado da eminência da Sé pelo vale da rua Escura, e sendo ladeado a O. pelo vale do Rio da Vila.

As primeiras escavações feitas no alto dêsse monte hoje ocupado por casas e quintais, não deram elementos que permitissem juntar uma confirmação arqueológica às indicações dos documentos históricos, toponímicos e topográficos, que justificam a tese do Prof. Mendes Corrêa. Mas essa confirmação não é indispensável para se considerar esta como fundada.

S. J.

LOTHAR WICKERT — Bericht über eine zweite Reise zur Vorbereitung von CIL II SUPPL. 2 — Sonderausg. aus den «Sitzungsberichten der Preuss. Akad. der Wissenschaften» — Berlin, 1931.

O dr. Lothar Wickert reuniu em Portugal e Espanha em 1931 novos materiais epigráficos para um segundo suplemento ao *Corpus* de Hübner. No presente trabalho faz uma resenha sumária dos resultados da sua frutuosa jornada na Península. No nosso país, deteve-se sucessivamente em Faro, Beja, Lisboa, Castelo Branco, Coimbra, Viseu, Pôrto, Bragança, Guimarães e Braga.

Com justiça o A. se refere ao esforço do prof. Leite de Vasconcelos, organizador da bela colecção epigráfica do Museu Etnológico, mas não esquece outros Museus e mesmo investigadores locais isolados. Detem-se na análise da célebre inscrição de Aljustrel (*metalli Vipascensis*) de que dá uma leitura sua. Depois de se referir à série de grafitos latinos do Museu Antropológico do Pôrto, põe em relêvo o interesse da inscrição de Grilo, publicada por Crispiniano da Fonseca num jornal e da qual lhe fôra dada notícia pelo malogrado investigador Rui de Serpa Pinto. Muitos outros documentos epigráficos recolheu no nosso país.

O dr. Wickert, tendo visitado Ciudad Rodrigo e Salamanca, num intervalo da sua viagem no centro de Portugal, alude à coleção de placas de xisto com sinais «enigmáticos», pertencente ao padre Serafin Tella, coleção a que nos referimos em 1929 no Congresso do Progresso das Ciências, de Barcelona, no discurso inaugural da secção de Ciências Históricas (v. respectivo volume do Congresso) e da qual também se ocupou Cabré num artigo, em 1930, nas Actas e Memórias da Sociedade Espanhola de Antropologia. Voltámos a tratar do assunto em 1931 no Congresso de Antropologia de Paris, devendo publicar-se em breve esta comunicação.

O dr. Santos Júnior encontrou, há poucos meses, frizantes afinidades entre os sinais enigmáticos de Lerilla e alguns espécimes de arte rupestre de Trás-os-Montes. Mas não é agora o lugar para tratar do assunto, visto que o trabalho do dr. Wickert se refere a epigrafia latina. É certo, porém, que o distinto investigador alemão recorda, a propósito das inscrições do rev. Tella, o que Hübner dizia nos *Monumenta Linguae Ibéricae* a propósito da inscrição de Cardenosa (prov. de Ávila): «Subest titulus genuinus sive Latinus sive Ibericus sive Cusinus; sed nihil intellego».

M. C.

GERRIT S. MILLER — *Humain hair and Primate patterning* — «*Smithsonian Miscellaneous Collections*», vol. 85, n.º 10, Washington, 1931.

O ilustre mamologista do Museu Nacional dos Estados Unidos examina no Homem e nos Primatas a distribuição de áreas diferentemente coloridas no revestimento piloso, o desenvolvimento desse revestimento nas várias partes do corpo e a combinação dessas diversidades de desenvolvimento com as de coloração. Conclui, com exemplos bem sugestivos de que dá excelentes gravuras, que não é possível estudar, como alguns autores teem feito, o assunto no homem, independentemente dos outros Primatas. Há caracteres comuns que é preciso tomar em conta.

M. C.

M. B. BARBOSA SUEIRO — *A morfogenia de algumas variações raquidianas no Homem* — Lisboa, 1933, 1 vol. de 285 págs., com 121 figs.

Como dissertação de concurso, o Sr. Dr. Barbosa Sueiro, que no Instituto de Anatomia de Lisboa, onde há alguns anos trabalha, se tem principalmente dedicado ao estudo das variações ósseas do ráquis, publicou uma obra, subordinada ao título acima mencionado.

Para a sua elaboração, utilizou o A. abundante material não só daquele Instituto, mas ainda o da preciosa coleção osteológica Ferraz de Macedo (Museu Bocage da Faculdade de Ciências), e as vértebras prè-históricas do Museu de Paleontologia humana dos Serviços Geológicos de Portugal. E para bem apreender as semelhanças e diferenças entre as vértebras humanas e as dos restantes Vertebrados, estudou também esqueletos de Peixes, Batráquios, Aves e Mamíferos que existem no Museu Bocage.

Na primeira parte expõe a teoria do arquetipo vertebral de Owen e as modificações que nela foram introduzidas por Baur, cujo esquema adopta, mas modificando-o de forma a ser aplicado a todos os casos.

Com a teoria do arquetipo vertebral, o A. deseja mostrar que com ela está de acôrdo a morfologia raqui-costal de tóda a escala dos Vertebrados, incluindo o Homem, havendo, pois, para êste segmento do corpo uma unidade morfológica — o arquetipo vertebral.

No ponto de vista ontogénico, descreve rapidamente o desenvolvimento do ráquis nos Vertebrados e mostra que, na ossificação do segmento vértebro-costal humano, os núcleos se dispõem segundo o esquema do arquetipo vertebral.

Na segunda parte do trabalho, o Dr. Barbosa Sueiro faz a aplicação da referida teoria na interpretação de muitas variações raquidianas no Homem.

No segmento cervical, estuda as variações do arco vertebral por deficiência de ossificação, a deiscência dos buracos transversários, o buraco e a chanfradura retro-transversários do atlas, a multiplicidade dos buracos transversários, o buraco e a chanfradura prè-transversários da 6.^a e da 7.^a vértebras cervicais, as costelas cervicais (toracização ou dorsalização das vértebras cervicais), as irregularidades morfológicas das apófises transversas da 7.^a vértebra cervical, e ainda variações associadas; no segmento torácico, estuda o buraco e chanfradura transversários das vértebras (cervicalização das vértebras), as variações das raízes costais e variações associadas.

No ráquis lombar humano, analisa as variações do arco vertebral, as costelas lombares, os buracos, canal e chanfradura costiformes, além de outras variações dos apêndices costiformes e do buraco e chanfradura rétro-costiformes e variações associadas.

Em seguida, trata da deiscência do canal sagrado e do canal sagrado acessório.

Tôdas estas variações, de que fez um pequeno estudo estatístico, confrontando as suas observações com as de outros anatómicos, são interpretadas pelo A., referindo-as ao arquétipo vertebral que propõe.

Sobre a significação geral das variações raquidianas, adopta Barbosa Sueiro a opinião de Peters que as julga consistirem em variantes no processo germinativo e não resultantes de processos transformativos, no decurso da ontogénese. «Estas variantes (escreve o A.) podem agrupar-se em duas classes, as que resultam da multiplicação ou redução da segmentação originária e as que resultam de deficiências do próprio plasma germinativo. Mas, quer num quer noutro caso, as variantes executam-se segundo as directrizes marcadas pela morfologia arquitectural do esquema do arquétipo vertebral.»

A bibliografia com que o trabalho termina é bastante rica.

Quiz o A. neste seu trabalho, guiado pela ideia teórica do arquétipo vertebral, explicar as variações raquidianas de todos os Vertebrados, incluindo o Homem, nos vários segmentos da coluna, agrupando assim, num trabalho de síntese, as observações que detalhadamente fizera, e já em grande parte havia descrito e publicado.

E fê-lo, como afirma, convencido de que, se teorizar em excesso é prejudicial em Ciência, laborar apenas num sentido estreitamente objectivo e descritivo é negar o próprio método científico. «Não basta fazer análise para se praticar uma ciência, é preciso também conceber sínteses». E salienta a vantagem do simbolismo nas ciências, por possuir «o subido valor de exprimir as sínteses numa maneira altamente eficaz, porque fala aos sentidos com a maior eloquência.»

Assim é, realmente, quando essas sínteses se apoiam em factos rigorosamente observados e criteriosa e escrupulosamente julgados. E já dizia Manouvrier que são sobretudo os factos *explicados* que constituem propriamente a Ciência.

HERNANI MONTEIRO.

VICTOR FONTES — Os músculos intrínsecos da mão nos portugueses de condição humilde — Lisboa, 1933, 1 vol. de 288 págs., com 153 figs.

Como tese de concurso a uma vaga de professor auxiliar de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, acaba o Sr. Dr. Vitor Fontes de publicar um extenso trabalho acerca dos músculos intrínsecos da mão, elaborado no Instituto de Anatomia lisboense, da sábia direcção do distinto professor Sr. Dr. Henrique de Vilhena.

Esta obra é apenas um capítulo de um estudo a que, desde alguns anos e nos pontos de vista antropológico, morfológico, fisiológico e psicológico, se entrega o autor, no desejo de conhecer, no seu conjunto, a mão, segmento do corpo humano, a que, há tantos séculos, Galeno, no seu Tratado «De usu partium», entoou um hino magnífico, e de que ainda há pouco o alemão Peters, — estudando a idade evolutiva e a constituição dos tecidos da mão — escreveu ser nele múltipla a expressão da idade, do sexo, e do carácter. Na mão (diz Peters) gravam-se, como no rosto, as alegrias e os sofrimentos da vida, porque rosto e mão constituem, do corpo inteiro, os segmentos mais expressivos e que melhor traduzem as manifestações intelectuais.

E, no dizer do autor alemão, o mais fiel servidor do cérebro, o intermediário inteligente entre idea e realização, entre o indivíduo e o mundo exterior, o princípio da forma, o instrumento mais maravilhoso de toda a criação, o órgão que dá vida à idea, é a mão!

O Dr. Vitor Fontes, para o largo estudo que promete, deseja ainda, das investigações que está realizando, tirar ensinamentos úteis na prática clínica, pelas aplicações médicas e cirúrgicas a que podem conduzir.

No trabalho, cujo aparecimento agora assinalamos, trata o autor apenas da miologia intrínseca da mão nos portugueses de condição humilde, para o que dissecou cuidadosamente 200 mãos (50 cadáveres masculinos e 50 femininos), e ainda, para comparação, mãos de indivíduos africanos de raça negra e de cinco macacos «*Cercopithecus mona*».

Na primeira parte do trabalho, o A. estuda a miologia intrínseca da mão, isto é os músculos da região ténar (curto abductor do polegar, curto flexor, oponente e adutor), e da região hipoténar (palmar cutâneo, abductor do mínimo, curto flexor e oponente), deixando, por ter de apresentar a tese um praso certo, para publicação ulterior os músculos da região média (lombricoides e interósseos palmares e dorsais).

Para cada um daqueles músculos, descreve o tipo mais vulgar ou habitual (situação, inserções, relações, etc.), em seguida as suas variações, — sem esquecer as variações à direita e à esquerda e as que se relacionam com o sexo e com a idade —, e por último analisa a respectiva acção, que é extremamente complexa, aludindo à influência que as variações anatómicas de cada músculo podem ter nos movimentos habituais.

Depois deste circunstanciado estudo analítico, o A., na segunda parte do trabalho, ocupa-se do aspecto funcional da mão, isto é « a apreciação do conjunto dos movimentos que a mão executa e que, sendo de facto consequência dos movimentos parciais, tem no entanto um valor funcional diferente ».

Começa por nos dizer qual a posição descritiva da mão, para estudar em seguida a mão no estado de repouso e os seus movimentos intrínsecos. Passa em revista os movimentos do polegar e os dos quatro últimos dedos, e termina por mencionar certos movimentos menos habituais dos dedos, de origem constitucional ou adquiridos, e movimentos anormais, fechando com algumas conclusões de ordem geral e com uma extensa Bibliografia.

Devo salientar que o A., para estudo dos movimentos dos dedos e da mão, ideou um processo que lhe permitiu avaliar a dinâmica da mão. Assim obteve curiosos *moldes do movimento*, metendo a mão numa massa plástica, e efectuando aí os movimentos que pretendia estudar. « Conseguida a fôrma (são palavras do A.), tirávamos a mão, tendo o cuidado de não alterar os vazios correspondentes aos espaços que os dedos tinham percorrido; repúnhamos a fôrma e vasavamos-lhe então gesso para fazer o molde. Assim obtivemos interessantes moldes onde vimos fixadas as fases sucessivas dos movimentos executados. Eram como que *sólidos de revolução* em que as *geratrizes* eram os próprios dedos ».

Esses moldes, reproduzidos no trabalho, foram apresentados no recente Congresso da *Association des Anatomistes* (Lisboa, Abril de 1933).

Também para apreciar a orientação dos dedos, à medida que se movem, imaginou o A. um outro processo engenhoso, que consiste em obter diagramas, que igualmente se veem reproduzidos no livro, havendo ainda, na intenção de documentar o mais possível o seu trabalho, obtido ergogramas dos movimentos de oposição e adução do polegar.

Novos estudos sobre a mão nos anuncia o Dr. Vitor Fontes, alguns dos quais já em publicação.

Da leitura do livro fiquei com a impressão de que as investigações do A. confirmam a tese daqueles que dizem não haver o *Homem*, mas *homens*, e juntando a este conceito o critério, que

o A. também segue, de relacionar a Fisiologia a tais pesquisas, concluiremos que o estudo do Dr. Vitor Fontes vem dar razão aos cientistas que (se não fôra o uso havê-la consagrado) entendiam dever substituir-se a clássica designação de *Anatomia humana* pela (mais lata e exacta) de *Morfologia dos homens*, visto que o fim a que o morfologista se propõe, não é apenas o de conhecer pela dissecação o organismo feito cadáver, mas sim conhecê-lo vivo, utilizando para isso tôdas as modernas técnicas semióticas, endoscópicas, radiológicas, experimentais, etc.

H. M.

K. SALLER UND F. MAROSKE — *Chemische und genetische Untersuchungen an menschlichen Pigmenten, speziell denjenigen des Haares* — Extr. de « *Zeitschrift fuer Konstitutionslehre* », Berlim, 1932.

Dão-nos os AA. os resultados das investigações químicas e genéticas que fizeram em pigmentos humanos, principalmente no do cabelo.

Estudam as espécies dos pigmentos, as relações entre os pigmentos e a cor dos cabelos, o parentesco dos pigmentos entre si, bem como o processo do embranquecimento e o albinismo parcial. A hereditariedade dos cabelos ruivos, as relações genéticas entre os castanhos ruivos e albinismo e ainda as correlações nos cabelos ruivos também foram analisadas detalhadamente.

Concluem os autores por afirmar que há 2 pigmentos: um castanho escuro e outro vermelho amarelado, o primeiro granuloso e o segundo em distribuição difusa. A cor da pele nos indivíduos de cabelo ruivo é desde branca amarelada até branca carminada, as sobrancelhas e pestanas geralmente louras ou louras ruivas; a barba é sempre ruiva. Os olhos azuis estão correlacionados tanto com os cabelos ruivos como com os louros.

A. ATAÍDE.

F. KISS — *Les rapports entre le pneumogastrique et le grand sympathique* — « *Archives du Museum d'Histoire Naturelle* », tomo VII, Paris, 1931.

O Prof. F. Kiss, da Universidade de Szeged (Hungria), que tem dedicado muito particularmente a sua atenção ao estudo dos

nervos pneumogástrico e simpático e suas relações, chegou à conclusão de que o tão falado sistema para-simpático carece de base anatômica.

Iniciou as investigações a tal respeito, examinando histologicamente no Homem, pelo seu método especial de coloração pelo ácido ósmico, as diferentes partes do tronco e dos ramos do pneumogástrico, as anastomoses entre o gânglio plexiforme e o gânglio cervical superior, os nervos cardíacos, etc. a que mais tarde juntou o exame histológico dos gânglios cranianos no Homem e em diferentes Mamíferos (III Reunião plenária da Sociedade Anatômica de Paris, 1931, e *Journal of Anatomy*, Julho de 1932).

Depois, dissecou cuidadosamente, em Paris, grande número de Mamíferos, Aves, Reptis, Anfíbios e Peixes da opulenta colecção do Laboratório de Anatomia Comparada do prof. Anthony, para estudo das relações entre aqueles nervos, e, conjugando todos os os elementos colhidos nas suas investigações, concluiu que os ramos cardíacos e abdominais do pneumogástrico se compõem sobretudo de fibras — simpáticas — cuja origem está fora do X par, não oferecendo, pois, tais ramos nenhuma base anatômica que permita supôr a existência de fibras para-simpáticas. E assim, os fenómenos chamados «para-simpáticos» devem ser considerados como fases negativas do simpático.

Para o prof. Kiss, cujo trabalho de que estamos dando notícia, é ilustrado com 49 figuras, não há diferença essencial entre as relações do pneumogástrico e do simpático e as relações entre os nervos espinais e o simpático. Com as suas investigações anatómicas e histológicas julga provar que as vísceras são inervadas por ramos sensitivos cérebro-espinais e ramos motores e secretórios simpáticos.

H. M.

THORDAR QUELPRUD — *Über Zwillingsohren* — «*Zeitschrift für Ethnologie*», 64. Jahrgang, 1932; id., *Untersuchungen der Ohrmuschel von Zwilling* — «*Zeitschrift für induktive Abstammungs und Vererbungslehre*», Band LXII.

O A. fez as suas investigações no Instituto Imperador Guilherme de Antropologia, Hereditariedade humana e Eugenia, de Berlin-Dahlen (director, prof. Dr. E. Fischer), na secção de Hereditariedade chefiada pelo Dr. Fhr. v. Verschuer, ilustre especialista no estudo dos gémeos.

Nêstes dois trabalhos, ocupa-se o sr. Quelprud dos caracteres do pavilhão auricular nos gémeos. Fez observações em mais de 30 pares de gémeos univitelinos, em mais de 25 pares de gémeos bivitelinos do mesmo sexo e ainda em casais de gémeos, verificando uma nítida inferioridade das diferenças médias nos primeiros em relação aos segundos e terceiros para tôdas as medidas lineares e angulares.

Estas diferenças são estudadas pelo A., em cada par de gémeos, entre as orelhas do mesmo lado e entre as orelhas dos lados contrários, e, em cada pessoa, entre as duas orelhas.

M. C.

HENRI V. VALLOIS — *L'humérus des Fuégiens* — «*Anthropologie*», X, Praga, 1932.

O ilustre professor de Toulouse estudou 28 húmeros de Yahgan, existentes no Instituto de Antropologia de Florença, e examinou também 26 exemplares das colecções romanas, que foram objecto da recente descrição de Jazzeta. Confrontando ainda os seus resultados com os de outros autores, concluiu que os húmeros foguinos apresentam uma grande homogeneidade e caracteres morfológicos especiais como: forte encurvamento, para dentro, da metade superior da diáfise; desenvolvimento extraordinário do V deltoideu, com acentuada platibraquia; muito baixo ângulo de torsão; ângulo de divergência muito elevado; etc. O tipo humeral dos Foguinos é muito diverso dos dos Negros e Australianos, aproximando-se mais dos húmeros das raças amarelas e dos Índios da América. São muito interessantes as suas afinidades com o humero esquimó e com os húmeros doutras populações árticas da América e do NE. da Ásia. O A. pergunta se essas afinidades serão atribuíveis a um idêntico modo de vida ou a um certo parentesco étnico?

Esta última hipótese já foi posta por alguns autores, em face doutros caracteres.

M. C.

KAARLO HILDEN — *Weitere Beitrag zur Kraniologie Feuerlander* — Extr. de «*Acta geográfica*», IV, N.º I, Helsingfors, 1931.

O A. apresenta o estudo que fez dum crânio indiano da terra do Fogo colhido pela expedição da Sociedade de Geografia da

Finlândia. Os caracteres deste exemplar coincidem com os de outros já estudados, devendo salientar-se que também este apresenta bastantes caracteres primitivos, tanto no neurocrânio, como no splanocrânio, que indicam ligações ancestrais entre esta população e as das linhas austromelanésicas, confirmando assim os resultados a que tinham chegado outros investigadores.

A. A.

FELIX REGNAULT — *Il n'y a pas une race juive* — «Revue Anthropologique», XLII ano, Paris, 1932.

Nem sobre os dados históricos, nem sobre a patologia, nem sobre a antropologia, se pode hoje admitir a existência duma *raça judaica*. Os estudos sorológicos de Kossowitch e Benoit veem confirmar essa tese. O dr. Regnault diz que anatomicamente há tantas raças judaicas como os paízes que os Judeus habitam. Psicologicamente, a única afinidade que une todos os Judeus, é a sua religião. Eles não falam a mesma língua, não teem os mesmos costumes, as mesmas ideias. Pode-se dizer que os Judeus formam uma etnia somente religiosa.

M. C.

K. SALLER — *Die Probstei (Kreis Plon)* — Extr. de «Zeitschrift fuer Morphologie und Anthropologie», vol. XXXI, fasc. 2.

É uma investigação antropológica em Probstei, região situada no Mar Báltico junto de Kiel. O autor observou 2.000 indivíduos desde a idade dos 6 anos. Observou a modificação dos caracteres com a idade, bem como as diferenças sexuais, e calculou diferentes correlações, que eram mais elevadas entre as medidas do corpo que entre as do corpo e as da cabeça. Entre estas últimas eram mais fortes as calculadas entre as larguras e ainda entre as diferentes alturas da face.

A pigmentação apresentou-se independente dos diferentes caracteres métricos.

Segundo os resultados do A. trata-se duma população de estatura elevada, mesaticéfala, de face relativamente larga, olhos azuis e fraco excesso de cabelos castanhos escuros, o que a aproxima mais das populações do Báltico oriental do que de outras nórdicas como sejam suecos e noruegueses.

A. A.

OLIVEIRA VIANA (F. J. DE) — *Formation ethnique du Brésil colonial* — Extr. «Revue d'Histoire des colonies», N.º 5, págs. 433-450, Paris, 1932.

Este eminente e laborioso etnólogo brasileiro, que tantos e tão belos trabalhos nos tem dado sobre o problema complexo da etnogenia do Brazil, aborda no trabalho presente o estudo da influência que as ondas colonizadoras dos negros de África e dos brancos exerceram na população indígena.

Mercê de condições especiais de geografia humana ainda hoje se encontram no Brazil os tipos característicos de cada uma das três entidades raciais: negra, indígena e branca.

Os negros viviam na sua grande maioria nos *engenhos*, ou sejam fábricas de assucar exploradas pelos brancos. A sua situação de escravos mantinha-os condensados nesses núcleos industriais, num estado de pureza étnica.

Os índios, após a chegada dos escravos de África, abandonaram os engenhos e passaram a viver em *aldeias* situadas à roda dos engenhos e das grandes fazendas de exploração agrícola. Nestas aldeias os índios viviam aglutinados e mais ou menos libertos de cruzamentos estranhos. Esta independência era tal que ainda hoje é possível encontrar, mesmo no sul do Brazil, aldeias indígenas com uma pureza de sangue como a dos períodos anteriores à descoberta, conquista e colonização. Estes agregados de raça indígena pura constituem aquilo a que o A. chama e bem, verdadeiras ilhas étnicas.

Os brancos, geralmente senhores de largos bens materiais em propriedades agrícolas e em *engenhos*, constituíam uma verdadeira aristocracia que se mantinha quasi absolutamente estranha a cruzamentos com negros ou indígenas. Um ou outro mestiço era rapidamente absorvido por qualquer dos tipos dominantes que o originava.

Num último capítulo o A. estuda a função etnogenética das regiões costeiras, duma espécie de zona marginal, intermediária à área dos *engenhos* e das aldeias.

Nesta zona intermediária, verdadeiro laboratório de transformação das raças, viviam: brancos pobres acabados de chegar da Europa; alguns índios que tinham abandonado as suas aldeias; os mestiços vagabundos sem eira nem beira; os mulatos que, nascidos nos engenhos, foram depois libertos pelos seus senhores; por último os negros, na sua maioria sudaneses, que mercê do seu esforço recuperaram a liberdade.

Foi no seio desta população heterogénea e heteromorfa que se realizou o grande processo de transformação das raças, por

contacto e fusão dos três tipos étnicos: africano, aborígine e ariano.

E o A. termina dizendo: «Et c'est un beau spectacle de les y voir, pendant les trois siècles coloniaux, se précipitant dans le «melting-pot» pour l'oeuvre prodigieuse de la fusion.»

S. J.

PROF. ALBERT SCHWEITZER— *Entre el agua y la selva virgen (Relatos y reflexiones de un médico en la selva del Africa Equatorial)* — Prólogo del DR. ALEJANDRO LIPSCHÜTZ, 1 vol. de 240 págs. e 18 figs., Javier Morata, Editor, Madrid, 1932.

Um dia, o conhecido biólogo Lipschütz fazia, num vapor alemão, a travessia do Atlântico Sul. Ao chegar à Ilha da Madeira, encontrou, abandonado na coberta do vapor, um livro de Schweitzer e leu-o com sofreguidão nos jardins do Funchal. Tão encantado ficou com a leitura que promoveu imediatamente que saísse uma edição espanhola da obra.

O Prof. Lipschütz vai dizer-nos, antes de mais nada, quem é o seu autor. Filho de um pastor protestante alsaciano, A. Schweitzer seguiu a carreira de seu pai. Dedicou-se à filosofia e à música e tornou-se um brilhante professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Estrasburgo e um famoso intérprete de Bach. Um homem vulgar tinha já com que preencher a sua vida inteira. Porém Schweitzer, dotado, desde a infância, de uma alma de apóstolo, entendeu que era um dever dedicar o seu esforço ao bem da humanidade. E, para se lançar nessa carreira benemérita, julgou que não haveria melhor meio do que fazer-se médico e ir tratar os selvagens de África. Aos trinta anos foi, portanto, matricular-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Estrasburgo, em cuja Faculdade de Teologia era mestre.

Doutorado em Medicina, partiu para a África Equatorial francesa, abandonando a sua carreira de professor e a sua actividade de concertista.

Alguns missionários tinham-lhe revelado a imensa miséria física dos indígenas da Floresta Virgem. Os progressos da medicina puseram à nossa disposição muitos conhecimentos e meios eficazes contra as doenças e as dores físicas.

As nações colonizadoras mantêm, é certo, umas centenas de médicos em África, para cuidar dos negros. Mas essa assistência oficial é extremamente insuficiente. Deve chegar o momento em

que médicos voluntários em número bastante, vão, por esse mundo fora, tratar os indígenas de raças inferiores. Só assim a raça branca corresponderia à responsabilidade que lhe incumbe em frente aos homens de cor, que tratou tão barbaramente durante séculos.

Logo que obteve o seu grau de doutor em medicina, Schweitzer, acompanhado por sua esposa, que fisera o curso de enfermagem, partiu para a região do Ogué, na Costa do Gabão, onde montou um hospital para tratamento dos indígenas (1913).

Ali empregou tudo quanto tinha ganho como organista e tudo quanto apurou na venda do seu livro sobre Bach, que fôra publicado em três línguas. A Sociedade Missionária de Paris e numerosos bemfeitores ajudaram a obra singularmente benemérita do Prof. Schweitzer.

Informa o autor dêste curioso livrinho que a Costa do Gabão foi descoberta pelos Portugueses no século XV, e que foram os nossos antepassados quem desenvolveu a agricultura daquela região, introduzindo ali numerosas espécies de vegetais úteis.

Durante quatro anos e meio serviu Schweitzer de médico da Selva Virgem e, na série de capítulos dêste livro curiosíssimo, conta os episódios da viagem e a vida aventureira, num país «que devora os seus habitantes.» São impressionantes as páginas em que o médico apóstolo refere as dificuldades que teve em explicar aos negros como foi possível estalar a guerra, com tão grande ferocidade, entre povos que aceitavam e prégavam o Evangelho...

Êste livrinho, escrito para o grande público, ocupa-se largamente, em linguagem corrente, da lepra, da doença do sono e de muitas outras doenças tropicais.

São também deveras interessantes as páginas que tratam da psicologia do Negro.

É digna de nota a imparcialidade com que o Prof. Schweitzer se ocupa de questões religiosas. Sendo protestante, o autor, ao comparar as missões da sua religião com as católicas, não hesita em declarar que, «respeito a organização, a missão católica lhe parece, em alguns pontos, superior à evangélica». Lamenta a rivalidade entre as duas confissões religiosas, rivalidade que confunde os indígenas e prejudica a causa do Evangelho.

É singular a atitude dos homens superiores perante o problema da multiplicidade das confissões religiosas.

Schweitzer, sendo protestante, fala com respeito das missões católicas.

E o grande biólogo Lipschütz prefaciando a edição espanhola dêste livro, declara-se judeu, e pergunta a si próprio como

é possível a um indivíduo da sua raça prefaciá uma obra de puro carácter evangélico.

A verdadeira tolerância só pode encontrar-se em pessoas de alta cultura e de perfeita formação moral.

PIRES DE LIMA.

—
MENDES CORRÊA—*L'étude du criminel au Portugal*—«Revue de Droit Penal et de Criminologie et Archives de Médecine Légale». Enero-Febrero, 1932.

El título del epígrafe corresponde a la conferencia dictada por el autor en el Palácio de Justicia de Bruselas, bajo los auspicios de la Unión Belga de Derecho Penal. El estudio individual de los delincuentes—según el autor—se realiza en Portugal desde hace 50 años. En el antiguo derecho portugués la personalidad biológica, psicológica y moral del criminal no era tenida en cuenta. Para determinar la elección de la pena se consideraban ciertas condiciones psicológicas del crimen, como la cólera, la malicia y la intención; pero más que la naturaleza del delito interesaba al legislador la clase social del ofensor y del ofendido, el sexo del delincuente, la nacionalidad, la religión y su origen étnico. En ciertos municipios, por ejemplo, el caballero que atacaba al plebeyo estaba obligado a darle la mitad de la reparación que le hubiese correspondido en caso inverso. Como se ve, la pena estaba vinculada al privilegio. El origen étnico y la confesión religiosa de los delincuentes constituían elementos fundamentales para establecer la escala de las penas. Los moros y los judíos estuvieron siempre en condiciones jurídicas desfavorables. Las Ordenanzas Filipinas del siglo XVII son una expresión del criterio penal de la época.

Muy interesantes son los resultados de una encuesta hecha por el autor sobre las tradiciones populares referentes a los criminales. Las canciones lusitanas se ocupan raramente de ellos. El motivo dominante, casi exclusivo, es el Amor. Donde se halla un patrimonio rico, antiguo y variado de la sabiduría popular es en los adagios y en los proverbios. En estos últimos el autor ha encontrado más de 200 sentencias que se refieren en forma directa o indirecta al delincuente. Muchas revelan la intuición del pueblo sobre ciertas verdades científicas actualmente adquiridas. Otras traducen contradicciones evidentes. Así por ejemplo: mientras unas

proclaman la desigualdad natural de los individuos, otras afirman la igualdad; mientras unas reconocen la incorregibilidad de ciertos vicios o el destino ciego de los hombres, otras admiten, sin excepción, la corregibilidad. Numerosos son los adagios que establecen las relaciones entre los signos corporales, la morfología externa, y las cualidades psicológicas o morales, y existen otros que afirman la falacia de dichos signos. Las canciones populares hacen frecuente alusión al significado psicológico del color de los ojos. Existen adagios que establecen las causas económicas del crimen, la influencia del hábito, de la imitación, de las malas compañías y del régimen educativo, la existencia del delincuente ocasional y del loco criminal y en fin, la existencia de la muchedumbre delincuente. Concluye el autor respecto de esta laboriosa encuesta popular, que se puede atribuir al pueblo una cierta intuición sobre el estado peligroso y un justo criterio moral que le permite hacer el distinguo entre la personalidad de un delincuente ocasional y la de un recidivista inveterado.

Después de esta fecunda excursión folklórica, el profesor Mendes Correa estudia la influencia de la escuela clásica de Beccaria sobre la legislación penal que se inicia bajo el reinado de María I. El movimiento liberal de la primera mitad del siglo XIX suprime por completo las penas crueles e infamantes, las torturas, las confiscaciones y la transmisibilidad de las penas a los descendientes. Una ola de humanitarismo y de respeto hacia la personalidad humana sumerge al antiguo régimen penal, aunque queda sin naufragar el antiguo criterio de la proporcionalidad de la pena al delito.

En la segunda mitad del siglo XIX se establece en Portugal un régimen especial para los delincuentes patológicos. Si en otros países la opinión de los peritos médicos no tiene una influencia decisiva, en Portugal la tiene. Sin embargo, el examen psiquiátrico del criminal no es obligatorio para todos; únicamente tiene lugar cuando los jueces lo creen necesario y esto es indudablemente un error.

Cuando los estudios modernos de antropología criminal, se extendieron, en Portugal se efectuaron investigaciones muy meritorias sobre los delincuentes. Es justicia citar entre los primeros los trabajos de Ferraz de Macedo, Basilio Freire, Alfredo Luis López, Julio de Matos, y Manuel de Oliveira. El autor comenta elogiosamente el trabajo del primero sobre «Crimen y Criminal» (1892), el de Matos sobre «Los alienados ante la justicia» (1902), y los del Padre Antonio d'Oliveira, sobre «Los niños delincuentes».

Se refiere después el autor a la organización actual de los servicios medicolegales y criminológicos en Portugal. En Lisboa,

en Coimbra y en Oporto, existen servicios especiales para el estudio sistemático de los delincuentes. Por decreto de fecha 29 de noviembre de 1918 se ha creado la lista especial de peritos medicolegistas — por la cual tanto abogamos nosotros en nuestro país — constituida por los egresados de los Institutos Medicolegales de las tres ciudades anteriormente mencionadas.

En la última parte de su notable conferencia el profesor Mendés Córrea se refiere a sus investigaciones, realizadas durante más de 20 años. En el estudio antropológico de los delincuentes se ha ocupado sucesivamente de corpulencia, del color de la piel, del color y abundancia del cabello, del color de los ojos, de la forma de la nariz, de la oreja externa, de los dientes, de la talla, de la envergadura, de la longitud del brazo, del antebrazo y de la mano, de la frecuencia relativa de los grupos dactiloscópicos, de los diámetros cefálicos, torácicos y abdominales, de las anomalías morfológicas, etc., etc. La comparación de estos elementos con los recogidos por el mismo autor en sujetos no delincuentes le permite concluir que no existe ninguna diferencia específica, que no existe ningún tipo morfológico especial que permita distinguir los criminales de los diferentes grupos regionales del país. A pesar de la frecuencia de los estigmas somáticos en los delincuentes, estos estigmas están muy lejos de presentarse en todos ellos y de poseer la especificidad que se les atribuía para diagnosticar tendencias criminales. Esta conclusión no excluye el estudio de la somatología de los criminales, siempre que se la refiera a los tipos de la morfología médica y a la doctrina de las constituciones. Creemos como el autor que es necesario reducir y seleccionar las medidas antropométricas, no dejarse llevar por la manía del coleccionismo morfológico y hacer una crítica exacta de su significación.

Las investigaciones sobre la biología del criminal las ha localizado el autor en el sistema nervioso y en las glándulas de secreción interna. Es evidente la correlación que existe entre cierta actividad endócrina y los estados emotivos, como igualmente sobre ciertos procesos neuropsicopáticos.

Los estudios psicológicos efectuados por el autor sobre varios centenares de delincuentes le permiten afirmar que muchas veces las tendencias criminales se encuentran vinculadas a anomalías psicopatológicas, hereditarias o adquiridas, pero el criminal no es, de una manera general, un anormal psíquico y ofrece una variedad de tipos psicológicos tan numerosa como el número de los individuos. — La anomalía más frecuente hay que buscarla en la esfera moral, donde se encuentra muchas veces déficit afectivo, debilidad del poder de inhibición, perturbaciones del carácter,

lagunas o perversiones en los sentimientos morales, originados por vicios educativos o por una incapacidad intrínseca de adquisición.

En la parte final de esta enjundiosa conferencia, el profesor Mendes Correa hace referencia a la escuela humanista italiana que postula que la moral y el derecho se identifican y que el delito antes de ser una infracción a la ley, es una infracción ética; como consecuencia el solo fin de la pena sería la educación moral. Sin dejar de reconocer que el derecho y la moral tienen alguna comunidad de origen e interferencias numerosas, sostiene que sus dominios son diversos. La moral está formada instintivamente de sentimientos, de tendencias, de ideas adquiridas y de creencias profundas. El derecho sufre evidentemente la influencia del estatus moral, pero cristaliza únicamente en normas reconocidas necesarias para el orden político y social y en nombre de este orden las extiende a una cantidad de hechos indiferentes desde el punto de vista estrictamente moral. Existen hechos considerados delitos por la ley penal, que no lo son para la ley moral y viceversa. El autor reconoce que la defensa social contra el crimen se encuentra las más de las veces frente a un problema moral, pero siendo este aspecto predominante, no puede considerársele exclusivo como lo pretende la escuela humanista. Las condiciones biológicas, psicológicas y sociales ejercen evidentemente una influencia decisiva sobre la moralidad individual.

Tal es, en breve síntesis, la documentada, brillante y profunda conferencia del profesor Mendes Correa, a cuyas sensatas conclusiones adherimos en gran parte.

(Revista de Criminología, Psiquiatría y Medicina Legal, N.º 110, año XIX, páginas 226 a 229. Buenos Aires. Marzo y Abril, 1932).

OSVALDO LOUDET.

AZEVEDO NEVES — *Médecine Légale et Police Criminelle* — 1 vol. de 374 págs. e 41 figs., publ. pela Junta de Educação Nacional, Lisboa, 1931.

É o relatório detalhado duma viagem de estudo durante a qual o ilustre professor visitou vários institutos de Medicina Legal e escolas e institutos de Criminologia e Polícia Científica da França, Bélgica, Alemanha, Áustria e Itália. O sr. prof. Azevedo Neves expõe as linhas gerais das organizações médico-legais nes-

ses países e detem-se seguidamente na descrição dalguns dos referidos estabelecimentos e dos respectivos serviços. A França é, dos países indicados, aquele a que o A. se refere mais sumariamente, não porque a sua organização não mereça um estudo detalhado, mas porque não pôde ali efectuar, na sua curta permanência, as visitas que desejava.

São particularmente interessantes os estudos sobre os serviços de polícia científica e antropologia criminal de Bruxelas, Viena e Roma. As organizações médico-legais alemã e austríaca merecem ao sr. prof. Azevedo Neves um rasgado elogio.

O A. aconselha, com a sua grande autoridade, uma reforma urgente dos serviços policiais portugueses e propõe algumas modificações aos nossos serviços de medicina legal, à qual, diz, «falta muito pouco para chegar à situação a que tem direito».

M. C.

ALFREDO NICEFORO — *Essai d'une théorie bio-sociologique sur la vie des langages spéciaux* — «Antropologie», X, Prague, 1932; id. — *Transformazione degli istinti profondi e autoconsolazioni* — «Rivista di Psicologia», XXVIII, Bologna, 1932.

Duma série de estudos muito notáveis do prof. Niceforo sobre a linguagem, sobre a personalidade e o meio na linguagem, etc., o presente refere-se às linguagens especiais, ou sejam as linguagens próprias de cada grupo social ou de certas categorias de indivíduos. As razões de formação dessas linguagens são de duas origens: biológica (diferenças no modo de ser e de sentir) e mesológica (diferenças no género de ocupações e actividade). As linguagens das crianças, dos alienados, dos primitivos, das diferentes profissões (dos médicos, dos advogados, dos estudantes, dos soldados, etc.), são estudadas, na sua formação, pelo A., que se detem especialmente na linguagem popular ou baixa linguagem, que reflecte também o meio e a constituição psíquica das classes inferiores da sociedade.

O ilustre autor da *Antropologia das classes pobres* chegou, como é sabido, à conclusão de que estas são profundamente diferentes — física, psíquica e socialmente — das classes superiores, com as quais portanto entram em luta. A sua linguagem é uma das armas dessa luta, «linguagem de ódio, de maldade, por vezes de crueldade, que tende a abaixar e a degradar as imagens, e a

quebrar, triturar, mascarar as palavras». Estes caracteres veem, para os melhores, do meio inferior e por vezes degradante em que são obrigados a viver; para os outros, são caracteres próprios a quem, naturalmente inferior, se acantona necessariamente nas classes mais baixas. As ideias são materializadas, denegridas. As ideias abstractas são expressas por comparações com as diferentes partes do corpo humano, estas por comparações com os animais, etc. Tudo desce um ou mais graus. Além disso, as palavras são trituradas e deformadas.

Uma linguagem especial não é necessariamente uma gíria. O carácter desta é ser uma criptologia do pensamento, é a intenção de esconder o pensamento aos não iniciados.

São muito interessantes ainda as considerações que o eminente autor do *Génie de l'argot* consagra às iniciações e aprendizagem das línguas especiais, às interdições lingüísticas ou palavras tabús, etc.

No segundo trabalho a que se refere esta análise, Niceforo descreve o sistema de substituições, sublimações, desvios, descarregas, disfarces, subterfúgios, deformações das coisas, os mecanismos de evasão do «eu», de optimismo e de auto-persuasão, etc. que a humanidade, individual e colectivamente, utiliza para satisfação de instintos profundos e para defeza do «eu» perante as múltiplas vicissitudes da existência. Muitos desses processos psicológicos dizem respeito à vida sexual, como Freud acentuou.

É impossível dar uma rápida síntese do notável estudo de Niceforo. Basta que assinalemos o seu grande interesse e a cultura e penetração psicológica que revela.

M. C.

GUSTAVO BARROSO — *As Colunas do Templo* — 1 vol. de 358 págs. e algumas figuras, Rio de Janeiro, 1932.

O ilustre académico brasileiro, sr. Gustavo Barroso (João do Norte), em cuja obra vastíssima de literatura, filosofia, história e erudição, ocupavam já um lugar de relêvo os estudos folclóricos, reúne no presente volume uma série destes estudos, com alguns de crítica e filologia.

O folclore em geral e o folclore brasileiro em especial, são objecto de capítulos vários em que o A. mostra além das suas qualidades literárias — que lhe deram um grande nome de escritor

— um conhecimento completo do que se tem escrito sobre aqueles assuntos, uma ampla documentação original e sugestivos pontos de vista pessoais sobre diversas questões desse ramo de investigação.

É notável o seu artigo «Nosso Folclore», em que examina o folclore brasileiro dentro das modernas ideias e indicando os seus principais ciclos temáticos, uns herança dos índios, outros de sabor africano, outros resultantes da penetração colonizadora dos bandeirantes. «O folclore brasileiro, escreve, é um dos mais ricos e variados do mundo. O sangue dos imigrantes de todas as procedências... dia a dia lhe vai enxertando novos sentimentos, ideias e tradições. Mas o substrato será sempre aquêle que herdou dos seus antepassados vindos de Portugal, da África e das selvas americanas. Esta é a talagarça sobre que as gerações novas e futuras bordarão a eterna tapeçaria dos contos e das canções nacionais». Muito valiosa a documentação que o ilustre escritor e etnógrafo fornece sobre marcas de gado sertanejas, sobre jangadas, carros de bois, etc.

No capítulo «A língua brasileira», o sr. Gustavo Barroso afirma a sua convicção de que a língua no Brasil se «não estratificará senilmente», e de que, não sendo já possível negar a existência dum dialecto brasileiro, «uma língua brasileira será uma realidade mais cedo do que se pensa». Mas isso é natural. O que não me parece justo é falar, como faz o eminente académico, em «absoluta independência» da língua em formação. Independência em relação a quê? Ao português de hoje? Mas, quando se formar a língua brasileira, também o português d'aquém Atlântico não será igual ao de hoje. A língua portuguesa não está destinada à fossilização. Porém a futura língua portuguesa poder-se-há dizer tão independente da passada, como a futura língua brasileira se poderá dizer do idioma que falavam os bandeirantes d'outra, do idioma para cuja glória tanto concorreram e concorrem escritores nados em terras brasílicas...

As leis glossológicas não permitirão, sem dúvida, que a evolução do português se faça em perfeito paralelismo dum e doutro lado do Atlântico. Só podem supôr o contrário aqueles que julgarem esse processo evolutivo artificial e arbitrário, a despeito das diversas condições mesológicas e raciais dos dois países: Mas as linguas que resultarem, cá e lá, dessa evolução distinta, nunca perderão os laços genéticos que as prendem ao antigo português, como este e o italiano, por exemplo, estão a seu turno filiados no latim. Evolução própria, pois? Sim. Independência absoluta, nunca.

Desculpe o consagrado escritor esta nota discordante. A sua

inteligência eleita, que sempre se revela tão serena e imparcial, reconhecerá decerto o fundamento da minha rápida observação a uma passagem, que me chocou, do seu notabilíssimo livro.

M. C.

COLONEL CONSTANTIN — *Le rêve dans l'Ethnographie et le Folklore* — Extr. da «Revue Lorraine d'Anthropologie», Nancy, 1932.

Conferência erudita e interessante feita pelo sr. coronel Constantin na Associação Lorena de Estudos Antropológicos sobre as crenças ligadas aos sonhos pelos mais diversos povos, antigos e actuais, do globo. O A. mostra que na mentalidade civilizada subsistem, no que respeita aos preságios motivados por sonhos, muitos vestígios da mentalidade primitiva. Exemplos da guerra, entre outros, são invocados. E o sr. coronel Constantin acentua que o gosto pelas coisas ocultas, pelo misterioso, pelo maravilhoso, persiste nas pessoas mais afastadas das crenças tradicionais. Assim acontece com a população bem pouco religiosa de Villeurbanne, residência do A., onde um culto de essência espiritista reúne tantos fiéis que já foi necessário construir um templo, cujos officios são regularmente seguidos.

M. C.

A. SANTOS GRAÇA — *O Pòveiro* — 1 vol. de 236 págs., ilustrado — Póvoa de Varzim, 1932.

Santos Graça enfileira, com o presente livro, no número dos mais distintos etnógrafos portugueses. Rocha Peixoto descortinara nêle a vocação investigadora, mas não o deixou a morte prematura estimular-lha para que se traduzisse numa pronta coordenação e publicação de materiais. A necessidade de vir à imprensa corrigir algumas inexactidões alheias, o convite de amigos que o seu retraimento modesto penalizava, trouxeram o A. ao labor contínuo e à divulgação, pela conferência e pelo livro, dos ricos materiais colhidos.

A fisionomia dos pòveiros, o seu regime comunitário, as marcas, balizas e divisas que êles usam, as alcunhas, as relações

com os estranhos à comunidade, as superstições, crenças e lendas, a medicina popular, as máximas, provérbios e preságios, as festas tradicionais, a vida marítima, a vida económica, a vida doméstica, a infância, o casamento, a morte, os barcos, rêdes e aprestos, o cancionário, o vocabulário — eis os assuntos que, em sucessivos capítulos do mais atraente interesse, Santos Graça expõe.

É verdadeiramente notável a discriminação que o A. faz das marcas — como que brazões familiares — usadas pelos poveiros e até agora de sentido de-veras enigmático.

O trabalho de Santos Graça tem um alto valor científico e nacional. São as monografias como esta que melhor dão a consciência da Pátria. E, se atentarmos em que a traíneira, o cêrco americano, os vapores de arrasto, reduziram, como assinala o A., de 52 a 3 a magnífica frota poveira dos *lanchões*, se atentarmos em que se está desfigurando com as intrusões inevitáveis da moderna concorrência a fisionomia sugestiva da velha comunidade, reconhece-se a extensão enorme do serviço que Santos Graça prestou, fixando ainda os aspectos tradicionais dessa típica e admirável colmeia piscatória. Bem haja por isso o novo e excelente consócio que ao labor da nossa agremiação veio trazer o seu entusiástico e prestante concurso.

M. C.

ARNOLD VAN GENNEP — *Le Folklore du Dauphiné (Isère)* — Tome I — 1 vol. de mais de 300 págs. e várias cartas, Paris, 1932.

No presente volume, Van Gennep reúne os resultados duma detalhada e importante pesquisa folclórica em cêrca de 200 comunas da antiga província do Dauphiné, pondo em prática o método que aplicara já com êxito na Sabóia.

O ilustre etnógrafo, após algumas considerações gerais sobre o seu inquérito, depoentes e bibliografia, trata sucessivamente, neste tômo da sua obra: da gravidez e do parto, do baptismo, da infância e adolescência, do noivado e do casamento, dos funerais; passando às cerimónias periódicas, trata dos cultos de Cristo e da Virgem, dos santos de Janeiro a Maio, do ciclo do Carnaval e da Quaresma, do ciclo da Páscoa, do ciclo de Maio, interrompendo aqui a sua exposição que deve prosseguir noutro volume.

Cartas da distribuição de certos costumes, ritos e expressões

documentam o texto, extremamente rico em factos e observações do maior interesse. É impossível numa breve notícia bibliográfica destacar alguns desses factos que ofereciam comparações deveras sugestivas com outras regiões. A verdade é que o livro do consagrado autor da *Formation des légendes* ficará sendo, uma obra fundamental de estudo e consulta para todos os folcloristas e etnógrafos.

M. C.

XAQUIN LOURENZO FERNANDEZ — *Embarcacións (notas pra un cuestionario de etnografia)* — Sep. do N.º III do «Boletín NÓS», 6 págs., Santiago de Compostela, 1933.

No intuito louvavel de facilitar a tarefa da investigação das tradições populares e doutros capítulos etnográficos, o notável e douto Seminario de Estudos Galegos prepara um questionário geral que sirva de guia áquelas investigações.

O trabalho de Xaquín Lourenzo referente a «embarcacións» é, por assim dizer, o primeiro capítulo daquele guia que se publica. O A. formula um detalhado questionário de 115 números, a que se poderiam contudo acrescentar alguns outros como por exemplo um que dissesse respeito à — Benção dos barcos novos; o que é uso e costume fazer quando o barco se bota ao mar e quando vai pela primeira vez à pesca.

É nossa impressão que haveria talvez vantagem em repartir por capítulos distintos aqueles múltiplos números.

Assim, por exemplo, poderiam estabelecer-se os seguintes capítulos:

As embarcações em terra.

As embarcações no mar.

Aprestos e aparelhos de pesca, rêdes e outros.

Tripulação.

Crenças e superstições.

No capítulo de «*As embarcações em terra*» reunir-se-ia o questionário que dissesse respeito aos barcos na terra como seja construção dos barcos, diferentes tipos de embarcações e fins a que se destinam, abrigos ou alpendres para guardar os mesmos, etc., etc.

E do mesmo modo se procederia para cada um dos capítulos seguintes.

Isto traria certas vantagens como seria, por exemplo, a de

agrupar as proposições da mesma natureza. Assim os números 38, 50, 51 e 88 do questionário de Xaquín Lourenzo figurariam a par no capítulo das crenças e superstições.

É claro que o nosso ponto de vista da subdivisão em capítulos não é isento de inconvenientes mas afigura-se-nos preferível.

O que digo em nada desmerece o trabalho do A. que com o cuidado, saber, e muito interesse que lhe merecem os variadíssimos capítulos da etnografia galega, conseguiu elaborar um questionário minucioso que vai guiar o investigador na colheita do muito que de perto ou de longe se liga com os barcos e a faina piscatória.

S. J.

LUÍS CHAVES — *Portugal Além (Notas etnográficas)*, 168 págs., 4 figs., Gaia, 1932.

O A. que é conservador do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos e a quem a etnografia e a folclore nacional devem já valiosas contribuições de estudo, coligiu neste volume e sob o título «Portugal Além» uma série de artigos publicados num jornal de Lisboa, nos quais versara numerosos capítulos da etnografia portuguesa, especialmente festas.

Numa justa sistematização o A. divide o seu estudo em quatro capítulos ou ciclos correspondendo às quatro estações do ano.

No *Ciclo do Inverno* fala-nos das festas do Natal, da opípara ceia da consoada, da missa do galo, das festas do Ano Bom, das «reisadas» ou festa dos *Reis*, das festas da *Candelária* e das festas irreverentes e pagãs do Entrudo.

No *Ciclo da Primavera*, rico de festas religiosas da quaresma, Semana Santa e Páscoa, e ainda do Espírito Santo e Corpus-Christi, há também as de carácter pagão como, a espera do cuco, a festa das Maias e o dia da espiga.

O *Ciclo do Verão* é, no dizer do A., «o ciclo dourado do folclore». É a quadra das ceifas, com seus despiques ao desafio em que as cantigas se atiram em lances de esgrimistas hábeis; e são os bailes armados num repente em qualquer largo ou eirado. É a quadra das orgiáticas e paganíssimas festas do S. João. É o suceder ininterrupto de romarias que de Junho a Setembro arrasam o povo aos milhares para o cimo de cabeços solitários em visita a capelinhas humildes ou a templos de sumptuosa magestade. Uns levados por crença arreigada vão cumprir promessas feitas no momento de aflicção ou dor. Outros vão apenas para se

divertirem. É o pretexto para se comerem lutas merendas regadas abundantemente com vinhos frescos que o calor da solina mais faz apetecer.

O ciclo do verão é ainda a quadra das touradas, «o mais português e o mais tradicionalmente português» de todos os espectáculos.

São justos estes dizeres do A.: «A tourada tradicional entre nós pratica-se unicamente no Ribatejo, como festa agrícola que foi e em essência é. Fora das terras santarenas, essa baixa exuberante que as Portas-do-Sol espreitam, a tourada é hoje o espectáculo ridículo de palhaçada tauromáquica».

Vem por último o *Ciclo do Outono* que é de todos o menos rico, «talvez por ser das quatro a mais suave, uma estação de repouso, transição morna do verão até ao inverno». Nesta quadra apenas avulta no comêço de Novembro a festa dos mortos com romagens de saúde às campas dos mortos queridos.

De tôdas as festas referidas nos fala o A. dizendo-nos da sua dispersão de norte a sul do país, marcando modalidades de carácter local ou regional, enumerando uma bibliografia rica que é índice de que estudou bem êste vastíssimo capítulo etnográfico tão curioso e cheio de interesse.

S. J.

ANTON FRAGUAS FRAGUAS — *As lendas da Fonte Pormás* — Sep. do n.º 108 de «Nós» (Boletín Mensual de Cultura Galega), 14 págs., Santiago, 1932.

O poder curandeiro da água de certas fontes, os tesouros que, no dizer do povo, outras guardam avaramente, as moiras encantadas que ali penam e as muitas lendas que veem contadas de há tantos anos, fazem com que as fontes constituam um manancial inexgotável de colheita folclórica.

O A. que ao estudo do folclore da Galiza tem já dedicado outros interessantes trabalhos, na pequena nota que analisamos regista três curiosas lendas de encantamentos feitos na fonte de Pormás (Corunha). Essas lendas são como tantas outras que se contam na Galiza e em Portugal.

Ha, porém, interesse nêsse registo, pois que, numa das lendas, ao contrário do que é vulgar, se explica a maneira como foi encantada a respectiva personagem e a transformação dum *adival* em enorme serpente que lhe ficou de guarda e constituindo o enigma ou chave do encantamento.

S. J.

P. SAINTYVES — *Le Folklore préhistorique-Bibliographie sommaire et questionnaire* — Sep. da «*Revue de Folklore Français*», 8 págs., Paris, s. d.

É um apêlo que o ilustre presidente da Société du Folklore Français, faz aos sócios da mesma, para cada um na sua região colher as diferentes lendas, crenças ou tradições ligadas aos vários documentos pre-históricos como menhirs, alinhamentos e cromlechs, dolmens, tumuli, pedras fálicas, colares, pontas de seta, machados, etc.

As respostas a êste questionário serão publicadas num número especial da «*Revue do Folklore Français*».

Em Portugal, onde a cada passo se destroem belos monumentos pre-históricos como dolmens, estações de arte rupestre etc., apesar de haver uma legislação que tal proíbe, tinha certa oportunidade um questionário dêste género que forneceria alguns elementos para a elaboração das cartas pre-históricas.

S. J.

AFONSO DO PAÇO — *Gírias Militares Portuguesas, a) Mais gíria de caserna, b) Linguagem da corneta e do clarim* — Sep. da «*Rev. Lusitana*», vol. XXIX, 15 págs., Pôrto, 1932.

Ao tenente Afonso do Paço que é um arqueólogo distinto, também a etnografia portuguesa deve já uma mão cheia de bons trabalhos.

Há anos o A. publicou as *Gírias Militares Portuguesas* (Edição Maranus, Pôrto, 1926) onde com sistematização e critério deixou registadas algumas centenas de vocábulos colhidos nas gírias da *Malta*, da *Caserna* e do *Colégio Militar*.

Depois em 1929 deu-nos um novo capítulo das *Gírias Militares*, com o trabalho sôbre a *Gíria da Escola Militar*, publicado no vol. I de «*Língua Portuguesa*».

Desta vez aumenta com mais 58 vocábulos, alguns curiosíssimos, a lista de 131 que havia publicado em 1926. A segunda parte do trabalho que analisamos regista as cantilenas que o soldadinho diz acompanhando os diferentes toques de ordenança com que a *tropa de vento*, designação chasqueante dos corneteiros e clarins, anima a vida da caserna.

S. J.

A. CASTELLANOS — *Nuevos restos del hombre fosil* — (Nota informativa), *Physis*, XX, 1930.

Trata nesta memória o autor do aparecimento e descrição de um fragmento de mandíbula humana, o qual apresenta o tipo de fossilização dos restos descobertos no *bonaerense basal* e do *belgranaense cuspidal*, que corresponde ao pleistocénico médio.

Depois de consciencioso estudo da peça encontrada, o autor conclui que ela apresenta adiantada fossilização e que as suas características permitem atribuí-la ao *Homo sapiens*.

Êste fragmento atestaria, segundo o autor, com elementos novamente aduzidos, que a existência da espécie humana datá de época bem mais antiga na América do Sul do que na Europa.

B. F.

COLONEL CONSTANTIN — *Contribution à l'étude des questions ligures* — «*Rhodania*», Congr. de Chalon-Beaune-Tournus (1931) — Vienne, 1932.

Com auxílio do latinista e helenista M. Marissiaux, o A., reuniu as traduções dos antigos textos gregos e latinos que se referem aos Lígures e Sículos, à geografia, etnografia e história dos Lígures, ao cisne e ao âmbar, etc. É da maior utilidade essa colectânea, que o A. faz seguir de observações adequadas e dum índice das palavras gregas ou latinas, cuja tradução é susceptível de controvérsia ou que são úteis para a boa inteligência dos textos.

Muitos autores se teem ocupado das questões lígures, mas, intercalando em geral a apresentação dos textos com os comentários e a exposição das próprias doutrinas, tornavam difícil ao leitor um balanço dos elementos objectivos fornecidos pelas fontes. O coronel Constantin acaba de remediar esse mal.

Algumas ligeiras observações podem naturalmente suscitar certas passagens do trabalho. Notemos, por exemplo, que, seguindo, como a quasi generalidade dos autores, a leitura de Schrader, o A. menciona os Lígures no trecho n.º 94. Mas na *editio princeps* não está *Ligus*. Está *Lucis*. No códice de Ortélio está *locos*, o que não faz sentido.

M. C.

H. LUNDBORG AND S. WAHLUND.—*The race biologie of the Swedish Lapps*—Part I—1 vol. de VIII + 138 + 93 págs., muitas estampas, gráficos e quadros.—Uppsala, 1932.

O Instituto Sueco para o estudo da Biologia da Raça, dirigido pelo ilustre professor Lundborg, continua com brilho a sua benemérita tarefa de que já nestas revistas bibliográficas temos dado conta, com o justo elogio.

Agora é publicada a primeira parte dum importante trabalho sôbre a biologia racial dos Lapões suecos. São seus autores o próprio prof. Lundborg e o estatístico do Instituto, sr. Wahlund, tendo ainda colaborado com um artigo sôbre a pre-história dos Lapões, o prof. Wiklund.

O presente volume é sobretudo de demografia. Um segundo volume se referirá especialmente à antropologia.

Os elementos estatísticos recolhidos, tanto sôbre as estatísticas oficiais como por meio de inquéritos, estão reunidos em quadros numerosos tendo sido objecto dum estudo minucioso e duma crítica rigorosa, para o que o sr. Wahlund empregou mesmo alguns métodos originais de trabalho que expõe.

A mortalidade aparece maior nos Lapões nômadas, e a sua natalidade mais fraca do que nas populações sedentárias, mas, ainda assim, ha excesso dos nascimentos sôbre os óbitos. No entanto as estatísticas dão os Lapões suecos como diminuindo em número, o que se explica pela passagem de muitos para o território norueguês e pela desnacionalização que entre êles se opera sob a influência assimiladora da restante população. A mortalidade infântil nas primeiras idades é elevada nos nômadas. Ainda assim, os AA. referem-se em termos favoráveis às condições educativas em que os Lapões suecos se encontram.

As estatísticas sôbre que assenta o estudo demográfico dalguns dos distritos considerados, dizem respeito a um período que vem desde o fim do século XVIII até hoje. Esse facto e a meticulosidade dessas estatísticas, que permitiram conclusões de-veras detalhadas, dão a medida do alto desenvolvimento cultural da nação sueca.

Não é de estranhar, assim, que saiam daquele país trabalhos tão valiosos como aquele de que nos ocupamos.

M. C.

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

DR. RENATO KEHL:

Política eugénica (Pág. 5).

HUMBERTO PINTO LIMA:

A cerâmica predinástica (Pág. 21).

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

O abrigo prè-histórico da «Pala Pinta» (Pág. 33).

Vária: — Rui de Serpa Pinto: Congresso dos Anatómicos (PIRES DE LIMA); Escavações arqueológicas; Sur le métopisme, son origine et sa signification (MENDES CORRÊA); Um precursor português da Eugenia (HERNANI MONTEIRO); Curso de Antropologia Médica; Monumento ao prof. Silva Teles; Prémio «Rui de Serpa Pinto» (Pág. 45).

Revista bibliográfica: — AZEVEDO NEVES (93); BARBOSA SUBIRO (79); BARROSO (95); BÉGOUEN & VALLOIS (71); CASTELLANOS (67 e 103); CHAVES (100); CIPRIANI (68); CONSTANTIN (97 e 103); CUEVILLAS (73); FRAGUAS (101); GRAÇA (97); HILDEN (85); JALHAY (72); KISS (83); LORENZO FERNANDEZ (99); LUNDBORG & WAHLUND (104); MENDES CORRÊA (75 e 90); MILLER (78); NICEFORO (94); OLIVEIRA VIANA (87); PAÇO (102); PEYRONY (70); QUELPRUD (84); REGNAULT (86); REYGASSE (74); SAINTYVES (102); SALLER (86); SALLER & MAROSKE (83); SCHWEITZER (88); VALLOIS (69 e 85); VAN GENNEP (98); VICTOR FONTES (81); WICKERT (77).

TRABALHOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



VOL. VI—FASC. II

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO. 1933

A posição sistemática do esqueleto de Combe-Capelle ⁽¹⁾

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Professor-director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto

No jornal *Tribune de Genève*, de 16 de Janeiro de 1933, M. Henri Bize, aludindo ao recente falecimento de Otto Hauser, esforça-se, num artigo consagrado à memória do extinto, por demonstrar a injustiça da campanha que, sobretudo em certos meios franceses, teria sido feita contra êle, campanha de que teriam resultado os mais graves prejuízos materiais e morais para o visado.

Otto Hauser, nascido na Suíça alemã, apparecera um dia em Les Eyzies, a metrópole prehistórica da França, tão rica em documentos arqueológicos da idade da pedra lascada, e logo começara a fazer aquisições de objectos e a explorar algumas jazidas. Em 1909 descobre em Le Moustier um esqueleto humano do tipo de Neanderthal, que Kļaatsch baptizou com o nome de *Homo mousteriensis*. Pouco depois (Agosto de 1909) descobre no abrigo de Combe-Capelle um outro esqueleto humano, cuja extracção do solo é feita perante uma comissão de sábios alemães, e esse esqueleto é designado por Kļaatsch com o nome de *Homo aurignacensis Hauseri*.

Os achados sucessivos de Hauser não ficam, porém, em França. Êle vende-os, por somas consideráveis, ao Museu de

(1) O assunto deste artigo foi objecto duma nossa comunicação à Academia das Ciências de Lisboa em 2 de Março de 1933.

Völkerkunde, de Berlim, onde vi, de facto, alguns dêles em 1931. É bem de calcular que os meios científicos franceses se fôssem emocionando com êste constante êxodo de materiais preciosos da prehistória do seu país para os museus de além-Reno.

Sobrevém a guerra de 1914, em plena laboração de Hauser. Por iniciativa própria ou, como pretendem os defensores do falecido, sob as instigações dalgumas pessoas mais cultas, em quem os trabalhos de Hauser despertavam malevolência, os camponeses de Les Eyzies envolvem êste numa atmosfera de suspeição e animosidade. De nada vale que, como acentuam os mesmos defensores, êle lhes tenha dado quantias a ganhar. O ambiente adensa-se, a acusação de espionagem desenha-se. As autoridades interveem e Hauser é expulso do território francês, sendo a sua biblioteca e as suas colecções sequestradas.

Na imprensa científica o caso tem naturalmente eco. Em França aplaudem-se explicita ou implicitamente as medidas tomadas contra Hauser, que é considerado um simples negociante de antiguidades, sem ciência, ao serviço dos Museus alemães em detrimento do património arqueológico francês. Nos países germânicos, Hauser é apresentado como um investigador de merecimento real, vítima duma cabala de prehistoriadores franceses, que teriam aproveitado as relações daquele com os cientistas alemães para, nas horas perturbadas da guerra, se desfazerem da sua concorrência científica:

Uma mensagem, assinada por alguns eminentes cientistas germânicos, testemunha a Hauser a solidariedade e o aprêz desses cientistas. Hauser é doutorado na Universidade de Erlangen, mas, na Alemanha mesmo, há algumas vozes discordantes destas homenagens e assim, por exemplo, o prof. Birkner, de Munich, vem contestar a justiça de tais homenagens.

O artigo de M. Henri Bize, laudatório para Hauser cujas investigações e publicações científicas encarece, mostra-nos como,

a-pesar-do apoio de grande parte do mundo culto alemão, o explorador das jazidas de Les Eyzies não consegue triunfar na vida, perde a sua fortuna, não alcança reintegrar-se na trajectória de felicidade que estava percorrendo ao estalar a Grande Guerra. Segundo Bize, Hauser teria sido uma vítima, um infeliz, perseguido, de certa altura em diante, por uma estrêla funesta. O artigo em questão suscitou já contestações de cientistas franceses. Não me envolverei no debate. O ruído espectacular de que Hauser (ou os seus amigos) rodeou alguns dos seus achados e algumas das suas publicações, as transacções por êle realizadas com os Museus germânicos, a probidade indiscutível de alguns sábios franceses que tomaram partido contra êle, sendo difícil atribuir essa atitude em tais individualidades a pura paixão nacional, são elementos que não favorecem Hauser no meu juízo. Mas não são desprezíveis, de modo algum, as opiniões que em seu favor foram apresentadas por individualidades alemãs que muito respeito, e, como veremos, não é lícito recusar importância científica a algumas descobertas de Hauser.

Assim, admitindo que êste não era tão bom como o dizem os seus apologistas, nem tão mau como o proclamam os seus adversários, abstenho-me de levar mais longe a discussão sobre a personalidade de Hauser e sobre as suas relações em França.

O artigo de Bize veio entretanto recordar-me que tomara há anos uma posição pessoal a respeito duma das descobertas de Hauser, do esqueleto de Combe-Capelle, e, como pude examinar êste em Berlim em Maio de 1931, julguei a propósito escrever algumas breves linhas, registando as impressões que colhi e definindo mais uma vez a minha opinião, que essencialmente se não alterou, sobre o lugar do homem de Combe-Capelle na classificação antropológica.

O artigo de M. Bize fêz-me também evocar com prazer uma visita que fiz a Les Eyzies em 5 de Novembro de 1931. Desem-

barquei de manhã cedo na *gare* de Périgueux, tomei um automóvel que me levou, através duma interessantíssima região, a Les Eyzies, linda povoação sita no vale do Vézère, vale marginado por fortes escarpas, em cujas grutas e abrigos viveram, durante séculos e séculos, populações prehistóricas. Dirigi-me a um hotel que, por estar sob o abrigo de Cro-Magnon, tem êste nome célebre e simbólico. Em *vitrines* há objectos prehistóricos de sílex, de osso, de marfim. Tudo, desde o nome do hotel, nos faz sentir onde nos encontramos. O turismo apoderou-se daquele centro famoso de jazidas prehistóricas.

O hotel de Cro-Magnon, fronteiro a uma pequena ponte sobre o Vézère, está num recanto pitoresco, é simpático e aceado. Almoço. Durante a refeição, escrevo um bilhete a M. Peyrony, o distinto prehistoriador, director do Museu de Les Eyzies, anunciando-lhe a minha visita e o desejo de vêr o Museu. Peyrony, amável, aparece prontamente na sua bicicleta e vamos de longada ao Museu, assente na escarpa, com uma estação madalenense junto da porta, e tendo ao lado o monumento, que recentemente havia sido inaugurado, ao Dr. Capitan. Bem instalado, o Museu está cheio de documentos preciosos, entre os quais, na rápida visita, me interessaram especialmente várias gravuras e pinturas, belas lâminas, enormes, de La Ferrassie, triângulos e lâminas do aurinhacense médio que lembram as peças correspondentes de Muge. A meio da visita, aparece o meu excelente amigo, o prof. Luís Pericot, de Valência, que andava, em missão de estudo, percorrendo os Museus prehistóricos de vários países.

Visitamos juntos a estação de Laugerie-Haute onde Hauser efectuara escavações e que está sendo objecto de novas explorações. Num corte elucidativo notam-se de cima para baixo depósitos provenientes de desmoronamentos, madalenense antigo, solutrense, protosolutrense, aurinhacense intercalando uma camada estéril, etc. A um canto, após um desmoronamento, encontram-se

cinzas neolíticas sobre o madalenense antigo. Nas novas escavações de Laugerie-Haute viram-se, na rocha, gravuras (parte anterior duma rena, urso, cavalo, etc.). Em Laugerie-Basse, de cima para baixo, as escavações de Maury revelaram, no belo corte conservado, restos medievais, camada galo-romana, camada do bronze, restos de desmoronamento, cinzas neolíticas, desmoronamentos, madalenense superior, desmoronamentos, madalenense médio, camada estéril, madalenense inferior. São altamente instrutivos todos estes cortes. Pela região veem-se, com frequência, no solo, peças líticas prehistóricas. Les Eyzies são um colossal conjunto prehistórico.

Passamos ainda pelo abrigo do Peixe, do qual Peyrony se ocupou ainda numa nota recente. Novas explorações foram feitas nos depósitos aurinhacenses ali existentes. No tecto do abrigo lá estava a célebre gravura do peixe, enquadrada por um sulco que atestava o propósito, aliás frustrado por uma pronta intervenção oficial, de se arrancar aquele precioso documento: o nome de Hauser é naturalmente evocado.

Enfim, visitamos a gruta de Font-de-Gaume — já cómodamente adaptada a visitas turísticas —, e admiramos as suas belas gravuras e pinturas parietais. As pinturas são a vermelho e preto. Vi figurações de bisontes, cavalos, renas, um rinoceronte, um mamute, etc. Capitan, Breuil e Peyrony, que publicaram em 1910 uma monografia sobre esta célebre gruta, registaram ali cerca de 200 figurações.

Havia ainda muito, muito, que vêr — estações, grutas, abrigos — mesmo de novo, com mais vagar, o Museu, mas a noite começava a tombar e, não podendo consagrar àquela visita mais dum dia, eu tinha de regressar a Périgueux. Apresentados a Peyrony os agradecimentos da despedida, fui ainda com Pericot a um hotel de Les Eyzies, vêr, por gentil obséquio do ilustre professor espanhol, os desenhos, que trazia na sua mala, de belas gravuras

da arte naturalista paleolítica, por êle descobertas na gruta de Parpalló, na região espanhola de Valência.

E, sob a impressão forte daquela jornada numa localidade fértil em emoções para todos os que se interessam por documentos prehistóricos, deixei Les Eyzies... na esperança de lá voltar logo que possa.

*
* * *

Trago à publicidade as considerações que seguem, sôbre os achados paleantropológicos de Combe-Capelle, porque, como já disse, tomei desde 1917 uma posição pessoal no debate sôbre estas descobertas de Hauser, recordadas ultimamente pelo citado artigo de Bize, e pude em Maio de 1931 vêr o esqueleto de Combe-Capelle no Museu de *Völkerkunde*, em Berlim, recolhendo a seu respeito algumas breves impressões.

Além disso, se é certo que cientistas de vários países dão aos achados paleantropológicos referidos o justo valor, ainda há quem lh'o regateie. Ora, pense-se o que se pensar da personalidade de Hauser, não é lícito contestar a especial significação da sua descoberta.

O abrigo de Combe-Capelle fica perto de Montferrand, no Périgord (fig. 1). O esqueleto humano apareceu a 2^m,48 de profundidade, com muitos sílices e conchas perfuradas de *Nassa reticulata*, que formavam colar. Estava enterrado no cimo da camada mustierense. O corte estratigráfico que reproduzo juntamente (fig. 2), e é, como a fig. anterior, adaptado do livro de A. Keith, mostraria, segundo Hauser, Klaatsch e outros autores (que consideram provada a ausência de remeximento nas camadas superiores àquela), que é legítimo datar o esqueleto do aurinhacense inferior. Esta cronologia é aceite por muitos.

Há, porém, a tal respeito dúvidas, que fôram expostas por Szombathy. Para êste autor, o mais que pode afirmar-se é que o esqueleto é aurinhacense, visto que as razões dadas por Klaatsch para se supôr que o esqueleto foi enterrado durante o aurinha-

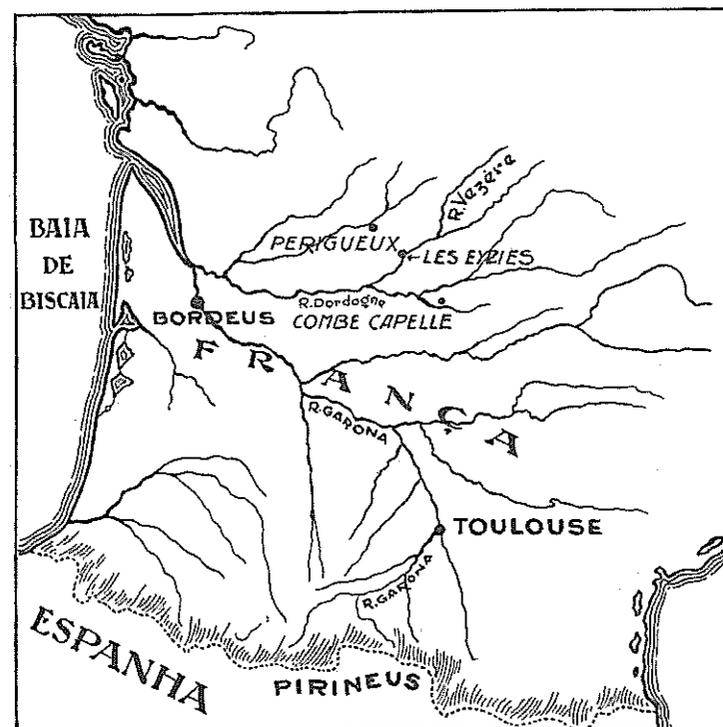


Fig. 1

cense inferior, cavando-se ainda uma goteira no terreno de base, e que não houve remeximento algum de camadas superiores, não são a seu ver, concludentes ⁽¹⁾. Tratando-se duma questão de facto,

(1) Josef Szombathy — *Gegen die Überschätzung des Homo Aurignacensis Hauseri, Klaatsch* — « Mitteilungen der Anthr. Gessellschaft in Wien » — LVII Bd — Wien, 1927, pág. 28 e seg.

o depoimento de Hauser e K̄laatsch tem importância. É possível, porém, que eles se suggestionassem para datar do mais antigo aurinhacense o achado. Nem porisso êste deixa de ser importante, se fôr considerado apenas aurinhacense. Não parece que deva ser dado, entretanto, como mais moderno do que o aurinhacense médio. Poderia escapar aos presentes, na exploração da jazida, o remeximento de uma ou duas camadas: de três ou mais — é menos verosímil.

Deixando, pois, o aspecto arqueológico da descoberta, vejamos como foi considerado, no ponto de vista antropológico, o esqueleto de Combe-Capelle.

O antropólogo alemão K̄laatsch, que assistira à exumação, publica logo — em 1910 — um estudo sôbre o esqueleto referido (1) que atribui a uma nova espécie fossil, por êle baptizada *Homo aurignacensis Hauseri*, em homenagem a Hauser. Liga esse achado aos restos paleantropológicos de Brünn, Brûx, Galley-Hill, etc., e dá um lugar importante ao *Homo aurignacensis* na sua teoria (que não teve sequazes) dita do « panantropoidismo » (2), teoria segundo a qual a humanidade descenderia de vários *stocks* fundamentais, cada um dos quais subdividido numa forma antropóide e outra humana. Ora, ao passo que o filum *gorilóide*, o seu tipo *N-G*, englobava o gorilha, o homem de Neanderthal e os negros, um filum *orangóide*, o tipo *A-O*, encadearia o Oran-gotango, o *Homo aurignacensis* e os Asiáticos. Embora K̄laatsch se tivesse queixado a Von Luschan de não haver sido compreendido, a verdade é que a sua tese panantropóide assentava sôbre afinidades superficiais, não podendo, segundo Miller, ser tomada a sério...

(1) H. K̄laatsch — *Die Aurignac-Rasse und ihre Stellung im Staubaum der Menschheit* — «Zeitschrift für Ethnologie», 1910.

(2) Do assunto me ocupei no livro *Homo*, 2.ª ed., Coimbra, 1926, págs. 24, 25, 142, 175, etc. Ai vem alguma bibliografia a tal respeito.

O antropólogo de Florença, Aldobrandino Mochi, em 1911, aludindo ao esqueleto de Combe-Capelle (1), atribuía-lhe caracte-

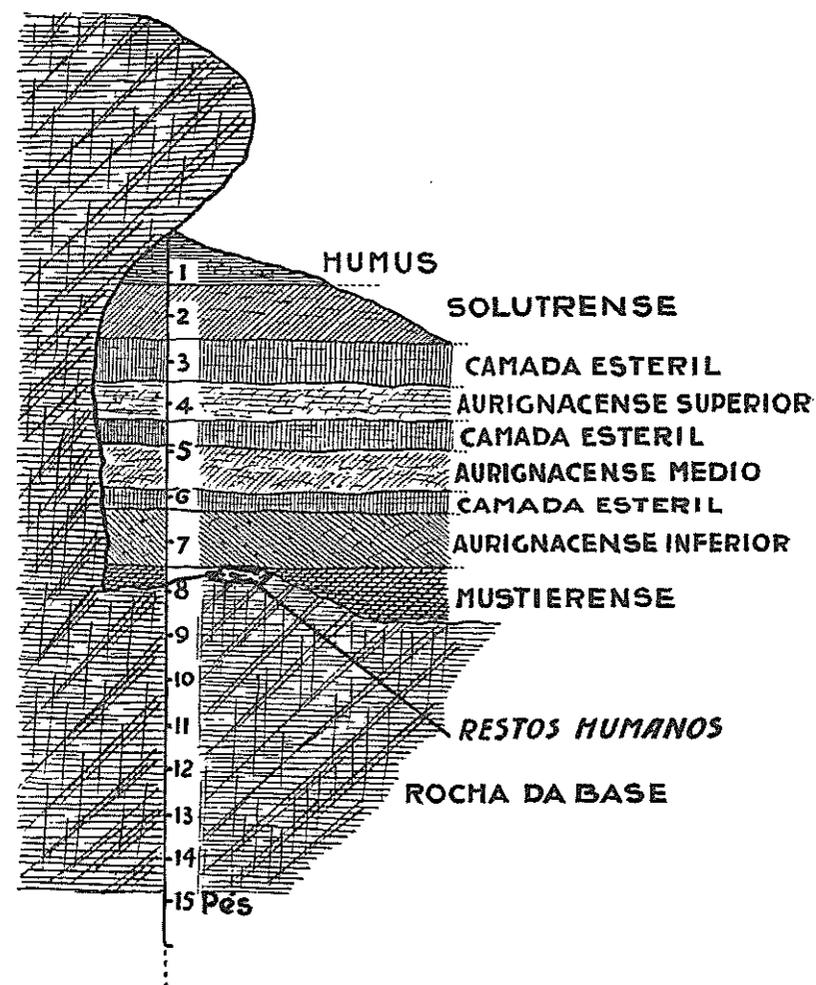


Fig. 2

res australóides. O certo é que a capacidade crâniana do referido

(1) A. Mochi — *Caratteri australiani dell'uomo paleolitico di Combe Capelle* — «Arch. per l'Antrop. e la Etnol.», XLI, Firenze, 1911, pág. 430 (cit. em Ruggeri — *Su l'origine dell'Uomo* — Bologna, 1921, pág. 139).

esqueleto contraindicava esta aproximação. Em 1912, considerando-o também um tipo australóide, o prof. Renato Biasutti (1) ligava-lhe, sem hesitação, justificada importância, atitude que não parece ser, nos anos subseqüentes e mesmo ainda hoje, a de alguns antropólogos pertencentes aos círculos científicos que em 1914 tomaram abertamente posição contra a pessoa e os actos de Hauser.

Desde 1913, o antropologista de Nápoles, Giuffrida-Ruggeri, começa a defender a tese (2) de que o homem de Combe-Capelle, hipsistenocéfalo e platirríncico, constituía um tipo fóssil de afinidades etiópicas — um tipo *protoetiópico* —, aparentado com formas dum bloco de raças equatoriais, representado também em Egípcios predinásticos, algumas populações da Eritrea, alguns mediterrâneos, etc. A aproximação era sobretudo fundada no prognatismo e platirrinia moderados, no arcaicismo da hipsistenocéfalia e na meso-dolicoprosopia. Em 1917 Giuffrida publica uma nota, em Portugal, sobre os resíduos dum tipo protoetiópico na Europa. Vê-lo-ia até na nossa província de Trás-os-Montes (3), o que não é seguro.

Ainda em 1916 Fleure e James admitem sobrevivências da forma de Brünn, Galley-Hill e Combe-Capelle no tipo de Plynlymon (Galles) (4). No mesmo ano, o prof. Nello Puccioni, de

(1) R. Biasutti — *Studi sulla distribuzione dei caratteri e dei tipi antropologici* — «Memorie Geografiche», n.º 18, Firenze, 1912, pág. 149 e 179.

(2) O assunto é mais desenvolvidamente tratado nos seus trabalhos *La successione e la provenienza delle razze europee preneolitiche e i pretesi Cro-Magnon delle Canarie* — «Rivista Ital. de Paleontologia» — XXII, Parma, 1916, pág. 6 e segs. do extr.; e *Quattro crani preistorici dell'Italia Meridionale e l'origine dei Mediterranei* — «Arch. per l'Antrop. e la Etnol.» vol. XLV (1915), Firenze, 1916, pág. 300 e segs. Aí vem citada a bibliografia anterior do mesmo autor sobre a referida matéria.

(3) Giuffrida-Ruggeri — *Residui di un tipo protoetiópico in Europa* — «Anais da Acad. Politecn. do Porto», t. XII, Coimbra, 1917.

(4) Cit. por Giuffrida-Ruggeri (*Residui*, etc., op. cit., pág. 1).

acôrdo com Ruggeri, distingue o tipo de Combe-Capelle do de Cro-Magnon (1), achando, porém, naquele ainda alguns caracteres neandertalóides.

Uma voz discordante surgia, no entanto, também em 1916: a do prof. Hugo Obermaier, na 1.ª edição do seu belo livro *El hombre fóssil*. Para êle, no paleolítico superior, existiam apenas as raças de Cro-Magnon, Grimaldi e Predmost. Seria erróneo admitir as raças de Laugerie-Basse e de Chancelade, e sobretudo introduzir na bibliografia antropológica o *H. aurignacensis* de Kllaatsch. Para Obermaier, «os caracteres essenciais» do Combe-Capelle correspondem exactamente aos dos tipos de Cro-Magnon e Grimaldi (2). Ora as próprias estampas que daquele e destes fornece o autor, destróem tal asserção, tão evidentes são as diferenças das respectivas morfologias crânio-faciais.

Em 1917, no meu trabalho *À propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal* (3), ocupando-me das identificações, feitas por vários autores, dos espécimes antropológicos de Muge, eu separava sem hesitação o Combe-Capelle do Cro-Magnon, e admitia, de acôrdo com Giuffrida-Ruggeri, que o primeiro fôsse antes um tipo protoetiópico — o *Homo s. fossilis protocethiopicus* de Giuffrida. Até então, embora houvesse quem atribuisse alguns caracteres neandertalóides aos crânios de Muge, estes eram geralmente considerados quer como afins de Cro-Magnon, quer como afins do tipo neolítico de Baumes-Chaudes, ou como antepassados dos Portugueses actuais. Separei fundamentalmente Muge do Cro-Magnon, de Baumes-Chaudes e do Português médio actual (embora sem contestar a possibilidade duma evolução para êste). Outorgando a Muge certa individualidade

(1) Nello Puccioni — *Storia Naturale dell'Uomo* — Firenze, 1916, pág. 31.

(2) Obra citada no texto, pág. 292.

(3) In «Arch. d'Anat. e Antropol.», Lisboa, 1917, pág. 222 e segs.

entendi que o tipo dolicocefalo do mesolítico português era mais afim de Combe-Capelle do que de qualquer outro tipo prehistórico clássico — e ainda não mudei de opinião.

No mesmo ano, voltei ao assunto na monografia *Sobre uma forma craniana arcaica* (1). Esta forma arcaica é a hipsistenocéfala. No referido trabalho, depois de aludir aos restos de Brunn, Brux e Galley Hill, e de afirmar as diferenças flagrantes entre o homem de Neanderthal e o de Combe-Capelle, incluía este no *H. sapiens*, contrariando, porém, a sua inclusão no tipo de Cro-Magnon, inclusão feita por Obermaier, como foi dito. E escrevia: «Não nos parece, de modo algum, plausível a extensão dada ao grupo de Cro-Magnon, abrangendo nêle os tipos de Chancelade e de Combe-Capelle... As diferenças de estatura entre o Cro-Magnon e as duas formas são bem conhecidas, e a estatura não é um carácter antropológico de pouca importância. O índice nasal, leptorrínico em Cro-Magnon e Chancelade, é platirrínico em Combe-Capelle. A desarmonia crânio-facial do Cro-Magnon não existe, pelo menos tão nítida, nos outros dois tipos do paleolítico superior. A platicefalia distingue-o também destes dois que são hipsistenocéfalos ou de tendência hipsistenocéfala. A cameconquia distingue a seu turno os crânios de Cro-Magnon e de Combe-Capelle do de Chancelade. Enfim, este é ortognata, o de Combe-Capelle prognata e o de Cro-Magnon talvez intermédio. Considerar-se *errónea*, como o faz Hugo Obermaier, a introdução do *Homo aurignacensis* na bibliografia antropológica, é um exagero de crítica contra o qual protestam os confrontos supramencionados. Contra a sua assimilação ao Cro-Magnon feita pelo mesmo autor, protestam também as figuras A e B da Lam. XIV do seu próprio trabalho... colocadas a par, como que propositadamente

(1) In « Anais Científicos da Fac. de Med. do Porto », Porto, 1917, pág. 21 e segs. do extr.

para inutilizar a explanação do texto... É lícito considerar o tipo *H. aurignacensis* como não definitivamente estabelecido, por assentar apenas... sobre um esqueleto e este mesmo não íntegro». Mas não poderá recusar-se *in limine* a sua existência e muito menos, incluí-lo na raça de Cro-Magnon. Também os negróides de Grimaldi e o protoetiópico de Combe-Capelle se não confundem, a-pesar-de muitas afinidades morfológicas. Numa pequena tabela eu punha em confronto algumas medidas dos restos de Combe-Capelle e do jovem negróide de Grimaldi (1). Enfim mostrava também as diferenças de Combe-Capelle em relação aos restos de Chancelade e mesmo em relação ao *Homo afer taganus* (nome que dei ao dolicocefalo de Muge), um e outro aliás com certas afinidades com o tipo em questão. Em várias passagens do meu trabalho (2) acentuava que era lícita uma aproximação — *não identificação* — entre o tipo de Muge e o *H. aurignacensis*.

Mais tarde (1921 e 1926) voltei de novo ao assunto nas duas edições do *Homo* (3). «Combe-Capelle, Grimaldi e Cro-Magnon — escrevi — são, porém, tipos perfeitamente distintos e, se os dois primeiros podem, pelo número restrito de exemplares, não ter ainda uma diagnose definitiva, não é lícito incluí-los no Cro-Magnon, do qual diferem por caracteres antropológicos importantes, como o índice nasal, a altura do crânio, o próprio índice cefálico, etc.». E dava as caracterizações daqueles tipos, ocupando-me também dos restos de Placard, Solutré, Chancelade, Oberkassel, etc. (4).

Giuffrida-Ruggeri, entretanto, aplaudira o que eu dissera sobre a posição sistemática de Muge, Cro-Magnon, Combe-Capelle, etc.

(1) Op. cit., pág. 25 do extr.

(2) Op. cit., págs. 29 e 30.

(3) 2.ª ed., págs. 141, 142, 144, 148, etc.

(4) Id., págs. 146, 147, 148, 149, etc.

Em 1917, analisando o meu primeiro trabalho sobre os crânios pré-históricos de Portugal, escrevia (1): «La memoria pubblicata dal giovine e molto attivo antropologo portoghese ha un'importanza molto più grande che non sembrerebbe dal titolo della medesima. L'A. ha fatto una revisione succinta, ma definitiva, del materiale preistorico scheletrico del suo paese, in tal guisa che d'ora innanzi non sarà più possibile richiamarsi al giudizio degli autori francesi che avevano legiferato anche in quella sezione antropologica, ma bisognerà attenersi al più maturo giudizio adesso apparso nello stesso Portogallo».

Num trabalho especial sobre o assunto (2), aparecido no mesmo ano, o autor italiano defendia, contra Zaborowski e Obermaier, a sua tese da diferença entre Cro-Magnon e Combe-Capelle, falando também na posição sistemática dos restos de Muge, segundo a opinião por mim exposta. Da aproximação feita por Obermaier entre Cro-Magnon e Combe-Capelle diz Giuffrida-Ruggeri «não ter a mínima base» e ter já sido combatida por mim. Exprime agrado por eu incluir Muge no seu bloco das raças equatoriais. Volta em 1921 a expôr largamente no seu livro *Su l'origine dell'Uomo* (3) a nossa concordância de vistas.

Em Itália não surgem vozes discordantes sobre a individualidade antropológica do tipo de Combe-Capelle. Adversário de Giuffrida no problema das origens humanas, o venerando prof. G. Sergi ainda em 1929 — alguns anos volvidos já sobre a morte de Giuffrida — vem, no seu livro *Il posto dell'Uomo nella Natura* (4), reunir Galley-Hill, Brünn, Brück e Combe-Capelle (a-pesar-da ten-

(1) In «Archivio per l'Antropologia e la Etnologia», t. 46 (1916), Firenze, 1917, pág. 186.

(2) *La posizione antropologica dell'Uomo fossile de Combe-Capelle ecc.*, — «Rivista di Antropologia» — Roma, 1916-1917.

(3) Bologna, 1921, págs. 136 e segs., 142, 185, etc.

(4) Torino, 1929, pág. 203 e segs.

dência do crânio deste último à forma pentagonal, existente também no Cro-Magnon, e da importância taxonómica que o autor liga ao contorno horizontal do crânio) num tipo que chama *Cantius*, distinto do *Ligurius* (Cro-Magnon) e do *Grimaldis*.

Em Inglaterra, o ilustre antropólogo do Real Colégio dos Cirurgiões, prof. Arthur Keith atribui em 1921 importância paleontológica aos restos esqueléticos de Combe-Capelle que reúne a documentos ingleses e espécimes modernos e diz: «No fim do mustierense e princípio do aurinhacense, os homens no vale do Dordogne eram de tipos humanos modernos — o de Cro-Magnon, alto, e o de Combe-Capelle, baixo» (1). A estatura aparecia justificadamente a Keith como bastando para distinguir os dois tipos antropológicos.

Em 1924, Haddon estabelece igualmente dois tipos «divergentes» no paleolítico superior: um de baixa estatura, dolicocefalo, hipsicefalo, platirrinico, de raça *euraficana*, de que «é típico» Combe-Capelle, e outro, de muito alta estatura, dolicocefalo, platicefalo, leptorrinico, o de Cro-Magnon. Citando alguns dos meus trabalhos, admite as relações entre o dolicocefalo de Muge e o Combe-Capelle (2).

Porém Stibbe, em 1930, nem fala de Combe-Capelle e admite, como Elliot Smith, que a raça negróide de Grimaldi é ascendente da de Cro-Magnon (3).

Nos Estados Unidos, em 1924, G. Grant Mac Curdy trata largamente, nas *Human Origins*, da descoberta de Hauser, mos-

(1) A. Keith — *The Antiquity of Man*, vol. 1, new edition. London 1925, pág. 169. Não possuindo a ed. de 1915, não sabemos se já então Keith assim escrevia.

(2) A. C. Haddon — *The Races of Man and their distribution* — 2.^a ed. — Cambridge, 1924, págs. 55, 56, 60, 162.

(3) E. P. Stibbe — *An Introduction to Physical Anthropology* — London, 1930, pág. 133.

trando o cuidado com que se fez a exumação, e afirma que no aurinhacense houve *dois* tipos bem distintos: o negróide de Grimaldi e o homem de Combe-Capelle, admitindo neste último, como outros autores, alguns caracteres de transição do tipo de Neanderthal para o *H. sapiens*, transição que se revelaria igualmente nos restos de Predmost ⁽¹⁾ e — acrescentemos — no crânio de Tabgha, na Palestina. Notemos que, para alguns autores, a raça de Cro-Magnon é post-aurinhacense.

Entre os alemães, a individualidade taxonómica e a importância documental dos restos de Combe-Capelle encontram mais numerosas adesões. Obermaier, mesmo, parecia ir atenuando a sua discordância. Na 2.^a edição de *El hombre fósil* ⁽²⁾ diz ainda que as diferenças entre os crânios do paleolítico superior, exceptuando os de Grimaldi e Predmost, « são de pequena importância e podem qualificar-se de variações individuais », pelo que é legítimo reünir-los a todos sob o nome de raça de Cro-Magnon. Cita, porém, as opiniões de Klaatsch e de Giuffrida-Ruggeri, e as relativas ao esqueleto de Chancelade, tão bem estudado por Testut e geralmente aproximado dos Esquimós actuais. « Em todo o caso — conclui — trata-se apenas de raças muito próximas umas das outras no ponto de vista antropológico ». Em 1932, na tradução espanhola, modificada, dum seu livro publicado dois anos antes em alemão ⁽³⁾, cita Combe-Capelle, mas, dizendo que há várias raças no paleolítico superior, apenas enumera as de Cro-Magnon, Predmost e Grimaldi.

Werth, em 1921, faz um desenvolvido estudo dos restos de Combe-Capelle ⁽⁴⁾ que reúne aos outros homens do *loess* ou da

(1) Obra citada no texto, pág. 384 e segs.

(2) Madrid, 1925, pág. 339 e segs.

(3) Hugo Obermaier — *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad* — Madrid, 1932, pág. 70.

(4) E. Werth — *Der fossile Mensch* — Berlin, 1921, pág. 228 e segs.

raça de Aurignac (Brünn, Predmost, Brüx, Podbaba e Galley-Hill), que distingue da de Cro-Magnon e que, como a de Grimaldi, considera mais antiga do que a dita de Cro-Magnon à qual reúne, porém, Chancelade e Oberkassel.

Um dos mais importantes trabalhos de sistematização dos restos esqueléticos humanos do paleolítico superior é seguramente o de Saller ⁽¹⁾, de 1925. Pena é que o autor alemão tenha utilizado o método das diferenças médias de Czekanowski, que foi tão justamente condenado por Stolywo ⁽²⁾. Ainda assim, ressaltam certas realidades que alguns antropólogos se tem recusado a vêr. Saller, na raça de Brünn do *Homo fossilis*, inclui os restos de Combe-Capelle, Brünn I, Oberkassel ♀, talvez Galley-Hill. Dá, porém, a raça de Brünn como ortognata, quando Aranzadi, num dos seus notáveis trabalhos sobre o prognatismo, apresenta o tipo de Combe-Capelle como um dos mais prognatas ⁽³⁾.

Nos « Mitteilungen » da Sociedade Antropológica de Viena, o investigador austríaco, J. Szombathy, em 1927, publica um artigo, já atrás citado, em que afirma ser exagerada a importância atribuída por Klaatsch ao esqueleto de Combe-Capelle. Já ficou dito que, comquanto reconhecendo a idade aurinhacense do esqueleto, Szombathy apresenta dúvidas sobre a cronologia formulada por Klaatsch — o aurinhacense inferior. Na sua opinião, não é certo que se trate do mais antigo fóssil humano conhecido do paleolítico superior, como se pretendeu. No ponto de vista antropológico, o

(1) K. Saller — *Die Cromagnonrasse und ihre Stellung zu anderen jungpaläolithischen Langschädelrassen* — « Zeitschrift für induktive Abstammungs- und Vererbungslehre », Bd. XXXIX, Berlin, 1925.

(2) Kazimierz Stolywo — *Sur la méthode de la diagnose différentielle et sur son application dans l'Anthropologie* — « Anthropologie », Praga, 1926.

(3) Telesforo de Aranzadi — *El triángulo facial de los cráneos vascos* — « Memorias de la R. Soc. Españ. de Historia Natural », t. X, mem. 8.^a, Madrid, 1917, pág. 380 e segs., 393, etc.

mesmo autor contesta que se possa considerar o *Homo aurignacensis* uma espécie distinta, mesmo uma raça distinta: êle pertence à espécie o *Homo sapiens* e morfológicamente é apenas uma forma da raça de Cro-Magnon, atenuada por algumas pequenas afinidades com a forma de Chancelade. Reconhece que não é um Cro-Magnon puro, mas que está entre as duas formas. Para Szombathy, há 4 raças definidas do paleolítico superior: Grimaldi, Brûx, Cro-Magnon e Chancelade. São tão precários os restos de Brûx, que é, a nosso ver, ousado falar em «raça de Brûx». Precisamente na tabela comparativa final, Szombathy não entra em conta com o índice nasal e outros de não menor importância, para definir a posição do *Homo aurignacensis*.

Em 1932, Hans Weinert, no seu livro *Ursprung der Menschheit*⁽¹⁾, vê nos exemplares do Combe-Capelle, Brûx, Brünn, Predmost, Podbaba e Galley-Hill um tipo de transição entre Neanderthal e o homem moderno, apoiando-se, de modo extranho, na pretensa «falta de mento» nesse tipo. Separa justificadamente Combe-Capelle do Cro-Magnon, mas aproxima-o paradoxalmente do Esquimó...

*

* *

Reservei para o final a resenha dos pareceres emitidos em França sobre o significado antropológico do esqueleto de Combe-Capelle, porque é em França que mais arreigada se encontra a concepção tradicional da raça de Cro-Magnon.

Começarei por mencionar a opinião dum dos mais categorizados representantes da ciência francesa, o ilustre prof. Boule. Em

(1) Stuttgart, 1932, pág. 280 e segs.

1921 saía a sua notável obra *Les Hommes fossiles*. Nesta escreve Boule a respeito de Combe-Capelle: «En 1910, le marchand d'antiquités Hauser trouva un squelette paré de coquilles marines dans le gisement de Combe-Capelle (Dordogne). Ce squelette fut acquis par le Musée de Berlin dont Hauser était le pourvoyeur. On a voulu en faire le type d'une espèce spéciale sous le nom de *Homo aurignacensis* et l'anthropologiste allemand Klaatsch a émis à son sujet les hypothèses les plus extravagantes. En réalité, il s'agit encore d'une variété de la race de Cro-Magnon, présentant, d'après Giuffrida-Ruggeri, quelques caractères éthiopiens»⁽¹⁾.

No capítulo sobre a «Raça de Cro-Magnon» o eminente paleontologista diz, falando de Brünn e Predmost (Cro-Magnons orientais) e depois de citar de novo a opinião de Giuffrida-Ruggeri sobre o esqueleto de Combe-Capelle: «En somme, au point de vue ostéologique, les vrais Cro-Magnon peuvent être considérés comme un type moyen, autour duquel gravitent déjà des variations dues probablement à l'influence des divers milieux géographiques et peut-être aussi à des croisements. Mais l'ensemble forme vraiment un bloc. Il s'agit d'une belle race, ayant joué, comme l'a dit de Quatrefages, un rôle considérable dans le temps et dans l'espace»⁽²⁾.

Enfim, muito adiante, o prof. Boule diz dos homens do paleolítico superior que «os seus traços gerais são assás uniformes para que certos antropologistas sejam levados a agrupá-los sob a denominação comum de *raça de Cro-Magnon*». «Mais il y a aussi — acrescenta — une certaine diversité de caractères qui s'accordent bien avec la longue durée de l'âge du Renne et avec les mouvements des populations... Nous avons distingué assez facilement et sans recourir à des procédés d'analyse trop subtils, trois types

(1) Obra citada no texto, 2.^a ed., Paris, 1923, pág. 273.

(2) Boule — Op. cit., págs. 291 e 292.

principaux qui paraissent s'être succédé sur notre territoire: Grimaldi, Cro-Magnon et Chancelade» (1). Boule relaciona estes três tipos respectivamente com os Negros, os Brancos e Amarelos.

Vê-se de tudo o que extractamos, que o sábio francês não deixa de reconhecer no «bloco uniforme» do paleolítico superior uma certa «diversidade de caracteres» que, relativamente a Combe-Capelle, autoriza a estabelecer uma «variedade» da raça de Cro-Magnon.

Com mais decisão e, sem dúvida, com menos conhecimento de causa do que o Mestre, Goury, em 1927 (2), admite no paleolítico superior as três raças estabelecidas por Boule, dizendo a respeito de Combe-Capelle: «En 1910, le musée de Berlin acquit de son pourvoyeur habituel, un squelette trouvé dans la station de Combe-Capelle; les Allemands s'empressèrent naturellement d'en faire le type d'une espèce nouvelle, l'*Homo aurignacensis*; au fond, le crâne appartient nettement à la race de Cro-Magnon tout en présentant quelques traits de variété (caractères éthiopiens) qui ne modifient en rien les caractères fondamentaux et typiques de la race». Os aurinhacenses de Solutré ligam-se também nitidamente (na expressão do mesmo autor) ao grande tipo de Cro-Magnon. No final Goury concede que esta raça não é homogênea, que as populações do aurinhacense são muito misturadas, que, pertencendo embora à mesma raça, evolutiram sob céus diferentes. É apenas uma paráfrase menos feliz da opinião de Boule. No volume seguinte, Georges Goury reproduz também sem crítica segura o parecer de Vallois sobre Muge, opondo-o aos meus pontos de vista a tal respeito (3).

Vallois, o eminente antropologista de Toulouse, não se ocu-

(1) Boule — Op. cit., pág. 317.

(2) *Origine et évolution de l'Homme* — Paris, 1927, pág. 179 e segs.

(3) G. Goury — *L'Homme des Cités lacustres*, II, Paris, 1932, pág. 699.

pou especialmente de Combe-Capelle, mas no seu estudo, em 1930, sobre os restos humanos de Muge (1) pretende, contra a minha opinião (aceite por Giuffrida-Ruggeri, Haddon, etc.), que, reconhecendo-se-lhes embora uma certa individualidade antropológica (o que eu já levava ao ponto de lhes dar, mesmo, um nome especial), se deviam aproximar não do bloco de raças equatoriais imaginado com talento por Giuffrida, mas da raça de Cro-Magnon, concebida no sentido lato que lhe dava Boule. Discuti numa comunicação ao Congresso Internacional de Antropologia de 1931, em Paris, as opiniões de Vallois sobre Muge (2). Mostrei que nem pela estatura, nem pelo índice nasal, nem pelo índice facial superior, nem pela altura do crânio, nem pela capacidade, é possível aproximar o *Homo afer taganus* do Cro-Magnon. Insisti na maior afinidade com Combe-Capelle e com o bloco equatorial mencionado. Deve notar-se que Vallois reconhece, de passagem, a afinidade do *H. taganus* com os «Cro-Magnons orientais». Afinal Combe-Capelle tem maiores afinidades com estes do que com o Cro-Magnon clássico. Não será portanto, em grande parte, a nossa divergência mais uma questão de palavras?

Falando em 1927 de ossos humanos do paleolítico superior do Ariège (3), Vallois dizia que o facto de acusarem baixa estatura, *excluiria a presença da raça de Cro-Magnon* e que esta raça difere da de Laugerie pela alta estatura e pela face larga (4). Pois em 1930 o ilustre antropologista segue para os esqueletos de Muge um critério diverso, não se preocupando já com a dife-

(1) H. Vallois — *Les ossements mésolithiques de Muge* — «L'Anthropologie», t. XL, Paris, 1930, pág. 337.

(2) *Les nouvelles fouilles à Muge* (em publicação).

(3) H. Vallois — *Les ossements énéolithiques de l'Ombrive* — «L'Anthropologie», XXXVII, Paris, 1927, pág. 483.

(4) *Ibid.*, pág. 477.

rença de índice facial que se esforça por atenuar (1), e sobretudo com a diferença enorme da estatura, que explicava pela má alimentação dos mesolíticos de Muge. Ora os ossos destes foram precisamente encontrados entre restos de animais utilizados para alimento... A estatura é de-certo influenciada por condições mesológicas, regimen alimentar, etc., mas a diferença referida é tão grande que não pode deixar de possuir um significado taxonómico.

Já em 1889 De Quatrefages individualizara a *raça de Muges*, separando-a da de Cro-Magnon, a que tanto relêvo dera. Baseara-se para esta discriminação nas diferenças de morfologia facial e da estatura dos dois tipos (2).

Opondo à *raça de Constadt* ou de Neanderthal, do paleolítico inferior, a 2.^a *raça quaternária*, a *raça de Cro-Magnon*, do paleolítico superior, Quatrefages & Hamy (3) firmaram com justeza a noção dos contrastes entre os tipos antropológicos dos dois níveis paleolíticos, mas não dispunham então dos elementos de que hoje se dispõe para mais detalhada discriminação dentro do grupo correspondente ao paleolítico superior. Em face das novas aquisições, não é legítimo cristalizar na primitiva concepção.

O eminente autor da *Ologénese humaine*, o prof. G. Mon-

(1) No trabalho citado *Les nouvelles fouilles à Muge*, mostramos que na série portuguesa em questão prevalece a tendência leptoprósopa, nitidamente distinta da cameprosopia da *raça de Cro-Magnon*.

(2) De Quatrefages, como Paula e Oliveira e outros, admitia braquicéfalos em Muge, embora em minoria perante o elemento dolicocefalo, o *H. taganus*, a que se refere a designação de «*raça de Muges*» dada pelo grande antropólogo francês. Vallois concede que haja alguns mesaticéfalos em Muge, mas não braquicéfalos. Na nossa comunicação de Paris, mantemos a convicção favorável ao primitivo parecer de Quatrefages e de Paula e Oliveira sobre a existência dalguns braquimorfos entre os espécimes de Muge, se bem que haja, como com razão diz Vallois, alguns espécimes deformados. Sobre a opinião de Quatrefages relativamente a Muge, pode vêr-se o seu livro *Histoire générale des races humaines* (Paris, 1887, pág. 113).

(3) *Crania Ethnica*, t. 1, Paris, 1882.

andon, é dos que vão entrando em conta com os factos novos. Falando, em 1932, no necrológio do prof. Hervé (1), dos crâneos de Muge, refere-se incidentalmente a Combe-Capelle, que não hesita em, de certo modo, classificar de «negróide»: «En 1930, le Professeur Hervé revenait sur la question des Négroïdes en Europe, à propos des squelettes mésolithiques de Muge... Déjà en 1899, il avait parlé de ces squelettes, mais il les rapprochait des Magdaléniens de Laugerie-Basse, de Sorde et de Chancelade, sans cependant les identifier avec eux. Les documents de Menton et de Quiberon l'engagèrent à faire faire une nouvelle investigation sur les squelettes de Muge; il en garda les résultats par devers lui — la guerre avait éclaté — jusqu'en 1930. Entre temps, en 1917, 1923 et 1924, avaient paru les enquêtes de Mendes Corrêa sur les mêmes crânes. Les deux groupes d'investigations (suivies par celle de Vallois) furent d'accord de reconnaître dans les hommes du mésolithique du Tage un type si ce n'est franchement négroïde pour l'ensemble, du moins sub-négroïde. Ainsi, à la lumière des données fournies par les trois stations, à la vérité littorales toutes les trois, mais bien distantes l'une de l'autre dans l'espace et surtout dans le temps, de Menton, de Muge et de Quiberon, et même si l'on ne tient qu'un compte relatif des crânes de Brno et de Predmost en Moravie, ainsi que de celui de Combe-Capelle en Périgord, la présence ancienne d'un élément négroïde en Europe paraît solidement établie».

A nomenclatura tradicional de Quatrefages & Hamy influi, porém, ainda hoje em muitos antropólogos seus compatriotas que condescendem, quando muito, em admitir, além duma *raça de Cro-Magnon*, a *raça negróide de Grimaldi* e, algumas vezes, a

(1) George Montandon — Georges Hervé — «*Rev. Anthropologique*», XLII.^e année, Paris, 1932, p. 304.

esquimóide de Chancelade, uma e outra estabelecidas também por autores franceses (1).

Longe de mim pretender que há um chauvinismo indesculpável nesta atitude exclusivista. A ciência francesa dá constantes demonstrações de amplo espírito universalista para que seja lícito admitir uma excepção neste domínio de estudo. Também não creio que uma animadversão contra Hauser seja a causa do menosprezo freqüente do significado antropológico de Combe-Capelle. Seria uma atitude imprópria de tantos altos espíritos, que tenho citado e que admiro, entre os antropólogos franceses.

A meu vêr, a influência das concepções tradicionais, a autoridade de sábios como Quatrefages e Boule, os exagêros e as fantasias inadmissíveis de Klaatsch, as próprias dificuldades do problema, teem determinado, acima de tudo, a relutância em aceitar a fragmentação do bloco, demasiado amplo, da raça de Cro-Magnon, entendida no sentido lato.

Vejamos se é legítimo, porém, manter nêsse bloco o esqueleto descoberto por Hauser em Combe-Capelle.

*

* *

Aludimos às condições de jazida do dito esqueleto. Nenhuma dúvida se opõe à sua remota idade aurinhacense. A sua descrição antropológica está feita também, com suficiente minúcia, por Klaatsch, Werth, Saller, etc., para que seja necessário reeditá-la pormenorizadamente. Limitar-me-hei ao arquivo das minhas

(1) Em seu livro *Les Origines de l'Humanité* (Paris, 1926), o ilustre prof. R. Verneau não fala no esqueleto de Combe-Capelle, ao tratar das raças do paleolítico superior. Menciona apenas, entre estas, a de Grimaldi, que êle mesmo definiu, a de Cro-Magnon, e a presumível de Chancelade, definida por Testut.

impressões directas do exame do crânio em Berlim e ao comentário dos caracteres que êsse breve exame e os estudos anteriores permitem dar como existentes no esqueleto de Combe-Capelle e que podem esclarecer a posição sistemática dêste.

Do meu exame recolhi em síntese as seguintes notas: *Crânio cerebral* — Fronte oblíqua, estreita e baixa; glabela e arcadas supraciliares muito salientes embora não tanto como nos espécimes neandertaloides; *méplat* obélico; bossas parietais e saliência occipital muito acentuadas, mesmo algum tanto ponteagudas; conseqüente contôrno horizontal sub-pentagonóide. *Face e mandíbula* — Órbitas grandes, um pouco altas; arcadas zigomáticas salientes (defeito de reconstituição?); prognatismo pouco aparente; mento nítido, mas não muito saliente; ramo mandibular largo; côrpo mandibular alto.

O esqueleto de Combe-Capelle é evidentemente do *H. sapiens*. Dar, como poderia deduzir-se das regras nomenclaturais, ao *Homo aurignacensis*, nome proposto por Klaatsch, uma categoria taxonómica correspondente à espécie, não é aceitavel, porque Combe-Capelle encontra-se, pelos seus vários caracteres esqueléticos, dentro dos limites de variação do tipo neo-antrópico. As medidas fornecidas por Saller nas tabelas n.ºs 3 e 4 do seu trabalho (1) e a fig. 7 do mesmo trabalho, o separam nítidamente do *H. neanderthalensis*, sobretudo no que se refere às dimensões verticais da calote craniana, área das órbitas (2), etc. Apenas pelo índice glabelo-cerebral e porventura por alguns outros caracteres frontais (obliquidade e pequena altura da fronte) poderiam admitir-se vagas reminiscências neandertaloides na morfologia craniana de Combe-Capelle.

(1) *Die Cromagnourasse*, etc., op. cit., p. 228-229 e 230-233.

(2) Esta, de 1810mm² e 1845mm² em La Chapelle-aux-Saints e Gibraltar respectivamente, é apenas de 1120mm² no crânio de Combe-Capelle; à vista as órbitas pareceram-me grandes, mas muito longe das de Neanderthal.

As medidas dessas tabelas e mesmo algumas medidas das tabelas anteriores são pouco usadas para a discriminação de raças dentro do grupo do *H. sapiens*. Propô-las, em parte, Schwalbe no especial objectivo da distinção entre o *H. neanderthalensis* e o *H. sapiens*. Não são, portanto, as que principalmente utilizei para uma revisão do problema da localização sistemática de Combe-Capelle dentro do segundo grupo. Aproveitei dados métricos fornecidos por Giuffrida-Ruggeri, Werth e Saller, circunscrevendo-me às medidas e índices mais usados em Antropologia étnica. Os resultados dessa revisão confirmaram-me nos anteriores juízos da individualidade de Combe-Capelle relativamente ao tipo clássico de Cro-Magnon, da sua caracterização principalmente etiópica, do possível fundamento da sua aproximação com os indevidamente chamados «Cro-Magnon orientais», de Brûx, Brünn, etc.

A tabela seguinte mostra importantes divergências de Combe-Capelle em relação a Cro-Magnon, Grimaldi e Chancelade:

	COMBE- -CAPELLE	CRO- -MAGNON (Velho)	CRO- -MAGNON (Gruta das Crianças)	GRI- MALDI ♂	CHANCE- LADE
Estatura	1m,60	1m,75-80	1m,89	1m,56	1m,50
Índice cefálico	65,7	73,8	76,3	69,3	72,0
» vértico-longo	70,2	65,4	67,2	71,4	77,7
» » transverso	106,9	88,6	88,1	103,0	107,9
» facial superior	53,9	46,1	-	46,9	57,9
» nasal	52,0	45,1	-	54,4	42,6
» orbitário	70,0	61,4	61,9	66,7	86,8
» alveolar	103,9	105,8(?)	-	-	-
Ângulo facial de Francfort	85°	88°	85° (?)	82°	91°
Área da órbita	1120	1188	1092	1014	1237
Capacidade craniana	1570c.c.	1590c.c.	1745c.c.	1580c.c.	1730c.c.
Índice humero-femural	72,6	-	70,6	64,7	73,5
» rádio-humeral	79,2	-	76,4	79,4	78,7
» tibio-femural	88,8	-	85,4	83,8	-
» intermembral	69,7	-	66,1	63,1	-

Klaatsch atribuiu a estatura de 1m,60 ao homem de Combe-Capelle; deduzindo-a dos comprimentos de 2 húmeros, 1 fémur e 2 tíbias, chegara, porém, a 1m,627 e arredondou-a depois para aquele valor. Giuffrida atribuiu-lhe a estatura de 1m,63 e Saller a de 1m,66.

Em relação a Grimaldi, Combe-Capelle difere apenas alguns cm. na estatura (que, no adolescente estudado, deveria segundo Verneau corresponder a 1m,66 no adulto), aproxima-se ainda pelos índices cefálico, verticais, orbitário e rádio-humeral, diferindo sensivelmente pelos índices facial superior, humero-femural, intermembral, etc. O índice nasal em Combe-Capelle é levemente menor, o prognatismo mais discreto.

Relativamente ao esqueleto de Chancelade, Combe-Capelle aproxima-se pelos índices vértico-transverso, humero-femural, rádio-humeral, etc., mas afasta-se pela maior dolicocefalia, pela face menos leptoprósopa, pelos índices nasal e orbitário, capacidade, etc. A estatura é muito menor no espécime de Chancelade.

Quanto ao Cro-Magnon (de que dei não só os números relativos ao clássico crânio do velho, o n.º 1, que tem sido dito extremo, mas também os do exemplar da gruta das Crianças, do Baussé-Roussé), as analogias existem, mais ou menos nítidas, no que respeita ao índice alveolar (?), ângulo facial de Francfort, capacidade (com um dêles), índice humero-femural, possivelmente outras proporções dos membros... Mas há diferenças, sobretudo nos índices de altura craniana (especialmente o transverso), índices facial e nasal, e na estatura. O crânio de Combe-Capelle é hipsistenocéfalo, ao passo que os de Cro-Magnon são platicéfalos e de dolicocefalia menor. Ora os elementos considerados são de reconhecido valor taxonómico. Se dêles fazemos tábuas de raça, temos de concluir pela impossibilidade duma discriminação taxonómica das raças humanas, fundada no estudo do esqueleto.

Para que não pudesse ser-me atribuído qualquer *parti-pris* na escolha dos caracteres utilizados como elementos diferenciais, tomei como base para um confronto a lista de caracteres que o ilustre professor Verneau, insuspeito duma limitação intencional da amplitude da chamada raça de Cro-Magnon, designou como os mais importantes para a diagnose desta raça (1). Segue um quadro comparativo:

CARACTERES MAIS IMPORTANTES DA RAÇA DE CRO-MAGNON (Segundo a diagnose de Verneau)	CARACTERES CORRESPONDENTES EM COMBE-CAPELLE
Estatura alta	Estatura inferior à mediana.
Desarmonia crânio-facial (constante)	Harmonia crânio-facial.
Fronte pouco oblíqua	Fronte bastante oblíqua.
Méplat obélico	Idem.
Intumescência iníaca	Idem.
Crânio em geral desenvolvido transversalmente (apesar da dolicocefalia)	Crânio estreito.
Leptorrinia (em geral, quando os bordos não estão partidos)	Meso-platirrinia.
Arcadas supraciliares desenvolvidas, atenuando-se externamente	Idem, mais ou menos.
Órbitas microsemas	Idem, embora menos.
> rectangulares	Órbitas oblíquas e elípticas.
Certes caracteres mandibulares	Caracteres sensivelmente análogos.
Mento bastante saliente	Mento pouco saliente.
Total . . . { Caracteres comuns 5	
{ Caracteres diferentes 7	

A maioria dos caracteres excluí da raça de Cro-Magnon o esqueleto de Combe-Capelle: é a conclusão flagrante do confronto supra. Mas do paralelo que estabelecemos entre algumas medidas, ressalta ainda a conclusão de que não há igualmente possibilidade de considerar o homem de Combe-Capelle como pertencente às raças

(1) R. Verneau—*Les Grottes de Grimaldi*—T. II, fasc. I, *Anthropologie*, Monaco, 1906, pág. 87.

de Grimaldi ou de Chancelade. Suponho, porém, que não existe necessidade de insistir, como Klaatsch, Saller, Giuffrida, etc., sobre a sua possível aproximação com Brûx, Brûnn I, talvez ainda com Predmost, Galley-Hill, etc.

Utilizando apenas dois elementos antropológicos — o que, sem dúvida, não basta, mas conduz a aproximações de certo interesse, dada a importância desses elementos, que são o índice cefálico e a estatura — organizei o quadro da fig. 3, que é deveras impressionante. Esses dois elementos permitem isolar nitidamente do Cro-Magnon, alto e de dolicocefalia geralmente moderada, o homem de Combe-Capelle, o *H. taganus*, o homem de Chancelade, mesmo o adolescente de Grimaldi — que, pela idade, ocupa naturalmente um lugar menos elevado em relação à estatura, mas que, pelo cálculo já referido de Verneau, não viria a atingir no estado adulto muito mais de 1^m,66, isto é, ficaria, ainda assim, fora do grupo de Cro-Magnon.

A estatura e o índice cefálico parecem reunir num bloco distinto do de Cro-Magnon (e Solutré), o Combe-Capelle, o dolicocefalo de Muge e o negróide de Grimaldi. Pois ainda a elevação da abóbada craniana (em contraste com a platicefalia de Cro-Magnon), a elevação do índice nasal, os destacam, também do bloco de Cro-Magnon, destacando porventura ainda alguns exemplares que, como certos de Barma Grande, lhe tem sido associados.

Apezar disso, não parece que devemos considerar os homens de Combe-Capelle, Muge e Grimaldi como formando uma só raça. Já mostrámos as diferenças do primeiro em relação a Grimaldi. Quanto ao *H. taganus*, êle difere do homem de Combe-Capelle na menor capacidade craniana, na menor dolicocefalia, num menor desenvolvimento vertical, etc., e da raça de Grimaldi difere também nesses caracteres, num menor prognatismo, num maior alongamento da face.

Em relação às raças actuais, as proporções do corpo, o índice nasal, a maior ou menor hipsicefalia, a tendência mais ou menos

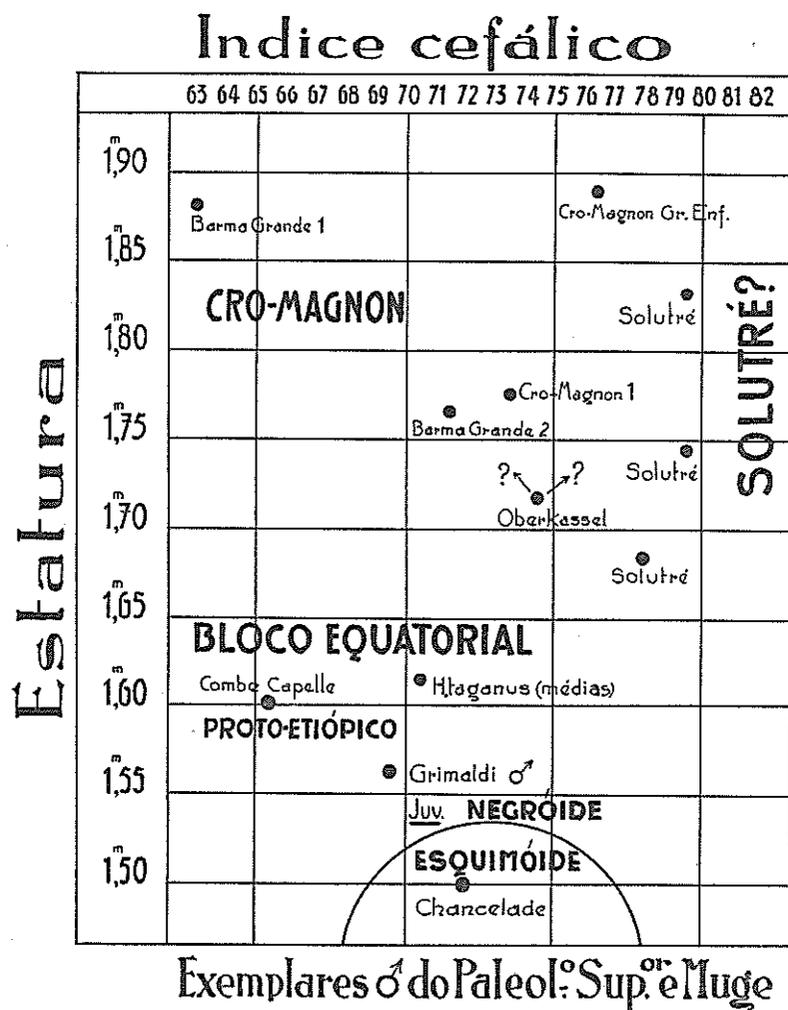


Fig. 3—Posição relativa de vários esqueletos fósseis, segundo o índice cefálico e a estatura. (Ver no texto as considerações sobre a estatura do adolescente de Grimaldi e do homem de Combe-Capelle, que podem ser aumentadas respectivamente 10 cm. e 6 cm., para o confronto, que aliás não alteram).

prognata, levam a estabelecer para o bloco C. Capelle-Grimaldi-

-Muge afinidades predominantes com as raças equatoriais. O negroidismo de Grimaldi é geralmente aceite; os caracteres etiópicos de Combe-Capelle também o são. O *H. taganus* não é identificável com Negros ou Etiópes (a sua individualidade antropológica não permite mesmo identificá-lo com outra raça fóssil ou actual) mas, embora, como diz Vallois, lhe faltem certos caracteres negróides como um prognatismo constante, o aspecto da base da abertura nasal, etc., outros apresenta, entretanto, não só na sua mesorrinia e platirrinia quasi constantes, como em algumas proporções do corpo, mesmo no seu meso-prognatismo dominante. Antes de mim, já Hervé e Aurélio da Costa Ferreira, tinham, com razão, estabelecido essas aproximações negróides, que, nos justos limites em que foram enunciadas, também mereceram a concordância autorizada do prof. Barros e Cunha e do prof. George Montandon, havendo, pois, ignara leviandade ou impudente propósito de especulação ao apontarem-se-me, em jornais, como «erróneas» tais aproximações, aliás sempre prudentemente feitas, como teem de ser estes trabalhos.

Caberá perguntar se é com os Brancos actuais ou com os Mongois actuais, de tão diversa morfologia, que deverá antes fazer-se a aproximação do *H. taganus*!... Vallois nem pôs a questão — e muito bem — para os segundos; quanto aos primeiros, deu-me expressamente inteira razão no que respeita aos Mediterrâneos. Dos Nórdicos, de alta estatura, e dos Alpinos, braquicéfalos, também achou, com são critério, que nem valia a pena falar.

Mas deixemos por agora o *H. taganus*, com os seus caracteres negróides ou — numa fórmula feliz de Montandon (1) — subnegróides, e com as suas afinidades, não identidade, com Combe-

(1) No necrológio, já citado, do prof. Georges Hervé, na «Revue Anthropologique».

-Capelle. Volvamos a êste último. Recordemos que Aranzadi, o ilustre antropólogo de Barcelona, estudando os ângulos e índices de prognatismo, afirma que êstes colocam o homem de Combe-Capelle, entre as raças austrais ou equatoriais, e não entre as boreais.

*

* *

A recente publicação por Boule e Vallois da bela monografia sôbre o homem fóssil de Asselar (Saará) ⁽¹⁾ trouxe sugestões e factos novos que interessam ao debate da questão que nos ocupa. Êsse trabalho, além dum estudo pormenorizado do esqueleto saariano, contém uma síntese do estado actual da questão do homem fóssil, especialmente do paleolítico superior, em África.

O continente africano não é já, sob tal ponto de vista, inteiramente misterioso. Vemos, porém, com certa surpresa que, em lugar de nos fornecer tipos das raças actuais bem marcadas, de caracteres bem acentuados, como os Negros sudanenses (o tipo clássico do *H. afer*) ou como os Bochimanes, o paleolítico superior e o mesolítico africanos apresentam sobretudo formas colectivas ou mixtas, aliás de acôrdo com as leis paleontológicas gerais.

O homem fóssil de Asselar aparece, para os referidos autores, como diferente de qualquer dos tipos actuais da periferia do Saará (leucodermes, etíopes, negros sudanenses e negrilhos), mas como um tanto afim, ao mesmo tempo, dos bântus e dos hotentotes do sul do continente ⁽²⁾, e ainda dos negróides paleolíticos de Grimaldi. Estes seriam mixtos do Cro-Magnon e dos Negros.

A África do Sul forneceria numerosos intermediários, como

(1) M. Boule et H. Vallois — *L'homme fossile d'Asselar* — Memória 9 dos « Arch. de l'Inst. de Paléontol. Humaine », Paris, 1932.

(2) Dada a alta estatura do homem de Asselar estas afinidades hotentotes afiguram-se-me duvidosas. Mas o assunto merece mais detido debate.

entre cromagnonóides e protobochimanes, ou entre estes e australóides. Na África menor, a bela série do paleolítico superior de Afalou bou Rhummel ⁽¹⁾, cujo estudo não está ainda concluído, indicaria caracteres que não permitem aos mesmos autores ligá-la nem aos espécimes fósseis da mesma época da Europa, nem às raças actuais da África do norte. Na África oriental, os Etíopes guardariam, ainda hoje, como no sul os Bântus e os Hotentotes, os caracteres mixtos das formas ancestrais, não marcada e exclusivamente europeus, nigríticos ou bochimanes, mas intermediárias entre as correspondentes formas actuais, que seriam assim desconhecidas no estado fóssil ⁽²⁾.

A tese é sedutora. Revive a doutrina de Bean, Giuffrida-Ruggeri, etc. do homem primitivo de tipo indiferenciado ⁽³⁾? No entanto, hesito em dar-lhe adesão. Do mesmo modo que já se pensou em considerar os Australianos não como uma sobrevivência de formas arcaicas, mas como um produto da degenerescência, também no seu novo trabalho, Boule e Vallois veem, por exemplo, nos tipos actuais mais acentuadamente nigríticos ou bochimanóides, diferenciações ou até degenerescências das formas ancestrais intermédias. O paleolítico superior e o mesolítico não representam um lapso de tempo suficientemente extenso para que seja pouco verosímil que todo êle tenha decorrido em ensaios evolutivos inacabados?

(1) Apesar da estatura superior à média, da franca desarmonia crânio-facial, do contôrno pentagonal do crânio, da cameconquia, etc. os autores não se propuseram aproximar do Cro-Magnon êsses espécimes, como tem sido feito ao Combe-Capelle e como um deles (Vallois) fez ao *H. taganus*. Na sua opinião constituem uma raça especial (*op. cit.*, p. 59). No entanto o *H. taganus* afasta-se ainda mais do Cro-Magnon, na estatura, no índice facial, na altura do crânio, etc. e o mesmo sucede com o Combe-Capelle. Aguardemos, entretanto, a descrição pormenorizada da série norte-africana.

(2) Vd. referência a êste assunto, de Ch. Fraipont — *Anthropologie et Mutations* — « Rev. Anthropologique », t. XLIII, Paris, 1933, p. 41.

(3) Giuffrida-Ruggeri — *L'uomo primordiale come tipo indifferenziato* — « Arch. per l'Antrop. e la Etnol. », vol. XLI, Firenze, 1911, p. 271.

Temos de considerar (como sugerem Boule e Vallois) como constituindo na realidade, um bloco unitário indiferenciado a multiplicidade de formas heterogêneas que nos acusa a paleantropologia do paleolítico superior?

Por enquanto, mantenho a crença de que, se essa heterogeneidade traduz, sem dúvida, em muitos casos, variações individuais de grande amplitude, não é justo, noutros, deixar de atribuir a pluralidade de raças. Convenho em que é difícil, no estado actual dos métodos antropológicos, com materiais esqueléticos reduzidos, às vezes com achados singulares (o que, em paleontologia, não impede o estabelecimento de tipos distintos, quando a morfologia o impõe) averiguar quando se trata de diferenças raciais ou apenas de diferenças individuais. Faltam, naturalmente, para a paleantropologia, indicações sobre a morfologia externa, as partes moles, as reacções bioquímicas, etc.

Mas, se é legítimo destacar da raça de Cro-Magnon os negróides de Grimaldi ou o esqueleto de Chancelade, e fundar no conhecimento desses documentos raças distintas, impõe-se proceder de modo idêntico com o esqueleto de Combe-Capelle, agregando-lhe possivelmente os espécimes de Brno n.º 1, Predmost, etc. Não se trata, de modo algum, duma espécie à parte, mas *duma raça ou variedade dentro da espécie comum*. Os confrontos que fiz entre Combe-Capelle e os Cro-Magnon clássicos não deixam dúvidas sobre a multiplicidade de diferenças importantes existentes entre êles.

Pode perguntar-se, admitindo-se a tese exposta a propósito do homem de Asselar, se será conveniente tomar as raças actuais como padrões de confronto para a sistematização taxonómica dos restos fósseis. Mas quais então os padrões a tomar? Note-se que precisamente a craniologia e a osteologia não permitem, em geral, definir com segurança senão os tipos bem marcados. Mas porque não assinalar, nos tipos menos acentuados, a existência duma ou outra direcção ou tendência para aqueles? Afinal Boule e Vallois

admitem, por exemplo, a evolução do Cro-Magnon no sentido dos actuais Europeus e, do mesmo modo, não prescindem dos termos «negróide», «australóide», etc. É que não possuímos, por enquanto, outra linguagem inteligível, outro meio de nos orientarmos no labirinto das caracterizações raciais.

Dentro do critério ultimamente exposto na dita monografia, Combe-Capelle, com os seus caracteres etiópicos, appareceria mais próximo do stock primordial indiferenciado do que o próprio Cro-Magnon — no qual se reconhece uma tendência mais marcada para as actuais formas supostas extrêmas — ou mesmo ainda do que os negróides de Grimaldi ou o esquimóide de Chancelade.

Mas será exacta a hipótese em questão? Não irão os Negros típicos ou os Bochimanes tão longe no passado como os Etíopes ou os Bântus? Não surgirão ainda descobertas que conduzam a admitir essa remota antiguidade? E, embora os elementos hoje conhecidos da Paleantropologia, para muitas regiões, nos revelem habitantes fósseis de tipo diverso dos actuais das mesmas regiões, não é possível ainda traçar com segurança a carta da origem e distribuição primitiva dos actuais. É cedo talvez para abandonar, por exemplo, a crença da origem meridional (em relação à Europa e à África mediterrânea), equatorial, das raças melanodermes. Mas por *bloco de raças equatoriais*, entendo apenas no caso presente um bloco de raças afins das que teem *hoje* uma predominante localização equatorial.

Com tais reservas, parece-me cada vez mais sólida a tese que tenho perfilhado relativamente à posição sistemática de Combe-Capelle. Ainda que se admita uma grande amplitude de variações individuais, há que reconhecer que o Cro-Magnon clássico, o velho do abrigo do Vézère, os Cro-Magnons da Gruta das Creanças, etc., não são formas *centrais* dum bloco a que pertença Combe-Capelle, antes, como o próprio prof. Vallois diz em relação ao célebre velho, seriam tipos *extrêmos* desse bloco. Colocado no

polo oposto, por muitos caracteres importantes, não caberia a Combe-Capelle um nome de raça, tirado dessa forma antípoda.

A «raça de Cro-Magnon», no sentido lato, é averiguadamente uma concepção que, admissível na época de Quatrefages & Hamy, se tornou de há muito insustentável. Mas, ainda quando assim não fôsse, ainda quando devêsse aceitar-se a unidade racial do bloco humano do paleolítico superior, necessário se tornaria então baptizá-lo com um nome diverso do Cro-Magnon, pois, estabelecida a amplitude enorme das variações individuais em tal bloco, êste nome provinha duma forma extrêma, não típica, não central, do dito bloco. Não me parece que, em tais condições, houvesse conveniência em fazer prevalecer o critério da prioridade nomenclatural sôbre o critério imposto pela apreciação dos factos morfológicos.

Mas a impropriedade de tal designação para Combe-Capelle e outros espécimes paleantropológicos ressalta ainda mais nítida da forte probabilidade — que, pelos meios existentes, julgo ter mais uma vez demonstrado — de se tratar de raças diferentes, dentro do *H. sapiens fossilis*, como, com ou sem variantes, admitiram Giuffrida, Puccioni, Keith, Haddon, Werth, Saller, Mac Curdy, Weinert, e outros autores. Já não é sustentável — repito — a tese tradicional de que uma grande raça, uma «bela raça», chamada de Cro-Magnon, tendo como padrão os restos esqueléticos do célebre abrigo, ocupou dum modo primacial, quasi exclusivo, o quadro antropológico do paleolítico superior europeu. A descoberta de Combe-Capelle, pense-se o que se pensar de Hauser, veio, como outros achados, demonstrar a inexactidão dessa tese.

Gravuras rupestres de Linhares

(A FRAGA DAS FERRADURAS)

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto,
conservador do Museu Antropológico

Linhares ⁽¹⁾ é uma freguesia do concelho de Carrazeda de Ansiães, de cujo limite meridional participa. As terras da freguesia estendem-se, uma parte ao longo do rio Douro na encosta pedregosa que lhe forma margem direita — é a *ladeira* — outra parte espraia-se ao cima da encosta no planalto sobranceiro — é a *chã*.

A leitura do trabalho *Vestígios do regimen agrário comunal* ⁽²⁾, em que o ilustre reitor de Baçal fala da *Fraga das ferraduras de Linhares*, ali me levou em Outubro de 1932 à cata da referida fraga.

Estando no Tua, apareceu de manhãzinha uma velhíssima

⁽¹⁾ Linhares é terra de nobres tradições. Já no século XI era lugar importante. Linhares e Ansiães são as primeiras terras do distrito de Bragança que teem foral, dado pcr D. Fernando I, magno, de Castela (1055-1065). (Vd. *Portugalia Monumenta Historica*, Leges et Consuetudines, pág. 343).

⁽²⁾ P.º Francisco Manuel Alves, *Vestígios do regimen agrário comunal*, in «Ilustração Trasmontana», vol. III, Pôrto, 1910, págs. 137-142.

As *Memórias de Anciães* por João Pinto de Moraes, reitor de S. João Baptista, extra-muros de Anciães, e António de Sousa Pinto, 1721 (manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, *Relação de Vila Real*. Códice A-6-8, n.º 222), referem-se a esta mesma Fraga das ferraduras nos seguintes termos: «Em o mesmo limite de Linhares está um sítio que chamam as ferraduras, cujo nome houve e conserva de uma grande pedra firme que nele está toda cheia destes sinais» (seguem-se os desenhos de quatro sinais em arco, como ferraduras de ramos longos e direitos).

caminheta que transportava sardinha para Carrazeda. Nela seguiu até ao alto da encosta.

A caminheta ameaçava desconjuntar-se a cada momento. O radiador fumegava desesperadamente em intermitências de ebulição activa. Naquela estrada cheia de curvas e de precipícios a direcção gingava nas mãos do *chauffeur* com uma folga que me causava arripios. Duas paragens tivemos a meio da subida por desarranjos no motor. Eis-nos chegados a S. Pedro, pequenina aldeia à borda da estrada. Apeei-me com um suspiro de alívio, por me ver livre dum tão perigoso meio de transporte.

De saca-mochila às costas, máquina fotográfica numa mão e saca do tripé na outra, meti pelo caminho de Linhares, depois de colher as indicações de rumo dadas prontamente por uma simpática velhinha de S. Pedro.

Em Linhares tomei guia e partimos para a ladeira.

Sobranceiro à povoação ergue-se um abrupto cabeço, onde, no dizer do meu guia — «houve na antiguidade um castelo dos mouros». É certamente um castro instalado em ótimas condições naturais de defesa, por serem íngremes e de escalada difícil as suas pedregosas encostas.

A escassez de tempo não me permitiu subir àquele cabeço para me certificar se sim ou não se trataria dum castro, como de resto permite supôr a referência do guia.

Caminhando para sudoeste passamos as *presas*, e o caminho que nos levava à *fraga das ferraduras* seguia agora pelo sítio do *penedo que bole*. Na verdade, rente ao caminho que conduz ao sítio das *ferraduras*, jaz um grande penedo achatado, de contôrno oblongo, a que já falta um naco de granito numa das pontas. Este penedo tem de comprimento 4^m,60 por 2^m de largura máxima. A sua altura no sítio mais grosso anda à roda de 1^m,10.

Quem subir às pontas do penedo fá-lo oscilar levemente. Tanto uma como outra das extremidades dêste penedo oscilante

estão polidas das brôchas do calçado daqueles que por ali passam e pinçam no lombo do bloco de granito para o fazer bulir. Daí o nome de *penedo que bole* (1).

Logo abaixo, a pouco mais duma centena de metros fica o sítio das *ferraduras*, nome tirado da *fraga das ferraduras*, assim designada por muitos dos sinais que nela estão gravados serem em forma de ferradura.

A *fraga* em questão é um pequeno bloco granítico (fig. 1), que alinha na parede que veda, ao longo do caminho da ladeira, uma propriedade que é pertença de Zulmira Cricas.

A *fraga* é pequena, tem o dorso um tanto abaulado e nêle

(1) A esta *fraga* oscilante se refere D. Cândida Florinda Ferreira, a pág. 77 do seu trabalho *Carrazeda de Anciões — notas monográficas*, Lisboa, s. d.

São relativamente freqüentes os penedos baloiçantes naquela zona granítica. Ainda no concelho de Carrazeda de Ansiães, tenho conhecimento dum na freguesia de Pombal. D. Cândida Florinda Ferreira não fala nêle.

À amabilidade do sr. P.^e José Augusto Tavares devo não só o informe do penedo baloiçante de Pombal, mas também dos seguintes: no concelho de Freixo de Espada à Cinta um entre Lagoaça e Bruçó, conhecido pelo nome de *penha abolida*, e outro cêrca de 3 km. a sul de Fornos, para as bordas do Douro; no concelho de Moncorvo um entre a Cardanha e a Junqueira e mais três na quinta das Peiadinhas, perto das Olgas, termo dos Estevais.

Numa das minhas estadas em Chaves informaram-me da existência duma *fraga bolideira* no alto do Tronco, à borda da estrada de Vinhais e a cêrca de 10 km. a nascente de Chaves.

Em Valpassos, logo às portas da povoação, há também um enorme penedo baloiçante. É um grande bloco esferoidal de granito, com os seus 3 metros de altura. Há poucos anos um pesquisador de tesouros, com um tiro de dinamite, que meteu no alto do bloco, fêz-lhe saltar uma grande lasca. A oscilação que se consegue empurrando com fôrça é pouco aparente.

O meu guia procurou uma palha que colocou entre o penedo e um montículo de 2 ou 3 pedras acasteladas, de modo que a palha ficou algum tanto flectida, com uma ponta de encontro ao penedo e outra especada na última pedra do montículo. Aplicando fortemente o ombro de encontro ao penedo e observando a palha via-se variar o grau de flexão da mesma com as oscilações daquele enorme bloco de granito.

É certamente a este penedo oscilante que se refere a nota da pág. 401 das *Religiões da Lusitania*, vol. 1, Lisboa, 1897.

gravados 55 sinais, sendo 38 em forma de ferradura (1). No alto, à esquerda, constituindo um grupo com 3 ferraduras e em T, há



Fig. 1—Fraga das ferraduras—Linhares

duas cõvinhas. Alguns sinais tiveram de ser limpos dos numerosos líquenes que os mascaravam. O desenho da fig. 2, melhor que o

(1) São relativamente frequentes nas estações de arte rupestre de Trás-os-Montes e da Beira as gravuras em forma de ferradura.

Êstes sinais aparecem entre outros nos seguintes pontos: *Sítio das ferraduras* e *Eira da Codeceira*, na freguesia de Ribalonga; *Fraga das ferraduras*, na freguesia de Belver. Estas três estações são em termo do concelho de Carrazeda de Ansiães. Em *Outeiro Machado*, na freguesia de Aboboleira, Chaves. Esta estação foi descoberta e estudada pelo sr. prof. dr. Mendes Corrêa. Vd. *Art rupestre em Trás-os-Montes*, in «Revue Archéologique», Paris, 1929. As ferraduras aparecem ainda no *Outeiro do Salto*, em Mairós, Chaves, e na *Pedra escrita de Redevides*, na Vilarça. Êstes mesmos sinais encontram-se na *Fraga das ferraduras* junto a Macedo de Cavaleiros, de que nos falam o ilustre Reitor de Baçal, P.^e Francisco Manuel Alves, em *Vest. do reg. agrário comunal* já cit., e D. Cândida Florinda Ferreira em *Carrazeda de Anciães— notas monog.* cit.

Na Beira aparecem as ferraduras associadas a cruzes e ψ ψ nas *Ferraduras Pintadas* de Bemfeitas, Oliveira de Frades, estudadas pelo prof. Amorim Girão no seu trabalho *Arte rupestre em Portugal (Beira Alta)*, in «Biblos», Coimbra, 1925, p. 5.

cliché, mostra o conjunto e disposição dos múltiplos sinais gravados. Predominam as ferraduras, mas a par delas há alguns sinais de-veras curiosos, que agrupei na fig. 3.

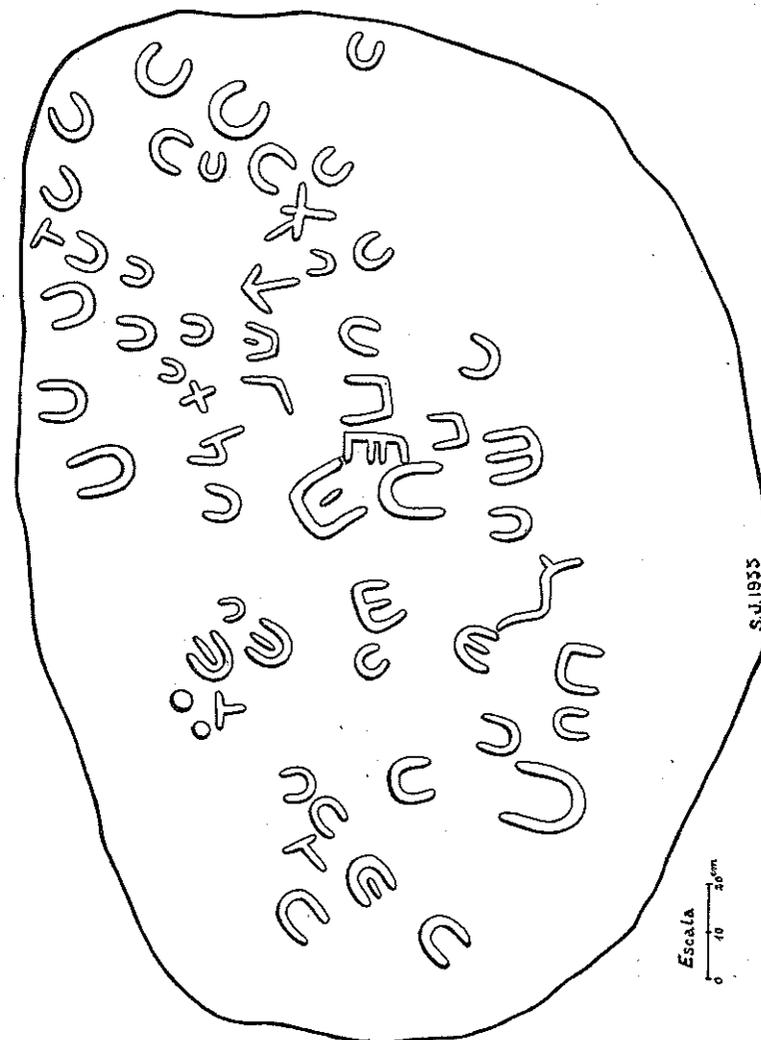


Fig. 2—Fraga das ferraduras—Linhares

Nas similares estações de arte rupestre do concelho que tive ensejo de estudar, e que são respectivamente a *Eira da Codeceira*

e o *Sítio das ferraduras*, na freguesia de Ribalonga, e a *Fraga das ferraduras* entre Belver e Fonte Longa ⁽¹⁾ não aparece entre as muitas dezenas de sinais daquelas três estações de arte rupestre nenhum que lembre os que apartei na fig. 3.

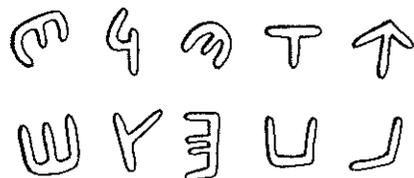


Fig. 3 — Alguns dos sinais da *Fraga das ferraduras*, Linhares, que podem ser considerados como símbolos alfabéticos

Estes curiosos sinais teem um aspecto alfabético, e lembram os sinais de Lerilla, gravados em xisto. No nosso Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto (oferta do rev.

Serafim Tella, por intermédio do ex.^{mo} sr. Francisco Pessanha) possuímos um pequeno xisto de Lerilla com sinais alfabéticos gravados (fig. 4).

Quando no regresso da minha jornada arqueológica do outono de 1932 mostrava ao colega e amigo dr. Rui de Serpa Pinto os croquis e fotografia das gravuras agora estudadas, antes mesmo que eu lhe desse conta de haver ocorrido ao meu espírito a semelhança entre algumas gravuras de Linhares e os sinais de Lerilla, aquele saudoso e malgrado companheiro de trabalho chamava a minha atenção para esse facto.

Quando observava os meus desenhos, também o sr. prof. dr. Mendes Corrêa chamou a minha atenção para o mesmo facto.

(1) Espero em momento oportuno dar de cada uma destas três estações de arte rupestre uma pequena notícia descritiva, em parte já elaborada, acompanhando os desenhos e fotografias que das mesmas fiz nas minhas jornadas arqueológicas por terras de Carrazeda.

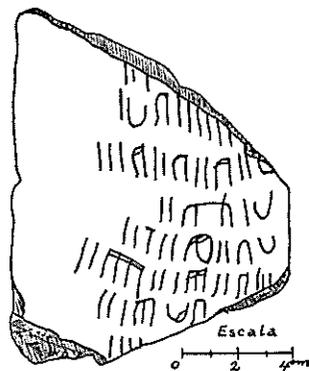


Fig. 4 — Inscricção do castro de Lerilla (placa existente no Museu Antropológico do Pôrto)

De maneira que, independentemente uns dos outros, vimos nós três, entre os sinais das ferraduras de Linhares, impressionantes semelhanças com alguns sinais de Lerilla.

Os sinais dos xistos de Lerilla estão dispostos em fiadas regulares, o que lhes dá um carácter de escrita, que imediatamente ocorre a quem os observa ⁽¹⁾.

Mas, se a forma de alguns dos sinais de Linhares, dada a sua semelhança com sinais de Lerilla, é de molde a permitir que lhe chamemos alfabéticos, a maneira um tanto irregular e um pouco ao acaso, como estão distribuídos, não vem confirmar a primeira impressão.

Em face da escassez presente de documentos de arte rupestre em que se repitam os sinais alfabéticos de Linhares, agora apontados, nada podemos concluir em definitivo.

Só novas descobertas permitirão dizer se a hipótese alfabética se confirma ou não. É ainda nevoenta a significação de muitas das gravuras rupestres.

Precisamente para a fraga das ferraduras de Linhares, e para as pinturas do Cachão da Rapa, da vizinha freguesia de Ribalonga,

(1) No castro de Lerilla, próximo de Ciudad Rodrigo (Salamanca) apareceram centenas de placas de xisto com múltiplos caracteres epigráficos descobertos, constituindo verdadeiras inscrições. Os achados de Lerilla foram citados pelo sr. prof. Mendes Corrêa em 1929 em *A cronologia das mais antigas inscrições do noroeste peninsular*, pág. 42. Este trabalho constituiu o discurso inaugural da 6.^a secção do Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências realizado em Barcelona.

Em 1930 ocupa-se de Lerilla o distinto arqueólogo espanhol Juan Cabré no trabalho intitulado *El castro de Lerilla y sus placas de pizarra con inscripciones y sus grabados*, nas Actas e Memórias da Sociedade Espanhola de Antropologia, Etnografia e Prehistoria, tomo IX, págs. 163-174, Madrid, 1930.

O sr. prof. Mendes Corrêa voltou depois a ocupar-se das inscrições de Lerilla um pouco mais detidamente num trabalho intitulado *Les inscriptions de Alvão, Parada et Lerilla*, que foi presente ao Congresso Internacional de Antropologia realizado em Paris em 1931. Este trabalho sairá no *Compte-rendu* do Congresso, já em publicação.

o P.^o Francisco Manuel Alves, reitor de Baçal (1), emite a hipótese de que os sinais gravados e pintados destas estações de arte rupestre, fôsem talvez sinais que indicassem o fôro que cada habitante teria a pagar. Esta hipótese, curiosa mas inconsistente, foi sugestionada ao ilustre abade de Baçal pelo estudo que fêz de várias *talas* (2), em especial a de Calabor, aldeia vizinha de Rio de Onor, mas já em Espanha.

Pelo contrário, a significação simbólica de muitos dos sinais da arte rupestre, dos quais, por exemplo, as ferraduras, são tidas como estilizações da figura humana esquemática, é geralmente aceita. Nos rochedos cobertos de múltiplos sinais gravados, ferraduras e outros, estariam registados pelo homem de remotas eras cênas de guerra, verdadeiras batalhas, ou quaisquer outros acontecimentos sensacionais, que à vida da comunidade interessassem altamente.

Ainda dentro da significação simbólica, podem as múltiplas estações de arte rupestre ser consideradas como lugares reservados ao culto, como verdadeiros santuários.

Por tudo se vê que é cabido afirmar, como atrás fizemos, que é ainda nevoenta a significação de muitas das gravuras rupestres.

O aparecimento, em Linhares, de sinais gravados com aspecto alfabético, se não resolve a questão, se não vem inundar de luz o problema ainda em suspenso da verdadeira natureza destas gravuras rupestres, constitue ao menos uma sugestão para a solução de tal problema.

Universidade do Pôrto, Instituto de Antropologia, Junho de 1933.

(1) Francisco Manuel Alves, *Vest. do reg. agrário comunal*, cit.

(2) No trabalho citado no n.º precedente, as *talas* são assim definidas: «paus pouco mais ou menos de metro de comprimento, divididos por traços transversais de espaço a espaço, respondendo o número destes ao dos vizinhos do povo. É nestes espaços que se tomam as notas por sinais incisos a ponta de navalha».

NOTA SÔBRE O CRESCIMENTO DOS PORTUGUESES

POR

ALFREDO ATHAYDE

Assistente de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto

Pelas sr.^{as} D. Raquel Braga e D. Elvira Arriscado, quando alunas da cadeira de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto, foram medidas mais de 500 crianças, dos 6 aos 13 anos de idade, em escolas primárias dos dois bairros desta cidade.

São os resultados da observação da estatura, feita segundo a técnica recomendada por R. Martin, que nos servem de base para esta nota.

Não só dentro de cada período da idade, mas ainda em conjunto, resalta dos números calculados a exigüidade das séries; em todo o caso algumas directrizes de crescimento se podem extrair dos resultados destas observações, cujas médias, desvios padrões e erros prováveis damos a seguir:

SEXO MASCULINO

1.º grupo

IDADE	M	σ	n
5-6 anos	109,30 \pm 0,87	4,03 \pm 0,61	12
6-7 »	113,23 \pm 0,76	5,13 \pm 0,54	21
7-8 »	119,80 \pm 0,97	6,33 \pm 0,67	20
8-9 »	123,83 \pm 0,75	6,01 \pm 0,52	30
9-10 »	127,66 \pm 0,58	5,44 \pm 0,47	30
10-11 »	129,76 \pm 0,80	7,04 \pm 0,65	26
11-12 »	133,38 \pm 1,06	5,70 \pm 0,75	13

2.º grupo

IDADE	M	σ	n
6-7 anos	112,40 \pm 0,90	5,51 \pm 0,63	17
7-8 »	115,85 \pm 0,71	4,65 \pm 0,49	20
8-9 »	119,90 \pm 0,78	5,32 \pm 0,54	22
9-10 »	124,30 \pm 0,98	6,83 \pm 0,68	23
10-11 »	126,60 \pm 0,86	5,67 \pm 0,60	20
11-12 »	135,05 \pm 1,05	6,86 \pm 0,73	20
12-13 »	137,53 \pm 1,03	5,82 \pm 0,72	15

SEXO FEMININO

1.º grupo

IDADE	M	σ	n
5-6 anos	110,70 \pm 0,66	3,05 \pm 0,46	10
6-7 »	112,27 \pm 0,64	4,42 \pm 0,45	22
7-8 »	119,43 \pm 1,03	5,69 \pm 0,73	14
8-9 »	121,05 \pm 0,93	5,95 \pm 0,65	19
9-10 »	125,62 \pm 0,66	4,70 \pm 0,45	24
10-11 »	131,81 \pm 1,81	8,84 \pm 1,29	11
11-12 »	134,23 \pm 0,62	3,31 \pm 0,43	13

2.º grupo

6-7 anos	110,86 \pm 0,63	3,60 \pm 0,45	15
7-8 »	114,46 \pm 0,78	5,35 \pm 0,54	22
8-9 »	119,75 \pm 0,85	5,56 \pm 0,59	20
9-10 »	122,30 \pm 0,94	6,17 \pm 0,66	20
10-11 »	123,77 \pm 0,89	5,57 \pm 0,62	18
11-12 »	132,84 \pm 1,16	7,43 \pm 0,82	19
12-13 »	133,80 \pm 1,21	5,59 \pm 0,86	10

Não se notam diferenças apreciáveis entre as estaturas dos dois bairros, nem diferenças sexuais que passem os limites da significação estatística.

Resolvemos, por isto, juntar dos dois grupos os valores das séries de cada sexo, dos 7 aos 12 anos.

Como os desvios padrões são bastante diferentes nas várias séries, fizemos o cálculo da média total pela seguinte fórmula:

$$M = \frac{M_1 \frac{n_1}{\sigma_1^2} + M_2 \frac{n_2}{\sigma_2^2}}{\frac{n_1}{\sigma_1^2} + \frac{n_2}{\sigma_2^2}}$$

e dos pesos das médias extraímos

$$\sigma = \sqrt{\frac{n_1 + n_2}{\frac{n_1}{\sigma_1^2} + \frac{n_2}{\sigma_2^2}}}$$

M_1 , n_1 , σ_1 e M_2 , n_2 , σ_2 representam respectivamente as médias, número de casos e os desvios padrões das séries parciais.

Ficam, portanto, os seguintes valores a substituir os anteriores:

SEXO MASCULINO

IDADE	M	σ	n
6-7 anos	113,01 \pm 0,58	4,57 \pm 0,41	28
7-8 »	117,80 \pm 0,55	5,25 \pm 0,39	40
8-9 »	121,76 \pm 0,52	5,64 \pm 0,36	52
9-10 »	126,31 \pm 0,54	5,81 \pm 0,38	53
10-11 »	128,53 \pm 0,62	6,30 \pm 0,44	46
11-12 »	134,45 \pm 0,72	6,62 \pm 0,51	33

SEXO FEMININO

6-7 anos	111,49 \pm 0,52	4,02 \pm 0,36	37
7-8 »	115,52 \pm 0,60	5,42 \pm 0,43	36
8-9 »	119,55 \pm 0,62	5,77 \pm 0,44	39
9-10 »	125,12 \pm 0,53	5,28 \pm 0,37	44
10-11 »	126,76 \pm 0,79	6,39 \pm 0,56	29
11-12 »	134,18 \pm 0,54	4,56 \pm 0,36	32

Confrontando estes resultados com os apresentados por Alves dos Santos (1), verifica-se que os nossos valores são menores para os rapazes e maiores para as raparigas. Ora o gráfico dêste investigador baseia-se na junção de séries, efectuada sem as necessárias correcções estatísticas; Dufestel (2) diz que entre os 11 e os 14 anos a estatura é quasi igual nos dois sexos; Boas (3) apresenta-nos um gráfico em que o sexo feminino ultrapassa o masculino na estatura por volta dos 10 anos, para voltar a ser inferior depois dos 14; noutro gráfico publicado por R. Martin em *Lehrbuch der Anthropologie*, 2.ª ed., referente a crianças europeas, as estaturas dos dois sexos também seguem a mesma trajectória, o que também acontece num estudo, ainda inédito, do prof. Luís de Pina.

Portanto os nossos resultados parecem indicar, que o gráfico construído pelo prof. Alves dos Santos carece de ser corrigido, por não traduzir fielmente as várias modalidades do crescimento da criança portuguesa. É provável, que as estaturas dos dois sexos difiram menos entre os 7 e os 12 anos do que o citado gráfico indica. Há, em todo o caso, um ponto em que parecem concordar as observações; aos 13 anos as estaturas confundem-se. Mas torna-se absolutamente necessário averiguar por meio de séries numerosas, cujas medidas tenham sido tomadas com uma rigorosa técnica, e seriadas por processos estatísticos exactos, calculando-se tôdas as constantes necessárias para a compreensão total das seriações, até que ponto o desenvolvimento da criança portuguesa se afasta ou coincide com os estudos feitos nos outros povos, bem como a influência que possam ter no crescimento o meio e as condições de vida.

(1) Alves dos Santos, *O crescimento da criança portuguesa*, in «Boletim bibliográfico da Universidade de Coimbra», vol. III, pág. 222.

(2) L. Dufestel, *La Croissance*, pág. 26. Paris, 1920.

(3) C. B. Davenport, «*American Journal of physical Anthropology*», vol. IX, pág. 211.

*
* *

Calculando, pelos valores do prof. Alves dos Santos e pelos nossos, as cotas de acréscimo entre os 7 e os 12 anos, por meio da fórmula (1) $C_v = 100 \frac{(v_t - v_{t_0})}{v_{t_0}}$ em que C_v representa o acréscimo relativo, v_t o valor médio no tempo t e v_{t_0} o valor da mesma medida no tempo t_0 , sendo $t_0 < t$, obtivemos os seguintes números:

ALVES DOS SANTOS:

	♂	♀
7-8 anos	2,61	7,01
8-9 »	4,94	3,52
9-10 »	4,66	5,11
10-11 »	4,12	4,46
11-12 »	3,36	4,26

Valores calculados acima:

7-8 anos	4,10	3,50
8-9 »	3,32	3,47
9-10 »	3,78	4,68
10-11 »	1,76	1,42
11-12 »	4,60	5,84

cujas médias e respectivos padrões são respectivamente:

M	$3,78 \pm 0,20$	$4,87 \pm 0,34$
σ	$0,68 \pm 0,14$	$1,13 \pm 0,24$
M	$3,53 \pm 0,24$	$3,78 \pm 0,44$
σ	$0,82 \pm 0,17$	$1,46 \pm 0,31$

(1) K. Saller, *Leitfaden der Anthropologie*, Berlin, 1930.

As médias das cotas de acréscimo são mais elevadas nos resultados do prof. Alves dos Santos do que nos nossos, todavia as diferenças não teem significação estatística.

É curioso que os desvios padrões destas séries das cotas são maiores no sexo feminino do que no masculino, o que parece não concordar com a afirmação de Wallis ⁽¹⁾ de que o crescimento nas raparigas é mais harmónico do que nos rapazes.

Como estas idades são aquelas em que as duas estaturas, segundo a maioria dos investigadores, se aproximam, podendo até as femininas ultrapassar as masculinas, talvez uma desigualdade dos momentos em que principia a dar-se essa aproximação e a variação da intensidade desta, expliquem a maior variabilidade das cotas de acréscimo nestas idades. E na verdade, as médias maiores das cotas no sexo feminino, indicam uma maior intensidade de crescimento nestas idades e neste sexo.

Em todo o caso, repetimos, para se poder analisar com vantagem e segurança o crescimento das crianças portuguesas, são necessárias séries grandes de observações, cuidadosamente tratadas pelo método estatístico, mesmo no ponto de vista eugénico.

(1) R. S. Wallis, An. in « Anthropologischer Anzeiger », Jahrgang, IX, pág. 191.

VÁRIA

Centenário de Martins Sarmento

O centenário do nascimento do grande arqueólogo vimaranense foi comemorado com justas e brilhantes homenagens, entre as quais naturalmente se destacam as da iniciativa da benemérita Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

Esta Sociedade, com o auxílio inteligente da Imprensa da Universidade de Coimbra, publicou um volume em que, sob o título de *Dispersos*, estão reunidos os trabalhos de Sarmento espalhados por jornais, revistas, opúsculos, etc. Organizou também uma *Miscelânea* de homenagem, com a colaboração de numerosos investigadores nacionais e estrangeiros, alguns dos quais da mais alta reputação no mundo científico. Dirigiu-se, além disso, às corporações científicas, Imprensa, etc. do país, interessando-as na celebração de que tomara a iniciativa.

Em 11 de Junho de 1933 realizaram-se em Guimarães as festas promovidas pela Sociedade com a assistência de representantes do Chefe do Estado, Ministro da Instrução, Universidades, Academias e sociedades científicas, do Arcebispo de Braga, de homens de letras e de ciência, autoridades civis e militares, muitos convidados, etc., efectuando-se sucessivamente a inauguração do monumento a Martins Sarmento, a romagem ao túmulo deste em Briteiros, a visita à Citânia, um banquete no Hotel do Toural e o sarau de homenagem na Sociedade.

O monumento é uma admirável obra de arte, do cinzel do escultor António de Azevedo. Na cerimónia da inauguração do monumento usaram da palavra o sr. dr. Rocha Santos, presidente da municipalidade de Guimarães, e o sr. capitão Mário Cardoso, presidente da Sociedade. O auto foi lido pelo sr. A. L. de Carvalho e depois assinado por todos os presentes.

Junto do túmulo de Martins Sarmento renderam-lhe homenagem os srs. drs. Antunes Guimarães, antigo ministro, e Eduardo de Almeida, antigo presidente da Sociedade. Foi muito expressiva a atitude dos camponeses de Briteiros, engalanando a povoação, organizando um significativo cortejo e cobrindo de flores a sepultura do seu glorioso conterrâneo.

No luzidíssimo sarau realizado na sede da Sociedade, fez uma alocução o presidente sr. capitão Mário Cardoso, seguindo-se uma conferência do sr. prof. Mendes Corrêa sobre «Martins Sarmiento e a Arqueologia Nacional», a leitura dum poemeto «Como eu fui arqueólogo» pelo poeta António Corrêa de Oliveira, um discurso pelo sr. prof. Costa Lobo, e, por fim, a execução de trechos musicais pelo pianista Viana da Mota.

Outras entidades realizaram comemorações especiais. Assim, em 9 de Março, no próprio dia do centenário, efectuou-se na Universidade do Porto uma sessão comemorativa, usando da palavra o reitor, sr. prof. Adriano Rodrigues, e o sr. prof. Mendes Corrêa, que fez uma conferência sobre a vida e labor de Sarmiento.

A Universidade de Coimbra celebrou também o centenário com uma conferência do sr. prof. Vergílio Corrêa sobre o mesmo tema.

O Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia consagrou uma sessão a Martins Sarmiento, cujo elogio foi feito pelo sr. prof. Leite de Vasconcelos.

Emfim, a Associação dos Arqueólogos Portugueses, que se representara nas festas de Guimarães por uma numerosa e distinta delegação, realizou também uma sessão em que usaram da palavra, além do seu presidente, sr. dr. Xavier da Costa, e do representante do ministro da Instrução, sr. engenheiro Dias Costa, os srs. prof. Joaquim Fontes, que se ocupou de Martins Sarmiento como arqueólogo, e dr. Alfredo Pimenta que encarou o grande vimaranense como historiador e homem de letras.

Estão já publicadas algumas das conferências pronunciadas nestas diferentes sessões, tendo sido também já distribuído a importante biografia de Sarmiento, com que o sr. capitão Mário Cardoso abre a *Miscelânea* a que antes nos referimos.

Avalia-se, por esta sumária notícia, do relêvo bem justificado que teve a comemoração sarmentina.

Escavações arqueológicas

A imprensa diária anuncia que foi assinado um decreto criando a Junta Nacional de Escavações e Antiguidades e transferindo para esta as funções que no decreto n.º 21:117 eram atribuídas exclusivamente ao Museu Etnológico de Lisboa.

Se tal notícia, como crêmos, é exacta, verificamos com satisfação que o ilustre Ministro da Instrução Pública, sr. dr. Sousa

Pinto, atendeu as fundadas representações que naquele sentido haviam sido feitas ao seu antecessor e às quais nos referimos no último fascículo desta revista.

A S. Ex.^a ficará assim devendo a Arqueologia Nacional um alto serviço.

Les peintures mégalithiques de Côtá (Beira Alta)

(LETTRE À MONSIEUR LE PROF. H. BREUIL)

Porto, le 22 Juin 1933.

Cher Monsieur et éminent Confrère,

J'ai bien reçu l'épreuve corrigée de votre article pour le *Festschrift* Sarmiento et votre lettre d'adhésion à l'hommage, en projet, au jeune et regretté Serpa Pinto. Tous mes remerciements.

Je vous remercie aussi vivement de l'aimable offre de votre magnifique ouvrage *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*. C'est un travail qui vous fait grand honneur et à la Fondation éditrice. Mes chaleureuses félicitations. J'en parlerai dans les *Trabalhos* de la Société Portugaise d'Anthropologie et d'Ethnologie.

Permettez moi de vous faire une petite communication au sujet d'un passage de la page 59 sur les peintures de Côtá. Je n'ai jamais répondu à ce que l'on a écrit contre moi dans les publications citées au bas de cette page (je n'ai même jamais lu une de ces publications): ces écrits, étant offensants et sans caractère scientifique, ne méritaient aucune considération de ma part.

Vous accordez à leur auteur la *découverte* de ces peintures en 1912. Je n'ai jamais contesté qu'il les aurait vues avant moi. On m'a rapporté aussi, après mes premières notices sur le sujet, que M. Juan Cabré aurait reçu une lettre de lui signalant (quoique sans détails suffisants) l'existence de ces peintures.

Quoi qu'il en soit, aucune notice de ces documents n'a été publiée par lui, ni communiquée à une société savante, jusqu'au moment (1924) où j'en ai fait la publication en des notices successives (1). Il est, d'ailleurs, absolument faux que je sois arrivé à le

(1) J'ajouterais à ce passage de ma lettre cette transcription qui n'était pas nécessaire à M. Breuil:

«Il est indispensable de noter qu'en matière de propriété scientifique c'est la *date de publication* qui fait foi; elle seule établit la *priorité*, la *date de la découverte* elle-même ne pouvant entrer en ligne de compte (puisque la découverte est demeurée ignorée)». P. 77 du *Manuel de Recherches Préhistoriques*, 2.^e éd. Paris, 1929.

connaissance de ces peintures guidé par les renseignements de quelqu'un sur leur existence et leur localisation. Il est tout aussi faux que j'aie voulu déposséder quelqu'un de ses « découvertes ».

L'auteur de ces libelles m'avait, en effet, parlé, un jour, de peintures dolméniques qu'il aurait découvertes aux environs de Viseu, mais je n'ai pas le moindre souvenir qu'il m'ait fourni quelque donnée sur leur emplacement et leur nature. D'autres peintures dolméniques ayant été déjà découvertes dans la région (par M. Leite de Vasconcelos qui a emporté au Musée de Lisbonne des dessins découpés dans des supports mégalithiques), je ne pouvais nullement identifier avec les pièces dont j'avais entendu parler, celles que j'ai vues dans une visite à quelques dolmens dont l'existence m'avait été signalée par l'abbé António d'Almeida Côta à l'occasion d'une reconnaissance géologique de la bande anticlinale hercinienne (visible dans la carte géologique) entre Queiriga et Côta. Je dois donc seulement à cette indication éventuelle de l'abbé (avec qui je m'étais, comme d'habitude, entretenu de *dolmens*, *antas*, *castros*, etc.) le fait d'avoir été mis au courant de l'existence de ces monuments mégalithiques où j'ai vu quelques peintures et gravures dans une visite subséquente.

Je déclare que l'idée que ces peintures pourraient être les mêmes dont j'avais entendu parler, a effleuré mon esprit et j'y ai fait allusion dans la première note que j'ai publiée sur le sujet. Cependant des amis qui m'accompagnaient, m'ont exprimé leur conviction de la faible probabilité de cette coïncidence, que j'ai néanmoins toujours admise.

Il faut, du reste, remarquer que la personne dont vous parlez, n'a, entre 1912, (la date où elle aurait vu pour la première fois ces pièces) et 1924 — c'est à dire, *pendant 12 ans — rien publié* sur les peintures de Côta. J'ignorais absolument que les peintures étaient les memes dont on m'avait parlé très vaguement. Cette personne n'avait pas pu disposer pendant 12 ans, de quelques instants pour confectionner au moins une notice préliminaire sur ces documents... J'ignorais aussi l'existence de sa lettre à Cabré.

L'attitude que mon insulteur a prise depuis le premier instant où il a appris mes recherches et su l'intérêt présenté par les documents, m'a empêché d'éclaircir avec lui quelques faits. Ce que je peux affirmer c'est qu'il n'avait pas une connaissance parfaite des documents. Il m'a avoué qu'il ne se rappelait pas la composition principale que je lui ai loyalement montrée pour faire l'identification de ses trouvailles. Le lendemain, très agité, il me montrait l'esquisse d'un coin (l'inférieur gauche) de la pièce, qu'il disait avoir trouvé parmi ses notes, ce que je ne conteste pas. Le fait

est qu'il ne s'est réveillé subitement qu'à cette occasion. J'avais déjà publié la note préliminaire de la « *Revista dos Estudos Históricos* ».

Ses écrits subséquents (d'après ce que l'on m'a dit) ont été plutôt des insultes dirigées contre moi que de véritables rapports scientifiques sur les peintures qu'il n'avait pas, du reste, assez étudiées en 12 ans! La brochure contenant ses articles parus après mes premières publications (1924) n'a été réellement publiée que quelques années plus tard, puisque son auteur n'avait relevé d'abord qu'une *partie minime* des peintures et il voulait naturellement augmenter l'illustration de son volume, but qu'il est efforcé d'atteindre par l'examen direct des blocs au Musée de Porto, où ils avaient été déposés par moi.

Sans la moindre considération pour ces attaques qui avaient débuté par une tentative avortée d'agitation locale contre moi, comme soi-disant spoliateur du patrimoine archéologique régional, j'ai gardé, devant les dites attaques, un silence indifférent. Ma vie publique et privée ne permet à qui que ce soit de me croire capable des actions indignes que le personnage en question prétendait m'attribuer.

Quoique absolument sûr que *la Science me doit exclusivement la connaissance de ces documents*, je n'en ai jamais revendiqué la découverte. D'abord, parce que j'ai toujours considéré d'un médiocre intérêt scientifique ces questions de priorité des découvertes. Celles-ci, qui sont des *faits*, intéressent bien plus que les *personnes*. Ensuite j'ai acquis au cours des événements la conviction qu'en effet l'auteur des libelles *avait vu* les peintures avant moi et m'en avait parlé, bien que sans les précisions nécessaires pour l'identification susdite.

Frappé par l'absurdité des attaques dont j'ai été l'objet, je renonçai dès lors à m'occuper de l'auteur de ces attaques et, dans des travaux ultérieurs, j'ai renvoyé mes lecteurs à la note où j'expliquais le hasard heureux qui m'avait mis devant les pièces et où je ne manquais pas de citer le nom de celui qui m'avait parlé de l'existence de peintures mégalithiques dans la région... Je crois que je ne suis nullement forcé de contribuer autrement à la célébrité de ce personnage. La note en question a été publiée dans la « *Revista dos Estudos Históricos* » em 1924 (n.^{os} de Janvier-Juin) et non en 1914, comme par un fâcheux lapsus typographique il a été écrit ailleurs. La revue précitée n'existait même pas en 1914!... Il serait donc ridicule de m'attribuer ce lapsus comme intentionnel...

Permettez-moi d'ajouter encore quelques mots au sujet de l'état de conservation des supports ramenés par moi au Musée

de Porto. Fondé certainement sur les publications que vous citez au bas de la page 59, vous affirmez que ces supports ont été ramenés « en morceaux » au Musée. La vérité sur ce point peut être facilement contrôlée devant les pièces.

Le support que vous représentez dans la fig. 29, a subi, malgré mes recommandations, une coupure qui a détaché, à sa base, environ un empan de la surface contenant les peintures. La seule excuse pour ce malencontreux incident se trouve dans la mauvaise visibilité des peintures sur place. Mais j'ai fait recueillir la portion détachée, et on a pu reconstituer cette partie des dessins qui n'est qu'un petit prolongement des traits ramiformes que l'on voit au-dessus.

En ce qui concerne la peinture principale (celle de votre figure 37), elle est complète.

Je suis heureux d'avoir préservé ces documents d'une destruction probable, sort qu'ont eu la plupart des dolmens de la région...

Je vous fais cet exposé abrégé puisque mon attitude de silence n'existe que pour ceux qui ne sont pas de bonne foi. Vous pourrez juger de la valeur des accusations qui m'ont été adressées. Rien de ce que je vous écris, n'est confidentiel. Vous en pouvez faire l'usage que bon vous semblera. J'en ferai aussi peut-être la publication, s'il s'offrait une opportunité pour cela.

Les éditeurs du volume du Congrès du Portugal (1930) ont accueilli sans soupçon une communication du même auteur qui, sans citer mon nom, réédite quelques-unes des accusations mentionnées. Vous méconnaissiez certainement, vous même, quelques aspects intéressants du fâcheux incident. Si je garde le silence devant les attaques malveillantes, je ne dois pas rester muet devant les personnes qui, comme vous et les collègues indiqués, méritent d'être dûment renseignés.

Santos Junior est en train de publier ses relevés et photos de Cachão da Rapa. Nous regrettons qu'il ne l'ait pas pu faire avant votre publication, où vous les auriez sans doute reproduits, des différences importantes existant par rapport aux dessins de Contador de Argote. Savez-vous déjà que Santos Junior a découvert des tessons de céramique énéolithique sur un rebord du roc, à la base de la surface peinte? C'est une trouvaille importante, comme un indice de plus pour la chronologie probable des peintures.

Veuillez bien agréer, cher Monsieur et éminent Collègue, le témoignage de mes sentiments les plus cordiaux,

A. A. MENDES CORRÊA.

M. Breuil a bien voulu répondre à cette lettre, en me remerciant des détails que je lui ai communiqués. Il avait « bien compris le caractère extrascientifique partiel des publications » mentionnées: « je n'en ai utilisé (dit-il) que l'objectif, et rien de ce qui vous concernait, et je ne me suis pas fait l'écho de ces attaques. Merci des détails... qui concernent les pierres que vous avez sauvées du danger de destruction. »

M. C.

Sociedade Portuguesa de estudos eugénicos

Por louvável iniciativa do sr. prof. Eusébio Tamagnini, director do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, realizou-se ali em 15 de Junho findo a reunião preparatória para a fundação da *Sociedade Portuguesa de estudos eugénicos*. Foi eleita uma comissão organizadora constituída por aquele professor e pelos professores drs. José Alberto dos Reis (Faculdade de Direito), Álvaro de Matos, Rocha Brito e Alberto Pessoa (F. de Medicina), sendo encarregados de dirigir os trabalhos preparatórios da organização das secções de Lisboa e Pôrto respectivamente os profs. Henrique de Vilhena e Mendes Corrêa.

Assentou-se em que a Sociedade tivesse a séde em Coimbra, embora a constituíssem três secções (Coimbra, Lisboa e Pôrto) que poderiam reunir separadamente tôdas as vezes que fôsse julgado conveniente, mas que reuniriam todos os anos conjuntamente como que num Congresso nacional, « para melhor conjugação de esforços, desenvolvimento de estímulos e uniformização de métodos de trabalho ».

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia tem, desde a sua fundação, entre os seus objectivos, os estudos eugénicos, e ainda há poucos meses nela fêz uma conferência sôbre *Política eugénica* o ilustre eugenista brasileiro, dr. Renato Kehl. Não pode portanto deixar de aplaudir a constituição da nova colectividade, que visa exclusivamente aquele objectivo e à qual o nosso *Conselho director* resolveu desde já dar a mais calorosa adesão.

A reunião preparatória da secção portuense deve realizar-se dentro de poucas semanas.

M. C.

I Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas

Numa conferência preliminar realizada em Basileia de 20 a 22 de Abril, por iniciativa do *Royal Anthropological Institute*, ficou assente organizar uma nova série de Congressos internacionais, de Ciências Antropológicas e Etnológicas, nos moldes dos novos Congressos Internacionais de Ciências Pre- e Proto-históricas.

Os Congressos de Ciências Antropológicas e Etnológicas realizar-se-ão de quatro em quatro anos, devendo o primeiro efectuar-se em Londres em Agosto de 1934.

Constituíram-se um *Comité* de Honra e um Conselho Permanente, encontrando-se já representadas neste último catorze nações, entre as quais Portugal.

Fazemos votos pelo êxito da nova organização científica.

Centro di Documentazione Etnica

Por iniciativa dos drs. Carlo Magnino e Mario de Mandato, constituiu-se em Roma em Junho findo o *Centro di Documentazione Etnica*, que se propõe «recolher e elaborar documentos para o conhecimento da distribuição geográfica de determinados caracteres étnicos» de modo a obter «a representação adequada, nas formas mais diversas, dos fenómenos étnicos no ambiente geográfico».

O novo Centro, que recebeu valiosas adesões, é presidido pelo prof. Francesco Coppola, tem por secretários os seus dois fundadores, e do seu Conselho técnico fazem parte ainda os professores Amadeo Giannini, Sergio Sergi e Raffaele Corso. Estão em projecto a formação duma *Cartoteca étnica*, a dum *Atlas étnico*, etc.

A sede do Centro é: Via Lucrecia Caro 67, Roma.

Prémio «Rui de Serpa Pinto»

Contribuíram ainda para o fundo destinado ao Prémio «Rui de Serpa Pinto», M. Léon Bourdon, director do Instituto Francês em Portugal, que enviou cem escudos, e uma pessoa que se encobre sob o pseudónimo de «Gerezino» e que remeteu a soma de vinte escudos.

Lutuosa

A França perdeu recentemente dois grandes nomes que altamente honravam a sua cultura: Salomon Reinach, o eminente conservador do Museu das Antiguidades Nacionais em Saint Germain-en-Laye, e o professor Georges Hervé, da Escola de Antropologia de Paris. Ambos pertenciam à nossa Sociedade há muitos anos; o primeiro era sócio honorário, o segundo sócio correspondente.

Salomon Reinach deixa uma formidável obra de erudição. A menção da sua bibliografia encheria longas páginas desta revista. Os seus manuais de história da Arte, de história das Religiões, de Filosofia, etc. andam nas mãos de toda a gente. São feitos com saber e com um luminoso talento. Mas não teem número as memórias e artigos eruditos que êle publicou e alguns dos quais são constantemente citados pelos investigadores.

Um jornal de Paris contou uma anedota interessante sobre o seu saber e o saber de seus irmãos. Já na juventude os três irmãos Reinach se assinalavam pela erudição, e assim o pai, apresentando-os um dia a uma visita, dizia: Sabem tudo! «Joseph, Salomon, Théodor — J. S. T., je sais tout».

Mas Salomon Reinach teve adversários. Acusaram-no de ter sido o promotor da aquisição da famosa tiara de Saitaphernes, e, durante a recente controvérsia de Glozel, diziam-no defensor apaixonado e ingénua duma mistificação. Os volumes que êle deixou sobre Glozel, mostrariam, para os anti-glozelianos, a sua deficiência de senso crítico. Especialistas chamavam-lhe despicientemente «polígrafo». Mas êle expôs com clareza o seu restrito papel no caso da tiara (*Éphémérides de Glozel*, 1928, p. 271) e, combatendo «a ciência egoísta e indevidamente, ferozmente especializada» atacava os cientistas «cuja competência se limita a cavar uma toca no domínio do conhecimento para viver aí ao abrigo das agitações». No que respeita a Glozel, o futuro dirá se tinha razão ou não o ilustre biógrafo de Reinach que afirmava há algumas semanas, ter o dito episódio sido sepultado com êle.

Seja como fôr, Salomon Reinach foi uma das maiores glórias da França. Tinha amigos e admiradores em Portugal que vivamente deploraram a sua morte, seguida, apenas algumas semanas, pela da sua dedicada viúva.

Também o prof. Georges Hervé se impuzera à estima e apreço do nosso meio científico. Autor de numerosas publicações antropológicas, conquistara uma sólida reputação científica. Entre

essas publicações destaca-se, com especial interesse para nós, a memória *Populations mésolithiques et néolithiques de l'Espagne et du Portugal* («Rev. Anthr.», Paris, 1889), Recentemente, por ocasião do Congresso Internacional de Antropologia de Coimbra e Pôrto, de 1930, apresentou ao Congresso, sob a forma duma carta a nós dirigida (evocando gentilmente a nossa concepção do *Homo taganus*) um trabalho intitulado *De l'existence d'un type humain à caractères vraisemblablement negroides dans les dépôts coquilliers mésolithiques de la vallée du Tage* («Rev. Anthr.», 1930).

O último fascículo (Janeiro-Março, 1933) da «Revue Anthropologique» foi consagrado à memória do saudável professor pelos seus colegas e amigos. Esse fascículo contém, além de numerosos trabalhos oferecidos em homenagem ao sábio antropólogo, a vasta lista bibliográfica do prof. Hervé e uma sua biografia pelo dr. Félix Regnault.

Evocamos neste momento, com saudade, o nosso primeiro encontro com Hervé em 1919, na Escola de Antropologia, e o convívio que êle nos proporcionou num chá para que nos convidou, na sua casa da Rua Mansard, em Abril de 1931, já então alquebrado e doente, mas ainda animado dessa flama espiritual que fazia vibrar de poder sugestivo a sua simpática figura romântica de ancião.

Em nome da Sociedade de Antropologia e em nosso nome pessoal, curvamo-nos com respeito e saudade perante a memória dos dois eminentes consócios.

M. C.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

TANEMOTO FURUHATA — Value of Blood Grouping in Anthropology — June, 1933.

O ilustre professor de Medicina Legal da Universidade japonesa de Kanazawa, Tanemoto Furuhashi, de cujos trabalhos sobre a distribuição e hereditariedade dos grupos sanguíneos já temos dado notícia nesta revista, faz nesta valiosa memória uma síntese das principais aquisições até hoje realizadas no domínio da sorologia étnica, especialmente no Japão.

Menciona sucessivamente os vários índices propostos, as fórmulas de Wellisch, as leis de Snyder, as novas propriedades (M e N) determinadas por Landsteiner e Levine, as fórmulas originais de soro-genética propostas pelo A., resultados nos recém-nascidos japoneses e nos japoneses em geral, correlações entre os grupos sanguíneos e alguns caracteres antropométricos, resultados em vários países, etc. Importantes estatísticas e bons cartogramas e gráficos valorizam este trabalho.

Os Portugueses aparecem no quadro geral com 918 casos observados. Embora não haja indicação bibliográfica, cremos tratar-se das observações reunidas, dos drs. Adélia Seirós da Cunha e Waldemar Teixeira.

É engenhosa a representação, num sistema de três coordenadas (A, B e O), das posições sorológicas, de vários povos do globo, na estampa final. Os Portugueses lá estão numa posição destacante, a que já temos feito referência.

MENDES CORRÊA.

K. LANDSTEINER AND PHILIP LEVINE — Immunization of Chimpanzees with human blood — Repr. from «Journ. of Immunology», vol. XXII, 1932.

Injectando com sangue humano três chimpanzés pertencentes ao grupo A, os autores realizaram as reacções do soro desses chimpanzés com sangue humano e sangue de chimpanzé, con-

cluindo que se produzem facilmente aglutininas nos antropóides referidos após aquelas injeções e que a diferença de reacções sorológicas entre o sangue do homem e o do chimpanzé do mesmo grupo é menos pronunciada do que entre o sangue humano de grupos diversos. A formação dos anticorpos pela imunização de chimpanzés com sangue humano explica-se pelas diferenças específicas entre as células desses animais e as humanas. Mas é plausível que a mais pequena diferença de composição nas proteínas das hemácias baste para a produção dos anticorpos.

M. C.

CARLO MAGNINO — Ibridismo e pureza — Publ. do «Centro di Documentazione Etnica» — Roma, 1933.

O A., um dos organizadores do novo Centro de Documentação Etnica, proclama, nesta dissertação, a vantagem do hibridismo racial no progresso das nações. «Os povos mais híbridos — diz — são os que constituem as nações mais compactas». O conceito de *Estado nacional* contradiz, na sua opinião, a dum *Estado étnico*, racial.

O dr. Carlo Magnino procura apoiar a sua tese sobretudo na história da Itália e defende a instituição dos *prêmios de nupcialidade* entre elementos de regiões afastadas, especialmente montanhosas, que, por sua natureza, são factores de isolamento.

Segundo o A., a tese de Gobineau e de certos autores germânicos, da pureza racial, é apriorística e sem valor científico. Na verdade, a doutrina que este trabalho lhe contrapõe, necessita também dum apoio documental menos sumário, mais sólido e mais vasto do que aquele que ali lhe é fornecido. Isto não quer dizer que o dr. Magnino se não revele bom observador e um espírito culto.

M. C.

UGO RELLINI — Svolgimento e lacune della preistoria d'Italia — «Riv. di Antropologia», vol. XXVIII, Roma, 1928-29.

Síntese brilhante do que se sabe da prehistória italiana, com pontos de vista originais e com uma exposição franca das dúvidas e lacunas nesses conhecimentos, exposição que constitui um belo programa de novas pesquisas.

Para Rellini, o célebre crânio de Olmo é indubitavelmente mustierense. Datam-no bem a estratigrafia, a fauna, a indústria mustierense. No paleolítico superior, ondas capsenses veem de África para a Itália como para Espanha. Apenas no chamado aurinhacense médio, uma onda de retorno trás de França para a península apenina a ponta de osso de base fendida e as estatuetas femininas (Grimaldi, Savignano).

Sob a influência da doutrina dos ciclos etnológicos do P.^o W. Schmidt, o A. prefere admitir no paleolítico três ciclos: o do amigdalóide, o da lasca retocada, e o das lâminas estreitas e finas. Este último pertence ao quaternário superior, os anteriores veem do protolítico.

Interessantes também as vistas do autor sobre o miolítico e sobre o neolítico em Itália. Esta última cultura seria preparada e em parte produzida em território europeu; as migrações da Ásia Menor ou da África antigamente admitidas para explicar a aparição do neolítico na Europa, datariam duma face adeantada deste, mesmo do eneolítico.

M. C.

TOMAZ SIMÕES VIANA — Estações paleolíticas de Abelheira e Meadela (*Viana do Castelo*) — Extr. do «Almanaque de Ponte do Lima», 3.^o ano, Viana do Castelo, 1933.

A província do Minho, que até há poucos anos estava fora da área conhecida de distribuição do paleolítico, vai pouco a pouco fornecendo novos documentos que tem sido atribuídos a este período. O sr. Tomaz Simões Viana, a quem se devem já aquisições de muito interesse em matéria de prehistória minhota, regista nesta nota alguns achados seus de instrumentos de morfologia paleolítica — sobretudo chelense — nos arredores de Viana do Castelo.

Trata-se de *coups-de-poing* grosseiros, talhados a grandes lascas, em calhaus de quartzite com uma parte da superfície rolada intacta. O A. encontra afinidades entre alguns exemplares e os de Camposancos, Arronches, Casal do Monte, Elvas, etc.

Como noutros lugares temos dito, são ainda obscuras as relações entre os achados galaico-minhotos de superfície com morfologia paleolítica e os abundantes documentos asturienses das mesmas regiões. Mas isso não tira a menor parcela de interesse a contribuições como a do sr. Tomaz Viana.

M. C.

K. ABSOLON UND R. CZIZEK — *Die Palaeolithische Erforschung der Pekarna-Höhle in Mähren — Dritte Mittheilung für das Jahre 1927* — «Acta Musei Moraviensis». Jahrg. XXVI-XXVII. Brünn, 1932.

Excelente relato das importantes investigações realizadas em 1927 pelos AA. na caverna de Pekarna, na Morávia. Método impecável, resultados notáveis. Apareceu material lítico e kerático de vários níveis aurinhacenses, do madalenense, do neolítico. A destacar uma bela gravura representando um combate de bisontes.

M. C.

NELLO PUCCIONI — *Appunti sui resti scheletrici umani del giacimento di Belverde (Cetona)* — Extr. do «Arch. per l'Antrop. e la Etnol.», vol. LXII, Firenze, 1933.

Este trabalho, apresentado como uma simples nota preliminar, tem, entretanto, uma grande importância documental, pois fornece-nos uma síntese deveras interessante das observações do A. em restos esqueléticos de, pelo menos, 59 indivíduos, restos encontrados em explorações levadas a efeito em grutas da região italiana de Belverde, montanha de Cetona, e pertencentes a toda a duração dum período que dos primeiros alvares do bronze alcança a idade do ferro avançada.

Os ossos longos fornecem ao A. elementos sobre a estatura e os índices pilástrico e platicnêmico. Dos crânios, dos quais uns 18 em razoável estado de conservação, dá o prof. Nello Puccioni sucessivamente os caracteres descritivos, os índices cefálico, verticais, frontal, alveolar, faciais, nasal, orbitário, alvéolo-maxilar, do buraco occipital e do ramo mandibular. As principais conclusões referem-se: à estatura, predominantemente baixa comquanto, sobretudo nas mulheres, apareçam casos de estatura elevada; à platicnemia, que é inferior à de outros esqueletos de jazidas prehistóricas italianas; aos índices cefálico e verticais, que dão o predomínio à dolicomorfia, sendo entre os braquioides mais frequentes as formas baixas; e ainda à morfologia facial que o A. analisa detidamente.

O prof. Puccioni discrimina no conjunto: um tipo cromagnonoide; um tipo, mais raro, afim dos Etiópicos; um dólico-ortocéfalo que parece afastar-se do tipo mediterrâneo, ao qual seria atribuível à primeira vista; o braquioplaticéfalo alpino; um tipo

dinárico; porventura um tipo arcaico laponóide do qual o alpino seria uma forma híbrida mais recente.

O arcaísmo dos elementos representados é manifesto para o A., mas a heterogeneidade da série é grande. Notemos, entretanto, a ausência de ortognatas e a presença dum só platirrínio, nos crânios em que foi possível apreciar esses caracteres.

M. C.

COMTE BÉGOUEN — *A propos d'un os orné de la caverne des Trois Frères* — «Rev. Anthropol.», Paris, 1933.

Uma interessantíssima peça de osso, destinada a raspar e polir, e com finas ornamentações, descoberta pelo A. no estreito corredor de junção entre a gruta de Enlène e a de Trois-Frères, sugere ao sr. conde Béguen várias considerações e a menção de outros espécimes arqueológicos, de que é levado a concluir que o homem madalenense tinha uma mentalidade bastante requintada para sentir prazer no emprêgo de utensílios cuidada e artisticamente ornamentados.

M. C.

American School of Prehistoric Research — Bulletin — n.º 9, Maio, 1933.

Sob a direcção do Prof. George Grant Mac Curdy, continua a publicação deste boletim, que dá a medida do esforço da Escola Americana de Investigação Prehistórica.

O presente boletim publica em primeiro lugar o relatório anual dos trabalhos de campo, elaborado pelo director, Prof. Mac Curdy. Seguem-se os relatórios parcelares: de Theodore McCown sobre os restos fósseis humanos de Mug haret Es-Sukhul (Palestina), em que apareceriam, como no crânio da Galileia, caracteres mixtos de Neanderthal e do Neantrópico (o que leva o autor a baptisa-los *Palaeanthropus palestinus*); de V. Fewkes, H. Goldman e R. Ehrich sobre um reconhecimento arqueológico na Jugoslávia; dos mesmos sobre as escavações de 1931 e 1932 em Starcevo, estação neolítica jugoslava; emfim, de R. Ehrich sobre um reconhecimento arqueológico em Montenegro.

M. C.

AB. HENRI BREUIL — *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique* — 2 vols., profusamente ilustrados (I — Ao Norte do Tejo; II — Bacia do Guadiana) — Ed. da «Fondation Singer Polignac», Imprimerie de Lagny, 1933.

O ilustre professor do Colégio de França e do Instituto de Paleontologia Humana, sr. P.^o Breuil, que tem estudado o paleolítico da Península Ibérica e, especialmente, a sua arte rupestre prehistórica, reuniu num luxuoso *Corpus* os vários documentos de pintura rupestre esquemática que tem sido descobertos na Península. Como estes documentos pictográficos, ao contrário dos de Altamira e outros também estudados por Breuil, não são quaternários, mas provavelmente, em geral, neo-eneolíticos, a sua publicação foi considerada fora do âmbito do Instituto de Paleontologia Humana e, assim, não foi este mas a Fondation Singer-Polignac que custeou os dois volumes, em que o alto interesse do assunto se casa com a verdadeira suntuosidade da parte material.

Descrições cuidadas, referências bibliográficas, bons desenhos, excelentes fotografias, belas estampas coloridas, tudo dá, sob a autoridade incontestada do prof. Breuil, um grande relêvo a esta publicação, à qual se seguirá a de outros volumes de síntese, de materiais comparativos, possivelmente mesmo de hipóteses cronológicas de que o A. apenas fala passageiramente nestes dois volumes.

De Portugal o prof. Breuil menciona as pinturas do Cachão da Rapa, da Pala Pinta de Carlão (Alijó), as dos dolmens de Salles e Vilarinho de Castanheira (Trás-os-Montes), do dolmen de Baltar (perto do Pôrto), dos dolmens de Côta, Queiriga, Sátão e Oliveira do Hospital (Beira), do dolmen de Belas (arredores de Lisboa), e por fim da rocha de Nossa Senhora da Esperança (Arronches). Publica sobre esta última, de que já se ocupara na «Terra Portuguesa» em 1916, os seus próprios desenhos, muito bem coloridos. É cabido recordar que Serpa Pinto na nossa revista (*Trabalhos*, vol. V, págs. 245-246) escreveu em 1931 que os desenhos da «Terra Portuguesa» não correspondiam no conjunto às pinturas, «notando-se mesmo isoladamente, bastantes divergências que justificariam nova reprodução». É certo, porém, — escrevia o malogrado Serpa Pinto, — que se encontram desenhadas tôdas as figuras ainda que fora das posições relativas. Na actual publicação, o prof. Breuil reuniu todos os «panneaux» numa estampa.

Das pinturas do Cachão da Rapa o A. não conhecia ainda a nova reprodução, levada a efeito por Santos Júnior, aludindo,

porém, já à redescoberta desses documentos feita pelo investigador português.

Das restantes pinturas mencionadas Breuil reproduz desenhos publicados por Vergílio Correia, Leite de Vasconcelos, Santos Júnior, José Fortes e pelo autor destas linhas.

Para a importante composição pictográfica de Côta, que o A. reproduz de trabalhos nossos e de cuja aquisição para a Ciência tratámos em carta publicada noutra desta revista, o professor Breuil dá paralelos interessantes no dolmen asturiense de Capilla de Santa Cruz (Cangas d'Onis), e nas gravuras pintadas da cista de Göhlitz (Saxe). Entende, ao contrário do nosso parecer, que se não trata dum ídolo, como o de Peña-Tu, mas «dum grupo disposto em composição decorativa de conjunto de figurações de significação feminina ou derivada». Confessamos a nossa relutância em admitir que as duas figurações superiores sejam «nitidamente» duas figuras femininas do tipo dos ídolos de Almeria, sobrepostas a dois andares rectangulares reunindo outras figuras análogas ou ornatos delas derivados, quando a disposição rectangular dos dois andares, a bifurcação superior e a própria repartição em andares, têm tanto de semelhante com a disposição geométrica geral de alguns ídolos-placas. Mas não queremos insistir na interpretação (aliás conjectural) que propusemos. Talvez não seja exacta. Talvez não sejam exactas, mesmo, nem a nossa nem a de Breuil... Trata-se dum campo vasto de hipóteses...

Pena foi que o prof. Breuil não tivesse conhecimento do desenho colorido, cuidadosamente obtido, que demos, da pintura de Côta no vol. I da *História de Portugal*, dirigida pelo prof. Damião Peres (Barcelos, 1928). Certamente teria estimado dêle fornecer em estampa a côres uma reprodução. Dêste modo, para Portugal, limitou apenas às pinturas da Senhora da Esperança êsse processo gráfico.

Para Espanha, a documentação é abundante e são numerosas as estampas coloridas.

Merece menção e interesse particulares a parte do livro referente às pinturas da Galiza. As de Codesas, por exemplo, são muito próximas das portuguesas de Sales. No que respeita à Galiza, o A. reproduz desenhos de Cuevillas e Bouza Brey.

A sul são muito interessantes para os investigadores portugueses as numerosas pinturas da região de Badajoz e da Serra Morena.

Em suma, o trabalho de Breuil é tanto uma nova afirmação da sua alta competência como um precioso manancial de estudo para os prehistoriadores da Europa ocidental.

M. C.

ANTÓNIO SERRANO — *Observaciones sobre la alfarería de los médanos de Colón* — «Mem. del Museo de Paraná», n.º 6, Paraná, 1933.

Breve nota, muito interessante, em que o autor regista, com outras observações sobre cerâmica antiga da região da costa argentina, entre Colón e o «Paso de Paysandú», o costume, ainda não assinalado no seu país, de se adicionarem à argila espículas de esponjas de água doce. Essa técnica foi usada também na região do Amazonas, no Uruguay, etc., subsistindo ainda nalguns pontos. O A. determinou as espécies utilizadas, e dá para ilustração do seu trabalho uma carta, algumas microfotografias e várias estampas de peças cerâmicas.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal* — in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», t. XVIII, 15 págs. e 6 figs. Porto, 1933.

Este trabalho foi apresentado pelo seu autor ao I Congresso Internacional de Ciências Prê-históricas e Proto-históricas (Londres, 1932).

Rui de Serpa Pinto, duma erudição já larga e infatigável no seu labor científico, anunciava no estudo que estamos analisando, a publicação futura dos inventários onde reunira vastos materiais referentes às explorações mineiras arqueológicas, limitando-se por agora a dar um resumo daquilo que à luz dos conhecimentos actuais podemos ajuizar sobre o intrincado problema do início da metalurgia em Portugal.

Riqueza mineira — Explorações mineiras — Metalurgia: são os três capítulos em que dividiu o trabalho.

Em seis cartas, mostra duma forma sugestiva e flagrante a distribuição dos jazigos de estanho e cobre em Portugal e na Península ibérica, e a distribuição no nosso país dos diferentes tipos de machados de cobre bem como de alguns petroglifos.

É particularmente interessante o que nos diz sobre o problema da *calaité*. R. Serpa Pinto descobriu que no norte de Portugal aparece a *lazulite*, mineral verde-azulado com o qual se fabricam as pérolas de colar ditas de *calaité*, não sendo pois necessário para explicar o aparecimento das mesmas no nosso país, admitir a sua importação das Ilhas Britânicas.

Faz considerações interessantes sobre as relações prê-his-

tóricas que existiram quer por via terrestre, quer por via marítima, entre o noroeste peninsular, a França e o sul da Inglaterra.

Termina pondo em destaque «les caractéristiques souvent méconnues de la culture du nord-ouest péninsulaire, qui pendant l'âge du bronze se maintient dans un isolement remarquable des autres régions et du bassin de la Méditerranée, et constitue un cercle culturel avec affinités septentrionales très anciennes.»

SANTOS JÚNIOR.

FLORENTINO LOPES CUEVILLAS — *A área xeografica da cultura norte dos castros* — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», págs. 99-107. Guimarães, 1933.

Cuevillas, o infatigável arqueólogo galego, aborda neste trabalho o interessante problema da delimitação do âmbito geográfico da cultura dos castros do noroeste peninsular.

Arrimado a uma excelente bibliografia, que analisa com critério e lógica, procura estabelecer-lhe os respectivos limites. O limite sul fá-lo seguir paralelamente ao rio Douro e próximo deste rio, para baixar depois até ao Vouga e estender-se até Pinhel e Guarda. A oriente a cultura em questão enfrenta com a cultura dos berrões. A divisória estende-se pelo leste transmontano, que tantas esculturas zoomorfas de berrões tem fornecido, e segue depois por Leão e Astúrias.

Esta última província, a par de objectos de cultura nitidamente castreja, mostra-nos um certo número de outros achados que têm os seus paralelos no círculo cultural de Castela.

S. J.

XESÚS CARRO E SEBASTIÁN GONZALEZ — *O tesouro de Foxados* — in «Arquivo do Seminario de Estudos Galegos», 6 págs., 7 lams. Sant-Iago, 1933.

Na área dum castro, já bastante desmantelado, em Foxados (Corunha), apareceu em 1932 um tesouro constituído por alguns bolos de fundição de prata e ouro (pêso 2^{kg},040), fragmentos de 3 torques de ouro, outros tantos torques de ouro completos e 1 bracelete também de ouro.

Os autores estudam cada uma das peças e fazem a comparação das mesmas com outras semelhantes de Galiza e do norte de Portugal.

Concluem por supor o achado como pertença dum antigo ourives ambulante e datá-lo possivelmente « dos primeiros séculos da nosa era, en momentos da romanización en que inda persistían as vellas tradicións indixenas da Galecia ».

S. J.

P. BOSCH GIMPERA — *El problema de los Cántabros y de su origen* — «Boletín de la Bibl. Menendez y Pelayo», Santander, 1933.

O sábio professor de Barcelona retoma o problema da origem dos Cantabros, de que se ocupara já nos seus estudos anteriores de etnologia antiga da Península e do qual ultimamente tratava também Sanchez Albornoz. Para Bosch, os Cantabros são iberos que, portadores da cultura de El Argar, deveriam ter-se infiltrado nos meados da idade do bronze (cêrca de 1500 a. C.) entre os povos indígenas do N. de Espanha. As invasões célticas (entre 1000 a. C. e o séc. VI) isolam-os ou influem mesmo nêles, mas, com a decadência do período céltico, os Cantabros tratam de reconquistar a região de Villarcayo (*Segontia Paramica* dos Autrigones) e descem pelo Ebro até ao vale de Miranda, procurando ocupar a Bureva. Esta situação corresponde à descrição estraboniana. Aqueles propósitos de reconquista originam uma coligação de povos contra os Cantabros e a guerra cantábrica, que reduz a área dos Cantabros aos limites indicados por Ptolomeu.

O prof. Bosch Gimpera termina apontando o paralelo entre a primitiva história cantabra e os episódios da reconquista castelhana e política expansiva dos primeiros condes de Castela.

Há sem dúvida uma larga parcela de conjectura nestas reconstruções etnológicas, mas a erudição e a inteligência com que Bosch maneja, para elas, os materiais históricos, arqueológicos, toponímicos, etc. são dignas da maior admiração. Notemos que neste trabalho, o eminente investigador catalão não partilha já, como antes, a hipótese de Schulten dos movimentos dos Iberos no sec. III para o interior da Península, e explica preferentemente a iberização por uma penetração mais antiga.

É mais provável — escreve Bosch — que, *achando-se já os iberos no centro da Espanha desde os principios da idade do bronze e representando, de acôrdo com a doutrina clássica, os celtas o elemento invasor que pouco a pouco se fundiu com o indígena, entre o*

qual há a contar com os iberos, a mistura ficou estabilizada a partir do século III, ressurgindo largamente nela a personalidade dos iberos à medida que se desnaturava o carácter do povo dominador.

Congratulamo-nos com esta autorizada opinião, tanto mais quanto é certo que nos « Povos Primitivos da Lusitania » puzemos de remissa a hipótese de Schulten, e expuzemos ideias das quais se aproximam hoje mais as do ilustre arqueólogo de Barcelona. A diferença está em que Bosch fala abertamente de *iberos* onde nós apenas falávamos cautelosamente em *pre-celtas*, convencidos embora de que, efectivamente, estes *pre-celtas* podem com verosimilhança chamar-se *iberos*.

M. C.

ALES HRDLICKA — *The principal dimensions, absolute and relative, of the humerus in the white race* — «Amer. Journ. of Phys. Anthropol.», XVI, Philadelphia, 1932; *The Humerus: Septal Apertures* — Repr. from «Anthropologie», Prague, 1932.

Dois trabalhos do ilustre antropólogo de Washington, relativos ao humero. No primeiro o A., fundado no estudo dum total de 4432 húmeros, compara, nos dois sexos, vários caracteres métricos do humero (comprimento, relação dêste com a estatura, índice da secção no meio, índices humero-femural e rádio-humeral) dos brancos com os caracteres correspondentes do mesmo osso nos Indios e nos Negros da América. Citando as investigações portuguesas (por ordem cronológica: do sinatário e do dr. Themido) sôbre o humero, menciona na bibliografia uma nossa breve comunicação à Academia das Ciências de Paris e não a « Osteometria Portuguesa » que é mais detalhada e completa a tal respeito.

Na segunda monografia faz o A. um estudo muito amplo da perfuração da fosseta olecrâniana (nome a que prefere o de « aberturas septais » do humero) tanto no homem primitivo e actual, como nos Primatas e nos restantes Mamíferos. O número de exemplares examinados é de muitos milhares.

A conclusão a que o A. chega sôbre as causas da perfuração é a de que ela representa uma tendência de natureza filogenética para a reabsorção do septo nos Mamíferos.

Na história do assunto e na bibliografia o A. omite todos os trabalhos portugueses sôbre a matéria não só os do sinatário e do Prof. Amândio Tavares, mas ainda o estudo especial, muito desenvolvido, do Prof. Barbosa Soeiro.

M. C.

JAN MYDLARSKI — *Coefficients of resemblance of parents and children as a measure of selection processes* — «Rev. de Physiologie du Mouvement», Warszawa, 1933.

Os coeficientes de semelhança entre pais e filhos, sobretudo nos grupos sanguíneos, não são os mesmos quando obtidos teoricamente ou determinados pela observação. As diferenças entretanto são pequenas e atribuíveis, segundo A., aos processos de selecção que afectam directamente os caracteres inter-relacionados. Dêste modo, o valor desses coeficientes de gerações sucessivas pode servir para determinar os efeitos imediatos dos processos selectivos.

M. C.

KEITER, FR. — *Wachstumstudien an Kindern* — Extr. de «Verhandlungen der Gesellschaft für Physische Anthropologie», 1932.

Baseado em observações feitas em 1:200 crianças (inclusive sobre fotografias) estudou o A. o crescimento, a variabilidade dos caracteres e as diferenças sexuais e étnicas nos rapazes até aos 19 anos e nas raparigas até aos 17.

No crescimento notou o A. que as relações entre as medidas se fixam mais cedo do que as próprias medidas. A direcção em que se dá a modificação permanece constante desde o nascimento, exceptuando-se nessa regra o índice cefálico e o índice orbital.

A variabilidade mantém-se uniforme durante o desenvolvimento. Quanto à diferença sexual de nascimento nota-se que esta é nos recém-nascidos femininos 0,8 % menos intensa que nos rapazes, mas aumenta nos dois sexos na idade escolar e na puberdade. Sem excepção, as diferenças sexuais originam-se por as raparigas se afastarem menos do estado infantil do que os rapazes.

As diferenças étnicas encontram-se já nos recém-nascidos e são quasi do mesmo valor aos 6 anos e nos adultos, não aumentando os coeficientes de variabilidade durante o nascimento.

A. ATAÍDE.

CARLO MAGNINO — *Il complesso etnico dei Carpati (Escursioni nella Ruténia Carpática)* — 1 vol, de cerca de 200 págs. e de 10 est. fora do texto — Roma, 1933.

Poucas regiões da Europa oferecem um interesse tão especial, no ponto de vista etnológico e etno-geográfico, como a Rússia sub-carpática que o A. estuda neste volume. Trata-se, na verdade, dum «complexo étnico» em que intervêm Eslovacos, Polacos, Grandes Russos, Magiares, Romanos e Rutenos, no meio dos quais o A. identifica particularmente os Goraes, os Uzulos, os Boikis, Judeus, Ciganos, Caraimos, etc. Sucessivamente êle examina a origem, as condições ambientais, a vitalidade, a etnografia, as tendências sociais, destes diferentes elementos étnicos, pondo em foco os principais aspectos dos problemas etno-sociais que se lhes referem. As misturas e infiltrações que se operaram nalguns desses elementos, não foram tão longe que nêles se não reconheçam caracteres primitivos e específicos, muitos dos quais extremamente curiosos.

É interessante sobretudo o que o dr. Carlo Magnino diz sobre a «degenerescência» física e moral dos Uzulos, sobre os Judeus em geral e tendência do mundo hebraico não à polarização, mas à pulverização, sobre a falência das tentativas russas de colonização agrícola pelos Judeus, as distinções religiosas entre êstes e os Caraimos, a origem dos Ciganos e os resíduos, na sua cultura, da civilização da idade do bronze; etc.

O A. não se propôs esgotar o assunto, mas o seu livro, baseado em grande parte em excursões pessoais na região considerada, é a demonstração feliz de excelentes aptidões para as pesquisas referidas e para uma sensata interpretação e valorização de resultados. Notemos que o dr. Magnini pertence à admirável escola antropológica de Roma, à frente da qual se encontram o venerando prof. G. Sergi e seu filho o actual catedrático de Antropologia, prof. Sergio Sergi.

M. C.

MENDES CORRÊA (A. A.) — *Estatuta e indice cefálico em Portugal* — Extr. do «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Pôrto», vol. II, fasc. 1.º-2.º, 1932.

Analisando as observações e resultados colhidos pelo sr. professor Tamagnini em 11:658 soldados portugueses e juntando a

esses materiais os de outros autores., o sr. prof. Mendes Corrêa construe quadros e gráficos que lhe permitem estudar a posição antropológica dos portugueses.

Depois de algumas considerações gerais sobre o valor estatístico das diferenças regionais encontradas e sobre as modificações que os resultados do sr. prof. Tamagnini trazem à carta antropológica de Portugal, o A., embora reconheça que somente a estatura e o índice cefálico não permitem resolver definitivamente o problema das origens étnicas do povo português, procura explicar as diferenças regionais e discute a realidade taxonómica dos tipos raciais que se tem admitido como tendo participado na etnogenia dos portugueses.

Chamando a atenção para a imprecisão das classificações e dificuldade que há em introduzir-lhes os tipos determinados pela observação dos grupos humanos reais, pergunta se se devem modificar as diagnoses ou se deve antes admitir a modificação dos tipos clássicos pela acção dos cruzamentos ou do meio.

Atendendo a que a população de Portugal é relativamente homogênea e a que o índice cefálico dos portugueses não corresponde exactamente ao da raça *ibero-insular*, o A. acha preferível elevar o limite superior do índice cefálico atribuído a esta raça, até 78 ou 78,5, ainda que a elevação do índice cefálico e um paralelo abaixamento da estatura possam resultar da influência de braquióides, como o *Homo alpinus*.

Como em Portugal se nota uma certa correspondência entre as estaturas elevadas e índices cefálicos baixos (o coeficiente de correlação calculado pelo A. é de $-0,24$), o A. atribue êste facto à influência dum velho elemento eurafriano de $1^m,65$, moreno, bastante dolicocefalo, hipsicéfalo, eurifacial e de nariz largo.

Segundo as médias do índice cefálico e da estatura, podem-se reunir os distritos de Portugal em cinco grupos, começando pelos de estatura relativamente elevada e índice cefálico baixo: 1.º, Trás-os-Montes e Beira Alta; 2.º, Beiras Baixa e Central; 3.º, Extremadura; 4.º, Alentejo; 5.º, um grupo de distritos litorais.

E, ao terminar, diz o A.:

«Até que ponto os últimos resultados numéricos confirmam ou modificam as ideias anteriores sobre a existência dos elementos indicados no seio da população portuguesa? A presença do elemento *ibero-insular*, entendido como propus, é indiscutível. A dum elemento um pouco mais alto e dolicocefalo que o *ibero-insular*, sobretudo em Trás-os-Montes e Beira Alta, é também admissível. Mas as médias distritais da estatura e índice cefálico no Alentejo e Algarve não fornecem a demonstração categórica

da influência *árabe*, de que falavam Álvaro Basto e Costa Ferreira, e da influência *berbere* admitida pelo segundo. Ambas são verosímeis, dadas as relações históricas e ante históricas com o norte de África, mas, se as afinidades são estreitas, é difícil encontrar termos de comparação precisos, tantas as variedades notadas no seio de berberes e semitas. Eis porque não inscrevi estes elementos na fig. 2, embora fôsse natural mencioná-los.

O elemento *nórdico* não se discrimina nitidamente nas médias, embora exista, como já se verificou (Fonseca Cardoso, Costa Ferreira, etc.) — a não ser que resultem do meio ou de convergência certos caracteres nórdicos (despigmentação, caracteres cranianos), que aparecem às vezes nalguns indivíduos do nosso povo. Da presumida influência braquicéfala já disse o bastante, como também se atenua ou desaparece a distinção, suposta por Costa Ferreira, entre o trasmontano e o beirão.

Para outros elementos que têm sido indicados, mesmo para outros caracteres, além da estatura e índice cefálico, há distinções difficilmente verificáveis. Assim, por exemplo, a distinção pela forma do mento, a que alude Costa Ferreira.

As diferenças de médias regionais nem sempre poderão ser atribuídas a diferentes quotas percentuais dos elementos étnicos componentes. O problema da análise antropológica, admitida a hereditariedade mendeliana de alguns caracteres no homem e conhecidas as dificuldades de classificação das raças, não é tão simples como se afigurava aos nossos predecessores nestes estudos. Os métodos antropométricos não permitem o rigor de análises químicas.

As médias não têm presumivelmente todo o interesse que antigamente despertavam aos antropólogos, a não ser nalgumas populações puras e perfeitamente adaptadas ao meio. A despeito da relativa pureza e das profundas raízes indígenas da maior parte da nossa população, o método das médias não basta para o seu estudo antropomorfológico regional.

Assim, dando nos quadros finais as médias da estatura e do índice cefálico em várias séries de circunscrições do nosso país, não considero reunidos todos os documentos necessários para um estudo exaustivo da distribuição desses caracteres da nossa população, e muito menos os elementos necessários para a determinação rigorosa dos tipos antropológicos que entraram na constituição do nosso povo.

Outros elementos são precisos, além mesmo, ainda, dos que têm sido colhidos laboriosamente pelos antropólogos sobre outros caracteres morfológicos.

A Antropobiologia (grupos sanguíneos, temperamentos, etc.)

entra agora também em cena, em vista da insuficiência manifesta da Antropologia clássica e dos seus métodos, insuficiência que tem levado muitos a renunciar a mais detalhe do que as grandes divisões gerais.

Seja como fôr, não é sem pesquisas amplas e sistemáticas, como aquelas que motivaram estas linhas, que se pode chegar a resultados mais seguros do que as hipóteses, por vezes interessantes, mas sempre mais ou menos vagas e incertas, que enchem tantos grossos volumes de erudição e de imaginação».

Por um dos gráficos vê-se que as médias regionais portuguesas apresentam interferências com as espanholas, mas a sobreposição não é perfeita. As províncias de Trás-os-Montes e Beira destacam-se nitidamente do conjunto peninsular.

A. A.

V. SUK & K. AUGUSTA — *Sur la population de la Valachie morave et ses quelques rapports à l'Anthropologie de la Roumanie par la méthode sélective* — Publ. de la Fac. Sc. de l'Univ. Masaryk, Brno, 1933.

Segundo o prof. Suk, teem mais interêsse as observações antropológicas de grupos ou classes das populações (método selectivo) do que as observações em grandes massas. Por êste método o dr. Augusta colheu na Valáquia morava — uma das regiões históricas da Tchecoslováquia, como a Bretanha em França ou a Toscana na Itália — observações sôbre 379 indivíduos nascidos no país, não em grandes centros, mas nas aldeias que apresentavam maior homogeneidade. De acôrdo com as investigações históricas e linguísticas de Valek, verificou para essa população, pelos seus caracteres somáticos, origem presumivelmente afim da duma parte da população da Roménia.

M. C.

DR. W. E. MÜHLMANN — *Untersüchungen über die süddeutsche Brachycephalie*. I. — «*Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie*», XXX, 1932.

Trabalho saído do Instituto Imperador-Guilherme de Antropologia, dirigido pelo Prof. Fischer. Trata-se dum estudo sôbre crânios badenses dos séculos XVI-XVIII, que constitue um subsídio

para a solução do problema debatido da origem dos braquicéfalos da Alemanha do Sul. É sabido que várias hipóteses teem sido emitidas (mistura da raça alpina ou dinárica, peristase, etc.). O A. expõe o material utilizado, a técnica, os resultados obtidos — médias, variabilidade, etc.

Sôbre 71 crânios determinou vários tipos, sendo o médio braquicrânio, ortocrânio, quási stenométopo, mesoprósopo quási euriprósopo, mesoconco quási cameconco, e mesorrínico no limite da leptorria.

Embora o seu trabalho seja uma séria contribuição para o problema referido, o A. não o julga suficiente para solucionar a questão.

M. C.

FRETS, G. P. — *Über Dominanz des brachycephalen Kopfindex*. — «*Extr. de Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie*», Vol., 1933.

Os resultados das observações do A. colhidas numa família em que o pai era holandês e a mãe javanesa, confirmam os publicados por Roest referentes a famílias de composição idêntica.

Encontra-se, em todos êles, a braquicefalia como carácter dominante. Os índices dos pais são: 85,5 e 76,5 respectivamente mãe e pai. Os dos 5 rapazes variam entre 79,5 e 88; os das 5 raparigas entre 77,5 e 87,5.

Diante estes resultados pergunta o A. se nos casos em que dolicocefalia é dominante não se tratará uma outra forma de braquicefalia.

A. A.

RENATO KEHL — *Sexo e Civilização* — (*Novas directrizes*) — 1 vol. de 280 págs. — Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1933.

Incansável no seu apostolado em favor da Eugénia, o dr. Renato Kehl acaba de publicar um novo volume, em que traça «a semiologia dos males génito-sociais» e aponta «remédios heróicos para a cura e a elevação sómato-psíquica e intelectual da colectividade». É impossível fazer dêste livro uma análise detalhada, tamanhas são a riqueza dos elementos que interveem na exposição, e a variedade dos aspectos dos problemas ali focados. Deve, porém, aconselhar-se a leitura do volume a todos os que

não ficam indiferentes perante o quadro trágico de degenerescência física e moral que nos oferece a humanidade.

O ilustre eugenista não hesita perante as terapêuticas mais revolucionárias, mas acha natural o entre-choque de opiniões. O que pretende é, não fazer prevalecer tôdas as suas doutrinas, mas fazê-las discutir e estudar. Ao contrário dos que apelam para o céu — escreve o dr. Kehl — a doutrina da boa geração, do amor consciente, da regeneração humana dentro das normas basilares da biologia, «apela para os sentimentos mais nobres da nossa natureza».

O programa «avançado» que o A. apresenta no final do seu trabalho, foi exposto por êle numa conferência de grande êxito na Sociedade Portuguesa de Antropologia em fins de 1932.

M. C.

GUSTAVO BARROSO — *O Santo do Bréjo* — Renascença Editora, Rio de Janeiro, 1933; *A ronda dos Séculos* — 3.^a edição, Livraria José Olympio, São Paulo, 1933.

O Santo do Bréjo é um romance, mas tem um alto interesse etnográfico e sociológico. Assiste-se, num admirável quadro de costumes rurais, à formação e ao desenvolvimento duma superstição poderosa. Com o seu belo talento literário, Gustavo Barroso, em tintas duma realidade bem observada, desenha paisagens e tipos, e descreve fenómenos e episódios em que do cómico e caricatural se ascende, em contrastes impressionantes, ao mais empolgante e dramático.

O outro livro do grande escritor brasileiro é feito de pequenas telas do mais vivo colorido e duma imaginação brilhante e fecunda. Inspiram em geral essas páginas acontecimentos históricos. Assinalamos o volume nesta revista porque a vida do homem pre-histórico tem nêle um lugar. A descrição não é cientificamente rigorosa — lepidodendros, cromleches, urso espeleu, chifres de rena gravados, pedra polida, etc., formam um heteróclito conjunto — porém o A. não quis fazer uma descrição científica, mas apenas contos em que a arqueologia e a história fornecem sugestões, pontos de partida, à fantasia literária. Nem por isso deixa de ser interessante registar a existência de tais motivos na literatura, na boa literatura. E deve notar-se que ao folclore e à erudição tem Gustavo Barroso dado valiosas contribuições objectivas, mostrando ser, além do homem de letras justamente consagrado, um folclorista e um erudito de autêntico mérito científico.

M. C.

QUINTILIANO SALDAÑA — *La nouvelle anthropologie criminelle* — in «Revue Intern. de Droit Pénal et Criminologie». Bruxelles, 1933.

Êste trabalho de Saldaña, professor ilustre da Faculdade de Direito da Universidade de Madrid, foi já traduzido para italiano, inglês e alemão. É uma síntese de trabalhos de criminologia do sr. Prof. Mendes Corrêa, analisados à luz dos modernos conceitos do crime e do criminoso.

O Prof. Saldaña não só concorda inteiramente com a teoria do Prof. Mendes Corrêa sobre o determinismo criminal, teoria que êle chama «moral» ou «psico-moral», mas faz a sua apologia.

Os últimos capítulos são dedicados à crítica da obra de Lombroso.

S. J.

AFRÂNIO PEIXOTO — *Criminologia* — 2.^a ed. — Um vol. de cerca de 300 págs. — Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1933.

Lições dum novo curso de Criminologia na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro pelo eminente Mestre que é Afrânio Peixoto. Sucessivamente trata o A. dos conceitos de crime e criminoso, das hipóteses criminológicas, da endocrinologia criminal, da psicanálise, das classificações dos criminosos, dos crimes chamados desinteressados, dos crimes comuns de instintivos, profissionais e ocasionais, dos crimes de loucos, das causas da criminalidade, da prostituição, vagabundagem e alcoolismo, da perigosidade e defesa social, das clínicas criminais, da eugenia e socioplástica, etc. A simples menção dos títulos dos capítulos mostra que o A. está, como era de esperar, perfeitamente actualizado com as tendências da criminologia contemporânea: increções, psicanálise, biótipos, eugenia... Nem livre arbítrio nem determinismo: defesa social. Quanto a classificações de criminosos, «mero artifício didáctico — diz o ilustre professor —, ensaio intelectual, arranjo ou arrumação de coisas heteróclitas, para mera satisfação literária do seu autor». E com razão conclui: «As classificações arrumam factos e coisas da natureza; isto não obriga a natureza a submeter-se a tais arrumações».

Sem recuar perante as mais enérgicas medidas de prevenção e defesa social ou perante ideias que são consideradas profundamente revolucionárias, o prof. Afrânio Peixoto não é um visionário precipitado e imprudente. Dando à «hormonia» um papel importante na criminalidade não julga o disendocrinismo «uma con-

dição necessária e suficiente» do crime. Espreado-se sobre a doutrina freudiana e atribuindo-lhe uma visão justa e penetrante de muitos factos de psicologia geral e criminal, alude às «críticas e sorrisos» que merecem alguns detalhes dessa doutrina. Partidário inteligente duma «política do futuro», preventiva, eugénica, admite que a socioplástica seja «uma utopia», embora «a tardia realidade seja sempre descendente de uma ideia temporã».

Em suma, o sábio criminologista pisa sempre terreno firme, embora com os olhos postos num alto ideal. Quanto seria para desejar uma tradução em francês, alemão ou inglês do seu livro tão notável! O nosso idioma não atinge infelizmente muitos meios cultos, e aquele trabalho merecia uma divulgação amplíssima. Simplesmente, seria indispensável que a tradução desse uma ideia do extraordinário encanto literário do belíssimo livro. É que o prof. Afrânio Peixoto, sendo um sábio, é, simultaneamente, um mago privilegiado da prosa.

M. C.

LEONÍDIO RIBEIRO — *Medicina Legal* — I vol. de 442 págs. — Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1933.

O sr. prof. Leonídio Ribeiro reuniu neste volume várias lições do seu curso de Medicina Legal nas Faculdades de Medicina e Direito do Rio de Janeiro, e conferências na Academia Nacional de Medicina do Brasil, fazendo-as preceder dum prefácio do seu grande Mestre, Afrânio Peixoto.

Êsses trabalhos versam sucessivamente a história da Medicina Legal e do seu ensino no Brasil, as relações do ensino com a perícia, questões de deontologia médica, (como o direito de curar, a eutanásia, o aborto e o médico, os honorários médicos, etc.), questões de traumatologia forense (a dor em medicina legal, a ciática, a hérnia em medicina legal, os acidentes de trabalho), a idade e o casamento, um caso de grande sadismo, a regulamentação da prostituição, o exame prenupcial, idade e responsabilidade penal, a história da dactiloscopia, a identificação no Rio de Janeiro.

O livro do sr. prof. Leonídio Ribeiro contém novidades e corajosos pontos de vista pessoais, sustentados, como diz o seu ilustre prefaciador, «com ciência e consciência». Por êle se pode bem ajuizar dos progressos da Medicina Legal no Brasil assim como da actividade brilhante do autor.

M. C.

1933

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

A. A. MENDES CORRÊA:

A posição sistemática do esqueleto de Combe-Capelle
(Pág. 105).

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Gravuras rupestres de Linhares (Pág. 141).

ALFREDO ATHAYDE:

Nota sobre o crescimento dos Portugueses (Pág. 149).

Vária:— Centenário de Martins Sarmento; Escavações arqueológicas; Les peintures megalithiques de Cota (Beira Alta) (M. C.); Sociedade Portuguesa de estudos eugénicos (M. C.); I Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas; Centro di Documentazione Etnica; Prémio «Rui de Serpa Pinto»; Lutuosa (M. C.) (Pág. 155).

Revista bibliográfica:— ABSOLON & CZIZEK (168); AFRÂNIO PEIXOTO (183); AMERICAN SCHOOL (169); BARROSO (183); BÉGOUEN (169); BOSCH (174); BREUIL (170); CARRO & GONZALEZ (173); CUEVILLAS (173); FRETS (181); FURUHATA (165); HRDLICKA (175); KEHL (181); KEITER (176); LANDSTEINER & LEVINE (165); LEONIDIO RIBEIRO (184); MAGNINO (166 e 177); MENDES CORRÊA (177); MÜHLMANN (180); MYDLARSKI (176); PUCCIONI (168); RELLINI (166); SALDAÑA (183); SERPA PINTO (172); SERRANO (172); SIMÕES VIANA (167); SUK & AUGUSTA (180).

Porto—Imp. Portuguesa—108, R. Formosa—1933

**TRABALHOS DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA**



VOL. VI—FASC. III

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO. 1934

I. N. E.
BIBLIOTECA
Portuguesa
3622

As pinturas prè-históricas do Cachão da Rapa

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente da Faculdade de Ciências do Pórtio,
conservador do Museu Antropológico

LIBRARY

Não sei porquê, tive sempre o pressentimento de que as pinturas do Cachão da Rapa—por quási todos os autores mais recentes ⁽¹⁾ consideradas como desaparecidas—existiam ainda, e, mais dia menos dia, alguém as havia de redescobrir.

Em Outubro de 1930, estando em Vilarinho da Castanheira a excavar os dolmens ali existentes, dei conta ao pároco da freguesia, sr. P.^e J. Teixeira Lopes, de que dali seguiria para Linhares onde ia procurar as célebres pinturas do Cachão da Rapa. Aquele sacerdote, que tão amavelmente me recebera em sua casa, lembrou-me a conveniência e o interêsse que haveria em ser ouvido sôbre o assunto um seu paroquiano já velho, o sr. Gaspar, que durante muitos anos fôra *marinheiro* ⁽²⁾ e era conhecedor como

(1) Pela nota 2 da pág. 9 do trabalho de Juan Cabré Aguiló, *Arte rupestre galego y portugués (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*, in «Memórias publicadas pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais», II, Lisboa, 1916, vê-se que também o Prof. Leite de Vasconcelos não supunha desaparecidas as pinturas do Cachão da Rapa.

Possidónio da Silva na nota que sôbre as pinturas do Cachão da Rapa publicou no «Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes», n.º 5, tomo V, 1887, nota que só me foi dado consultar em Julho de 1933 na Biblioteca da Associação dos Archeólogos em Lisboa, dá não só as pinturas como existentes, mas faz ainda a sua localização perfeita.

(2) *Marinheiro* é designação dada àqueles que nos barcos rabêlos faziam e ainda hoje fazem a tormentosa viagem do alto Douro até ao Pórtio, e o afadi-

poucos de todo o rio Douro, desde o Saltinho em Freixo de Espada à Cinta até ao Pôrto.

Foi para mim proveitosa a conversa que tive com aquele homem que durante 40 anos descera e subira o Douro inumeras vezes.

O velho marinheiro não conhecia as pinturas em que eu lhe falava, nunca ouvira mesmo aludir a tal coisa.

Interrogado sôbre a localização do Cachão da Rapa, informou-me de que conhecia duas Rapas (1), uma, a Rapa Nova, perto do apeadeiro da Alegria, outra, a Rapa Velha, mais abaixo, quasi em frente à Quinta de S. Martinho, um pouco a montante do Tua.

Desde que se tratava de procurar um documento prè-histórico, seria pela Rapa Velha que iria dar comêço às minhas pesquisas.

Abalei porisso para o Tua. Ali chegado fui procurar o barqueiro de S. Martinho, que me poderia dar indicações seguras sôbre a Rapa Velha, segundo me informara em Linhares o velho marinheiro.

Na passagem para a margem esquerda do rio Douro fui conversando com o barqueiro, dei-lhe conta dos informes que colhera em Vilarinho da Castanheira e disse-lhe o que procurava. Êle melhor que ninguém poderia informar-me do sítio das pinturas.

Aquele homem tostado pelo sol, empunhando na mão direita a espadela e na esquerda o remo, ouvia-me com certo espanto e olhava-me um pouco de soslaio. Vi-o trocar olhares com o guia que eu tomara no Tua, como que a querer abrandar o seu es-

gado regresso às terras trasmontanas, para de novo carregarem dezenas de pipas do precioso vinho chamado do Pôrto.

O nome de *barqueiro* é reservado àqueles que num vai-vem contínuo fazem a travessia de passageiros e alimárias duma à outra margem do rio.

(1) Por amável informe do distinto arqueólogo sr. José de Pinho soube da existência duma outra Rapa também na margem do rio Douro, mais a juzante, em termo de Sinfães.

panto e procurar explicações para o entusiasmo com que eu lhe falava dos sinais pintados num penedo daqueles sítios. Eu não sei o juizo que aquele homem fêz a meu respeito: acredito que não fôsse lisonjeiro. O que sei é que em dada altura, já o barco abicára à margem de lá, e depois de me ter apontado o Cachão da Rapa que dali bem se via no sítio do túnel, o robusto barqueiro, com ar bem sincero e concludente, atirou-me aos ouvidos esta frase que me deixou aturdido:

— Pois meu senhor. Tenho quasi cincoenta anos, fui aqui nascido e criado, sou barqueiro há muito ano, em rapaz andei muita vez aos ninhos por aquelas fragas do Cachão da Rapa, e nunca vi lá essas pinturas que o senhor diz, nem em tal ouvi falar aos meus velhos.

Regressado à margem direita, estirei-me no areal. O cepticismo categórico daquele barqueiro fez-me succumbir. O sonho que eu acalentava, de existirem ainda as pinturas do Cachão da Rapa, esvaía-se num instante diante das palavras terminantes daquele homem que eu via seguir a meio do rio encaminhando o barco para a margem oposta. Assim estive um bom pedaço.

De repente ergui-me. Já que até ali tinha chegado, não deixaria de ir ao Cachão da Rapa. Segui linha acima até à bôca do túnel. Recomendêi ao guia que me esperasse ali. Eu iria sozinho, e a-pesar-de tudo, pesquisar aquelas penedias. Desci quasi à borda do rio, mal me segurando nas fragas polidas da margem. Havia ali uma garganta por onde subi. Inspeccionava de alto a baixo tôdas as fragas. Entrei num buraco que os enormes blocos de granito acavalados determinavam. Nada que se parecesse com a grande sala, com larga mesa e assentos à roda, de que fala Contador de Argote adiante transcrito.

Fui subindo não sem embaraço e perigo. Tive de fazer verdadeira acrobacia. Em dada altura da ascensão estive a desistir, tal era a dificuldade na subida. Engatinhando pelas frinchas das

rochas consegui alar-me até aos fragedos que cavalgam o túnel. Então na face lisa e esbranquiçada dum enorme bloco de granito fui deparar com as pinturas ainda em rasoável estado de conservação.

É fácil imaginar a minha alegria ao ver que um tão curioso e interessante documento prè-histórico existia ainda e em estado tal que permitia fazer o seu estudo.

Nos dias imediatos voltei munido duma escada e duma corda, o que me facilitava a subida.

Só ao terceiro dia é que, por acaso, dei com uma passagem pela parte de cima, que, embora não muito cómoda, permitia contudo um acesso mais fácil, dispensando a corda e a escada.

Em Outubro de 1931 voltei ao Cachão da Rapa para fazer uns clichés fotográficos. Encontrei à superfície da pouca terra duma plataforma existente na base do rochedo pintado, um pequeno fragmento de cerâmica manual ornamentado por incisões onduladas. Isto levou-me a proceder a uma escavação cuidada que me forneceu numerosos fragmentos de cerâmica manual grosseira, muitos deles com incisões ornamentais, e ainda um pequeno machado polido por acabar.

Em Outubro de 1932 voltei de novo ao Cachão da Rapa não à margem direita onde estão as pinturas, mas à margem esquerda fronteira, para dali fazer um cliché que mostrasse bem a aridez e a aspereza daquele sítio agreste.

De tôdas as vezes colhi notas, fiz clichés e desenhos que me permitem elaborar esta notícia sôbre as interessantes pinturas do Cachão da Rapa às quais o notável arqueólogo espanhol Juan Cabré (1) se referiu em 1916 nestes têrmos:

(1) Juan Cabré Aguiló, *Arte rupestre galego y portugués*, op. cit.

«Si desgraciadamente se confirma la sospecha de Correia, [Vergilio Correia] que ha desaparecido este monumento artistico será una pérdida inmensa para la ciencia y el arte de la Peninsula ibérica, pues desconozco pinturas análogas, y tan solo poseemos grabados paralelos a las mismas. Dicho monumento, por el colorido de sus signos era único, cuyo estudio, realizado en las circunstancias presentes de preparación especial, auguraria um éxito feliz para el conocimiento del pueblo que lo consagró».

*

* *

Quem pela primeira vez tratou das pinturas do Cachão da Rapa fôram o «P.º João Pinto de Moraes, reitor de S. João Baptista, extra-muros de Anciães e Antonio de Sousa Pinto», num manuscrito de 1721, intitulado *Memórias de Anciães*, que, com outros manuscritos, foi encadernado no volume *Relação de Vila Real*, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa (códice A-6-8, n.º 222). No verso da fôlha 23 do manuscrito e 173 do volume, lê-se:

«*Letras de Linhares*: E como nos limites desta aldeia e julgado de Linhares haja algumas cousas memoraveis suponho que a Camara dela na conta que deu fizesse menção delas, contudo como elas são tambem da possessão desta vila pelo seu domínio, não é razão que figure aqui por contar como são na verdade com a advertencia que se a Camara do dito julgado sobre elas e o que delas atrás se trata disserem alguma cousa em contrário do que aqui se narra falam com menos verdade.

Ha em o distrito desta aldeia meia legoa dela 20 passos do rio Douro, por cima do Cachão da Rapa em um grande rochedo de fragas despenhadas ao mesmo rio um alto penedo, que no

discurso (*sic*) de 30 palmos de alto abaixo, e largueza no baixo, e alto de 8 palmos, e no meio 12, estão gravados com vivas cores das que aqui se mostram muitos caracteres dos que vão com as quatro estampas adiante, de que todos sendo necessário se remetera a estampa por bem se lhe poder tirar por suas vivas cores, que a tradição tem se reformam todas as manhãs de São João Batista com que sem duvida se acham renovadas; em a dita distancia, que está muito lisa sem musgos, estando deles coberto todo o mais penedo. Com a advertencia de que pondo-se uma pessoa a olhar para ele, fica com as costas entre norte e poente e lhe ficam os que parecem dados à mão esquerda e os que parecem caracteres à direita tudo em muita quantidade na altura e largueza da dita pedra, de que aquele sitio tem o nome de Letras.»

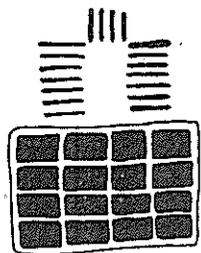


Fig. 1
Um dos «caracteres» de Linhares, segundo as *Memórias de Anciães*, onde figura com estes dizeres: «tem o círculo azul e o que vai em preto vermelho».

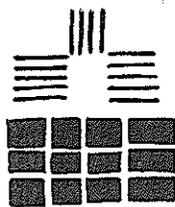


Fig. 2
Representação de Linhares, seg. as *Mem. de Anciães*, com esta indicação de cor: «É pintado tudo com tinta azul».

A última parte desta transcrição vem no alto da fôlha 24 do manuscrito *Memórias de Anciães* e 176 do volume *Relação de Vila Real*.

O resto da fôlha está ocupada com os desenhos que reproduz nas figs. 1, 2 e 3.

No verso da dita fôlha, lê-se:

«*Sallas das letras*: Descendo desta pedra em que estão estampas e caracteres para a parte que olha para o rio Douro está um portal ao que parece obra da natureza e entrando por ele dentro se acha em pedra firme uma grande sala com assentos, à roda, e no meio uma grande meza tudo de pedra, como dizem

peessoas que nele tem entrado que afirmam ver-se desta sala outra porta que vai para outras que estão mais para dentro, adonde os presentes não tem entrado com pavor: porque intentando faze-lo com sobrepeliz e estola em uma manhã de São João

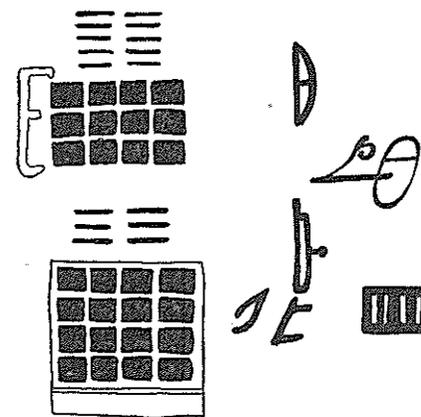


Fig. 3—«Caracteres» de Linhares, seg. *Mem. de Anciães*. As cores são indicadas desta forma: no sinal em xadrez do alto, «isto que parece letra é azul e o mais vermelho»; no outro xadrez, «o círculo azul e o que vai em preto vermelho»; e para o grupo de sinais da direita, «o branco nestes é vermelho e o preto azul».

em que se reformam as letras acima.....
Mendes confirmado que foi de San..... do lugar de Ribalonga no ano de 1687..... para desenganar o vulgo, que diz estar ali um grande tesouro encantado ou por imbição (*sic*) de haver ali achando-o, depois de entrar aquela primeira sala intentando entrar a 2.^a lhe deu tal fedor e pavor que fez-se tremulo, e insensato e a poucos dias lhe caíram os dentes e nunca mais falou de sorte que se entendesse».

É ao P.^o Jerónimo Contador de Argote ⁽¹⁾ que cabe, senão a honra de pela primeira vez falar nas pinturas do Cachão da

(1) Contador de Argote (Jerónimo). Clérigo regular teatino (?), nascido em Colares em 8 de Julho de 1676 e falecido na casa de S. Cactano de Lisboa

Rapa, pelo menos o mérito de as apreciar devidamente, conferindo-lhes um alto valor. Acresce que as suas descrições fôram impressas. É sobretudo interessante o juízo de Argote quando, referindo-se à possível origem das pinturas, diz: «Nem a fabrica, nem os caracteres da obra indicão ser dos Romanos»; e mais adiante: «O que parece he, ser obra do tempo da gentilidade, ou fosse no tempo dos Romanos, ou antes».

Prestemos, neste momento, o nosso preito de homenagem, áquele benemérito erudito do século XVIII a quem Cabré (1) chama «la segunda figura de más relieve de la trinidad primitiva de investigadores de arte rupestre de la Peninsula Ibérica» (2).

Por duas vezes se referiu o P.^o Jerónimo Contador de Argote às pinturas do Cachão da Rapa.

A primeira vez fê-lo no tómo II das suas *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas*, publicado em Lisboa, em 1734.

Quando em 1738, publicou o seu *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, volta a ocupar-se das mesmas pinturas.

De ambas as vezes acompanha o texto com uma gravura de Debrie, na qual se procurou representar a composição pictográfica do Cachão da Rapa. Vai reproduzida na fig. 4.

Parece que Contador de Argote não chegou a vêr as pinturas. Não foi êle quem as copiou, nem tão pouco quem as examinou, visto que a primeira vez que delas nos fala o faz sôbre elementos que João Pinto de Moraes e António de Sousa Pinto

a 9 de Abril de 1749. Vestiu a roupeta aos 12 anos de idade e foi membro da Academia Real de História e da Portuguesa, etc. Além de diferentes opúsculos e sermões, publicou: *De antiquitatibus Conventus Bracaraugustani libri*, Lisboa, 1738, e as *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, etc., 4 vols., 1732-1747. (Notícia biográfica da Enciclopédia Espasa).

(1) Juan Cahré, op. cit., pág. 4.

(2) Trata-se de Lope de Vega, Argote e Lopez de Cárdenas.

enviaram, elementos que a seguir compara com a descrição que delas lhe fêz o P.^o Joseph de Macedo Rosales.

Vejamos os termos em que Argote se refere às pinturas do Cachão da Rapa.

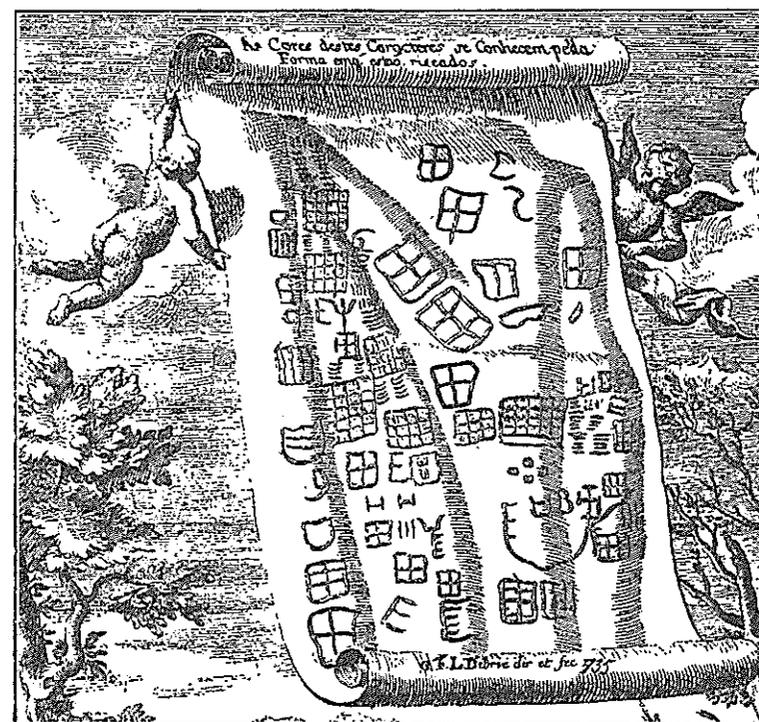


Fig. 4 — As pinturas do Cachão da Rapa, segundo Contador de Argote

A pág. 483 e segs. do tómo II das *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, Lisboa, 1734, lê-se:

«No districto de hum Lugar chamado Linhares, termo da Villa de Anciaens, meya legoa do Lugar, e a vinte passos do rio Douro, por cima do Cachão da Rapa, está hum grande rochedo, que se despenha para o rio, e no rochedo hum penedo de trinta.

palmas em alto, o qual de tal sorte se alarga, e estreita, que em cima, e em baixo tem oito palmas de largura, e no meyo doze. Em a superficie, e face deste penedo estão gravados de azul, e vermelho com cores muy vivas os caracteres seguintes.

«Estes caracteres, diz a gente daquellas terras, que se reformão todas as manhãs de S. João, e Antonio de Sousa Pinto, na Relação, que mandou à Academia affirma ser assim. O que não tem duvida he, que a pedra na face dos caracteres está toda liza, e no restante coberta de musgo. No fundo desta pedra, em que estão os sobreditos caracteres, para a parte que olha para o rio Douro, está hum portal, que parece obra da natureza, e entrando por elle dentro, se acha em pedra firme huma grande sala com assentos à roda, e no meyo huma grande mesa, tudo de pedra, segundo dizem pessoas que alli tem entrado, e affirmão ver-se desta sala huma porta, que vay para outras mais para dentro, onde todos receão entrar, porque intentando fazê-lo em huma manhã de S. João o Padre Domingos Mendes, com sobrepeliz, e estola, no anno de 1687, para desengano dos que dizem existir ali hum grande thesouro encantado, ou por outro motivo, ao entrar da sala inferior se encheo de tanto medo e sentio um cheiro tão fetido, que ficou tremulo e insensato, e a poucos dias lhe cahirão os dentes, nem fallou mais de sorte que se entendesse bem.

«Tudo o que temos dito he extrahido das Relações que Antonio de Sousa Pinto e o Reytor João Pinto de Moraes mandarão à Academia Real. Outra Relação particular deste penedo mandou a esta nossa casa de Nossa Senhora da Divina Providencia Joseph de Macedo Rosales, assistente em S. João da Pesqueira, Villa situada nas margens do Douro, da parte da Provincia da Beira o qual ordenou a seu irmão Antonio Rosales de Carvalho, morador no Lugar do Nogarelo, perto do penedo de que se trata, o examinasse; e para que se veja o em que concorda, e o em

que differe do que fica dito, a copio aqui e he a seguinte: *Entre o Cachão da Rapa e a Pesqueira de Marulho está huma Penha de Além Douro, limite do concelho de Anciaens, Comarca da Torre de Moncorvo, está proxima à corrente do rio, mas onde as aguas delle não chegão. Abre uma faxa na dita penha que terá trinta palmas de alto, e pouco mais de tres de largo. He a penha de cor parda, substancia arenosa, mas solida, de que nestas partes se fazem portaes, e cunhaes, e fazendo divisão desta faxa, em palla, que está levantada quasi direita entre mais penha, em tres partes, o terço que fica no meyo está dividido em quadrados todos enxaquetados, sendo a divisa dos escaques preta, e o campo delles vermelho. Os que mais tem que notar, são cinco. No pé desta penha he tradição, que havia entrada para huma gruta a cujos seyos ninguem entrou, porque constava, que querendo hum clerigo de Linhares, Lugar distante huma legoa do sitio, examinalla, sahira della mudo, sem que houvesse diligencia sufficiente que, em todo o tempo, que depois viveo, declarasse, nem por acenos, nem por escrito o que dentro vira. Hoje se não acha a gruta, porque só se vê sitio onde haverá quinze annos vierão homens deste Reyno, cuja terra se não sabe, com instrumentos, e rompendo a gruta com homens, que pagarão bem, conduzidos do Lugar de Nogarelo, cavarão e descobrirão vasos de barro, de que ainda se achão fragmentos, e só ficou entre os jornaleiros noticia que levarão huma grande Cruz de prata, e he tradição, que em aquellas penhas estão escondidos grandes thesouros. Por esta penha, que tem os caracteres, corre agua do montado todo o inverno, e de Verão mana huma tenue porção oleosa como de betume, e faz face para a corrente das aguas do Douro.*

«Até aqui a Relação dita com a data de vinte e cinco de Novembro de 1725.

«Nem a fabrica, nem os caracteres da obra indicão ser dos Romanos; porém tambem não parece, nem dos Godos nem dos Mouros. A verdade he que mal se pode formar juizo dos Autho-

res della. O que parece he, ser obra do tempo da Gentilidade, ou fosse no tempo dos Romanos, ou antes. O que se diz da renovação das letras na manhã de S. João, cousa he que necessita de mais exacta averiguação, e a mudança dos ares, e nevoas do rio Douro poderão concorrer muito a esta apparencia. Como quer que seja, à vista de tudo o que fica dito, he digno de alguma admiração aquelle penedo, caracteres e concavidade, de que tornaremos a tratar na Geografia moderna, a tempo em que porventura se tenha averiguado mais este penedo, e as suas circumstancias. O vulgo chama àquelle sitio *As letras*, em razão dos caracteres referidos».

Seis anos depois, em 1738, volta Contador de Argote a occupar-se das pinturas do Cachão da Rapa no seu *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*. No capítulo VIII dêste trabalho, subordinado ao título *De outras minas, e huma notavel gruta*, pág. 225, Argote reedita as informações que dera antes, mas acresce-os de uma ou outra nota que achei interessante, o que me leva a transcrevê-la em parte:

« Antes de sairmos deste districto me pareceo descrever hum penhasco, e gruta formidavel, que cahe sobre o rio Douro, porque posto não saibamos, em que tempo se obrou, nem quem foi o autor da obra, he certo ser antiquissima, e de tempo imemorial. Perto pois do Cachão da Rapa na margem direita do rio Douro, que he precipitada em distancia de vinte passos do rio, está imminente hum penhasco todo coberto de musgo, excepto em parte de huma face, que está muy lisa por espaço de dez covados em alto, e quatro em largo no meyo, nas extremidades tres, nesta tal face lisa se veem debuxadas diversas figuras com cores diversas; a saber, huns quadrados, e outras, que se não pôde bem julgar se são Jeroglificos, ou letras. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do Xadrez, em parte differem, porque nem são tantos, nem de duas cores, nem brancos, e negros, mas

só de huma cor, que he um vermelho escuro, a margem porem em huns he azul, outros a não tem. As de mais figuras se compoem das mesmas duas cores. O vulgo, e, o que he mais, alguns homens nobres, e eruditos. entendem, que estas figuras se revovão todos os anos em dia de S. João Bautista pela manhã, e que apparecem mais brilhantes: eu reputo isto por allucinação da vista.

« He certo porém, que debaixo deste penedo, da parte, que olha para o rio, está huma gruta de que parece sala, ou pateo huma casa grande, aberta no mesmo penhasco, cercada a roda de assentos de pedra, e de pedra outro sim, huma mesa, que fica no meyo. Desta casa, ou sala se vê a entrada da gruta, em que até aqui dizem não entrara ninguem, que o não pagasse. O que he certo he que no anno de mil seiscentos e oitenta e sete, aos vinte e quatro de Junho, o parochio Domingos Mendes, Paroco daquelle districto, depois de entrar na sala, que dissemos, quiz penetrar no interior da gruta; porém voltou muy diverso do que entrara, porque ficou tonto, tremulo, balbuciante, perdeo dahí a poucos dias os dentes, e dentro de pouco tempo a vida. O vulgo diz, que está ali algum thesouro encantado. A mim parecia-me, que os effeitos pestiferos desta gruta procedião de algum vapor bituminoso alli reconcentrado; e muito mais me confirmey nesta opinião, depois que por cartas soube, que no tempo do Estio mana junto ao sobredito penedo hum licor oleoso, que tem apparencias de betume ».

Em 1747 voltam as pinturas do Cachão da Rapa a ser nomeadas. Desta vez é ainda um clérigo que o faz, o P.^e Luís Cardoso que no seu Dicionário Geográfico ⁽¹⁾ ao tratar da vila de *Anciãens*, se lhes refere nestes têrmos a pág. 469:

(1) P.^e Luís Cardoso, *Diccionario Geográfico ou Noticia Historica de todas as Cidades, Vilas, etc.*, Lisboa, 1747.

«Pela parte do sul (da vila de Anciães) corre encostado a este concelho o rio Douro, que faz a terra mimosa de solhos, saveis, muges e lampreias, que se pescam no sitio do Cachão em grande quantidade. Neste mesmo sitio, onde chamão as Letras, está uma grande lage com pinturas de negro, e vermelho escuro quasi em forma de xadrez, em dous quadros com certos riscos, e sinais mal formados, que de tempo imemorial se conservam neste penhasco. Dizem os naturais que estas pinturas se envelhecem umas, e se renovam outras, e que guarda esta pedra algum encantamento; porque querendo por vezes algumas pessoas examinar a cova, que se oculta debaixo, foram dentro mal tratadas sem ver de quem».

Durante mais de um século, ninguém se torna a ocupar das pinturas do Cachão da Rapa.

Relata o prof. Leite de Vasconcelos (1) «que em sessão da Câmara dos Pares, de 5 de Março de 1853, o Visconde de Seabra, num discurso patriótico, chamou a atenção do Ministro das Obras Públicas para êste monumento, e em virtude disso, na ocasião em que se construiu a linha férrea do Douro, o monumento foi respeitado mandando-se tirar uma cópia dos sinais», cópia que o mesmo ilustre professor reproduz na fig. 77 do vol. I das *Religiões da Lusitânia*, e vai, reduzida, na nossa fig. 5.

A dificuldade de acesso e de cuidada observação das pinturas é manifesta, sabendo-se que a cópia mandada tirar pelo Ministério das Obras Públicas foi feita por José Felix Alves «amarrado com uma corda» (2).

Em 1876 *O Douro Ilustrado* (3), do Visconde de Vila Maior,

(1) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Lisboa, 1897, pág. 363.

(2) Nota I da pág. 363 do vol. I das *Religiões da Lusitânia*, cit.

(3) Visconde de Vila Maior, *O Douro Ilustrado—Album do Rio Douro e Paiz Vinhateiro*, Pôrto, 1876.

moncorvense ilustre que foi reitor da Universidade de Coimbra, contém uma ligeira referência às pinturas do Cachão da Rapa.

Ao falar do Cachão da Valeira o autor diz-nos em nota da pág. 102 que aquele ponto do rio foi também noutro tempo desi-

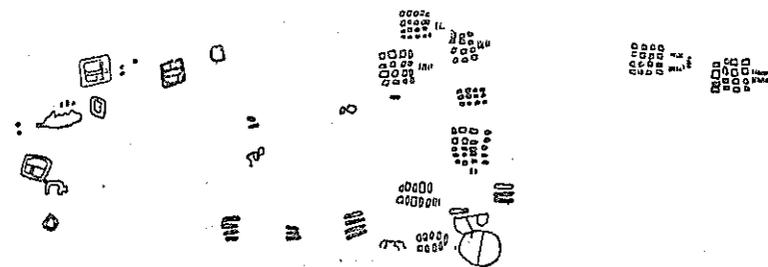


Fig. 5 — As pinturas do Cachão da Rapa, segundo cópia obtida em 1853

gnado com os nomes de Cachão da Rapa ou da Pesqueira, por estar próximo da vila de S. João da Pesqueira.

E logo adiante a págs. 105 e 106:

«Entre as penedias do Cachão da Valeira do lado norte e próximo do rio dizem existir um grande rochedo no sitio que chamam as letras, em cuja superfície se acham gravadas umas figuras enigmáticas que ali existem desde tempos imemoriais, e cuja significação ainda ninguém revelou, e que não parecem pertencer a nenhum dos estilos gráficos conhecidos. No tómo II das *Mem. para a Hist. do Arceb. de Braga*, de Contador de Argote, pág. 486, se encontra uma gravura representando aquelas figuras, e nas páginas seguintes se narram curiosas tradições sôbre o sitio. Não as vimos, não examinamos o lugar; passaremos adiante; e eis-nos aqui entrados na região do Alto Douro».

Onze anos mais tarde, em 1887, Possidónio da Silva publica no «Boletim da Real Associação dos Architetos Civis e Archeól-

logos Portuguezes» (1) uma gravura com a legenda: «Sinaes sobre um penhasco no lugar de Linares (*sic*) na provincia do Douro» (fig. 6).

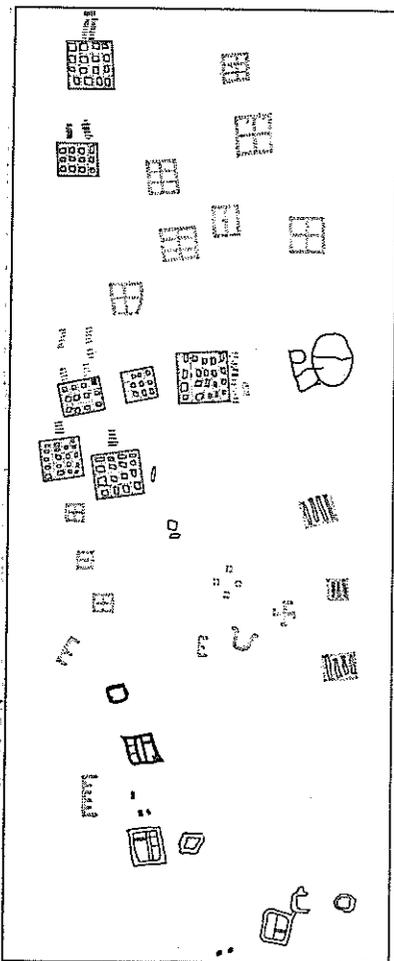


Fig. 6 — As pinturas, seg. Possidónio da Silva

cryptogamas, talvez por estar esse lado em exposição ao norte.

Na «Explicação da estampa», diz:

«Na provincia do Douro ha um penhasco sobranceiro ao tunnel da Rapa, entre a estação do Tua e a passagem da Val-leira, a 133,920 metros, da via ferrea daquela provincia. Este penhasco existe junto do lugar de Linares, termo da villa de Anciães e na superficie d'elle veem-se diversos signaes coloridos, d'aparencia lustrosa, devida sem duvida a uma materia de betume, que, segundo é tradicional, durante o verão lhe apparece na base, o que teria contribuido para conservar ha seculos esses signaes.

«É tambem para notar que a sua face do lado opposto acha-se sempre coberta de

(1) A publicação fêz-se em 1887, no n.º 5, tómo v, do referido «Boletim». Como atrás se disse, só em Julh de 1933 me foi dado consultar o trabalho de Possidónio da Silva.

As figuras occupam grande espaço, sendo a altura 3^m,18, e a largura 0^m,82. Esta singularissima antiguidade estava condemnada a ser destruida, conforme o costume que ha entre nós de arrazar tudo o que pertence a épochas remotas. O caminho de ferro devia atravessar n'esse ponto, e portanto irremissivelmente havia de sacrificar-se o penhasco, muito embora se desprezasse um dos mais importantes monumentos archeologicos de Portugal. Por fortuna, um digno Par do Reino, alto apreciador das antiguidades nacionaes, o sr. Visconde de Seabra, conseguiu da sua camara recommendar ao Governo que evitasse um tal vandalismo, o que se cumpriu, sendo ordenada uma alteração na directriz da linha. Pela mesma ocasião o referido sr. Visconde propoz que se mandasse tirar copia da *inscripção* existente no penhasco, e até *indicou pessoa para esse trabalho*, afim de se averiguar o que ella significava.

«Tendo noticia d'isto, fui logo á cidade do Porto para obter uma copia fiel das figuras traçadas na pedra, e quando em 1885 a *associação francesa para o progresso das sciencias* celebrou o seu congresso em Grenoble, enviei o respectivo desenho aos seus illustres membros, pedindo-lhes que o examinassem e déssem o seu parecer ácerca de tão curiosa antiguidade. Baldado empenho! Não se conseguiu a desejada solução».

Em 1897 torna o monumento pictográfico do Cachão da Rapa a ser objecto de estudo por parte do illustre professor Dr. José Leite de Vasconcelos que dêle se occupa largamente (1), passando em revista o que sôbre as pinturas se escrevera e emitindo opinião ácerca da sua cronologia provável, depois de estudar as gravuras rupestres da Pedraça em Senhorim (Beira Alta)

(1) *Religiões da Lusitânia*, vol. 1, pág. 360 e segs., Lisboa, 1897.

e da Orca dos Amiais, onde aparecem sinais que compara com os sinais em xadrez do Cachão da Rapa.

Além da gravura que reproduz na fig. 5, o Prof. Leite de Vasconcelos dá outra gravura da distribuição das pinturas do Cachão da Rapa (*Relig. da Lus.*, t. 1, fig. 76), decalcada na de Contador de Argote, mas orientada de modo diferente. É a da nossa fig. 7.

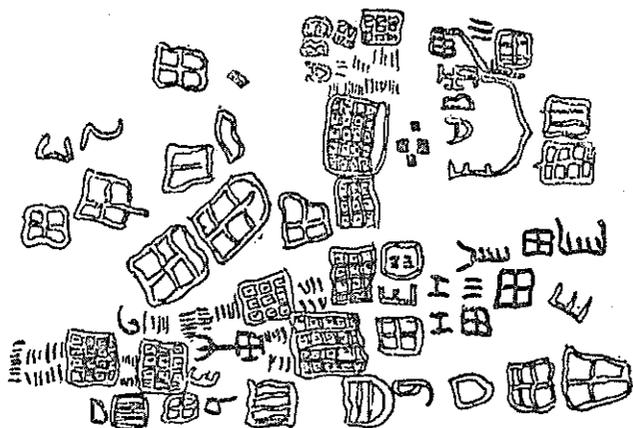


Fig. 7 — As pinturas do Cachão da Rapa, segundo Leite de Vasconcelos

Amílcar de Sousa considera as pinturas como desaparecidas, num artigo que publicou em 1907 (1), sobre S. Salvador do Mundo, ermida empoleirada no cimo dum abrupto cêrro que fica sobranceiro ao Cachão da Valeira.

Em 1916, Vergílio Corrêa (2), em Portugal, e Cabré (3), em Espanha, ocupam-se também das pinturas do Cachão da Rapa,

(1) Amílcar de Sousa, *S. Salvador do Mundo — A grande romaria da Beira Alta*, in «Ilustração Portuguesa», n.º 79, de 26 de Agosto de 1907.

(2) Vergílio Corrêa, *Pinturas rupestres descobertas em Portugal no séc. XVIII*, in «Terra Portuguesa», vol. 1, págs. 116-119, Lisboa, 1916.

(3) Juan Cabré Aguiló, *Arte rupestre galego y português (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*, cit.

dando-as ambos como desaparecidas, admitindo que ao ser construída a linha do caminho de ferro do Douro, tivesse sido demolido o penedo onde estavam as pinturas.

Obermaier, em 1925, no seu trabalho sobre as gravuras rupestres do noroeste peninsular (1), também às mesmas pinturas se refere, considerando igualmente duvidosa a sua existência.

Nos últimos tempos vários autores citaram as pinturas do Cachão da Rapa, dando-as quasi todos como um documento prè-histórico valioso, mas já desaparecido. Entre esses autores citaremos os profs. Mendes Corrêa (2), Amorim Girão (3) e Breuil (4), Cuevillas e Bouza-Brey (5).

Ultimamente Henri Breuil, ilustre professor do «Collège de France» e do «Institut de Paléontologie Humaine», de Paris, numa rica publicação sobre as pinturas rupestres esquemáticas da Península Ibérica, já citada, refere-se largamente ao Cachão da Rapa. Frisa que «en 1907, la roche passait pour détruite et cette opinion s'accrédita». Dá também a notícia da redescoberta, dizendo: «Mais voici que, dans le quotidien *O Primeiro de Janeiro* du 4 novembre 1930, M. Santos Júnior nous a annoncé sa résurrection

(1) Hugo Obermaier, *Die Bronzezeitlichen felsgravirungen von nordwestspanien (Galicien)*, in «Ipeck», págs. 51-59, 1925.

(2) Mendes Corrêa, *A cronologia das mais antigas inscrições do noroeste peninsular*, Discurso inaugural da 6.ª secção do Congresso de Barcelona das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências, pág. 38, Madrid, 1929; *Geologia e Antropologia em Portugal*, «Exposição Portuguesa em Sevilha», pág. 20, Lisboa, 1929; *A Lusitânia pre-romana*, in «História de Portugal», vol. 1, pág. 134, Barcelos, 1930.

(3) Amorim Girão, *Arte rupestre em Portugal (Beira-Alta)*, in «Rev. Biblos», vol. 1, n.º 3, Coimbra, 1925.

(4) H. Breuil, *La roche peinte de Valdejunco*, in «Terra Portuguesa», vol. III, pág. 26, Lisboa, 1917; *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, pág. 43, Lagny, 1933.

(5) F. Lopez Cuevillas e Bouza Brey, *Os Oestrinios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», pág. 53, A Cruña, 1929.

et nous en donne une première description sommaire». Faz em seguida eruditas considerações sobre a gravura dada por Contador de Argote, a qual, reproduzindo sinais não existentes, leva a interpretações que não podem subsistir, como sejam, por exemplo, as da existência de figuras humanas masculinas esquemáticas e de estilizações de animais.

*

* *

Depois da breve resenha histórica e bibliográfica que acabamos de fazer, sobre as pinturas do Cachão da Rapa, passaremos à descrição do local e do conjunto pictográfico tal qual êste nos apareceu.

As pinturas do Cachão da Rapa acham-se em termo da freguesia de Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, distrito de Bragança, e estão, como foi dito, situadas na margem direita do rio Douro, num grande penedo que lhe fica sobranceiro.

Dá nome às pinturas aquele sítio do rio, sítio que é designado Cachão da Rapa: *Cachão* ⁽¹⁾, por a correnteza da água ali

(1) Êste vocábulo é bastante empregado pelo povo de Trás-os-Montes. Na linha do caminho de ferro de Bragança há uma estação do Cachão, situada na margem do rio Tua.

Em Meirinhos, freguesia do concelho de Mogadouro, colhi a quadra que segue:

Comparei a minha vida
Com a água do cachão.
A água não tem sossêgo,
Assim está meu coração.

Mais esta cantiga se refere a Cachão:

Adeus, ó Peso da Régua
Onde a água faz cachão:
Quem anda cego d'amores
Quere escuro, luar não.

Publicada por J. C., *Cantigas geográficas*, in «Revista Lusitana», vol. VI, pág. 330, Lisboa, 1900.

formar torvelinho; *Rapa* é nome que resulta do facto de, nos pontos onde o rio é mais rápido, o alar dos barcos na subida ser difícil, obrigando os «marinheiros» ⁽¹⁾ a puxarem-nos da margem de fragas lisas, escorregadias e polidas, onde por vezes se cansam de *rapar* antes de conseguirem o seu fim.

Entretanto, a impressão que colhi, ao menos na época do ano das minhas visitas (princípios de Outubro), é que não é grande o cachão que a água do rio ali faz, nem deve ser custosa a passagem dos barcos, a ponto de ser necessário puxá-los de terra.

Encontram-se as pinturas na superfície lisa e vertical dum grande rochedo de granito, que com outros cavalga o túnel da Alegria, túnel que fica ao quilómetro 142,200, e a pouco mais de 2 km. a montante da estação do Tua.

Àquela penedia de contornos boleados pela erosão e escurecida pelos líquenes, dão o nome de «Curral das Letras».

Fica o «Curral das Letras» quasi no limite da freguesia de Ribalonga com a de Linhares. O ribeiro que separa as duas freguesias, vem desaguar ao Douro umas dezenas de metros além do túnel.

Para se chegar até às pinturas, sobe-se a ladeira um pouco antes da bôca do túnel e, atravessando uma pequena horta e vinha, baixa-se, procurando no meio da penedia agreste a passagem que leva acima do túnel.

As figs. das ests. I, II, III e IV, mostram bem a aspereza do local.

Num ou noutro ponto, há, no meio daquela penedia, escasas porções de terra, em plataformas de pequenas dimensões, onde crescem lodões e carrascos. Uma dessas plataformas fica junto do rochedo pintado e forneceu, depois duma escavação cui-

(1) Vd. nota da pág. 185.

dada, numerosos fragmentos de cerâmica manual grosseira, e uma ou outra peça de menor interesse arqueológico.

Do sítio das pinturas ao rio há um desnível de cerca de 25 metros.

Por baixo do rochedo das pinturas vê-se uma cavidade natural que não é senão o intervalo entre grandes blocos de granito amontoados. É muito irregular essa espécie de gruta-zinha ou galeria que tem de fundo apenas uma meia dúzia de metros. Passa-se desta cavidade para outra que lhe fica sobranceira e que é igualmente pouco funda e também anfractuosa. É seguramente a estas formações que se referem João Pinto de Morais e Contador de Argote, dando-lhes maiores dimensões e uma rodada de assentos, em tórno duma grande mesa de pedra.

Entre nos buracos que depois soube serem conhecidos pelo nome de *Cova da Moira*. Pesquisei cuidadosamente todos os recantos à luz duma vela, não fôsse escapar-me qualquer gravura ou sinal pintado que lá existisse. Não havia a mesa, nem bancos de pedra, nem nada que os pudesse lembrar, e mais nada que merecesse interesse arqueológico.

Muito interessantes e ainda em razoável estado de conservação, são as pinturas. Vêmo-las na superfície lisa e vertical dum grande bloco de granito, superfície que tem mais de 4 metros de altura e é alongada nêsse sentido. A dita superfície, cuja forma se pode ver na fig. da est. V, é mais larga na parte média, onde tem pouco mais de dois metros, e vai estreitando para cima e para baixo. Constitue-lhe protecção natural uma saliência no recanto cimeiro formando pala. Está voltada a poente e não nos pareceu que haja sido antecipadamente preparada, mas sim apenas utilizada pelo artista ãeolítico.

Os sinais pintados distribuem-se por uma área de cerca de 2^m,5 de alto por 2 metros de maior largura, ficando no alto da superfície mais de 1 metro sem qualquer sinal.

Se alguns sinais se podem tocar com a mão, a maioria fica porém mais acima, sendo necessária uma escada para se lhes chegar. O sinal cimeiro do grupo está a um pouco mais de 3 metros do solo.

As côres empregadas foram o vermelho côr de borra de vinho e um azul escuro, que, visto de repente, mais parece negro do que azul, mas que uma observação cuidada leva à conclusão de que é na verdade o azul escuro.

São muitos os sinais pintados. Mais de trinta. Alguns monocromicos, mas quasi todos pintados a azul e vermelho.

Predomina a esquematização geométrica, e nenhum dos sinais pode ser tomado como uma possível estilização da figura humana masculina. Êste facto faz com que não possa subsistir a hipótese emitida por Cabré sôbre a possível significação do conjunto pictográfico do Cachão da Rapa. Essa hipótese interpretava as pinturas como uma dansa ritual em que figurava um homem rodeado por várias mulheres.

Se, por um lado, a distribuição dos múltiplos sinais parece não ter obedecido a qualquer plano de conjunto prèviamente estabelecido, pois não é aparente uma forte correlação entre os diversos sinais, por outro lado aparecem figuras pintadas junto das fissuras do granito, em superfícies escassas, ficando por utilizar áreas maiores que apresentam as melhores condições para serem pintadas.

Há mesmo, no alto e à direita, uma figura oval, com cruz inscrita, pintada no ponto de encontro de duas fissuras do granito. E das duas uma: ou teremos de admitir que as estaladelas em questão são posteriores, ou que existiam na altura em que as pinturas foram feitas.

A primeira hipótese, embora não muito defensável, é admissível, pois, à esquerda da zona média, há um recanto com largo buraco, que, embora pouco próprio, pode talvez ter sido feito mo-

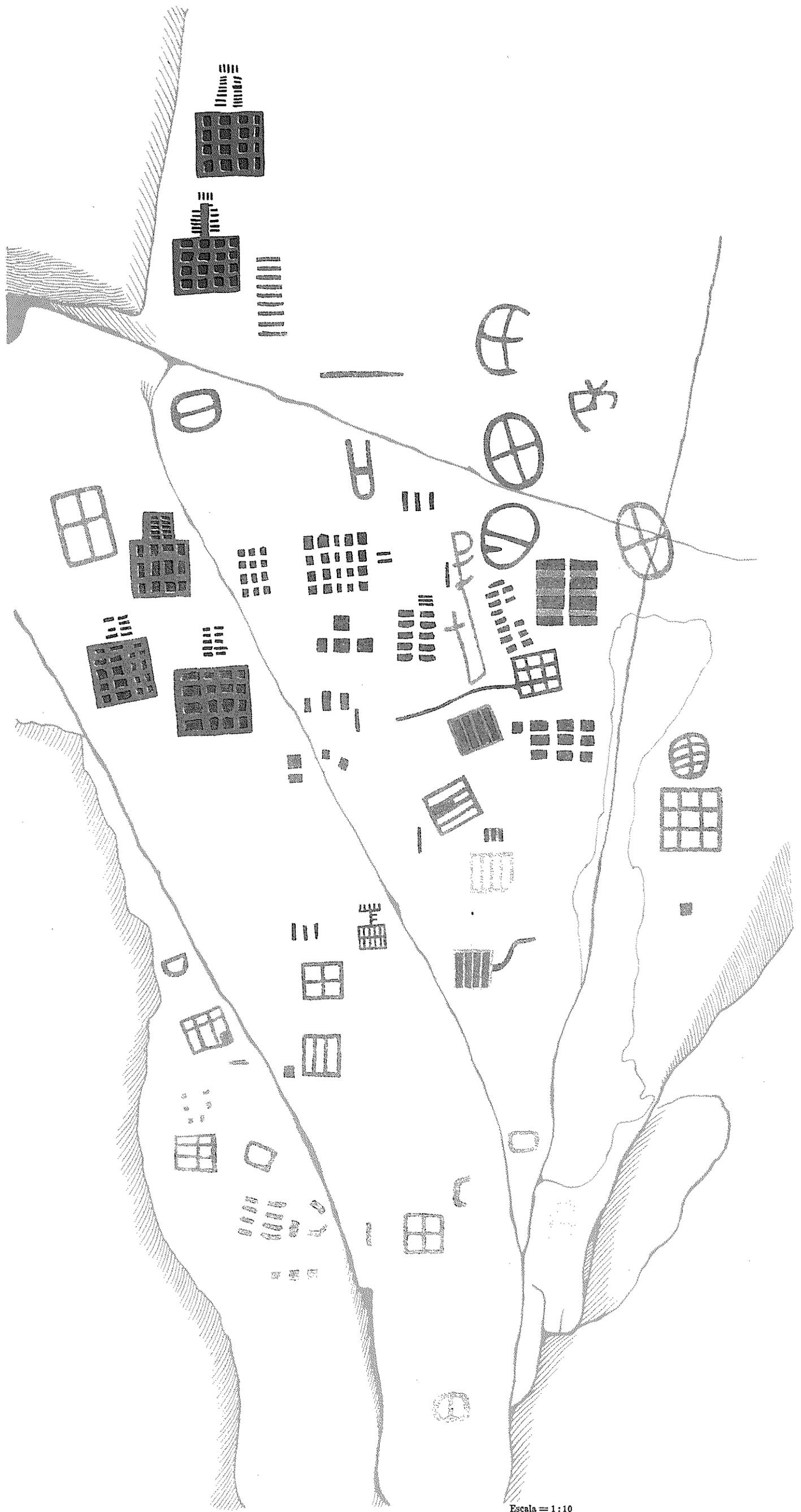
dernamente, para ali colocar uma carga de pólvora ou dinamite que ao explodir determinasse as estaladelas referidas.

A segunda hipótese parece a mais provável. E, assim, dada a existência das fissuras na altura em que as pinturas foram feitas, o artista, tendo áreas lisas onde podia figurar o sinal que vimos considerando, se o não fez, é porque razões de arranjo e correlação o obrigaram a pintar sôbre as estaladelas.

Há ainda uma outra circunstância a ponderar, que faz crer numa certa correlação. Para quem olha a superfície pintada, são, a porção que, formando uma espécie de recanto, fica à nossa esquerda, e a parte mais alta, junto da pala, que oferecem as melhores condições de defesa para as pinturas, pois são essas zonas as melhor protegidas contra a acção das chuvas. Parece, pois, lógico, que, se os sinais tivessem sido pintados isoladamente, cada um de sua vez, e com significação própria à parte do conjunto, só depois de completamente aproveitadas as áreas mais vantajosas é que o artista iria pintar sinais, mais para fora, na borda do rochedo, numa zona mais exposta.

Observam-se, porém, naquela área, que melhor se prestava para a boa conservação das pinturas, largas zonas que nada contêm. Na parte menos defendida há numerosos sinais, um tanto desbotados, se bem que lhe possamos marcar com segurança a côr e os contôrnos, sobretudo depois de os humedecer com água.

Quanto à técnica empregada pelo artista èneolítico, pouco se pode dizer. A natureza das tintas é desconhecida. Para o vermelho é fácil supôr que, à maneira do que sucede noutros documentos pictográficos prè-históricos, tenha sido obtido com óxidos de ferro que, uma vez triturados, seriam dissolvidos em qualquer gordura ou óleo. Para o azul escuro, quási preto, já não é tão fácil a interpretação e só uma análise química poderia talvez resolver o assunto. Não quis, porém, mutilar o conjunto, fazendo saltar uma lasca de granito com alguma tinta.



Escala = 1:10

As pinturas do Cachão da Rapa

Nota:—Não foi possível à litografia conseguir uma perfeita reprodução das cores. Tanto o vermelho como o azul são um pouco mais escuros.

Examinemos agora o conjunto pictográfico.

Quatro estaladelas ou fissuras dividem aquela superfície num certo número de zonas, tôdas elas semeadas de maior ou menor número de sinais.

A est. V e a gravura colorida, melhor que a mais perfeita descrição, mostram o arranjo e natureza das pinturas, que, aparentemente complexas, se reduzem contudo a três ou quatro tipos de sinais que se repetem.

Senão vejamos.

Os dois sinais do alto, à esquerda, e mais três do mesmo género situados na zona média, mas também para a esquerda, constituem sem dúvida as figuras mais interessantes. Dada a sua especial situação de abrigo, são as melhor conservadas. São pintadas a vermelho e azul e desta forma: um quadrado azul e nêle pequenos rectângulos vermelhos dispostos em quatro fiadas verticais de quatro elementos que se correspondem também em fiada na horizontal. Um dos sinais, precisamente o que está mais à esquerda, além dos dezasseis rectângulos vermelhos de todos os outros, tem mais três pequenos rectângulos, mais estreitos, formando no alto uma quinta fiada horizontal, o que prefaz o número de dezanove rectângulos. Note-se que é precisamente neste sinal onde os rectângulos aparecem com uma maior diversidade de formas e de tamanhos, contrastando com todos os outros.

Nos cinco sinais, há por cima do quadrado duas fiadas de traços vermelhos horizontais, em escada, cujo número varia de 7 a 16, sendo o mais freqüente o número 10 que se repete em dois dos sinais.

Os dois sinais do alto teem ainda, como remate das duas fiadas de traços que referimos, uma outra série de traços verticais também pintados a vermelho.

Alguém, picando o granito, fêz saltar a tinta dos rectângulos da fiada de baixo dum destes sinais.

Referiremos ainda, como particular ao sinal superior dos três do plano médio, o facto de a bordadura em azul escuro se estender para cima à roda das duas fiadas de traços vermelhos, que aqui são em número de 10.

A êste grupo de sinais que acabamos de descrever, podemos juntar mais uns seis ou sete, todos situados na zona central que três estaladelas do granito delimitam em triângulo. A característica comum é a de todos êles serem formados do mesmo modo que os cinco sinais descritos, por pequeninos rectângulos ou quadrados dispostos em várias séries. Aqui, porém, não foi empregada a côr azul. À primeira vista parece que alguns dêstes sinais estão por acabar.

Um segundo tipo é o mais freqüente, pois revela-se em 14 sinais, todos rectangulares ou quadrados e divididos por faixas longitudinais ou entrecruzadas.

Nos mais simples o rectângulo ou quadrado está dividido por duas linhas que se cortam em cruz, noutros por duas ou três linhas paralelas, noutros ainda por linhas cruzadas formando grade, duas linhas num sentido e uma ao través, ou duas num sentido e duas noutro. Há dois dêstes sinais que teem dêles dependente um traço levemente ondulado.

Há ainda um outro sinal dêste tipo, pequeno, mas cuidadosamente pintado a traço fino, que é um rectângulo vermelho dividido por quatro traços ao alto e um ao través, apresentando, além disso, de muito curioso, em ligação com o lado de cima, dois traços também vermelhos em T, tendo outros tracinhos mais pequenos, cinco para cima e dois para a direita.

Esta figura aproxima-se das representações esquemáticas do carro, podendo interpretar-se conjecturalmente os traços em T e os tracinhos para cima e para a direita como a representação da cabeça, jugo e dois bovídeos, tendo sido marcados os chifres em ambos e só num as duas patas.

O terceiro tipo, também numeroso, é constituído por doze sinais arredondados, elipses ou ovais, quási todos divididos por traços nêles inscritos.

É curioso o agrupamento formado por cinco sinais dêste tipo em cima e à direita. De tôdas as pinturas são estas as mais apagadas. Dois dos sinais, os mais altos, vão incompletos, porque foi assim que os vi. Certamente que êsses sinais eram fechados, mas por mais cuidada que fôsse a observação feita, inclusivè à lupa, não consegui distinguir mais do que o que vai desenhado.

Poderíamos ainda considerar mais um tipo de sinais formados por traços paralelos e postos lado a lado como os degraus duma escada. No alto, à esquerda, um sinal dêstes forma uma escada de nove degraus. Logo por baixo, e à direita dum sinal que parece um A invertido, vêem-se três barrinhas dispostas lado a lado mas traçadas na vertical. Abaixo do plano médio do conjunto pictográfico e à esquerda do sinal que dissemos poder aproximar-se da representação esquemática do carro, outras três barrinhas se dispõem também lado a lado e na vertical. Neste grupo pode também considerar-se aquele sinal que se vê à direita do conjunto pictográfico e é formado por faixas contíguas alternando em vermelho e azul. O seu estado de conservação é de tal modo deficiente que, ao desenhá-lo, hesitei em considerar o sinal em questão como formado por faixas contínuas de ponta a ponta, ou, como vai desenhado, com uma zona média vertical não pintada.

Além do A invertido a que fizemos referência e duma figura constituída por uma cruz associada a um P de longa haste com dois traços, restam alguns quadrados, rectângulos ou traços isolados.

*

* * *

Facto particularmente interessante no Cachão da Rapa foi a aparição, a quando duma escavação a que procedi numa plata-

forma da base do rochedo pintado, de numerosos fragmentos de cerâmica. De mistura com esta apareceram lascas informes de quartzo, fragmentos de xisto metamórfico, calhaus rolados de quartzite e um só instrumento de pedra, um machadinho de anfibolite (?). Este pequeno machado, que vai reproduzido na fig. 8 dá a

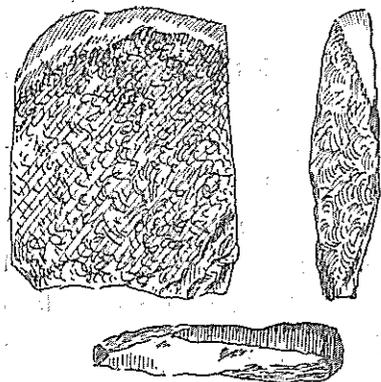


Fig. 8 — Machado de pedra polida (reduzido a 2/3)

impressão de ter sido apenas começado: foi polido em duas escassas zonas, junto do gume, ao passo que a maior porção das duas faces é de superfície irregular e não polida. O gume é empenado, como bem mostra a figura. Este facto resulta de ter sido desigual, e mais acentuado para um dos bordos de cada face, o desgaste originado pelo atrito.

Não encontrei qualquer instrumento metálico, ou sequer fragmento de ferro, cobre ou bronze.

A cerâmica, manual e rude, aparece em fragmentos de dimensões bastante reduzidas. O maior dêles tem $8\text{cm} \times 6\text{cm}$. Predominam os fragmentos com 4cm e 5cm de diâmetro, havendo-os ainda mais pequenos.

A pasta é geralmente grosseira, tendo incorporadas palhetas de mica e areias quartzosas, por vezes de grandes dimensões.

Embora as palhetas de mica apareçam em muitos fragmentos, não são, porém, em tal quantidade que à cerâmica devam dar-se o qualificativo de micácea.

Há pedaços, cuja pasta é bastante homogênea e de côr acastanhada, parecendo terem sido brunidos na face externa. As suas espessuras vão de 7mm a 14mm .

Aparecem amostras de pasta escura, quasi negra, algum tanto friável por má coesura e pela abundância de areias e palhetas de mica nela incorporadas.

Um terceiro tipo, de cerâmica vermelha, está representado por alguns fragmentos de pasta também pouco consistente e igualmente grosseira.

Dois fragmentos de pasta cinzento-clara, do mesmo modo arenosa, testemunham mais um tipo ceramológico.

Algumas exíguas porções de bordos de pequenos vasos, muitas delas ornamentadas e com espessuras de 4mm a 5mm , são de pasta mais fina e de vários tons.

Quanto à forma e dimensões dos vasos, pouco se pode dizer, tão fragmentar é o material de que dispomos.

Pelo grau de curvatura que alguns espessos fragmentos apresentam, podemos afirmar que pertenceram a grandes vasos. Um destes fragmentos chega a ter $1\text{cm},5$ de espessura.

Há alguns pedacitos de bordos que pelo seu arqueado e pela pouca espessura nos permitem atribuí-los a vasos pequenos.

Há, no espólio, um pedaço de cerâmica que, dado o seu aspecto particular de encurvamento, faz com que o julguemos uma porção dum fundo esférico.

Pelo perfil dos bordos (fig. 9), se vê que a forma dos vasos era variável. Contudo predomina o tipo de bordo direito, ou ligeiramente encurvado para dentro, ou o mesmo é dizer que o tipo dominante, ao menos nos vasos pequenos, seria semi-esférico, em forma de taça com fundo redondo. É um tipo freqüente nos achados eneolíticos.

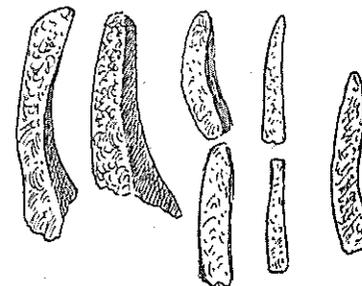


Fig. 9 — Bordos visto de perfil (reduzido a 2/3)

O vaso campaniforme também aparece representado no espó-

lio do Cachão da Rapa. Assim o permite supor o estudo do perfil de alguns bordos que mostram um estrangulamento do colo mais ou menos acentuado.

São bastante numerosos os fragmentos ornamentados, se bem que predomine francamente a cerâmica lisa.

O tipo decorativo dominante é o traço ondulado (fig. 10 e est. VIII, 3, 14, 15, 16 e 18). É menos frequente a decoração a traços rectilíneos e paralelos (fig. 11 e est. VIII, 4 a 9 e 17).

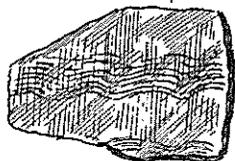


Fig. 10 — Bordo de pequeno vaso com ornamentação ondulada (reduzido a 2/3)

A fig. 14 da est. VIII mostra um lindo fragmento dum bordo de pequeno vaso, decorado por uma associação de linhas onduladas e linhas rectas e paralelas.

Mais rara é a ornamentação obtida por punção, isto é, manejando o instrumento decorador à maneira de sinete. É punctiforme num só fragmento (fig. 12 da est. VIII). Noutros a impressão é mais larga, linear, como mostram as figs. 11 e 13 da est. VIII.

Não encontrei qualquer resto de asa ou de vaso com vestígios de inserção da mesma. Merece especial referência uma pequena porção dum bordo, reproduzida na fig. 2 da est. VIII, que apresenta um orifício cónico de suspensão.

O estado tão fragmentar da cerâmica poderia explicar-se, e foi essa a primeira hipótese que me ocorreu, pela fractura voluntária dos vasos levados àquele santuário rupestre. Sabe-se que em muitas práticas religiosas certos vasos devem ser quebrados, tirando-se supersticiosamente uma ilação do número dos fragmentos resultantes.

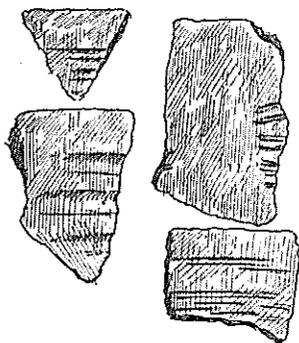


Fig. 11 — Bordos com ornamentação de traços rectilíneos e paralelos (reduzido a 2/3)

Mas uma passagem de Contador de Argote que reproduzo na pág. 195, diz-nos que ao Cachão da Rapa, no princípio do século XVIII, «vierão homens deste Reyno (1), cuja terra se não sabe, com instrumentos, e rompendo a gruta com homens, que pagarão bem, conduzidos do lugar de Nogarelo, cavarão e descobrirão vasos de barro, de que ainda se achão fragmentos, e só ficou entre os jornaleiros noticia que levarão uma grande cruz de prata, e he tradição que em aquelas rochas estão escondidos grandes thesouros».

Compreende-se, pois, que tudo o que apareceu tivesse sido prontamente escacado, não fôsse, às vezes, ter em si escondido qualquer pedaço de ouro ou prata.

Quem observa a cerâmica de que vimos falando é imediatamente impressionado pelo seu ar de rudeza.

A natureza da pasta, a irregularidade do modelado e mesmo a ornamentação pobre e rudimentar, conferem à cerâmica do Cachão da Rapa um ar primitivo impressionante.

O facto de a escavação não haver fornecido qualquer fragmento de metal, ainda mais radica essa impressão.

(1) É de todos os tempos a ambição desmedida do homem, que o leva a destruir os mais belos e por vezes os mais valiosos monumentos prè-históricos com a mira de descobrir tesouros encantados ou grandes riquezas desde muito sepultadas. Quási não há um dólmen ou castro que não tenha sido ignara e vandàlicamente revolvido. Julgo, porém, que com poucos castros terá sucedido o que se passou com o castro do Monte da Mogueira (Rezende). Corria de boca em boca serem tão extraordinárias as riquezas ali soterradas, que em S. Martinho de Mouros, freguesia onde fica o lugar do Castelo do Monte da Mogueira, por volta de 1895 a 1898, se constituiu uma empresa, destinada a procurar os tesouros que se dizia existirem no referido castro.

Largos foram os trabalhos de escavação lá realizados, sobretudo em profundidade. O esmorecimento dos mais confiados, a dificuldade crescente dos trabalhos e o exgotamento dos capitais fêz com que ao fim de algum tempo os trabalhos parassem.

Devo esta informação à amabilidade do sr. dr. Rodrigues Ferro, distinto professor auxiliar da Faculdade de Farmácia do Porto.

Que seria a tal cruz de prata?

Fazendo o estudo comparado da cerâmica do Cachão da Rapa com a cerâmica das estações ãneolíticas portuguesas e sobretudo com as do norte do país, não se verifica qualquer identidade, tão particular, tão *sui generis* é a fãcies do espólio que vimos estudando.

Nãõ podemos identificã-la com a cerãmica das estações ãneolíticas de Mairõs e Outeiro Sãco, nos arredores de Chaves (Trãs-os-Montes) (1), nem com a de Pepim, Amarante (Entre Douro e Minho) (2), nem com a da Penha, Guimarães (Minho), que tive ensejo de estudar no Museu da Sociedade Martins Sarmento, nem tãõ pouco com a dos Arcos de Val-de-Vez (Minho) que estudei no Museu Etnolõgico do dr. Leite de Vasconcelos.

Tãmbém nãõ é possível pôr em paralelo a cerãmica do Cachãõ da Rapa com nenhuma das estações ãneolíticas do grupo litoral que se estende à roda de Lisboa, desde Peniche a Setúbal. O espólio das numerosas estações dẽste grupo litoral conserva-se nos Museus, Etnolõgico do dr. Leite de Vasconcelos e dos Serviços Geolõgicos de Portugal, onde o fui estudar.

A cerãmica do Cachãõ da Rapa pode, se bem que conservando a sua individualidade prõpria, aproximar-se da cerãmica das grutas de Santo Adriãõ (Vimioso) (3).

Note-se que é muito pouco o que se conserva do espólio ceramolõgico daquelas grutas trãsmontanas.

(1) J. R. dos Santos Jũnior, *A cerãmica ãneolítica de Mairõs (Trãs-os-Montes)*, em publicaçaõ no « In Memoriam Martins Sarmento ».

(2) Josẽ de Pinho, *A estaçaõ ãneolítica de Pepim (Amarante)*. Conferẽcia realizada na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia em sessãõ cientifica de 7 de Junho de 1933.

(3) As grutas da zona de mãmores e alabastos de Santo Adriãõ, ficam em tẽrmo do concelho de Miranda do Douro e nãõ de Vimioso. Como porẽm sempre tem sido, embora errõneamente, atribuidas ao concelho de Vimioso, continuamos a manter essa designaçaõ.

A semelhança é sobretudo flagrante entre o fragmento que reproduzo na fig. 3 da est. V e um fragmento das grutas de Santo Adriãõ existente no Museu Antropolõgico da Faculdade de Ciẽncias do Põrto, e reproduzido no livro do sr. prof. Mendes Corrãa, *Os povos primitivos da Lusitãnia* (1).

Nãõ se conhecem as condições de jazida do espólio osteolõgico e ceramolõgico das grutas de Vimioso conservado no Museu Antropolõgico do Põrto. No Museu dos Serviços Geolõgicos de Lisboa há vãrias peças de bronze e pedra, entre as quais duas lindas pontas de flexa de sílex.

Ali se expõem igualmente algumas peças de ferro que resultam duma ocupaçaõ posterior, possivelmente jã durante a dominaçaõ romanã.

Pela natureza dos objectos achados nas vãrias grutas de Vimioso e cuja lista consta num trabalho de Nery Delgado (2), podemos inferir que as grutas foram habitadas durante o ãneolítico.

A cerãmica ali descoberta, manual, grosseira e de ornamentaçaõ rude, tem, de facto, caracteristicas do perõdo prẽ-histõrico às grutas atribuõdo.

A cerãmica do Cachãõ da Rapa tem, como vimos, afinidades com a de Vimioso, mas, pelo seu aspecto geral, e sobretudo pelos motivos ornamentais e pela tẽcnica seguida na obtençaõ dos mesmos, somos levados a atribuir ao espólio ceramolõgico do Cachãõ da Rapa uma localizaçaõ cronolõgica mais evolucionada, um ãneolítico avançado, possivelmente mesmo a idade do bronze,

(1) Fig. 21, pãg. 201, Põrto, 1924.

(2) J. F. Nery Delgado, *Reconhecimento dos jazigos de mãmores e de alabastro de Santo Adriãõ e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos*, in « Comunicações da Comissãõ de Trabalhos Geolõgicos de Portugal », vol. II, pãgs. 45-55, 4 est. e 27 figs.

que no território vem seguramente até os tempos proto-históricos.

Um outro paralelismo cronológico, aliás concordante com o que acabamos de expressar, dado nos é pela semelhança, melhor dizendo identidade, entre o fragmento de cerâmica representado na est. VI, fig. 14, e um fragmento de vaso campaniforme descoberto na mamoa galega de Gándaras de Budiño, Porriño (Pontevedra) e publicado na fig. 15 do trabalho dos incansáveis e ilustres investigadores galegos Cuevillas e Bouza-Brey, sobre a civilização neo-eneolítica galega (1).

*

* *

Comparando as pinturas do Cachão da Rapa com as das estações similares da Península Ibérica, não se encontra nenhuma que possa identificar-se-lhe perfeitamente.

Que eu saiba, também não há entre as estações pré-históricas de fora da Península, pinturas rupestres que se lhe possam considerar semelhantes.

Se, porém, em vez de fazermos a comparação em conjunto, a fizermos sinal a sinal, encontramos nos múltiplos sinais das numerosas estações de pinturas rupestres peninsulares alguns que podem pôr-se lado a lado dos sinais pintados do Cachão da Rapa.

Fornecem sinais comparáveis, além doutras, as estações rupestres espanholas dos arredores de Almaden (Badajoz), sobre-

tudo as da Sierra de Nossa Senhora del Castillo (1) e do Peñon Grande (Sierra d'Hornachos) (2); de Las Moriscas (Sierra d'Helech) (3); do Grande Abrigo de las Viñas (Zarga-junto-Alange) (4) e da Rocha do Castillejo de los Buitres (Arredores de Peñalsordo) (5).

Embora seja no grupo das pinturas esquemáticas do último período da bacia do Guadiana que vamos encontrar um ou outro sinal semelhante, este facto pouco significa, pois os conjuntos pictográficos das estações espanholas citadas são inteiramente diferentes, e os sinais comparáveis são-no com os menos típicos do Cachão da Rapa.

Os cinco sinais rectangulares que vão reproduzidos na est. IX, e que não teem similares, ao menos que eu conheça, entre as numerosas estações de pinturas rupestres da Península, são de entre todos os mais curiosos e de maior interêsse.

Êstes sinais são comparáveis—e de resto essa comparação já foi feita por H. Breuil, Cabré e Obermaier—com algumas gravuras rupestres do noroeste peninsular, nomeadamente com as da Eira dos Mouros (Galiza) (6), e sobretudo com as placas-ídolos, tão abundantes nos espólios dolmênicos do sul do país.

A semelhança entre as pinturas do Cachão da Rapa e as gravuras da Eira dos Mouros não é tão estreita como alguns autores teem afirmado.

Começa porque no Cachão da Rapa existem exclusivamente

(1) H. Breuil, *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, cit., vol. II, pág. 18, fig. 7.

(2) Id., id., pág. 102, fig. 33.

(3) Id., id., pág. 91, fig. 30.

(4) Id., id., pág. 123, fig. 39.

(5) Id., id., pág. 61, fig. 19.

(6) Jean Cabré Aguiló, *Arte rup. gallego y port. (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*, já cit.

(1) F. López Cuevillas y F. Bouza-Brey, *La civilización neo-eneolítica gallega*, sep. do n.º 19 del «Archivo Español de Arte y Arqueología», Madrid, 1931.

pinturas em superfície lisa e vertical, e não gravuras, como se lê, por exemplo, no trabalho de Obermaier sobre as gravuras rupes- tres da idade do bronze do noroeste da Espanha, já várias vezes citado, afirmação que o próprio autor ressalva dizendo que a esta- belece fazendo fé em antigas cópias.

Assim fica prejudicada a hipótese do insigne professor madri- leno, segundo a qual seria surpreendente a coincidência do Cachão da Rapa com a Eira dos Mouros, estando na estação portuguesa as gravuras (que já vimos, não existem) em parte pintadas, o que o levava a perguntar se aquela cobertura de tinta não seria um complemento realizado em tempos mais modernos.

Há, sem dúvida, um ar de parentesco entre os sinais em xadrez do Cachão da Rapa e os sinais do mesmo tipo existentes na Eira dos Mouros e noutras estações de gravuras rupes- tres da Península, mas sem existir aquela íntima semelhança, quasi sobre- posição, como alguns outros quiseram ver.

As relações de parentesco são muito mais flagrantes com as placas-ídolos do sul de Portugal. Este facto vem corroborar a hipótese cronológica baseada nos elementos fornecidos pela cerâ- mica, e ao mesmo tempo fornece elementos para julgarmos da provável significação deste curioso e único monumento pictogrâ- fico.

Assim os sinais rectangulares axadrezados seriam represen- tações de ídolos e, conseqüentemente, o conjunto pictográfico um santuário (1).

(1) Por curiosidade daremos a hipótese que Vitorino da Silva Araújo for- mulou para as pictografias do Cachão da Rapa, com a qual Possidónio da Silva diz concordar e reproduzida no «Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses», n.º 5, tomo V, ano 1887, pág. 79:

«Não é mais que a representação d'uma batalha, dada no tempo das guer- ras dos romanos na Lusitania. Aquelles quadrados e quadrilongos ordenada- mente collocados figuram as tropas divididas em varios corpos ou esquadrões,

As pinturas do Cachão da Rapa, por tudo o que vimos, devem ser consideradas como um santuário rupestre do èneolítico ou da idade do bronze.

A própria riqueza pictográfica do conjunto é concorde com a cronologia estabelecida, pois, como está sobejamente consignado, o èneolítico e a idade do bronze fôram invulgarmente florescentes no noroeste peninsular.

A objecção que pode pôr-se de que a escavação a que ali procedi não forneceu o menor fragmento de metal, apesar da terra removida ter sido tôda passada por crivos de rêde apertada, não tem subsistência, porquanto tudo aquilo foi removido e esca- vado, sabe-se lá quantas vezes! Duma dessas escavações nos fala Contador de Argote, como duma cruz de prata (!) que lá teria sido encontrada.

Finalmente, procurarei sintetizar o estudo sobre o Cachão da Rapa, nas seguintes conclusões:

1.^a As pinturas ficam sobranceiras ao rio Douro e estão feitas na superfície lisa e vertical dum enorme rochedo de granito. A su- perfície em questão olha para poente, lado para onde corre o rio.

2.^a Julgo que a superfície onde fôram pintados os múltiplos e variados sinais, não foi preparada de antemão, mas simples- mente aproveitada.

marchando umas de frente, outras de flanco. Os quadrados maiores, que estão no fundo traçados a duas linhas, (veja-se a nossa fig. 6) tendo cada uma perto de si outro quadrado mais pequeno, são os arraiaes ou acampamentos com seu fosso e estacada. Estes arraiaes mais pequenos costumavam elles fazer ao pé dos maio- res, quando estavam em guerra; e serviam-lhes para se recolherem n'elles, quando eram batidos dos maiores. O serem uns poucos denota que trouxeram alguns dias de marcha até chegarem ao ponto onde se deu a batalha; porque é sabido que os romanos, quando tinham proximo o inimigo, ainda que viessem de marcha não passavam uma noite sem levantar entrincheiramentos; que o exercito que entrou em batalha, constava de varias legiões.»

Tanta imaginação!...

3.^a O estado de relativa conservação das pinturas explica-se, quer pela própria natureza das côres, que só uma análise química elucidaria, quer pela natural disposição da superfície pintada, em parte protegida no alto por uma pequena saliência ou «pala» do rochedo.

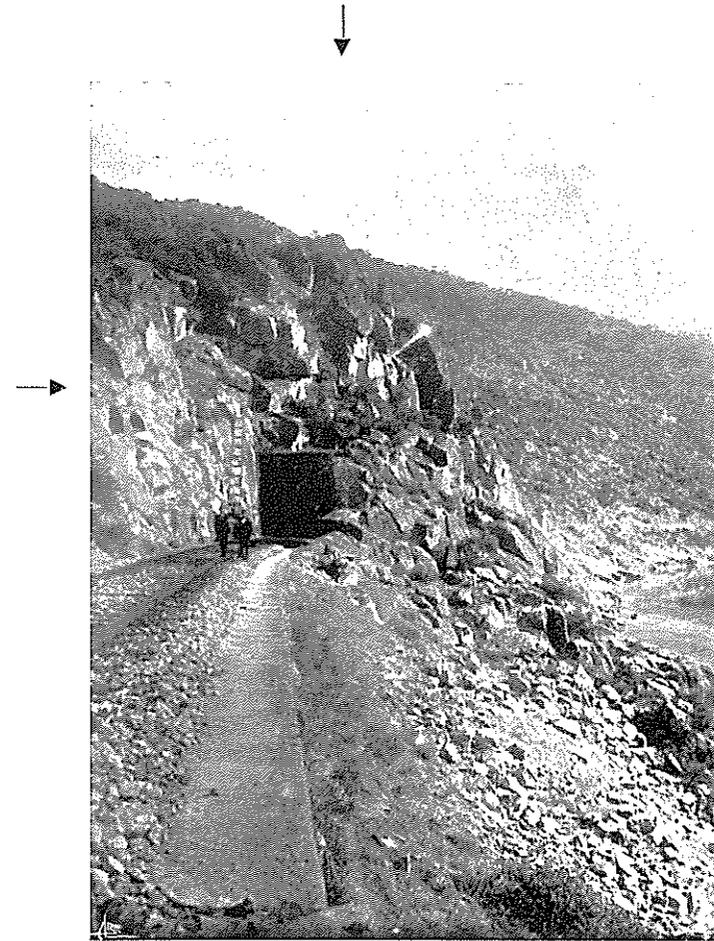
4.^a As pinturas ocupam uma área de cêrca de 3 metros de altura por 2 de largura.

5.^a As côres empregadas são um vermelho escuro, côr de borra de vinho, e um azul tão escuro que quási parece negro.

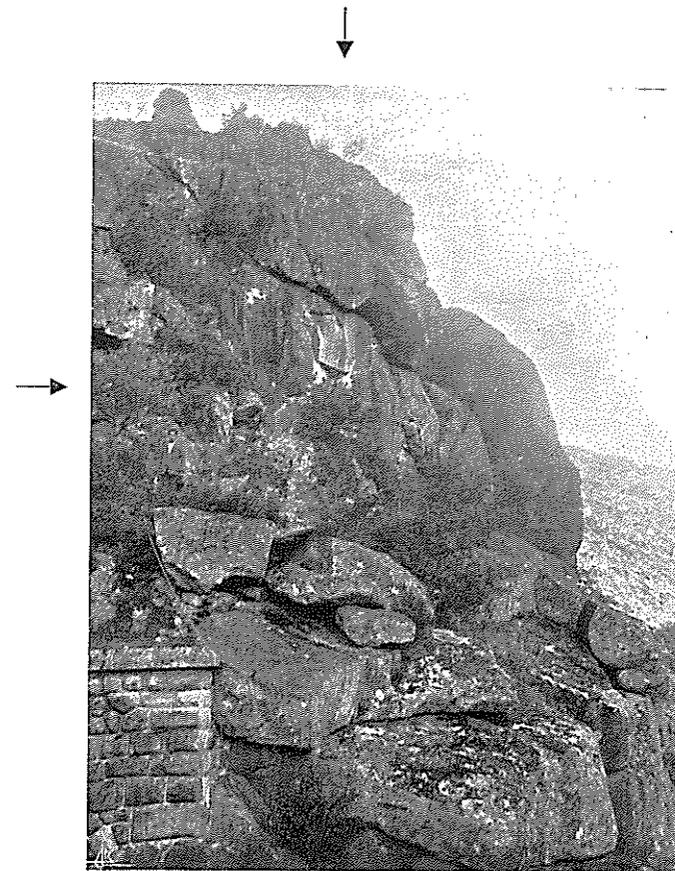
6.^a Passam de trinta os sinais ainda hoje existentes. Falta a pretensa representação duma figura humana esquemática masculina, e em todos os sinais predomina a esquematização geométrica.

7.^a Quanto à significação do monumento, poderá estar relacionada com manifestações de culto a que o rio Douro não seria estranho. Terá antes um carácter funerário em relação com inumações feitas próximo daquele sítio? É possível. Não haverá relações causais entre as pinturas e a existência das anfractuosidades subjacentes que o povo designa por *Cova da Moura*? A resposta que com mais probabilidades de acêrto se pode dar, é que, como já atrás disse, se trata dum santuário rupestre.

8.^a Cronològicamente podemos atribuir as pinturas do Cachão da Rapa ao èneolítico avançado ou à cronologia que procuramos justificar no estudo comparado que delas atrás fizemos.



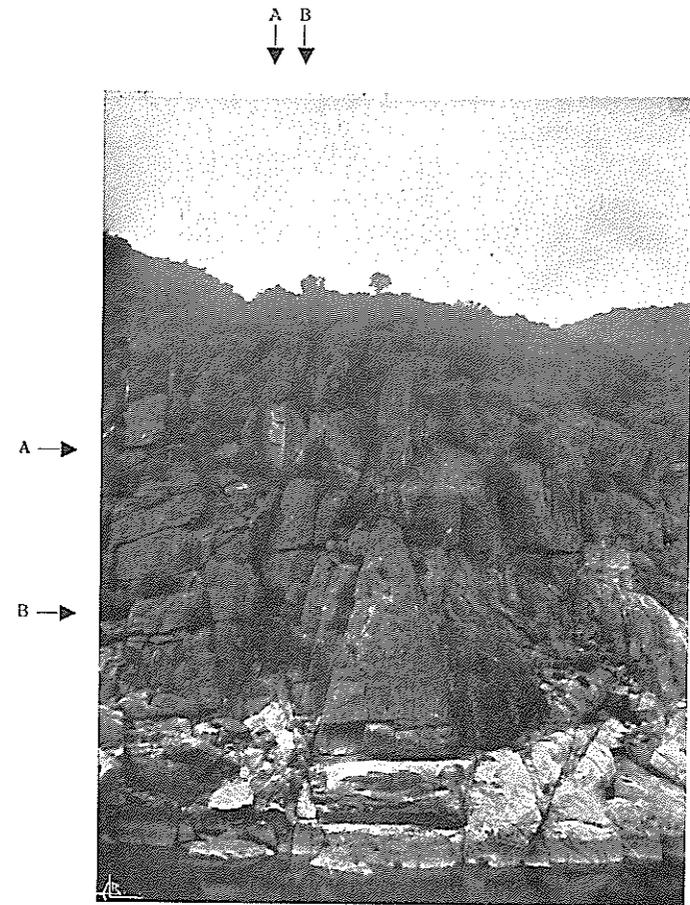
O Cachão da Rapa visto de poente.
Por cima do túnel e marcado pelas setas, o local das pinturas.



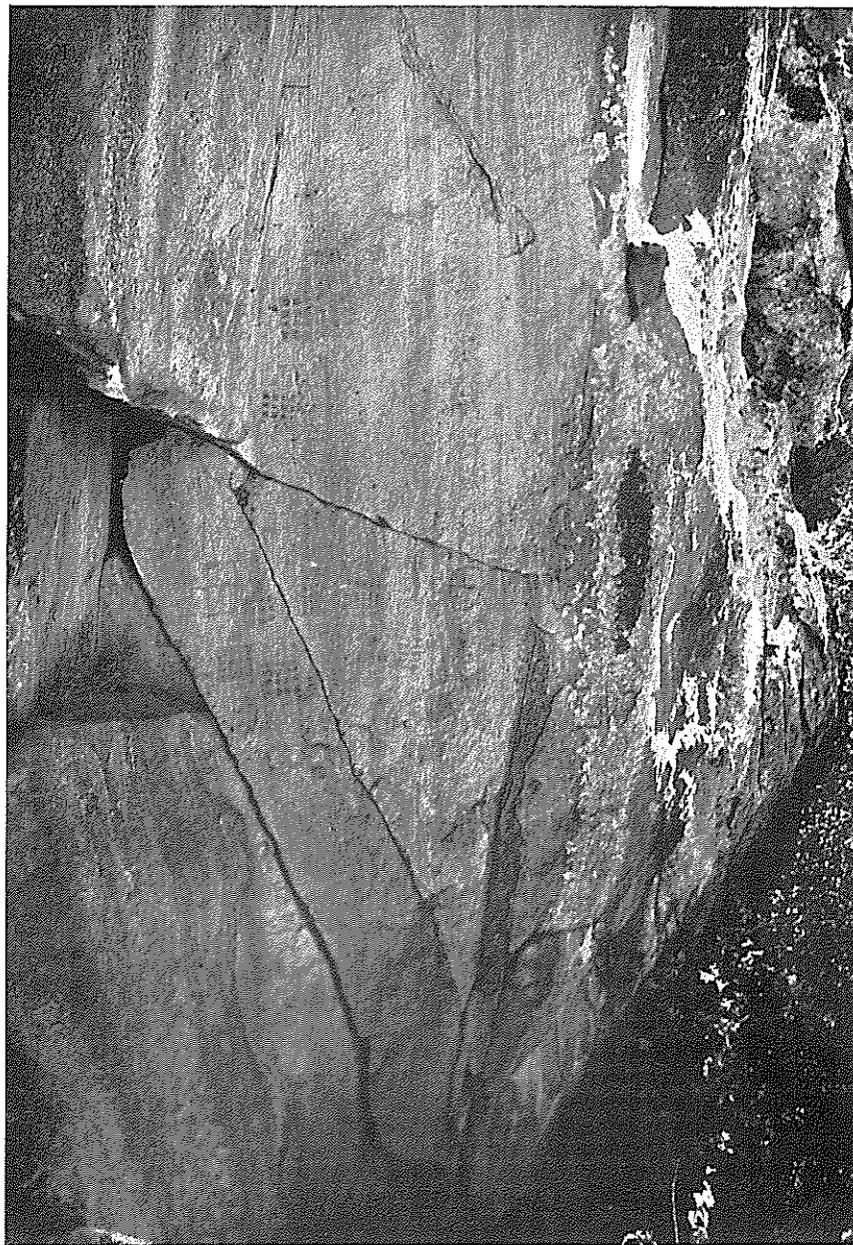
Amontoado granítico sobranceiro ao túnel.
As setas indicam a rocha pintada, da qual se vê apenas a pala cimeira.



O Cachão da Rapa visto do lado nascente.



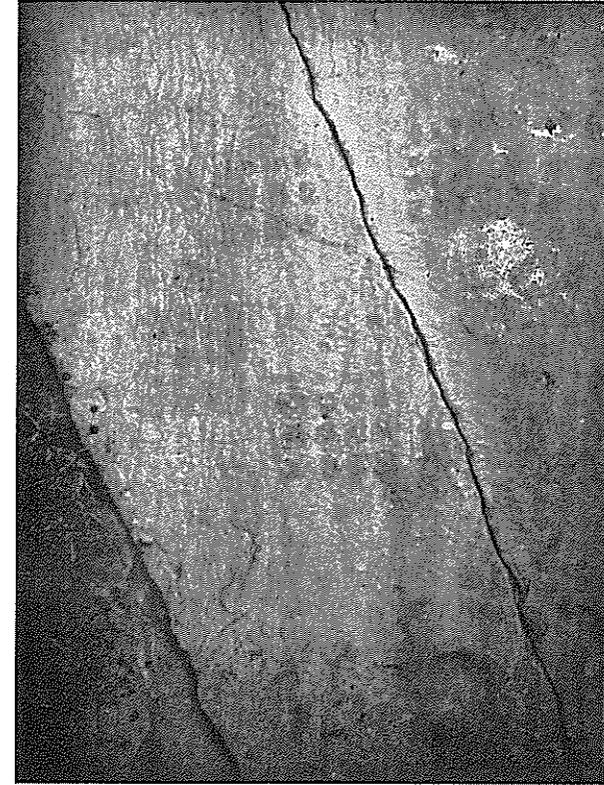
A rude massa granítica do Cachão da Rapa vista da outra margem.
A — O local das pinturas ou «Curral das Letras»;
B — As anfractuosidades subjacentes ou «Cova da Moura».



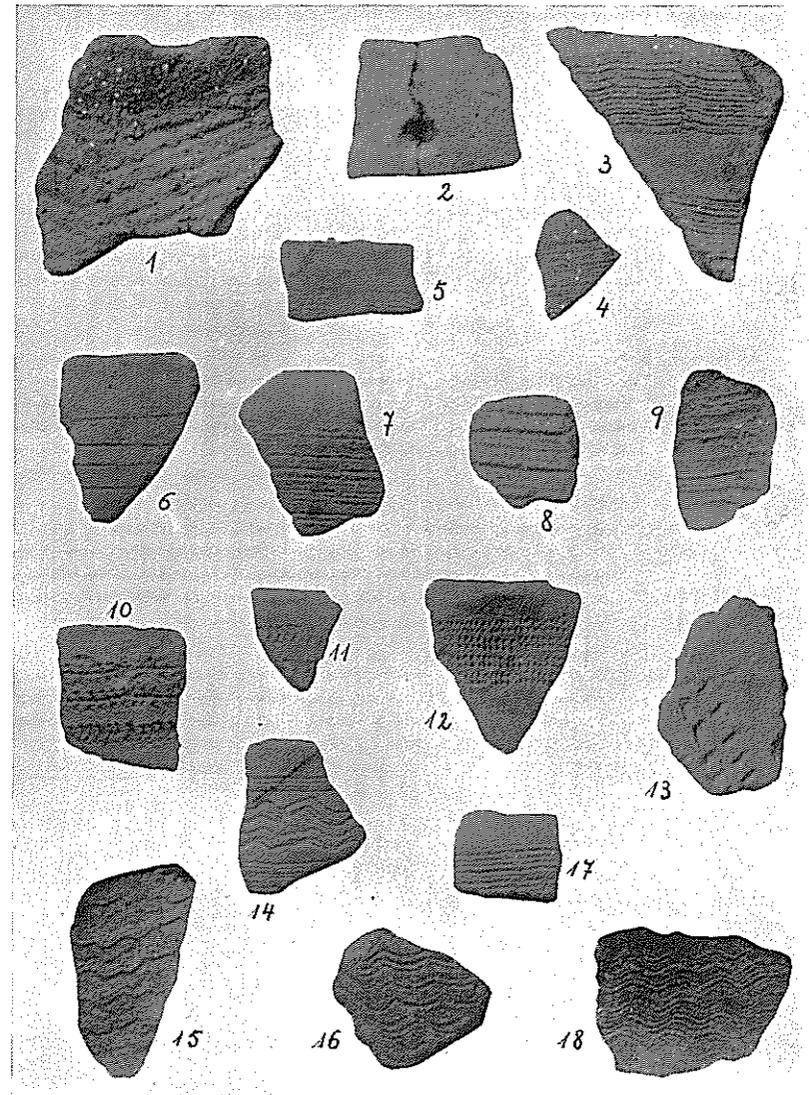
Aspecto do conjunto pictográfico.
(Os sinais do alto e da esquerda são os melhor conservados e por isso também os mais patentes).



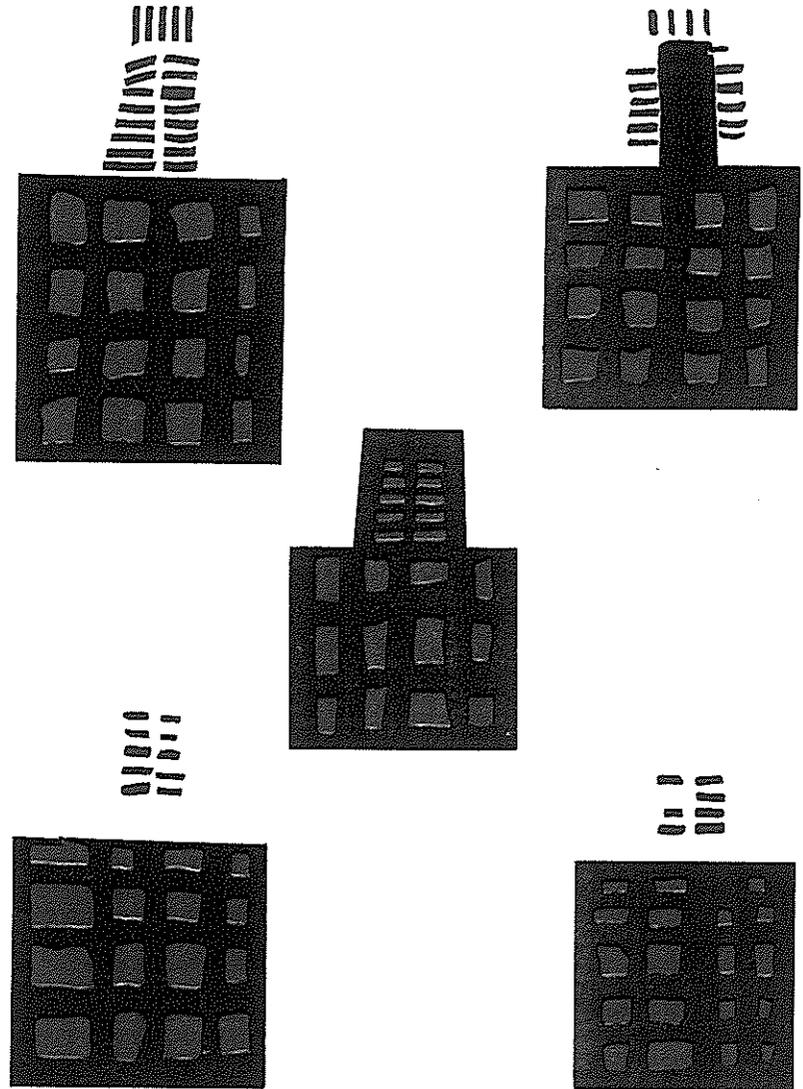
Os mais altos sinais do conjunto.
(Êstes sinais em xadrez são os melhor conservados).



Por menor do conjunto pictográfico.
Alguns sinais em xadrez do grupo médio.



Cerâmica manual ornamentada do Cachão da Rapa.



Cinco dos sinais das pinturas do Cachão da Rapa que dadas as semelhanças com os ídolos placas podem ser também considerados como ídolos.

O índice esquelico nas crianças portuguesas

POR

LUÍS DE PINA

Professor aux. da Faculdade de Medicina
Chefe dos Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil
Pôrto

(Trabalho apresentado á Soc. Port. de Antrop. e Etnol.
em 9 de Junho de 1932)

Este trabalho foi realizado com os resultados colhidos na observação da altura do busto (tronco e cabeça) e estatura em 706 crianças, de idade compreendida entre os 10 e os 15 anos (398 ♂ + 318 ♀), do Norte de Portugal, especialmente da cidade do Pôrto.

O número de indivíduos, repartidos por classes, é (1):

	♂	♀
10 anos	70	31
11 »	97	84
12 »	64	63
13 »	62	54
14 »	44	40
15 »	51	46
	388	318

Os números seguintes representam os valores do respectivo índice esquelico:

	Rapazes						Classe mais frequente
	M	σ	EM	E σ	Mx	Mm	
10 anos	52.75	1.9	± 0.134	± 0.067	59	47	54
11 »	52.70	1.3	± 0.067	± 0.060	56	49	53
12 »	52.25	1.4	± 0.067	± 0.006	56	48	52
13 »	52.52	1.4	± 0.067	± 0.006	56	49	52
14 »	51.85	1.3	± 0.067	± 0.006	55	49	53
15 »	51.89	1.9	± 0.134	± 0.067	57	49	52

(1) Observados no Laboratório do Arquivo de Identificação do Pôrto.

Raparigas

	M	σ	EM	E σ	Mx	Mm	Classe mais irreguente
10 anos . . .	52.52	1.6	\pm 0.202	\pm 0.134	56	50	53
11 » . . .	53.0	1.4	\pm 0.067	\pm 0.006	57	50	53
12 » . . .	52.93	1.3	\pm 0.067	\pm 0.006	55	50	53
13 » . . .	52.89	1.4	\pm 0.067	\pm 0.006	57	49	52
14 » . . .	53.30	1.2	\pm 0.067	\pm 0.006	57	51	53
15 » . . .	53.36	1.2	\pm 0.067	\pm 0.006	56	50	54

Eis a correspondência dos valores da estatura e do índice esquelético:

Rapazes

	Estatura		Índ. esquelético
10 a 10 1/2 anos . . .	133.9	10 anos	52.75
10 1/2 a 11 1/2 » . . .	135.3	11 »	52.75
11 1/2 a 12 1/2 » . . .	137.1	12 »	52.25
12 1/2 a 13 1/2 » . . .	141.3	13 »	52.52
13 1/2 a 14 1/2 » . . .	145.6	14 »	51.85
14 1/2 a 15 1/2 » . . .	155.0	15 »	51.89

Raparigas

	Estatura		Índ. esquelético
10 anos	133.8	10 anos	52.52
11 »	136.5	11 »	53.0
12 »	140.2	12 »	52.93
13 »	146.7	13 »	52.89
14 »	149.9	14 »	52.30
15 »	152.8	15 »	53.36

No que respeita às diferenças sexuais da estatura ou referentes à idade, verifica-se, de maneira geral, muito próxima semelhança com as indicadas nestas palavras de L. Castaldi:

«Le dimensioni in valori assoluti sono minori nelle femmine che nel maschio in statura, peso e superficie corporea, salvo nel periodo prepubere da 10 a 15 anni, nel quale la femmina, che raggiunge prima il suo sviluppo sessuale, e la sua completa crescenca somatica globale, sorpassa transitoriamente la statura, il peso e la superficie

corporea dei maschi dela stessa età, e tanto più quanto più si avvicina di 15 anni». (Pág. 58) (1).

O crescimento das crianças que observamos segue, em geral, a indicada na 3.^a das três fases propostas por Pende:

1.^a — Primeira fase de alongamento ou *proceritas prima* — 5 aos 7 anos (pequena puberdade de Pende);

2.^a — Período de frouxo crescimento ou *turgor secundus* — 8 aos 11 anos nos rapazes; 8 aos 9 nas raparigas;

3.^a — Segunda crise de alongamento ou *proceritas secunda* — (fase peripubertária de Godin), 12-13 aos 15 1/2 anos nos rapazes, 10-11 aos 14 nas raparigas.

Midulla a isso se refere também, dizendo que entre os 13-16 anos, nos rapazes, e 12 e 14 nas raparigas, nota-se um segundo aceleração na velocidade de crescimento em estatura (p. 162) (2).

O índice esquelético apresenta, como se vê, insignificantes diferenças em relação com a idade, não se afastando muito do indicado para adultos portugueses: 51.6 (3).

Contudo, o índice esquelético aumenta, com a idade, nas raparigas, diminuindo nos rapazes.

Estabelecendo uma comparação entre os meus resultados e os de D. Laura Passos (4), verifica-se que o valor que esta senhora apresenta, como média de 150 rapazes, é superior ao que colhi; a estatura, por si referida, é inferior, em tôdas as idades, à que pude obter nas crianças que examinei.

(1) Luigi Castaldi, *Accrescimento corporeo e costituzioni dell'Uomo*. Firenze, 1928.

(2) Carmelo Midulla, *Antropologia fisica. Antropometria. Accrescimento. Tipi morfologici costituzionali nell' adulto e nell' età evolutiva*. Roma, 1931.

(3) Mendes Corrêa, *Curso de Antropologia na Universidade do Pôrto. Trabalhos dos alunos*. Pôrto, 1922.

(4) Laura Passos, *O índice esquelético e a braça em crianças portuguesas*. Vidé Mendes Corrêa, *ob. cit.*

Esta diferença é consequência, provavelmente, das condições físicas das crianças estudadas; as que observou Laura Passos não pertenciam a classes favorecidas, tal como as medidas pelo dr. Samuel Maia. As que examinei, na sua maioria, pertenciam a famílias mais ou menos privilegiadas, gozando outra saúde, visto o meio em que vivem lha favorecer. Quasi tôdas, revelando um bom desenvolvimento físico, são estudantes dos liceus.

A média do valor do índice esquelico nestas crianças aproxima-se da calculada por Sanches Fernandes em adultos espanhóis: 52.1.

No quadro imediato apresento as médias do índice esquelico encontradas por vários autores, segundo indicação de G. Ruggeri (1):

	G. M. WEST		A. HRDLICKA		S. WEISSEBERG		L. DE PINA	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
10 anos .	53.5	53.4	54.6	54.2	54.1	54.1	52.75	52.52
11 » .	52.4	52.9	54.0	55.0	53.3	53.0	52.70	53.
12 » .	52.3	52.4	53.5	54.1	53.8	54.3	52.25	52.93
13 » .	51.9	52.5	52.9	53.8	52.5	52.7	52.52	52.89
14 » .	51.8	52.7	52.7	54.1	51.7	52.7	51.85	53.30
15 » .	51.8	53.0	53.1	53.7	52.5	52.9	51.89	53.36

As diferenças sexuais e de idade entre estas quatro séries são de valor muito semelhante.

Apresento, agora, o valor do referido índice em adultos Minhotos (2), que se revela superior ao das crianças dos 10 aos 15 anos:

$$83 \text{ ♂} = 53.02 \pm 0.067 \quad 58 \text{ ♀} = 53.80 \pm 0.134$$

(1) V. Giuffrida-Ruggeri, *L'indice schelico nei due sessi*. «Rivista di Antropologia», vol. XXI, Roma, 1916-1917.

(2) Luis de Pina, *Contribuição para a antropologia dos povos bracarense*. «Revista de Guimarães», n.os 1-2, vol. XLII, 1932.

Santos Júnior (1) apresenta as seguintes médias, correspondentes a indivíduos trasmontanos:

$$\text{♂} = 51.93 \pm 0.18 \quad \text{♀} = 51.82 \pm 0.27$$

Estas, como se vê, aproximam-se mais das que obtive nas crianças, especialmente nas de 14 e 15 anos.

V. Giuffrida-Ruggeri, apresenta, num dos seus clássicos trabalhos, uma extensa série de médias do índice esquelico em diferentes populações. Os valores correspondentes escalonam-se de 46.5 (Australianos) a 54.9 (Kwakiutl. Canadá N. W.), nos homens e de 51.5 (Maia, México) a 54.4 (Kwakiutl. Canadá N. W.), nas mulheres (2).

A distribuição do índice esquelico que calculei, seguindo Giuffrida-Ruggeri, é esta:

	RAPAZES			RAPARIGAS		
	Macrosquelia	Mesatisquelia	Braquisquelia	Macrosquelia	Mesatisquelia	Braquisquelia
	0/0	0/0	0/0	0/0	0/0	0/0
10 anos .	20.0	44.2	35.7	19.3	58.0	22.5
11 » .	16.4	53.6	29.8	16.6	48.8	34.5
12 » .	29.6	51.5	18.7	11.1	49.2	39.6
13 » .	25.8	45.1	29.0	12.9	57.4	29.6
14 » .	43.1	47.7	9.0	7.5	50.0	42.5
15 » .	35.2	47.0	15.4	6.5	45.4	47.8

Verifica-se, por êste quadro, o seguinte: nos rapazes, consoante vai aumentando a idade, aumenta o valor da *macrosquelia*, conservando-se o da *mesatisquelia* e diminuindo o da *braquisquelia*;

(1) J. A. Santos Júnior, *Estudo antropológico e etnográfico da população de S. Pedro (Mogodouro)*. «Trab. da Soc. Port. de Antr. e Etnol.», vol. II, fasc. II, Pôrto, 1924.

(2) Giuffrida-Ruggeri, *Documenti sull' indice schelico*. «Rivista di Antropologia», vol. XX, Roma, 1915-1916 (volume giubilare in onore di Giuseppe Sergi).

nas raparigas, a *macrosquelia* diminui; diminui também a *mesatisquelia*, aumentando consideravelmente a *braquisquelia*.

Harmoniza-se este facto com as seguintes palavras do prof. E. Pittard e de M.^{elle} Dellenbach: «*Les deux sexes n'obéissent donc pas aux mêmes lois physiologiques. La makroskèlie, d'une façon générale, se développe au fur et à mesure que croît la taille. Mais ce développement n'est pas tout le même pour chaque groupe de taille chez les filles et chez les garçons*» (1).

A criança portuguesa é, portanto, *mesatisquéllica*, como demonstrou já D. Laura Passos. Estou investigando o valor do índice esquelico em indivíduos de idade superior a 15 anos (adolescentes e adultos). O estudo da relação braça-estatura, em crianças e adultos portugueses, está sendo também por mim realizado.

(Trabalho subvencionado pela *Junta de Educação Nacional*).

(1) E. Pittard, *L'indice skèlique selon le sexe, l'âge et la taille chez les enfants*. C. Rend. do XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique. Portugal, 1930.

Estudos sobre a pigmentação e sua hereditariedade

POR

ALFREDO ATHAYDE

Assistente de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto

Sendo a pigmentação dos olhos, do cabelo e da pele de uma importância capital na caracterização dos tipos físicos humanos e no estudo da etnogenia das populações, julgamos deverem ser arquivados todos os elementos recolhidos, por mais modestos que nos pareçam.

Assim resolvemos publicar os resultados que se podem extrair das observações feitas sobre a côr dos olhos e dos cabelos no concelho de Baião, pelo dr. Arnaldo Nogueira Pinto, quando frequentou, como aluno, o Laboratório de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto.

Foram por êle observados 109 indivíduos dos dois sexos a partir dos 16 anos de idade, e, seguindo Fonseca Cardoso, agrupadas as côres dos olhos em três classes fundamentais: escuros, médios e claros. Idêntico critério foi adoptado para classificação das côres dos cabelos englobando os loiros e os ruivos nos claros. Dentre a grande diversidade de critérios propostos para o agrupamento das côres dos olhos e dos cabelos, ainda este, por ser o mais simples, parece o de mais segura e fácil aplicação.

O dr. Nogueira Pinto apresenta estes resultados:

Côr dos olhos	N.º de casos	%
Escuros	60	55,0
Médios	21	19,3
Claros	28	25,7
Total	109	

Côr dos cabelos	N.º de casos	%
Escuros	60	55,0
Médios	25	22,9
Claros	24	22,0
Total	109	

Fazendo a semi-soma das percentagens dos olhos e cabelos escuros e claros, vem:

Semi-soma dos olhos e dos cabelos	Escuros	55,0
	Claros	23,8
Excesso do tipo moreno sobre o loiro		31,2

Separando os sexos:

Côr dos olhos	HOMENS		MULHERES	
	N.º de casos	%	N.º de casos	%
Escuros	25	58,1	35	53,0
Médios	10	23,2	11	16,6
Claros	8	18,6	20	30,3
Total	43		66	

Côr dos cabelos	HOMENS		MULHERES	
	N.º de casos	%	N.º de casos	%
Escuros	25	58,1	35	53,0
Médios	13	30,2	12	18,1
Claros	5	11,6	19	28,7
Total	43		66	

Semi-soma dos olhos e dos cabelos	Escuros	58,1	53,0
	Claros	15,1	29,5
Excesso do tipo moreno sobre o loiro		43,0	23,5

Êstes resultados significam que a população do concelho de Baião é constituída por indivíduos em que predominam os tons escuros da pigmentação, havendo, porém, relativamente, muitos casos de côr clara, principalmente nas mulheres.

Os valores obtidos por outros investigadores no país são mais elevados para os tons escuros ou para o excesso do tipo moreno sobre o loiro, como mostra um quadro adiante publicado.

Mas o dr. Nogueira Pinto estudou ainda a hereditariedade da pigmentação em 49 indivíduos dos 109 mencionados; e, se juntarmos os 49 homens e as 49 mulheres (pais e mãis) à série anterior, formamos uma outra série de 207 indivíduos, cuja distribuição pelas diferentes classes em que foram agrupadas as côres dos olhos e dos cabelos, é a seguinte:

Côr dos olhos	N.º de casos	%
Escuros	111	53,6
Médios	41	19,8
Claros	55	26,5
Total	207	

Côr dos cabelos	N.º de casos	%
Escuros	126	60,9
Médios	44	21,2
Claros	37	17,8
Total	207	

Semi-soma dos olhos e dos cabelos	Escuros	57,3
	Claros	22,2
Excesso do tipo moreno sobre o loiro		35,1

E por sexos:

Côr dos olhos	HOMENS		MULHERES	
	N.º de casos	%	N.º de casos	%
Escuros	47	51,1	64	55,6
Médios	20	21,7	21	18,2
Claros	25	27,1	30	26,1
Total	92		115	

Côr dos cabelos	HOMENS		MULHERES	
	N.º de casos	%	N.º de casos	%
Escuros	54	58,7	72	62,6
Médios	26	28,2	18	15,6
Claros	12	13,0	25	21,7
Total	92		115	

Semi-soma dos olhos e dos cabelos	Escuros	54,9	59,1
	Claros	20,1	23,9
Excesso do tipo moreno sobre o loiro		34,8	35,2

Nestas três últimas séries, na côr dos cabelos claros estão incluídos 2 casos de ruivos, um homem e uma mulher. Com a adição dos 98 indivíduos, desapareceu, é certo, a diferença que havia nas primeiras séries, entre o excesso do tipo moreno sôbre o loiro nos homens e nas mulheres, mas ainda continuam a ser baixos êstes valores, se os confrontarmos com as observações até agora publicadas (1):

N.º de observa- ções	REGIÕES	Semi-soma dos olhos e cabelos		Excesso do tipo moreno sôbre o loiro	AUTORES
		Escu- ros	Claros		
242	Beira Baixa	74,5	8,5	66,0	GONÇALVES LOPES
110	Entre Cávado e Ancora	72,7	8,7	64,0	FONSECA CARDOSO
50	Vila Real	72	9	63	JOSÉ BRANCO
263	Beira Alta	69	8,9	60,1	MENDES CORRÊA
21	Castro Laboreiro	61,5	7,0	54,5	FONSECA CARDOSO
1:086	Entre Ave e Vouga	60,2	11,9	48,3	FONSECA CARDOSO
27	S. Pedro (série ♂)	55,5	11,1	44,4	SANTOS JÚNIOR
20	S. Pedro (série ♀)	57,5	20,0	37,5	SANTOS JÚNIOR
92	Baião (série ♂)	54,9	20,1	34,8	NOG. PINTO (A. ATHAYDE)
115	Baião (série ♀)	59,1	23,9	35,2	NOG. PINTO (A. ATHAYDE)

Êstes resultados não nos devem surpreender, pois, segundo o sr. prof. E. Tamagnini (2), é na região de Entre Douro e Miuho que menos acentuado é o predomínio dos tons escuros sôbre os claros, entre as crianças das escolas primárias.

Mas a verificação da abundância de indivíduos de olhos e cabelos claros, nada de positivo nos permite concluir, por si só,

(1) J. R. Santos Júnior, *Estudo antropológico e etnográfico da população de S. Pedro (Mogadouro)* «Trab. da Soc. Port. de Antr. e Etnol.», VII, fasc. II.

(2) E. Tamagnini, *A côr do cabelo e dos olhos nos estudantes das escolas primárias portuguesas* «Rev. da Univ. de Coimbra», IV, pág. 581, 1915.

sôbre o grupo étnico, a cuja intervenção se deve essa abundância; para isso seriam necessários a determinação, pelo menos, da estatura e dos índices cefálico e nasal (para só falarmos de caracteres morfológicos), e bem assim o conhecimento seguro da maneira como êstes caracteres são herdados.

Afim de calcularmos os coeficiente de associação de Yule (1) entre os olhos claros e escuros e os cabelos das mesmas tonalidades, construímos as seguintes tábuas:

MULHERES			
Olhos			
Cabelos		Claros	Escuros
		Claros	10 (a)
Escuros	12 (c)	55 (d)	

HOMENS			
Olhos			
Cabelos		Claros	Escuros
		Claros	5 (a)
Escuros	10 (c)	38 (d)	

Os respectivos coeficientes de associação determinados pela fórmula

$$Q = \frac{ad - bc}{ad + bc}$$

são 0,80 e 0,90, indicando, portanto, uma associação bastante sensível e positiva.

A sua diferença deve atribuir-se, menos a uma influência sexual do que à desigualdade do número de casos dos dois sexos.

(1) A. Niceforo, *La Méthode Statistique*, pág. 458, Paris, 1925.

Para o estudo da hereditariedade, observou o dr. Arnaldo Nogueira Pinto os pais de 49 indivíduos da primeira série aqui apresentada, e encontrou os seguintes resultados:

Olhos				
CARACTERES DOMINANTES				
	Mãe	%	Pai	%
Escuros	8	16,3	7	14,3
Médios	1	2,0	—	—
Claros	1	2,0	4	4,0

Cabelos				
CARACTERES DOMINANTES				
	Mãe	%	Pai	%
Escuros	7	14,3	6	12,2
Médios	1	2,0	3	6,1
Claros	3	6,1	3	6,1

Estes quadros mostram a dominância das cores preto e castanho escuro, o que concorda com as investigações de Fischer e Davenport (1).

Como não foi notado o número de crianças por cada casal, não se pode fazer a aplicação dos métodos de Weinberg e de Bernstein (2), bastante exactos e claros, mas, analisando mais detalhadamente as 49 observações, encontra-se que as cores dos olhos e dos cabelos em

- 11 (22,2 %) casos são diferentes das dos progenitores;
- 15 (30,6 %) casos tem 1 carácter do pai ou da mãe e outro diferente;
- 6 (12,2 %) casos tem 1 carácter dos dois e o outro diferente;
- 2 (4,0 %) casos tem 1 carácter dos dois e o outro do pai;
- 1 (2,4 %) caso tem 1 carácter dos dois e o outro da mãe;
- 1 (2,4 %) caso tem os 2 caracteres dos 2 progenitores;
- 5 (10,2 %) casos tem os 2 caracteres da mãe;
- 3 (6,1 %) casos tem os 2 caracteres do pai;
- 5 (10,2 %) casos tem 1 carácter do pai e outro da mãe.

(1) E. Fischer, *Handwörterbuch der Naturwissenschaften*, vol. VIII, pág. 88, Jena, 1914.

(2) K. Saller, *Loeifaden der Anthropologie*, pág. 90, Berlin, 1930.

Há, portanto, um número elevado de heterozigotos entre os pais e entre os filhos. Em todo o caso é bom não esquecer que nem sempre olhos azues e cabelos loiros significam homozigotia (1).

E os dois caracteres, embora apareçam muitas vezes associados, são, de facto, em face deste quadro, herdados bastante independentemente um do outro.

Ainda nestas observações, a cor dos olhos nos filhos é igual à

da mãe em	10 (20,4 %)	casos
do pai em	9 (20,2 %)	»
dos dois em	7 (14,3 %)	»
de nenhum em	23 (47,0 %)	»
Total	49	

e a cor dos cabelos é igual à

da mãe em	11 (22,4 %)	casos
do pai em	12 (24,5 %)	»
dos dois em	4 (8,5 %)	»
de nenhum em	22 (45,0 %)	»
Total	49	

Não parece, portanto, haver predomínio sexual apreciável na hereditariedade da pigmentação dos olhos e dos cabelos.

Verifica-se ainda que os olhos

escuros em 29 casos foram herdados	16 (55,1 %)	vezes
médios » 12 » » »	5 (41,6 %)	»
claros » 8 » » »	6 (75,0 %)	»

e os cabelos

escuros em 24 casos foram herdados	14 (58,4 %)	vezes
médios » 10 » » »	5 (50,0 %)	»
claros » 15 » » »	5 (33,3 %)	»

(1) H. Bryn, *Über die Augentypen in Norwegen und ihre Vererbungsverhältnisse* Ref. in «Anthrop. Anzeiger», vol. IV, pág. 265; Frets, *Sur l'hérédité de la couleur des yeux* «C.-R. du XV Congrès Internationale d'Anthropologie et d'Archéologie préhistorique», pág. 513, Paris, 1931; E. Guyénot, *L'hérédité*, pág. 382, Paris, 1931.

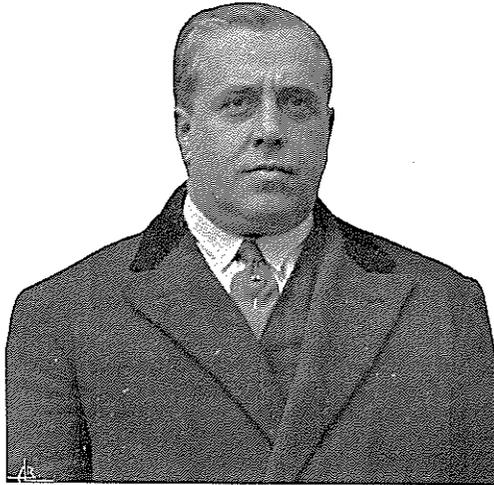
Sendo os dois caracteres, como vimos, herdados com relativa independência um do outro, certamente em virtude de factores polímeros diferentes, em todo o caso, considerados separadamente, verifica-se serem os olhos claros e os cabelos escuros, que se transmitem com maior freqüência.

Portanto os tons claros não são transmitidos da mesma forma; transmitem-se mais freqüentemente nos olhos, devendo aparecer os cabelos loiros a maior parte das vezes no cruzamento de pais heterozigotos, em virtude da disjunção, como caracteres recessivos.

(Trabalho realizado no Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e subvencionado pela Junta de Educação Nacional).

VÁRIA

Prof. Alexandre Rodriguez Cadarso



Prof. Alexandre Rodriguez Cadarso
(1887-1933)

A última vez que estive com o prof. Rodriguez Cadarso foi em Agosto, em Lugo, nas III Jornadas Médicas Galegas, a que as Faculdades de Medicina de Lisboa e Pôrto enviaram larga e brilhante representação.

Recordo neste instante a sessão inaugural, sob a presidência do Ministro do Interior sr. Casares Quiroga, na bela sala de conferências do Palácio da Deputação Provincial, em que Portugal e os portugueses foram tão carinhosamente saúdados, e parece-me ouvir ainda o verbo eloqüente de Cadarso evocar, com rara elevação e brilho, com aquele sentimento de que tôdas as suas palavras se impregnavam, as passadas glórias de Portugal e Espanha, e a cooperação de espanhóis e portugueses na era magnífica dos grandes descobrimentos.

Recordo a esplêndida sessão de trabalhos, que ocupou tôda a manhã seguinte, dedicada, por gentileza penhorante dos colegas espanhóis, ao Instituto Português de Oncologia e que os portugueses quiseram transformar em comovente e justa homenagem ao eminente cirurgião Goyanes, a cujos esforços se deve o Instituto do Cancro de Madrid. E revejo a satisfação e a actividade de Cadarso e de Bacariza, Presidente e Secretário das Jornadas, que não só durante aquela sessão, mas em todo o tempo da inolvidável reunião médica de Lugo, nos cumularam de atenções, que difficilmente poderemos esquecer.

Recordo ainda o entusiástico brinde de Cadarso, breve mas trasbordante de vida como sempre, no banquete oficial, referindo-se com muito aprêço à representação portuguesa e propondo, por entre vibrantes e prolongados aplausos, que, em virtude da colaboração que Portugal havia prestado às Jornadas Médicas desde as primeiras, na Corunha, estas passassem a designar-se « Jornadas Galaico-Portuguesas ».

Recordo, por fim, a nossa despedida na manhã imediata, em que deixei a acolhedora *cidade das muralhas*. Abraçámo-nos, e « até Santiago », dissemos um ao outro alegremente. Era mais uma prova da sua amizade a Portugal e do ardente desejo que o ani-

mava de ver intensificar-se a colaboração das Faculdades médicas portuguesas e da congénere de Santiago, onde Rodriguez Cadarso ocupava um lugar do maior destaque e relêvo.

Mas, desgraçadamente, nunca mais verei tão querido amigo, e foram aquelas as nossas despedidas neste mundo. Aqui deixo algumas palavras de homenagem à saudável memória da alta e nobre figura do insigne Reitor da Universidade Compostelana, de quem os portugueses guardarão para sempre a mais terna e agradável recordação.

O prof. Alexandre Rodriguez Cadarso, natural de Noya, morto trágicamente, com 46 anos apenas, no dia 15 de Dezembro, perto de Lubián, vítima de um lamentável acidente de automóvel, — quando se dirigia, acompanhado pelo dr. Francisco Bacariza, para Madrid, no intuito de realizar conferências na Escola do Trabalho e tomar parte nas lides parlamentares, — era catedrático muito ilustre de Anatomia na Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela e, desde 29 de Março de 1930, Reitor da Universidade galega, que lhe fica devendo os mais assinalados serviços. Com efeito, no desempenho de tão espinhoso cargo, e ainda como deputado às Côrtes, pugnou sempre pelo prestígio e progresso do velho estabelecimento de ensino, de tradições gloriosas, em cujo paraninfo, transformado em câmara ardente, mestres e alunos agora triste e comovidamente prestaram ao seu cadáver as derradeiras homenagens ⁽¹⁾.

A última lição de Rodriguez Cadarso — discípulo dilecto do considerado professor de Anatomia Francisco Romero Blanco, — lição que um aluno recorda piedosamente no *Faro de Vigo* — versou sobre o esfendide, — mau agouro, pois o morcego com as asas bem abertas anunciava o grande vôo fatal... «Durante mais de uma hora (escreve o discípulo), o douto entre os doutos, explica aos seus alunos os pormenores desta peça anatómica; os mais pequenos caracteres são postos em relêvo com a claridade e beleza de exposição de quem possuía entre os seus dotes o de quente orador. As asas do morcego parecem preságio de um vôo. Simbolismo ou não, o doutor Cadarso explicava naqueles instan-

(1) Aluno interno da Faculdade de Medicina (Anatomia descritiva) em 2 de Dezembro de 1903; licenciado em 10 de Junho de 1908; auxiliar interino da Faculdade (3.º grupo) em 7 de Fevereiro de 1911; auxiliar efectivo do 1.º grupo em 2 de Março de 1913; catedrático de técnica anatómica, em Sevilha, em 6 de Abril de 1916 e, finalmente, nomeado catedrático de Anatomia descritiva e Embriologia de Santiago em 30 de Novembro de 1916. Desempenhou também o cargo de Vice-reitor da Universidade (nomeado em 4-11-1929).

tes a última lição da sua vida, de uma vida consagrada à Ciência. A Anatomia em seus lábios adquiria caracteres de deleite. A linguagem gráfica do falecido Reitor era alguma coisa de surpreendente pelo que tinha de instrutivo, alguma coisa que não se podia esquecer.» Terminada a lição, trocou, como sempre, com espírito de camarada, breves palavras com os seus alunos. «Habia concluido la clase y habia concluido también su labor personal docente en esta vida.»

Por seu turno, o dr. José Zunzunegui, no mesmo periódico, ainda sob a forte comoção produzida pela notícia do horrível desastre, que cobriu de luto a Galiza inteira, relembra, enternecidamente, a figura e as lições do Mestre, cuja perda a Universidade compostelana por largo tempo há-de chorar: «Aun me parece verlo desde los escaños del ruinoso anfiteatro de Fonseca, en aquellas admirables conferencias de Anatomia, declamadas con toda la arrogancia y gentileza de un tribuno romano, con voz potente y cadenciosa, de sonoridade orquestral.»

Os dotes de prelector eloqüente, que possuía o anatómico de Santiago, cuja palavra fácil, elegante e comunicativa prendia por completo — sem esforço, antes com raro prazer — a atenção de quem o ouvia, foram bem patenteados e apreciados nesta cidade, não há muito ainda, na bela conferência, realizada a convite da Faculdade de Medicina, em que versou o tema da etio-patogenia da elevação congénita da omoplata.

Foi isto em fins de Janeiro, última vez que o desditoso amigo percorreu as dependências do nosso Instituto de Anatomia, e teve ensejo de visitar o seu então recente laboratório de Radiologia, secção que particularmente o interessava, pois, como de sua boca ouvi, o professor Cadarso todos os anos fazia aos alunos um curso de Radiologia anatómica, tal a importância que ligava aos ensinamentos trazidos pelos Raios X para actualizar e vivificar a aprendizagem daquela disciplina, fundamental para antropologistas, médicos e cirurgiões.

Nesta mesma ocasião visitou o prof. Cadarso o Instituto de Antropologia, onde, acompanhado sempre pelo devotado Director da Faculdade de Medicina de Santiago, prof. Novo Campelo, — grande amigo também de Portugal, — examinou com esclarecida atenção e vivo interesse, demonstrando assim a cultura do seu espírito — como frisou o prof. Mendes Corrêa (*O Primeiro de Janeiro* de 5 de Fevereiro) — não só os trabalhos de Antropologia anatómica, mas também os materiais de arqueologia prè-histórica, falando «com detalhes técnicos, das novas aquisições feitas, nêsse campo, pela sua Universidade, que precisamente organizou importantes escavações nalguns castros galegos».

Devia adorá-lo a academia e creio que o adorava. Não fôra, na verdade, Cadarso o amigo e guia dos estudantes, a autoridade académica, inteligente e ilustrada, que, pelo seu tacto, senso e bondade, conseguira encontrar sempre soluções satisfatórias em momentos críticos da vida universitária? Não fôra, de facto, Cadarso o animador e realizador entusiasta dessa *Residência de Estudantes*, por amor da qual percorrera, com alguns colegas, a Galiza inteira, em peregrinação meritória, com o firme propósito de comunicar a todos o fôgo sagrado que o abrasava e conseguir obter assim, até dos mais humildes municípios rurais, donativos para o seu grande sonho, para essa *Residência*, «quási uma linda praça aristocrática, rodeada de elegantes arcarias, *stadium*, ponte monumental, campos de jogos?...» (1)

E, por isso, estou também convencido de que os estudantes galegos saberão colocar na sua *Residência* «en lugar predilecto, donde no crezca el musgo del olvido, en duro bronce e en eterna piedra, a su llorado ídolo, al que ofrendarán eternamente en aras de la más noble gratitud, sus triunfos académicos, sus victorias olímpicas».

Adorava-o a Universidade, que via nêle, como alguém disse, o seu *motor espiritual* e conhecia a *exemplar fidelidade* do amoroso *desvelo* de seu Reitor. Recordo L. Santiso Giron a frase que ouvira uma vez a Cadarso, satisfeito por conseguir do Governo, como deputado, facilidades para o desenvolvimento e progresso do ensino universitário em Compostela: «Trajo más para la Universidad en dos años de diputado que todos los senadores juntos que en tiempos de la Monarquia enviaba a Madrid nuestra Universidad como representantes expresamente de ella». E os subsídios não faltam; inscrevem-se verbas no Orçamento, sobem as dotações. E as Faculdades instalam laboratórios, e novas actividades se desenvolvem na velha Universidade ou à sua roda. «Nunca pedi qualquer coisa, para a Universidade aos Ministros da Instrução, a Marcelino Domingo e a Fernando de los Rios, que êles me não fizessem», confessava Cadarso, em animada conversa, durante a sua visita ao Instituto de Antropologia do Pôrto.

E a Universidade de Santiago, como preito de reconhecimento pelos assinalados serviços que ao prof. Rodriguez Cadarso devia, resolvera, há pouco ainda, publicar um livro de homenagem, que será em breve distribuído, no qual colaboram os mais ilustres professores de Espanha e do Estrangeiro. E, segundo li, a Facul-

(1) Vid. Hernani Cidade. Notas de Espanha. Em Compostela (*O Primeiro de Janeiro* de 28-4-1931).

dade de Medicina deliberou dar ao Instituto anatómico o nome do illustre finado e ali colocar o busto do chorado colega, que regera a cátedra de Anatomia com tanta proficiência e devoção.

Adorava-o a Galiza em pêso, que o considerava, com inteira justiça, uma das individualidades mais representativas da sua intellectualidade. Não admira, pois, que de tôda a parte acorressem à velha cidade de Santiago, figuras de destaque na política, nas ciências e nas letras, para na tarde de domingo, 17 de Dezembro, se incorporarem no funeral, que atingiu a maior grandiosidade, e assim renderem ao cidadão prestimoso e benemérito, ao acendrado galeguista, a homenagem de respeito e consideração, a que tinha jus.

Era o saudoso extinto, que em Espanha e Portugal gozava de muito prestígio, sócio correspondente estrangeiro da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e da Sociedade Anatómica de Paris, à qual apresentou várias comunicações que se encontram publicadas nos respectivos Anais. Também algumas notas suas se inserem no Jornal inglês de Anatomia.

Ao prof. Cadarso, membro da Academia de Medicina da Corunha e do Seminário de Estudos galegos, e ortopedista distinto, se deve a criação, na Universidade de Santiago, do Instituto de Estudos Portugueses, onde já se tem feito ouvir alguns dos nossos mais distintos professores e cientistas.

Foi planeada a sua criação pelo falecido professor em princípio do ano lectivo de 1930-1931 e de comêço sustentou-se com fundos provenientes exclusivamente do Patronato Universitário. Os fins do Instituto são: a) realização de cursos de temas portugueses na Universidade de Santiago; b) publicações divulgadoras de obras portuguesas clássicas ou modernas; c) intensificação do intercâmbio de professores e alunos entre os centros culturais de Portugal e Espanha, excursões de carácter científico ou artístico, etc.

Inaugurou-se o Instituto em Abril de 1931, com o curso sobre literatura regido pelo prof. Hernani Cidade, e já no ano seguinte, mercê de esforços reiterados de Rodriguez Cadarso, o orçamento do Estado consignava uma verba de trinta mil pesetas, destinada, conjuntamente, para as despesas do Instituto e dos cursos de temas regionais que a Universidade havia também iniciado.

Depois de Hernani Cidade fizeram-se ouvir em Santiago, em cursos ou conferências, Joaquim de Carvalho, Jaime Cortesão, Fidelino de Figueiredo, Morais Frias e António Sérgio. E o Instituto — que assim revela a sua vitalidade — já publicou as seguintes obras: «Selección de sonetos de Antero de Quental» com prólogo.

de António Sérgio; «Las dos Españas» de Fidelino de Figueiredo (tradução de um grupo de professores de Santiago); e «Selección de poesias de Camoens», com prólogo de António Sérgio.

Com o ilustre anatomista lisbonense prof. Henrique de Vilhena, fundou o prof. Cadarso, com séde em Lisboa, a Sociedade Anatómica luso-hispano-americana, que tem por objectivo o estudo de todos os ramos da morfologia animal, em particular a morfologia humana, e cuja primeira reunião havia sido marcada para o próximo ano em Santiago, e primacial papel desempenhou sempre nas «Jornadas Médicas galegas», iniciadas em 1929 na Corunha, e continuadas, com êxito crescente, em 1931 em Vigo e em Agosto findo em Lugo, com larga colaboração de médicos portugueses.

Grande amigo de Portugal, várias vezes visitou as nossas Faculdades de Medicina, e especialmente os seus Institutos de Anatomia, que muito o admiravam e estimavam, e relevante actividade desenvolveu no sentido de intensificar a cooperação intelectual luso-galaica.

Mandou antigos alunos seus (alguns já hoje professores universitários) freqüentar vários laboratórios e clínicas das Faculdades de Lisboa e Porto; por ocasião da celebração do 1.º Centenário da Régia Escola de Cirúrgia de Lisboa, em Dezembro de 1925, realizou, na Faculdade que àquela Escola sucedeu, uma interessante e documentada conferência sobre «O método radiográfico nas investigações sobre topografia crânio-encefálica», e em Janeiro findo pronunciou no Porto, a convite da Faculdade de Medicina, uma brilhante conferência em que se ocupou da «Etiopatogenia da elevação congénita da omoplata», assunto que já havia tratado nas Jornadas Médicas da Corunha.

Creemos que a última vez que esteve em Portugal foi na semana da Páscoa, em Abril passado, onde veio tomar parte no Congresso anual da Associação dos Anatómicos, em Lisboa reunido.

Provas comoventes do seu afecto pelo nosso País, da sua admiração pelos nossos cientistas e do empenho decidido em estreitar relações entre os intelectuais da Galiza e Portugal, são os eloqüentes discursos que o prof. Cadarso, orador fluente e brilhante, pronunciou na sessão de encerramento das Jornadas Médicas da Corunha e na sessão de abertura das Jornadas Médicas de Lugo, de que foi Presidente muito ilustre.

Depois de enumerar a cooperação luso-espanhola, a partir dos séculos XV e XVI, em que espanhóis e portugueses escreveram grandiosos capítulos na geografia do mundo e na história da civilização, o prof. Rodriguez Cadarso afirmou: «Considero-me feliz

por me ser dado o ensejo de exaltar, com o modesto instrumento da minha palavra, as excelências da união espiritual da minha pátria com o grande povo irmão, a cujos homens de ciência rendo, uma vez mais, com religioso fervor, o testemunho da minha admiração e do meu carinho. Tenho trabalhado e trabalharei sempre, porque conjuntamente me ditam o coração e o cérebro, pela nossa amizade sincera e perdurável com êsse povo nobre, heróico e culto, no qual nunca encontrei senão braços fraternos».

Praticou, portanto, um acto de justiça o Governo português, agraciando o ilustre Reitor da Universidade compostelana com as insígnias da Ordem da Instrução, que lhe foram oferecidas e impostas numa brilhante sessão realizada no Porto, na «Casa de Espanha», em Janeiro do ano corrente.

E é justificado o sentimento de sincero pesar que nos centros universitários portugueses causou a morte inesperada do prof. Rodriguez Cadarso, espírito culto e cheio de entusiasmo pela intensificação do intercâmbio científico luso-espanhol, por que, tão devotadamente e com tanto êxito, trabalhou nestes últimos anos.

Na Faculdade de Medicina do Porto, o prof. Carlos Lima, na primeira lição que deu depois da morte do prof. Cadarso, traçou, em sentidas palavras, a biografia científica do grande amigo que perdemos, e pediu, em homenagem à saudosa memória do ilustre anatómico espanhol, alguns momentos de silêncio, que os alunos, de pé, comovidamente guardaram.

Também como homenagem à memória do prestigioso Reitor da Universidade compostelana e dedicado amigo dos portugueses, aqui ficam arquivadas estas singelas notas biográficas, e a expressão do pesar muito profundo de quem as escreveu e da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» que sempre nutriu pelo prof. Rodriguez Cadarso sentimentos de sincera admiração e viva simpatia.

Pôrto, 26 de Dezembro de 1933.

HERNANI MONTEIRO.

Escavações arqueológicas

A notícia que demos no último fascículo dos *Trabalhos* em face de informações publicadas pela imprensa diária, obteve confirmação. O *Diário do Governo*, n.º 231, 1.ª série, de 12 de Outu-

bro de 1933, publicou o seguinte decreto-lei, com o n.º 23.125, pela pasta da Instrução Pública:

«DECRETO-LEI n.º 23.125 — Tornando-se necessário ampliar as disposições do decreto 21.117 no sentido de lhes dar maior eficácia:

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º — É creada uma Junta Nacional de Escavações e Antiguidades que funcionará junto da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes e à qual competirá dar parecer e propôr medidas sôbre os assuntos conducentes aos seguintes objectivos:

1.º — Evitar a destruição de estações, monumentos e objectos arqueológicos;

2.º — Evitar a saída do país de todos os objectos arqueológicos nêle encontrados que devam figurar nas colecções portuguesas como elementos duma documentação arqueológica nacional tão completa quanto possível;

3.º — Promover pelos meios ao seu alcance o avanço dos conhecimentos no domínio da Arqueologia.

Artigo 2.º — A Junta Nacional de Escavações e Antiguidades será constituída pelos seguintes membros: Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, que será o presidente; o Presidente da Junta de Educação Nacional; o Presidente do Conselho Nacional de Belas Artes; o Director do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos; o engenheiro-chefe dos Serviços Geológicos de Portugal; um delegado da Associação dos Arqueólogos Portugueses; três vogais nomeados pelo Governo de entre os professores das Universidades de Lisboa, Pôrto e Coimbra e individualidades de notória competência em investigações arqueológicas; e o conservador do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos que servirá de secretário.

Artigo 3.º — A Junta reunirá pelo menos uma vez em cada ano, devendo, porém, ser convocada sempre que qualquer dos seus membros o requeira ao presidente fundado em caso de manifesta urgência.

Artigo 4.º — As funções dos membros da Junta são gratuitas devendo, entretanto, ser abonados das respectivas ajudas de custo e despesas de transporte, os membros da Junta, de fora de Lisboa, que venham assistir às reuniões da mesma.

Artigo 5.º — A classificação dos imóveis e móveis a que se refere o decreto n.º 21.117, será feita pelo Ministério da Instru-

ção, sôbre parecer da Junta, podendo essa classificação ser provisória até ser dado o referido parecer ou enquanto não houver os elementos necessários para ajuizar seguramente do interesse arqueológico do imóvel ou móvel em questão.

Artigo 6.º — A classificação de móveis e imóveis pode ser requerida ao Ministério da Instrução Pública pelos museus de arqueologia, antropologia, etnologia ou geologia, pelas autoridades administrativas, pelas sociedades científicas ou por qualquer dos membros da Junta.

Artigo 7.º — Passam a ser da competência da Junta as atribuições dadas pelos artigos 9.º, 12.º, 14.º, 17.º e 18.º do decreto n.º 21.117 ao Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos e ao seu director, que no entanto prestarão à Junta a colaboração que estiver na medida das suas possibilidades.

Artigo 8.º — Poderão, por proposta da Junta, ser proibidas escavações nas regiões onde qualquer Museu oficial ou entidade privada devidamente autorizada as estiver realizando, cessando essa proibição quando superiormente fôr aceite uma proposta da Junta em tal sentido.

Artigo 9.º — Além de Juntas locais ou regionais de Escavações a que se refere o artigo 13.º do decreto 21.117, poderão, por proposta da Junta Nacional de Escavações e Antiguidades, ser nomeados delegados locais ou regionais desta, os quais lhe prestarão auxílio nas respectivas localidades ou circunscrições como informadores e fiscais em matéria de antiguidades e de explorações arqueológicas.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém.

Paços do Governo da República, 12 de Outubro de 1933. —
ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar* — *António Raul da Mata Gomes Pereira* — *Manuel Rodrigues Júnior* — *Luis Alberto de Oliveira* — *Aníbal de Mesquita Guimarães* — *José Caeiro da Mata* — *Duarte Pacheco* — *Armindo Rodrigues Monteiro* — *Alexandre Alberto de Sousa Pinto* — *Sebastião Garcia Ramires* — *Leovigilde Queimado Franco de Sousa* ».

A Associação dos Arqueólogos Portugueses, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e a Sociedade Martins Sarmento, além de alguns estabelecimentos universitários, exprimam ao sr. prof. Sousa Pinto, illustre Ministro da Instrução, o seu reconhecimento por terem sido atendidas as suas representações contra o verdadeiro monopólio que era dado pela lei anterior a um só instituto.

Já reuniu pela primeira vez a Junta, sob a presidência do sr. prof. Pereira Dias, director geral do Ensino Superior e das

Belas Artes, estando presentes os vogais srs. drs. José de Figueiredo, Xavier da Costa, Vergílio Correia e Mendes Corrêa, representando os dois primeiros, respectivamente, a Academia Nacional de Belas Artes e a Associação dos Arqueólogos Portugueses, a mais antiga colectividade de arqueologia existente em Portugal, pois foi fundada em 1863. Os dois últimos vogais foram, como o sr. dr. Felix Alves Pereira, antigo conservador do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, nomeados pelo Governo, de acôrdo com a lei.

A Junta ocupou-se, na sua primeira sessão, dos trabalhos preparatórios necessários para a efectivação do seu programa, devendo ser, numa próxima sessão, designados alguns dos seus delegados regionais e discutidas as instruções a distribuir por esses delegados.

Posteriormente, foi o sr. prof. Joaquim Fontes escolhido pela Associação dos Arqueólogos como seu representante na Junta.

Esta poderá prestar relevantes serviços, mas necessita, para isso, de que lhe sejam fornecidos meios de acção, especialmente dotações próprias, que ainda não possui.

O problema lígure em Portugal

É bem conhecida a passagem da *Ora Maritima* de Festo Avieno, em que se citam nos montes do «campo de Oñusa» — na região ocidental da Península — os Cempses e os Sefes, dois povos que Schulten e Bosch Gimpera consideraram de origem celta, e perto dos quais, segundo o mesmo texto, habitavam «subnivoso maxime septentrione pernix Lucis Draganumque proles».

Desde que se abandonou a suposição de que o poema de Avieno era um amontoado de notícias obscuras e contraditórias ⁽¹⁾, para se aceitar que êle reflectia os informes dum velhissimo périplo com algumas interpolações e modificações ulteriores, a passagem em questão foi utilizada para várias hipóteses sobre a etnologia antiga do ocidente peninsular. Remetemos para as publicações de Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos, Schulten, Bosch Gimpera, etc., como para o nosso livro *Os povos primi-*

(1) Contador de Argote, por exemplo, assim supunha. Avieno, na opinião do nosso erudito do séc. XVIII, falava da geografia antiga da Galiza «mas muito pouco e em um estilo tão abstruso e recôndito que parece se quis de propósito fazer imperceptível» (Mendes Corrêa — *Martins Sarmiento e a consciência nacional* — «Rev. de Guimarães», vol. XLII, 1933, p. 8 do extr.).

tivos da Lusitânia ⁽¹⁾ os leitores que não estejam inteirados das suposições etnológicas que a dita passagem sugeriu a diferentes autores. Não se trata agora do problema dos Cempses e dos Sefes, mas apenas do que respeita aos nomes dos outros povos ali mencionados.

«Pernix Lucis», expressão da primeira edição da *Ora Maritima* ⁽²⁾, foi emendada por Schrader em «pernix Ligus», e esta emenda — que o prof. Leite de Vasconcelos declarou «luminosa» ⁽³⁾ — foi quasi geralmente adoptada. D'Arbois de Jubainville, Martins Sarmiento, Schulten, Constantin ⁽⁴⁾, e muitos outros autores viram ali uma preciosa referência aos Lígures, embora variassem as opiniões sobre a área do frio septentrião em que êles deveriam ser localizados. Para uns, êste local ainda era na Península (por exemplo, no norte de Portugal, na Galiza ou nos Cantábricos); para outros, os Lígures e os Draganes eram deslocados já para a costa ocidental da França ou mesmo mais para norte, donde, de resto, o mesmo poema dizia terem, antes, aqueles sido expulsos por Celtas.

Martins Sarmiento filiou os Lusitanos nos Lígures, baseando-se na passagem aludida e traçando até uma derivação etimológica que não foi aceite. Por Lígures entendia, porém, uma grande unidade étnica formada pelas árias pre-celtas do ocidente na idade do bronze.

Em 1919 ⁽⁵⁾, notando que *Lucis* parecia mais a-fim-de *Lusis* ou de *Lusus* do que de *Ligus*, aventei que se encontrasse ali a mais antiga referência aos Lusitanos, pois o périplo seria do séc. VI-V antes de Cristo, e os Lusitanos só eram mencionados pela primeira vez, por Tito Lívio, como soldados do exército de Aníbal quando em 218 a. C. êste invadia a Itália.

Especialistas autorizados, como Schulten e Leite de Vasconcelos, terminantemente se opuseram à minha conjectura, invocando razões que veem debatidas já nos citados *Povos primitivos* (p. 85) ⁽⁶⁾.

(1) Pôrto, 1924, p. 80 e sgs.

(2) No códice orteliano está *locos* e não *lucis*. Não faz sentido.

(3) *A Medicina dos Lusitanos* — Lisboa, 1925, aditamento. Nas *Religiões da Lusitânia* (II, Lisboa, 1905, p. 54) o prof. Leite de Vasconcelos achava apenas «muito provável» essa emenda. Vid. o que sobre o assunto escrevemos na análise bibliográfica da *Medicina dos Lusitanos*, nos «Trabalhos da S. P. A. E.», vol. III, p. 176.

(4) Do trabalho de A. Constantin (*Contribution à l'étude des questions ligures*) nos ocupamos também na bibliografia dos «Trabalhos», vol. IV, 1933, p. 103.

(5) *Raça e Nacionalidade* — Pôrto, 1919, p. 68-71; *Origins of the Portuguese*, «American Journ. of Phys. Anthropology», Washington, 1919, pp. 129-131.

(6) Ai, por lapso tipográfico, corrigido aliás no final, vem na linha 12 *Lusus* por *Lusus*.

e sobretudo na minha conferência *No Centenário de Martins Sarmiento* (1). Para ali remeto o leitor. Porém, na sua magnífica *Etnologia de la Península Ibérica* (2), o eminente professor de Barcelona, Bosch Gimpera — cuja autoridade é também incontestável — tendo ouvido sobre o aspecto paleográfico da questão o prof. Joaquim Balcells, entendeu dever adoptar como provável a minha leitura *Lusis*. Balcells entende que a um copista era muito fácil trocar um S por um C, escritos em capitais romanas.

Bosch Gimpera eliminou assim os Lígures da carta dos povos antigos do extremo ocidente peninsular, e no lugar dêles pôs, interrogativamente, não apenas *Lucis* como fiz na fig. 4 dos *Povos primitivos* e na carta correspondente da minha *Lusitânia pre-romana* (3), mas já mesmo *Lusis* (4). Por outro lado, identificando este nome com o dos Lusitanos, concluiu, ao contrário de Schulten e da sua própria opinião anterior, que os Lusitanos já estavam, provavelmente, no ocidente da Península nos séculos VI-V a. C. e não apenas no século III (5). Ainda mais: num capítulo final ou apêndice do seu livro (6), referindo-se mais uma vez à «menda de Schrader e a outros pretensos indícios da presença remota dos Lígures na Península Ibérica, abandona a «teoria lígure» que considera como uma generalização do nome dos Lígures da Ligúria pelos Gregos, generalização que não corresponderia a uma realidade etnológica. Prescinde, pois, dos Lígures como elemento étnico da Península.

Em comunicações várias, que se tem dignado fazer-me, Schulten insiste na impossibilidade de se ver em *Lucis* uma referência aos Lusitanos, pois, como já antes me afirmara e fôra também escrito pelo prof. Leite de Vasconcelos, a métrica do verso de Avieno se opõe ao *u* longo do nome *Lusus*, *Lusis* ou *Lusitanus*. «Esto es regla tan fija como es fijo el sol» — escreve-me ultimamente o ilustre iberólogo alemão. Ninguém duvida da rigidez das regras da metrificação, nem da competência filológica dos dois mestres. Mas ousou, na minha incompetência, supôr que Avieno, sem identificar *Lucis* com os *Lusitani*, de Sílio, Séneca, etc. imaginasse ser *Lücis* e não *Lücis* (7). De resto, nem Balcells nem

(1) Separata do vol. II dos «Estudos Portugueses do Integralismo Lusitano», Lisboa, 1933, p. 20.

(2) Barcelona, 1932, pp. 106, 107, 108, 483, 600, 631.

(3) Na «História de Portugal» do prof. Damião Peres, Barcelos, 1928, p. 161.

(4) Bosch — *Etnologia*, etc., op. cit., fig. 282.

(5) *Ibid.*, pp. 600 e 602.

(6) *Ibid.*, p. 631.

(7) Por não saber ao certo de que se tratava nesse trecho do velho texto que utilizava.

Bosch Gimpera se impressionaram com a objecção exposta e com as outras a que já aludi na conferência citada (1).

Seja, porém, como fôr, a emenda de Schrader em que se fundaram tantas conjecturas etnológicas, está bastante abalada. A «Revue Archéologique», no seu número de Julho-Outubro de 1933, insere a 1.ª parte dum extenso artigo de André Berthelot, *Les Ligures* (2), em que se considera «arbitrária» a leitura de *Lucis* por Schrader, dizendo-se que essa leitura «tem o único mérito de satisfazer a prosódia», mas que «é fácil imaginar outras menos paradoxais». A minha hipótese, porventura desconhecida do autor daquele trabalho, estará talvez entre essas «menos paradoxais»...

É ainda de mencionar que o mesmo autor entende que o nome do *lacus ligustinus* localizado pelo texto de Avieno na Bética não tem, ao contrário do que em geral se supunha, nada que ver com os Lígures. Tratar-se-ia duma semelhança accidental.

Emfim, para desconsôlo profundo de alguns edificadores de quadros etnológicos sobre as frágeis bases de escassos textos arcaicos, Berthelot afirma que a palavra *draganum* do verso imediato àquele em que se lê *pernix Lucis*, não é o nome especial dum povo, mas simplesmente uma forma de baixa latinidade (*draconum*) que se refere aos habitantes de Ofiussa, clan ou povo da serpente (3). Deste modo, se *Saesfes* é o nome totémico desse

(1) Aí escrevi: «Fizeram-se à leitura hipotética que sugeri, variadas objecções a que já respondi e que suponho não a terem destruído. Disse-se que a métrica do verso indicava um *u* breve, quando o *u* de *Lusitani* é longo. Respondi que há versos errados em Avieno e que são possíveis mudanças de quantidade com o tempo. Disse-se que *Luso* por *Lusitano* é uma criação dos humanistas do Renascimento, ao que observei que *Lusus* aparece, embora com outro significado, na etimologia de *Lusitani* dada por Varrão (no séc. I a. C.) e ainda que, se o tema *Lus* deu *Lus-itani* e *Lus-ones*, não é inadmissível que tivesse dado *Lusus*. Emfim, objectou-se que *Lusis* era um dativo ou ablativo do plural que se não adaptava à construção da frase, a qual exigia um nominativo do singular. Há, porém, entre os nomes latinos de povos e lugares muitos em que o nominativo termina em *-is* e, de resto, trata-se dum nome indígena, muitos dos quais são em *-is* e todos em idioma cuja gramática se desconhece... E quantos povos ibéricos são conhecidos apenas pela sua designação no plural, ignorando-se, ou apenas podendo presumir-se, pelas regras da gramática, o correspondente nominativo do singular?! Eu não afirmo que seja certa a leitura *Lusis* ou a leitura *Lusus*: o que afirmo, sem hesitação, é que qualquer delas é admissível e ambas o são mais do que a leitura de Schrader».

(2) T. II, 6.ª série, p. 116 da rev. cit. Em carta de 27 de Fevereiro de 1934, A. Berthelot anuncia-me uma edição sua da *Ora Martima*, com comentários, pois considera muitas vezes inexactos os de Schulten.

(3) Mendes Corrêa — *A serpente, totem na Lusitânia protohistórica*. «Anais da Fac. de Ciências do Pôrto», t. XV, Pôrto, 1929.

clan, haveria descendentes dos Sefes perto destes, mais a norte, e os pretensos Draganes de Schulten e outros autores desapareceriam do quadro etnológico. Note-se que não aparece noutro texto o nome étnico *Dragani* e o mesmo sucede com o de *Saefes* ⁽¹⁾.

Schulten, a quem escrevi sobre esses pontos da memória de Berthelot, respondeu-me prontamente que ela reproduz coisas há muito discutidas, chegando a conclusões erróneas. No texto de Avieno está *Drāganum* que não tem nada que ver com *Drācōnum*. *Lucis* é nome étnico à face do que se segue, e «pernix» é epíteto — diz — «que só (?) cabe aos Lígures». Emfim o *lacus ligustinus* estaria confirmado, segundo Schulten, pelo trecho de Estevão de Bizâncio em que se fala duma *πόλις Λιγυστινή* na Ibéria ocidental, perto de Tartessos.

Como sempre tenho pensado, o poema de Avieno, embora seja um documento precioso, por, a bem dizer, ser único, para a reconstrução da geografia e etnologia da Península nos séculos VI-V a. C., não é, muitas vezes, de fácil e segura interpretação. Avieno escrevia, manuseando fontes de 1000 anos antes, com interpolações posteriores, e porventura dando já, êle mesmo, interpretações nem sempre certas.

Mal imaginava eu, porém, ao duvidar em 1919 da leitura de *Lucis* por Schrader, que essa dúvida seria partilhada e até intensificada por especialistas como Bosch Gimpera e Balcells e, agora, por Berthelot, e que dela resultaria a tendência exposta para a exclusão dos Lígures da etnologia antiga do ocidente ibérico ⁽²⁾, onde a sua interferência havia sido admitida por D'Arbois de Jubainville, Martins Sarmiento, Schulten, etc., constituindo já quasi um axioma tradicional.

Quando a aproximação conjectural que propus, entre *Lucis* e Lusitanos, não possa ser adoptada, de modo a permitir as conclusões que sobre a antiguidade dos Lusitanos no nosso território foram enunciadas por Bosch ou por mim, nem por isso o abandôno da leitura de Schrader deixa por certo de modificar profundamente a carta da etnologia antiga desta região da Europa ocidental: entretanto o *Lacus ligustinus*, a cidade *Ligustina*, e,

(1) Os Cempses, esses figuram noutros textos, do mesmo Avieno, de Dionísio e de Prisciano, mas colocados junto das faldas dos Pireneus.

(2) Já em 1918 eu achava frágeis os argumentos sobre os quais se fundava o povoamento primitivo desta região por Lígures [Vid. meus *Estudos da etnogenia portuguesa (Crânios braquicéfalos)*, «Anais Sc. da Fac. de Medicina do Porto», vol. 2.º, Porto, 1918, pp. 61 e 62]. Voltei ao assunto na conferência citada sobre Martins Sarmiento (pp. 18-22 do extr.).

menos provavelmente, o deus lígure *Bormanicus* de Vizela, o nome *Durius*, etc. ⁽¹⁾ constituem, ainda, a meu ver, elementos que permitem não dar como inteiramente gratuita a hipótese duma extensão dos Lígures à Península, embora sem a importância que alguns lhes atribuíram, considerando-os como o estrato étnico pre-celta da Meseta.

MENDES CORRÊA.

Moron

No cap. III do livro III da sua *Geografia*, Estrabão escreve ⁽²⁾: «O Tejo com 20 estádios de largura na sua boca tem ao mesmo tempo bastante profundidade para que os maiores transportes do comércio o possam subir; e como no preamar forma, alagando as planuras marginantes, dois mares interiores duma extensão de 150 estádios, toda esta porção da planície se acha por este facto conquistada pela navegação. Dêstes dois lagos ou estuários (que o Tejo forma) o que está situado mais acima contém uma pequena ilha de quasi 30 estádios de comprimento, e outro tanto de largura, notável pela beleza de seus (olivais) e vinhedos. Esta ilha vê-se na altura de Moron, cidade felizmente situada sobre um monte muito próximo do rio, e quasi a 500 estádios do mar, rodeada de férteis campinas, com grande facilidade de comunicação pela via fluvial, porque os maiores navios podem subir o rio numa boa parte do seu curso, e no resto, isto é, ainda mais longe acima de Moron do que de Moron ao mar, conserva-se navegável às barcas e outras embarcações dos rios. Foi esta cidade que Bruto denominado o Calaico escolheu para base de operações na sua campanha contra os lusitanos, que se terminou, como é sabido, pela derrota destes povos. Além disto fortificou Oliosipon ⁽³⁾ que é pela sua posição a chave do rio, com o fim

(1) Vid. esses diferentes argumentos nos meus trabalhos citados, especialmente *No Centenário de Martins Sarmiento*. Sobre o que a antropologia física pode depôr a tal respeito vid. *Os povos primitivos*, etc., op. cit., p. 312 e 315. Nada de conclusente.

(2) Segundo a versão de Gabriel Pereira (Evora, 1878, pág. 25.).

(3) Nos códices e nas antigas edições de Estrabão não se lia Oliosipo, mas qualquer coisa incompreensível que Kramer emendou no antigo nome de Lisboa. A edição de Basileia de 1523 tinha, por exemplo, Ὀλιόσιπ, que o editor confessa não saber o que é, e que, de facto, segundo a opinião autorizada do meu prezado colega prof. Francisco Torrinha, deve resultar de erro de cópia, pois não há em grego palavras em -σιπ. O espírito áspero será talvez devido a influência de ὀλιος (inteiro) ou a confusão com esta palavra. A edição de 1707, de Amsterdam,

de dominar o seu curso, e de poder sempre fazer chegar por esta via até ao seu exército as provisões precisas: por natureza estas duas cidades são as mais fortes entre as que marginam o Tejo».

Uns localizaram Moron em Constância, outros em *Merobriga*, que é, porém, identificada geralmente com Santiago de Cacém (1). Também se falou em Abrantes que é conjecturalmente identificada com *Tabucci*, estação da via romana de *Olisipo* e *Scalabis* para Mérida. Desde D. Francisco Manuel de Melo (2), se tem notado a afinidade fonética entre Moron e Almourol, o nome da poética ilhota do Tejo, fronteira a Tancos. Schulten também se inclina, em carta que me escreveu ultimamente, para que *Moron* seja *Almourol*, dizendo que não há outra ilha por ali, que a distância ao oceano concorda com a dada por Estrabão, e emfim que se trata do mesmo nome. Vamos ver que na realidade nenhum destes argumentos subsiste.

Para a ilhota descrita por Estrabão ser a de Almourol seria preciso que o velho geógrafo a colocasse a muito mais de 500 estádios do mar pela via fluvial (3) e lhe não desse, como dá, cêrca de 30 estádios de comprimento por outro tanto de largura. Calculando estas dimensões na correspondência do estádio a 185^m, chega-se a cêrca de 30 km.² de área o que é incomparavelmente mais do que a superfície da pequena Almourol. Mesmo atribuindo ao estádio apenas 100^m, ainda a ilha não teria menos de 3 km. de comprido por 3 km. de largura, o que é também muito mais do que as insignificantes dimensões de Almourol. Além disso, a ilha descrita por Estrabão possuía belos olivais (?) e vinhedos, ao passo que a ilhota de Almourol tem apenas — pelo menos assim era quando a vi há anos —, além das ruínas do castelo medieval, mato e silvas... Emfim, nas alturas de Almourol já não pode falar-se do estuário, lago ou mar interior de que falava Estrabão.

Abrantes, e mesmo Constância, estão também, pela via fluvial, muito a montante dos 500 estádios de distância do mar a que

continha *ἄλιον*, que o tradutor passa para *πόλις*. Na edição Müller já figura, de acôrdo com a emenda, *Ἰλιον[ῶνα]* com o espírito doce a substituir o áspero e a substituição de *-o-* por *-u-* e *-y* por *-π[ῶνα]*. Nos autores antigos e nas inscrições latinas a grafia mais freqüente do nome de Lisboa, é *Olisipo*. A forma *Oliosipon*, da tradução de Gabriel Pereira, vem de Ptolomeu. Dêstes assuntos tratamos num trabalho especial sôbre a origem do nome *Olisipo*.

(1) Leite de Vasconcelos — *Religiões da Lusitânia* — II — Lisboa, 1905, pág. 20; Vergílio Correia — *O domínio romano*, in «História de Portugal», de Damião Peres, I, Barcelos, 1928, pág. 243.

(2) Leite de Vasconcelos — *Op. cit.*, pág. 24, nota 4.

(3) Em linha recta, por terra, as alturas de Almourol ficam a muito menos de 500 estádios de distância do mar (fig. 1).

se referia Estrabão. A 185^m o estádio, os 500 estádios correspondem, aproximadamente, às alturas de Santarém (fig. 1). Esta

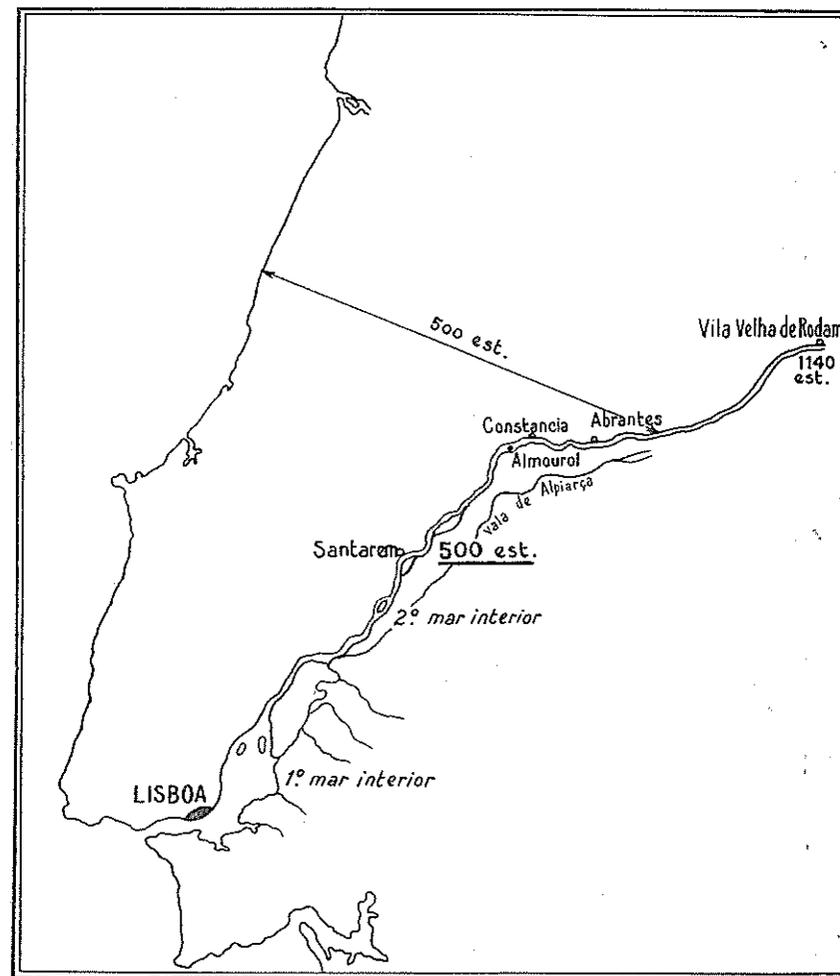


Fig. 1 — Esquema indicador das distâncias em estádios de vários pontos do curso do Tejo à sua foz

cidade fica, como Moron, num alto que domina o Tejo e a sua planície marginal alagadiça, ao norte do segundo estuário de que falava Estrabão (fig. 2). É o ponto, precisamente, em que as elevações que na margem direita constituem uma orla da planura aluvial

do Tejo, mais se aproximam, como um esporão proeminente, do

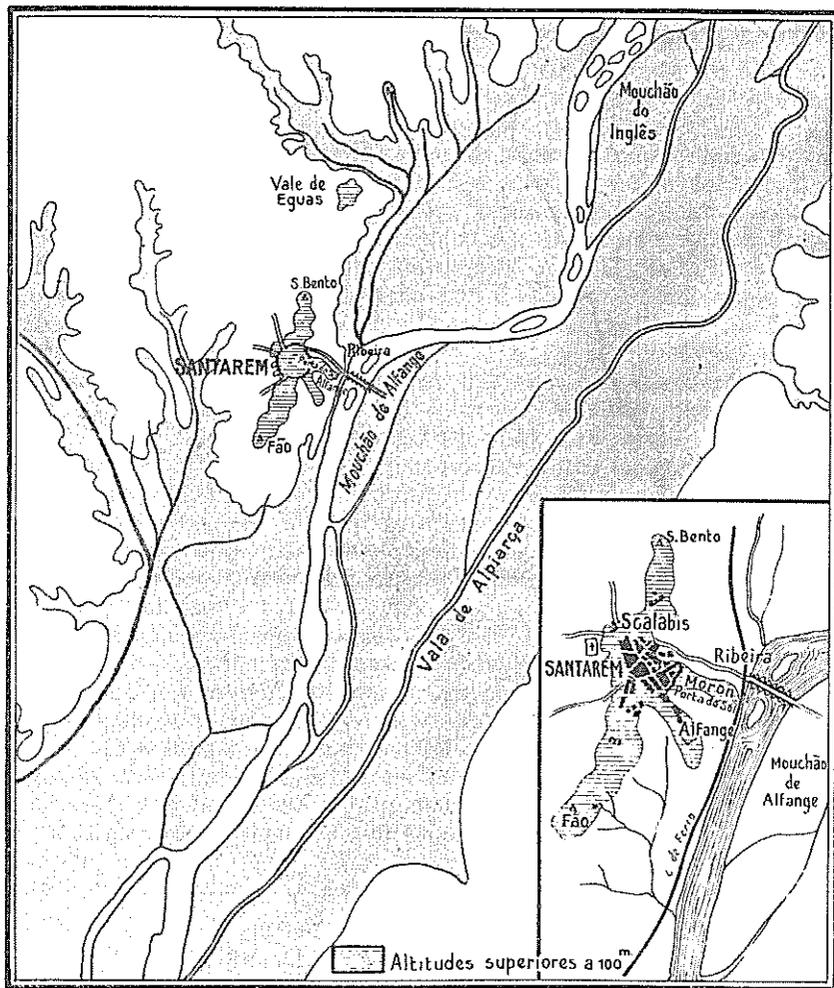


Fig. 2 — O vale do Tejo junto de Santarém.
A área de cotas inferiores a 25^m está sombreada, excepto o leito do rio;
no rectângulo interior esquerdo, está ampliada a região de Santarém,
com indicação duma hipotética localização de Moron. Escala da carta maior 1/70.000.

curso do rio, que assim dominam. Na carta de Portugal a $\frac{1}{50.000}$ é bem visível, nas alturas de Santarém, a extrema vizinhança da curva de nível de 100^m em relação ao curso do Tejo. O local da

Alcáçova ou das Portas do Sol é o mais proeminente sôbre o Tejo. Êste esporão constitue como que um promontório que se destaca da eminência de Marvila, em que assenta a parte principal da actual cidade.

A importância estratégica de Santarém é notória. Poderia aquela povoação, que é cercada de férteis campinas como diz o texto, ter sido uma base de operações para Bruto Caláico, na sua marcha para o norte, como mais tarde, para Afonso Henriques, seria a chave da tomada de Lisboa e da ampliação do domínio cristão para o sul. Nos dois casos, representou uma garantia do domínio da bacia inferior do Tejo.

A ilha de que fala o geógrafo, poderia ser um dos *mouchões* que da eminência santarena das Portas do Sol se veem em face, no Tejo. Há-os, como o Mouchão do Alfange, entre Santarém e Almeirim, o Mouchão do Inglês mais a juzante, etc., com áreas que se aproximam mais da dada por Estrabão do que a da ilha de Almourol; e belos olivais e vinhedos revestem, em grande extensão, alguns desses mouchões. Lembremo-nos, de resto, de que a fisionomia geográfica da bacia do Tejo se terá modificado de então para cá. Valas paralelas de hoje, como a de Alpiarça, poderão representar restos do antigo curso principal. Entre essas valas e o Tejo actual não faltam tractos de terra, cujas dimensões se podem, mais ou menos perfeitamente, ajustar às do texto estraboniano.

Por outro lado, a colocação de Moron naquelas alturas do rio coincide com a passagem do texto em que se diz que o Tejo, para pequenas embarcações, ainda é navegável muito para cima de Moron, mais longe do que de Moron ao mar. Ora êle é navegável até Vila Velha de Rodam, num percurso de 212 km. Estando Santarém a cêrca de 92 km. da foz do rio (1), ficam ainda uns 120 km. navegáveis para montante. Notemos ainda que, do mesmo modo que se admitiu afinidade fonética entre Moron e Almourol, cabia perguntar se não poderá também imaginar-se uma certa relação entre Moron e Almeirim.

Como o nome Almeirim denuncia presumível origem árabe, consultei a tal respeito o ilustre arabista, sr. prof. David Lopes, que amável e prontamente me respondeu: «Tentei várias vezes a explicação de *Almeirim* pelo árabe, mas foi em vão; não deve, todavia, êste nome ter nada com *Moron*, foneticamente pelo menos.

(1) Entendo que a distância de Moron ao mar se entende pela via fluvial e não em linha recta, por terra. Basta ler com atenção o texto. Se fôsse em linha recta, teríamos de ir procurar Moron ainda acima de Abrantes (cf. fig. 1).

O artigo árabe — ou seja êsse prefixo *al* — só se aglutina a nomes não árabes quando estes são de significação comum: por exemplo em *Alportel* (*al* + *portel*) ou *Alporão* (*al* + *plan*). Por isso, quer se trate de *Almourol* quer de *Almeirim*, o *al*-supõe um nome comum, árabe ou não, que não sei qual seja ».

Assim, segundo o autorizado parecer do sr. prof. David Lopes, Moron não tem nada, nem com Almourol nem com Almeirim, no ponto de vista em que o ilustre professor examinou a questão. Mas já vimos que por outros motivos assim era também para Almourol e assim é igualmente para Almeirim, visto que está na margem esquerda, em terreno baixo e plano, ao passo que as elevações são na margem direita.

A grande dificuldade em admitir a identificação de Moron com Santarém, está em que a esta cidade ribatejana se tem fundadamente feito corresponder *Scalabis* ⁽¹⁾.

Para aceitar de pronto a hipótese de Santarém ter tido dois nomes diferentes, seria necessário que um dêles, Moron ou Scalabis, não possuísse, como ambos possuem, uma fisionomia indígena. Assim, a atitude que se impõe, quanto à identificação de Moron com Santarém, é a de certa reserva, mas nem por isso é lícito excluir como verosímil essa identificação. Não poderia haver, muito próximas, duas povoações indígenas? Não poderiam, por exemplo, os bairros marginais do Alfange ou da Ribeira ser a localização de Scalabis, tanto mais que se encontram num sítio da margem do Tejo que antigamente, como hoje, poderia ser um local de trânsito e tráfico fluviais e terrestres? Moron, nessas circunstâncias, seria sem dificuldade localizável na eminência da actual Santarém. Outra hipótese: Moron seria no local chamado das Portas do Sol, escarpado, fortificado, a pique sobre o Tejo, fora das encruzilhadas de caminhos; Scalabis, citada nos Itinerários ⁽²⁾ ao contrário de Moron, seria a poente desta, propriamente no local da actual cidade, ponto de convergência de vias de circulação, a-pesar-de elevado. Trata-se, é certo, de simples conjecturas, mas esta última hipótese (representada no rectângulo inferior da fig. 2) parece a mais verosímil.

O que é, entretanto, lícito concluir do exposto é que a descrição topográfica feita por Estrabão relativamente a Moron não

(1) Sobre as origens de Santarém, vd. meu artigo *Ribatejanos*, em publicação no «Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém».

(2) No Itinerário de Antonino, Scalabis é estação da via romana de Lisboa a Braga e duma das de Lisboa a Mérida. A distância, ali indicada, de Scalabis a Olisipo é que é sensivelmente inferior à de Santarém a Lisboa: apenas 306 milhas (ou cerca de 45 km.) no Itinerário, quando *em linha recta*, é de 70 km.

permite a localização desta cidade protohistórica em Meróbriga, Constância ou Abrantes, mas aconselha nitidamente que se procure tal localização no monte escarpado em que está Santarém, ou noutra elevação vizinha, na margem direita do Tejo. A ilha a que o mesmo texto alude, não pode ser, por tôdas as razões expostas, a de Almourol, mas seria por certo um dos *mouchões* que há, ou havia, no Tejo, nas proximidades de Santarém.

M. C.

Inscrições glozelianas em Sens?

O diário de Moulins *Le Progrès*, de 7 de Fevereiro de 1934, publicou a seguinte entrevista com o dr. Morlet:

Il y a quelques jours, notre attention fut attirée par l'article suivant:

Y A-T-IL À SENS — UN NOUVEAU GLOZEL?

Paris, 4 février.

Glozel: il n'y a pas si longtemps en somme que ce nom soulevait des polémiques passionnées, et Salomon Reinach brisait de fières lances avec Camille Jullian pour l'amour du docteur Morlet et des Fradin. Il y eut même procès autour de ces vieux pots que la terre auvergnate avait soudain rendus à l'actualité.

Puis le silence se fit et, attirés par des scandales d'autre taille, le bon public jobard renonça à savoir si Glozel était découverte ou mystification. Le petit musée ne ferma pas; il ne fut plus que de curiosité locale et les touristes désœuvrés seuls posèrent leur interrogation aux briques sur lesquelles les caractères inconnus édictaient des incantations, des blasphèmes, des injures. Mystère et graffiti.

Or, voilà que, comme l'on dit dans les faits divers policiers, l'affaire de Glozel va peut-être rebondir, car on vient de faire, et loin de Glozel, des découvertes nouvelles, de mettre au jour des inscriptions semblables à celles chères au docteur Morlet, mais où cette fois, les Fradin ne peuvent être pour rien.

C'est en exécutant des travaux de drainage dans un faubourg de Sens que des ouvriers ont trouvé « une grande plaque de schiste sur laquelle étaient tracés de singuliers caractères ». Un savant local, M. Gautrop, fut assez heureux pour en relever quelques-uns pour prendre un croquis rapide de la bizarre inscription.

Car, ensuite, personne ne se trouva là pour mettre cette plaque de côté et les ouvriers la réemployèrent pour leurs travaux et l'enfouirent à nouveau.

Les croquis de M. Gautrop, remarqués par la conservatrice des musées de Sens et d'Auxerre, Mlle Augusta Hure, tombèrent sous les yeux du docteur Morlet. Ce n'est pas sans surprise qu'il y reconnut des caractères glozéliens.

«L'analogie, écrit-il, avec l'écriture de Glozel, est frappante, convaincante».

Si l'on veut bien mettre de côté tout ce qui, très inutilement d'ailleurs, veut être désagréable pour Glozel (l'auteur de l'article ignorant probablement que l'affaire de Glozel prit fin en justice par la déconfiture des antiglozéliens et le triomphe du docteur Morlet), il reste que près de Sens une importante découverte a été faite et nous avons demandé au docteur Morlet de bien vouloir nous dire ce qu'il en pensait:

—«Il aurait été bien extraordinaire, nous dit-il, qu'une écriture aussi évoluée que celle de Glozel, n'eût pas essaimé au loin...

Aussi bien connaissons-nous déjà les inscriptions du Portugal et de Roumanie faites de signes alphabétiformes semblables à ceux du Champ des Morts.

Pour la France également, je vous avais déjà parlé du poignard inscrit de Caubéta (1).

Or, voici que dans un faubourg de Sens, M. Gautrop a découvert au cours de travaux de drainage, des inscriptions d'une analogie frappante avec celles de Glozel. Une des principales était tracée sur une plaque de schiste qui, malheureusement, fut réemployée dans les fondations d'une construction. Toutefois, l'auteur de cette découverte sut conserver quatre fragments portant des inscriptions partielles et une sorte de vase orné en même temps que d'une représentation animale schématique d'une inscription complète disposée en cercle.

Son analogie avec les inscriptions de Glozel est frappante, convaincante».

Et le docteur Morlet conclut que cette récente découverte, après tant d'autres, est une nouvelle preuve de l'authenticité de Glozel.

Authenticité dont ceux qui, près de vous, docteur, ont suivi la bataille de Glozel n'ont jamais douté!

(1) Vid. sobre este punhal *Trabalhos da S. P. A. E.*, n.º 4, vol. V, p. 391. (N. da R.).

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

DR. GEORGE MONTANDON — *La Race. Les Races* — 1 vol. illustr. de cerca de 300 págs., Paris, 1930.

O ilustre autor da *Ologenese humana* e sucessor de Hervé na cadeira de Etnologia da Escola de Antropologia de Paris, dá, em edição da casa Payot, uma «mise au point» de etnologia somática, em que resume a grande massa de materiais antropológicos, reunidos naquele seu livro anterior, e algumas das suas lições no seu curso. Estamos em presença dum excelente manual de antropologia étnica, em que o A. não deixa de introduzir uma soma elevada de opiniões e observações pessoais, sem, no entanto, conceder à hipótese uma parte demasiado larga na interpretação dos factos.

Decerto a teoria ologénica, a que Fraipont e Suzanne Lecercq deram recentemente, em grande parte, também apoio, aparece a orientar, pelo menos, as linhas gerais de classificação proposta das raças humanas, mas deve louvar-se Montandon por ter sobretudo explanado os factos objectivos, recolhidos sobre cada raça.

Sucessivamente, o A. se ocupa na primeira parte do seu livro, do conceito de *raça* e *etnia*, da hereditariedade e cruzamentos, dos caracteres anatómicos, fisiológicos e psicológicos das raças, dos caracteres sexuais, das relações entre a raça e a constituição (que o A. considera distintas) e do processo de formação das raças.

Na segunda parte, de sistemática, Montandon expõe as bases da classificação que adopta, e descreve as suas 5 grandes raças (pigmoide, negroide, vedaustroloide, mongoloide e europoide) e as 20 raças que relaciona com aquelas. São notáveis e originais algumas sínteses que fornece, como, por exemplo, sobre os negros africanos e as populações asiáticas. Montandon aceita a ampla raça morena (mediterrânea) de Elliot Smith, marcando a sua área de distribuição da Europa ocidental à Polinésia. É um assunto de difícil solução. Com particular conhecimento de causa, o A. considera europoides os Aínos e admite uma grande difusão dos Europoides na Ásia. São valiosos os quadros de diagnose racial que fornece.

O livro de Montandon deve andar nas mãos de todos os que se interessam pela Antropologia étnica.

MENDES CORRÊA.

PROF. DR. ALEXANDRE LIPSCHÜTZ — *Porque morremos* — Edição brasileira revista e actualizada pelo autor. Tradução de A. MEIRA e G. SELZOFF. Prefácio do PROF. DR. ÁLVARO OSÓRIO DE ALMEIDA, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Companhia Editora Nacional. 1 vol. de 243 págs., São Paulo, 1933.

Esta obra do insigne biólogo que dirige actualmente o Instituto de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Concepcion (Chile) teve já dezasseis edições alemãs e foi publicada ainda nas seguintes línguas: finlandês, estoniano, russo, letão e espanhol.

Agora, uma importante casa editora de São Paulo publicou-a também em português. Numa linguagem acessível a todos, Lipschütz ensina-nos o mecanismo da morte natural, segundo as mais recentes descobertas da fisiologia.

Começa Lipschütz por afastar um tanto a teoria, já fora de moda, de Metchnikoff, dos malefícios do intestino grosso e das suas bactérias, assim como dos maravilhosos efeitos remoçadores do leite azêdo. Os micróbios do intestino grosso não serão mais nocivos que uma habitação antihigiênica, o alcoolismo e o excesso de trabalho; e o leite azêdo é um medicamento salutar como tantos outros...

Lipschütz passa em revista os trabalhos mais recentes dos fisiologistas acerca da velhice, da morte e de outras questões conexas, não se esquecendo de falar com elogio nas experiências do nosso caro prof. Marck Athias acerca de enxertos do ovário.

Estuda, com grande desenvolvimento, a biologia das Paramécias e de outros seres mono-celulares, procurando estabelecer um acôrdo entre as experiências, aparentemente contraditórias, de Woodruff e de Maupas e outros investigadores. Estes estudaram os protozoários nas suas condições normais de vida, a qual termina pela morte, ao contrário do que sucede nas experiências levadas a efeito por Woodruff que, depois de alguns anos de estudo, libertando as Paramécias dos seus produtos de desassimilação, conseguiu, por assim dizer, tornar imortais aqueles animalculos. É estudada, com grande desenvolvimento, a senectude e a morte na série animal.

A morte natural é devida a uma atrofia lenta e progressiva das células, atrofia que é devida, para as células nervosas, à falta de divisão e à acumulação de produtos metabólicos.

Começa, dêste modo, a debilitar-se a função nervosa e, a seguir, as funções de tôdas as restantes células do organismo, que caminham assim para a morte rápida de tôdas elas.

As células que vivem unidas não podem eliminar convenientemente os seus resíduos metabólicos. É devido a essa grande imperfeição que tem de morrer, infalivelmente, todos os seres multicelulares.

Há quem diga que os animais pluricelulares são mais infelizes que os protozoários, porque êstes são imortais, estando aqueles fatalmente votados à morte. Não é bem assim.

Quando uma Paramécia se divide, originam-se dois novos seres, mas o que lhes deu origem desaparece como individuo, conquanto dêle não fique um cadáver.

Pelo contrário, a mãe e o pai multicelulares, para a procriação, tiram apenas uma partícula ínfima do seu corpo.

Como indivíduos, sobrevivem ao nascimento dos seus descendentes e não se transformam nêles.

Não dispomos do elixir de longa vida, mas sabemos que é insignificante o número de pessoas que morre de senilidade.

Os homens caminham prematuramente para o túmulo, porque vivem em moradas ruins, alimentam-se mal, correm sempre atrás de falsos valores e vegetam como escravos desconsolados do trabalho.

Se orientássemos mais racionalmente o nosso modo de viver, diz Lipschütz, chegaríamos aos setenta, aos oitenta ou aos cem anos cheios de alegria, contemplando uma existência de trabalho, alegrando-nos com os filhos, a quem ensinaríamos também uma vida alegre; então chegaria a hora da mais bela das festas: a morte fisiológica!

J. A. PIRES DE LIMA.

K. SALLER — *Eugenische Erziehung* — Leipzig, 1933.

Partindo da máxima de Spengler de que *o destino conduz os que querem e arrasta os que não querem* e de que o que somos o devemos aos nossos antepassados e o temos de transmitir aos vindouros, o A. mostra a necessidade da educação eugénica e indica as suas directrizes.

Expõe a noção e o problema da educação eugénica, os limites, possibilidades, e essência dessa educação, bem como as suas bases e as suas disposições especiaes.

Termina dizendo que devemos reconduzir a mocidade às leis da natureza de que anda afastada há muito tempo, e despertar-lhe a idéa de que o futuro será melhor do que o presente.

ALFREDO ATAÍDE.

HUGO OBERMAIER — *Über die Verwendbarkeit der altweltlichen Paläolithypen für die prähistorisch Chronologie auf amerikanischen Boden.* — Extr. de «Wiener Prähistorischen Zeitschrift», vol. XIX, 1932.

Nesta comunicação feita ao 24.º Congresso Internacional de Americanistas, realizado no ano de 1930 em Hamburgo, o ilustre prè-historiador trata da possibilidade da aplicação dos tipos paleolíticos do velho mundo à cronologia prè-histórica do continente americano.

Aponta que tanto o paleolítico inferior como o superior possuem, na Europa, formas características de utensílios líticos que permitem determinações de idades absolutamente legítimas. As estações de objectos de pedra que se encontram desde a Índia até à Inglaterra, formam, a-pesar-das suas variantes, uma cadeia essencialmente unitária, que demonstra terem sido povoadas por uma humanidade primitiva a Europa, o Norte da África, a Ásia Menor, a Síria, a Mesopotâmia e a Índia. A indústria lítica, de Stellenbosch na África do Sul, oferece uma surpreendente analogia com o Chelleo-Acheulense europeu coincidindo as fases mais modernas da parte sul do continente africano com o paleolítico superior e mesolítico da Ásia Menor e da Europa.

Quanto à Austrália e à América nada se sabe até hoje. Relativamente a êste último continente corre a discussão há longos decénios, sem ter sido possível, até agora, obter qualquer esclarecimento satisfatório.

O A. visitou o Museu de Washington e estudou as colecções aí existentes; encontrou tipos semelhantes aos do paleolítico inferior da Europa, que apareceram, nalgumas estações, conjuntamente com tipos característicos do paleolítico superior europeu. Da verificação dêste facto infere o A. que o método arqueológico e tipológico, que na maioria dos casos, permite uma diagnose legítima relativamente ao achado do pleistoceno no velho continente, falha quando o pretendemos aplicar à América.

Examinou ainda o A., em 1926, as colecções da estação de Miramar, província de Buenos-Aires, na Argentina e, a-pesar-da complexidade dos objectos achados, diz ter o conjunto o cunho de material mais recente.

Não custa a admitir, diz o A., que o homem dos Pampas tenha possuído uma cultura rica no fim do terciário ou no princípio do quaternário e se tenha depois conservado em estagnação, até à actualidade geológica mais recuada.

E o A. termina afirmando que não é hipotético dizer-se dos achados americanos que êles são muito antigos, em todo o caso

não se pode concluir por uma idade pleistocénica. Se a geologia e a paleontologia, até hoje, não deram uma conclusão definitiva, também a tipologia, creada em terras do velho continente, não conduz a uma solução satisfatória.

A. A.

J. CARBALLO & J. LARÍN — *Exploración en la gruta de «El Pendo» (Santander)* — N.º 123, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Madrid, 1933.

Esta importante memória relata as explorações do dr. J. Carballo na gruta de El Penedo, conhecida já há muito e que em parte fôra revolvida por extracções de terras negras, feitas por camponeses, mas que pôde ainda fornecer, em condições de segurança científica, preciosos materiais, ao P.º Carballo e aos investigadores que, com êle, colaboraram (além do dr. Larín, o arqueólogo Fernando Carrera e a *American School of Prehistoric Research*).

O A. descreve sucessivamente e com minúcias, as condições de jazida, a indústria lítica, a indústria osteológica, as gravuras parietais e queráticas, etc. Apareceram, segundo o A., alguns objectos únicos. O mais notável é seguramente o magnífico scetro ou bastão gravado, de que, além do P.º Carballo, se ocuparam também já S. Reinach, Morlet, Mac Curdy, Santa Olalla e, sobretudo, Obermaier. Nesta peça vêem-se, além de figuras de cervídeos e equídeos, alguns sinais alfabéticos.

A indústria querática é ali muito mais abundante do que a lítica. O A. entende que o azilense espanhol está em contacto imediato com o madalenense e é acompanhado de fauna paleolítica. As suas explorações forneceram muitas peças de tipos madalenenses e azilenses.

Quando mesmo estas explorações nada mais tivessem fornecido além do bastão mencionado (o que aliás se não deu), elas constituiriam já uma lúdima glória para o dr. Carballo.

M. C.

DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO — *Dispersos* — 1 vol. ilustr. de cêrca de 500 págs., Coimbra, 1933.

Em bela edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, deu-se à estampa, comemorando o 1.º centenário do nascimento de Martins Sarmento, uma colectânea de trabalhos dispersos do

ilustre vimaranense, publicados entre 1876 e 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pré-histórica. A benemérita Sociedade Martins Sarmento, representada para este efeito por uma comissão especial, constituída pelos srs. Domingos da Costa Araújo, capitão Mário Cardoso e Ruy de Serpa Pinto, foi a organizadora deste excelente volume, que, com a sua alta inteligência e rasgada iniciativa, a direcção da Imprensa da Universidade resolveu editar.

Um lúcido e criterioso prefácio da comissão, anotações bibliográficas (sobretudo relativas às inscrições) elaboradas com proficiência e oportunidade por Mário Cardoso, úteis índices de nomes de autores, de nomes mitológicos e históricos e de nomes étnicos e geográficos, também devidos ao infatigável e talentoso presidente da Sociedade, acompanham os trabalhos de Sarmento, bem como a *Citânia* de Hübner, cuja publicação é feita para que se possam bem compreender as observações de Sarmento a esse trabalho do grande epigrafista alemão.

Naturalmente, em tantas dezenas de anos já decorridos não faltaria bastante que acrescentar aos escritos de Sarmento, ou mesmo que nêles modificar. Mas a comissão fez bem em não se espriar em comentários que seriam necessariamente longos e diluiriam o esforço original do autor, e limitou-se, com acerto, a aludir no prefácio ao avanço e evolução daqueles estudos desde Martins Sarmento até hoje, salientando, porém, com justiça, os méritos que pertencem ao glorioso erudito como verdadeiro iniciador em muitos desses estudos e como pesquisador e coordenador inteligente e incansável de preciosos materiais.

Este volume representa um alto serviço, pois que os homens cultos do país e do estrangeiro ficarão possuindo, reunidos num volume, trabalhos dispersos, de necessária consulta em pesquisas eruditas, trabalhos dos quais muitos se encontravam em revistas e publicações, hoje raras ou quasi inacessíveis à maioria dos investigadores.

À comissão organizadora do volume — especialmente a Mário Cardoso — e ao ilustre director da Imprensa da Universidade, prof. Joaquim de Carvalho, são devidos os maiores louvores e o vivo reconhecimento de todos os estudiosos.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — *Explotaciones mineras de la Edad del Bronce en Portugal* — in «Investigacion y Progreso», N.º 6, Año VII, págs. 177-181, 2 figs., Madrid, 1933; *O Castro de Sendim. Felgueiras* — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», págs. 376-380, 4 figs., Guimarães, 1933.

O problema complexo do início das explorações do sub-solo de Portugal, em especial das explorações mineiras do cobre, do estanho e do ouro, é posto em foco pelo malogrado investigador da escola de Antropologia do Pôrto.

Da interessante coincidência da distribuição dos machados de talão com a região do estanho, situada na metade norte de Portugal infere a existência, na idade do bronze, dum centro cultural no noroeste peninsular, e a existência de relações comerciais com a França e o sul da Inglaterra, dado o aparecimento ali de alguns machados de talão com dois aneis, o característico machado de tipo galaico-lusitano.

Este e outros não menos curiosos pontos de vista faziam de Rui de Serpa Pinto um investigador de muito merecimento.

Ainda dentro da actividade mineira na idade do bronze tinha Serpa Pinto apresentado uma hipótese interessante sobre o problema da *calaite*. Identifica as contas e pingentes dos colares pré-históricos de *calaite* com a *lazulite*, mineral verde-azulado que o sr. Prof. Castro Portugal, da Faculdade de Ciências do Pôrto, descobrira no Minho junto a Caminha.

O segundo trabalho constitui uma nota preliminar, dum estudo de maior fôlego, que a morte traiçoeira lhe não deixou realizar. Trata do castro em geral, e em especial dum fragmento dum vaso com ornatos estampados, ali descoberto numa excavação realizada pelo A.

O tipo do vaso, e principalmente a decoração formada por círculos concêntricos, triângulos riscados e «escudêtes carregados de besantes» leva o A., após eruditas considerações sobre a distribuição geográfica de cada um desses tipos ornamentais, a emitir justificados pareceres sobre a cultura castreja, sua origem, características e afinidades.

SANTOS JÚNIOR.

AFONSO DO PAÇO — Vaso de bôrdo horizontal, de Vila Fria — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmiento», págs. 272-276, 2 figs., Guimarães, 1933.

Numa excavação realizada no Monte da Ola, Vila Fria, concelho de Viana do Castelo, além doutros achados apareceu um vaso de factura manual, em forma de chapéu e de bôrdo horizontal, apresentando grosseiras ornamentações incisadas.

O A. faz o estudo dêsse vaso, dando por último o inventário dos achados portugueses do mesmo género e uma carta com a sua distribuição.

S. J.

A. A. MENDES CORRÊA — Valencianos e Portugueses — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmiento», págs. 242-254, 3 figs., Guimarães, 1933; Martins Sarmiento e a consciência nacional — Conferência realizada na Soc. M. S. na sessão solene de 11 de Junho de 1933 — Sep. da «Rev. de Guimarães», vol. XLIII, 16 págs., Guimarães, 1933; La taille des Portugais d'après les os longs — in «Hommage au Prof. Matiegka», págs. 268-272, «Anthropologie», X, Praha, 1932; Introdução à Antropobiologia — Ed. da Academia das Ciências de Lisboa, 84 págs., 4 figs., Lisboa, 1933.

No antigo reino de Valência, que hoje corresponde às províncias do leste espanhol, de Valência, Alicante e Castelon, vive um povo que tem afinidades de vária ordem com a gente de Portugal, algumas das quais já têm sido postas em evidência por alguns escritores.

O sr. Prof. Mendes Corrêa no trabalho que analisamos, proclama interessantes afinidades antropológicas entre os valencianos e os portugueses, pondo-as em destaque num demonstrativo diagrama elaborado sôbre elementos fornecidos pela estatura e pelo índice cefálico, que são sem dúvida dois caracteres antropológicos de primeira ordem.

De resto, a aproximação entre os dois povos peninsulares observa-se ainda noutros caracteres antropológicos tais como o índice orbitário, o índice facial e outros, o que permite ao sr. Prof. M. C. «admitir maiores afinidades antropológicas da área valenciana com Portugal, do que com qualquer outra região de Espanha.»

Em seguida sugere a possibilidade de considerarmos alguns caracteres da «gente valenciana e de certos tipos provinciais portugueses» como resultantes «duma influência muito importante dum elemento eurafriano.»

Abordando o problema da origem dêsse elemento eurafriano e a data da sua penetração na região de Valência e em Portugal baseia-se na etnologia pre-histórica e na arqueologia para emitir a hipótese de que «deve procurar-se anteriormente à segunda idade do ferro a fixação dos parentes dos Iberos mediterrâneos no interior e no ocidente da Península.» Desta forma o Prof. M. C. não atribue ao desterro dos soldados de Viriato, ordenado por Décimo Júnio Bruto para terras de Valência, «um papel demográfico que justificasse as analogias antropológicas luso-valencianas, antes foi procurar mais longe a sua origem, autorizado pelo que hoje se sabe de Antropologia e Arqueologia dos dois países.»

No segundo trabalho, que constituiu assunto duma conferência na sessão comemorativa do centenário do nascimento do insigne arqueólogo vimaranense, o A. faz uma síntese dos estudos de arqueologia portuguesa até Martins Sarmiento, pondo bem em relêvo a grandeza da obra sarmentina, e o notável concurso da mesma para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos em Portugal.

Termina por um hino de nacionalismo puro de que transcrevo o final:

«É necessário fortalecer no povo português as qualidades intrínsecas, essenciais, que tornam as nações respeitadas e felizes. Leve-se a efeito o programa de reconstituição de Portugal, sem quebra de continuidade espiritual e evolutiva com o passado, com um passado em cuja contemplação inerte não devemos quedar-nos embevecidos, mas que não podemos nem devemos renegar, porque dêle vieram até nós, porque êle nos legou dons inestimáveis, estímulos preciosos, exemplos de virtude duma beleza imortal.»

A-pesar-de termos já elementos para a estatura dos portugueses, obtidos por mensuração directa no vivo, o trabalho do sr. Prof. M. C. sôbre a estatura dos portugueses, baseada nos ossos longos, não deixa de ter o maior interêsse. É que precisamente se torna necessário averiguar até que ponto é seguro o método de determinação de estatura pelos dados que fornecem os ossos longos. E se nos lembrarmos do pequeno número de estudos antropológicos realizados no vivo, que nos possam fornecer dados sôbre a estatura da mulher portuguesa adulta, maior é o interêsse do estudo que analisamos.

São do teor seguinte as conclusões a que chega o sr. Prof. M. C.:

« Malgré l'insuffisance de ces données on peut conclure que la reconstitution de la taille d'après les os longs, donne, chez les Portugais des deux sexes, des valeurs qui ne s'écartent pas considérablement des résultats obtenus directement sur le vivant, mais qui sont peut-être légèrement plus bas que ceux-ci. Évidemment on ne peut exiger des méthodes de reconstitution de la taille que des approximations. On constate que les valeurs 1^m,63 et 1^m,52, que nous pouvons retenir de mes calculs comme correspondant respectivement à la moyenne masculine et féminine, tout en étant peut-être un peu inférieures aux moyennes obtenues chez le vivant, les touchent de très près. Ce qui équivaut à dire que les méthodes proposées par les auteurs étrangers sur des séries également étrangères, pour la reconstitution de la taille, peuvent être appliquées avec une certaine confiance pour les Portugais dont, en effet, les canons de proportions ne s'écartent pas sensiblement de ceux des Européens en général. »

« Introdução à Antropobiologia », constituiu o tema das lições feitas pelo autor no curso de Altos Estudos, organizado pela Academia de Ciências de Lisboa no ano de 1932.

A primeira lição foi sobre — « Antropomorfologia, antropobiologia, grupos sanguíneos, individualidade hemática dos portugueses. » A segunda versou — « Constituição, raça, endócrinas. A personalidade humana. » Todos estes assuntos são tratados com largueza.

Têm interesse especial as conclusões a que chega ao estudar a percentagem dos homens notáveis pelas diferentes províncias. É grande a percentagem nas cidades universitárias, sendo Coimbra a que figura com taxa mais elevada. Nas diferentes províncias a percentagem das notabilidades vai sendo cada vez menor à medida que nos vamos afastando dos grandes centros de cultura do país. Isto é posto em destaque pelo sr. Prof. M. C. para dizer: « Prova-se em suma a influência do meio na aparição das notabilidades. É, de resto, o meio que as estimula, que as favorece, mesmo que as proclama. »

Qual o destino, que futuro espera a espécie humana?

O A. faz a pergunta, responde e acrescenta:

« É de crer que os progressos admissíveis na estirpe humana se venham a operar sobretudo no domínio psíquico. Emfim, a personalidade humana é mais do que uma simples integração biológica. Mas, a-pesar-disso e das lacunas e incertezas dos estudos da Antropobiologia, confio na acção útil desta ciência no aperfeiçoamento físico e moral da humanidade. »

S. J.

EUGÉNIO JALHAY — Dr. Rui de Serpa Pinto — « Brotéria », XVIII, Lisboa, 1934.

Elogio científico do saudoso e notável investigador, proferido na Associação dos Estudantes Católicos do Pôrto. O p.^o Eugénio Jalhay, que tão de perto acompanhou os trabalhos de Serpa Pinto sobre o asturiense português, estava naturalmente indicado para pronunciar êsse elogio, que põe bem em evidência o labor e as qualidades do malogrado cientista, tão prematura e cruelmente arrancado à vida, aos seus, à sua Pátria, aos seus trabalhos e àqueles que, como nós, tanto o estimavam e admiravam.

M. C.

EUSÉBIO TAMAGNINI — Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa — II. O índice facial superior — « Rev. da Fac. de Ciências da Univ. de Coimbra », vol. III, n.^o 2, Coimbra, 1933.

Continuando a sistematização das observações antropométricas realizadas pelo sr. José António dos Santos, sob a direcção do A., em perto de 12:000 soldados portugueses, o sr. Prof. Eusébio Tamagnini ocupa-se, nesta memória, do índice facial superior, que, como êle recorda, já fôra também estudado há anos pelo sr. Professor Barros e Cunha numa série de 417 crânios portugueses identificados do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. Os resultados dos dois estudos concordam sensivelmente, tendo o sr. Prof. Tamagnini podido examinar ainda a distribuição do índice facial por distritos, alguns dos quais se encontravam insuficientemente representados na série de crânios antes estudada.

As diferenças regionais encontradas são pequenas (a maior é inferior a 2 unidades). No entanto verifica-se nos distritos de Vila Real, Viana, Pôrto, Coimbra, Lisboa e um pouco ainda no de Bragança uma tendência significativa à leptenia, ao passo que nos de Faro, Beja, Évora, Portalegre, Castelo Branco, Leiria e Viseu há a tendência oposta, que se manifesta também ligeiramente nos distritos de Braga e Aveiro.

O A. relaciona ainda estas diferenças locais com as da estatura e do índice cefálico, dando num quadro final a síntese dos seus resultados. As tendências provinciais relativas são, para a estatura, índice cefálico e índice facial, respectivamente:

Trás-os-Montes: macrosomia, dolicocefalia e leptenia; Entre Douro-e-Minho: macros., braquic., lept.; Beira Litoral: micros., dolioc., lept.; Beira Baixa: micros., dolioc., eurienia; Beira Alta: mesos., dolioc., eurien.; Extremadura: micros., braquic., eurien.; Alentejo: mesos., braquic., eurien.; Algarve: macros., braquic., eurien.

Naturalmente o valor taxonómico dos três caracteres estudados não é o mesmo. O índice cefálico é de-certo o mais importante. Além disso, para a solução do nosso problema etnogénico é talvez mais interessante o estabelecimento de tipos discriminados pelo método selectivo, do que as médias de grandes massas de observações constituídas ao acaso.

O sr. Prof. Tamagnini, nalgumas considerações gerais, afirma, de facto, a necessidade de modificar os métodos de trabalho, em vista da extrema complexidade do problema, mas não aceita a *falência da antropologia clássica*, «declamação sonora — escreve — com que muitos pretendem encobrir desalentos de vaidade insatisfeita.» Para o A., «a ciência nunca faliu» e «a lei científica jamais poderá ser considerada falsa.»

M. C.

E. ROQUETTE-PINTO — *Ensaio de Anthropologia brasiliana* — I vol. de 180 págs., São Paulo, 1933.

O illustre director do Museu Nacional do Rio de Janeiro reúne neste volume vários estudos seus sobre a antropologia do Brasil e sobre questões gerais de eugenia, cruzamentos e valor relativo das raças, povoamento, etc. São particularmente importantes os resultados dos seus trabalhos metódicos sobre os caracteres antropológicos dos brancos, dos mestiços e dos negros no Brasil.

Seguindo o modelo apresentado por Porteus & Babcock com as suas investigações de psicologia social no Hawaï (em que os Portugueses não parecem tratados com imparcialidade) o Prof. Roquette-Pinto conclue do seu próprio inquérito que os caracteres psicológicos dominantes em cada grupo relativamente aos outros são, no seu país: Brancos — previdência, pertinácia; mulatos — sugestibilidade, impulsividade, conciliação; caboclos — decisão, self-control, fidelidade.

A antropologia, afirma o A., prova que o homem, no Brasil, precisa de ser *educado*, não *substituído*.

M. C.

OTTO AICHEL, GRUNNAR MOLLER HOLST — *Ergebnisse einer Forschungsreise nach Chil-Bolivien*, Stuttgart, 1932.

Apresentam, neste bem elaborado e detalhado trabalho, os AA. os resultados da sua viagem de investigação científica pelo Chile e Bolívia.

No primeiro capítulo trata o primeiro dos AA. do problema das deformações cranianas, e repele os pontos de vista de Imbelloni sobre este assunto.

Divide os tipos das deformações em três grupos: o 1.º abrange os tipos principais, provocados por compressão fronto-parietal, bregmático occipital e a cónica; o 2.º as combinações obtidas por plâcas laterais, berços e ligaduras circulares; no 3.º inclue as deformações assimétricas.

Para o A. nem todos os achatamentos do lambda resultam de deformações cranianas.

O segundo dos AA. apresenta os resultados do estudo feito sobre o ouvido externo dos crânios sul-americanos. Estuda as exostoses, as exostoses no bordo e no contorno externo do meato auditivo, bem como a etiologia dessas exostoses. Observou ainda a forma e mediu a abertura dos meatos auditivos, mas não encontrou diferença apreciável entre as medidas feitas nos crânios normais e nos deformados.

Ainda o primeiro dos AA. estudou a prega mongólica na população do Chile e na da Colômbia, mas como diversos autores confundem a prega mongólica com o epicanto, não pôde diferenciar bem o epicanto pequeno da prega mongólica.

A. A.

P. RIVET — *Les Océaniens* — Extr. do «Journal Asiatique», Paris, 1933.

São bem conhecidos os trabalhos do illustre professor de Antropologia do Museu de História Natural de Paris, sobre as populações da Oceânia e suas extensões a outras regiões do globo. O presente estudo é uma síntese valiosa desses importantes trabalhos, em que o A. se apoia em elementos somatológicos, etnográficos, lingüísticos, patológicos, etc., muitos dos quais resultantes de suas próprias investigações.

Sobre o seu parecer fundado numa migração dos Australia-

nos para a América, Rivet recorda e aceita francamente a hipótese que emiti, da utilização dum via antártica para essa migração: «Je me suis — escreve (pág. 240) — d'autant plus volontiers rallié à cette idée que les géologues admettent que ces régions, aujourd'hui si inhospitalières, ont pu présenter des conditions climatiques meilleures, suffisantes pour permettre le passage d'un peuple primitif vivant uniquement de chasse et de pêche, il y a environ six mille ans. Cette hypothèse nous permettrait de fixer d'une façon approximative la date de l'arrivée de ces premiers émigrants océânicos em América et nous expliquerait à la fois la faible influence qu'ils ont exercée et la localisation de cette influence aux régions méridionais du Nouveau Monde.»

Em relação à teoria de Elliot Smith, a de Rivet, das antigas migrações da Australásia e da Insulíndia, através do Índico e do Pacífico, para a Ásia, Europa e América, distingue-se sobretudo por naquela ser o Egito o ponto de partida dos movimentos migratórios.

Rivet muito amavelmente alude à coincidência das nossas opiniões sobre a possibilidade da existência dum antigo substrato oceânico, ou mais ou menos australóide, na antropologia da Europa mediterrânea e doutras regiões: M. C. — escreve — «a déjà entrevu la possibilité de cette filiation dans un... travail qui m'avait échappé, parce qu'il a paru pendant la guerre: *Sobre uma forma craniana arcaica. Anais científicos da Faculdade de Medicina do Pôrto*. Pôrto, t. IV, n.º 1, 1917-1918, págs. 1-79. La concordance générale des idées du... anthropologiste portugais avec celles que j'expose ici a d'autant plus de valeur, qu'elle s'est produite d'une façon absolument indépendante» (pág. 247, nota 2).

Sinto muito prazer nesta convergência de opiniões, mas devo notar que a minha se fundava apenas na distribuição de alguns caracteres somatológicos (como a hipsistenocefalia), ao passo que o trabalho de Rivet assenta, como já disse, numa ampla massa de documentos não só de antropologia somática, mas também doutras disciplinas como a etnografia, a linguística, etc. Isto permite ajuizar da enorme importância desse trabalho, em que Rivet conclui por apontar a curiosa coincidência da carta da expansão dos povos oceânicos com a da repartição da civilização chamada «do arco melanésio» e com a da distribuição da mancha pigmentar congénita, indevidamente chamada mancha mongólica. Ainda a propósito deste último assunto, o A. cita as percentagens que, com Gonçalves de Azevedo (filho), demos para a mancha azul congénita nos recém-nascidos portugueses.

Durante a impressão do artigo de Rivet, trabalhos de Täuber e Fritz Sarazin trouxeram novos apoios à tese exposta sobre o

papel importante do Australo-Melanésios e dos Oceânicos em geral no povoamento do globo e na história da cultura.

M. C.

PROF. LUÍS DE PINA — *Estudo Antropológico da Mulher Portuguesa do Norte* — I. *Estatura*. Extr. «Arq. Repart. de Antropologia Criminal, Psicol. Exper. e Identificação Civil do Pôrto», vol. II, fascs. 1 e 2, 1932; *Dactiloscopia Portuguesa: A ansa dupla* — (*Ibid.* mesmo vol. e fasc.); *La morphologie du crâne portugais* — (XV^e Congr. Internat. d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique, V^e Session de l'Institut International d'Anthropologie), Paris, 1931. Extrait. Paris, Nourry, 1933.

O Prof. Luís de Pina, da Faculdade de Medicina do Pôrto, ocupa-se, desde há muito, da Antropologia do povo português, a respeito da qual tem já publicado bom número de monografias e memórias, bastante apreciadas pelos especialistas. No primeiro estudo, o autor continua a série interessante dos trabalhos sobre a morfologia das populações do N. do país, em séries numerosas, que fornecem grande número de caracteres, que não tinham sido bem apreciados, nesta região continental. Na presente memória, trata-se da estatura, observada em 3:652 mulheres, no Serviço de Identificação Civil do Pôrto, com o rigor de técnica que é peculiar do autor e dos serviços oficiais sob a sua acertada fiscalização. A média observada é de 1,530 mm., na classe de maior frequência; a máx. = 1,760 mm. (1 caso); mínima, 1,320 (2 casos); mediana, 1,54 mm.

A estatura da mulher portuguesa é aqui, em comparação, com a do português, inferior em 11^{cm},7. Pelo emprêgo do método de Frassetto, das curvas binomiais *standardizadas*, o valor da estatura feminina é de 153 c. Em comparação com as estrangeiras, a estatura da mulher portuguesa é inferior à destas, calculada segundo a estatística de Graffi, de Bolonha.

O estudo das variantes dos relevos dactyloscópicos, tanto em Portugal como no estrangeiro, não foi ainda seguido com a necessária pertinácia e observação, mas é certo que êle é útil nas determinações que o método dactyloscópico é destinado a conseguir, no domínio da identificação.

O interessante trabalho do Prof. Luís de Pina, para estudar a *ansa dupla* ou *verticilo sinuoso* de Vucetich ou *turbilhão*, mostra que a frequência desta figura é próximamente a mesma (29 e 30) no homem e na mulher, maior número de vezes no polegar e no

indicador, em ambos os sexos, sem constituir carácter sexual. É contudo um assunto a resolver, êste da dupla ansa dactiloscópica, que atraiu também as atenções dos especialistas lá de fora, como E. Locard, Windt e Kodicek, Bonnevie e Obiglio, bem como do dr. Manuel Valadares, introdutor entre nós do sistema Galton-Henry.

Àcerca da forma do crânio nos portugueses, oferece-nos o Prof. L. Pina um trabalho executado nos moldes dos que foram feitos para os italianos por Frassetto e Elsa Graffi, estes por sua vez baseados no método de G. Sergi. A série observada foi de 350 crânios (175 H + 175 M) adultos (25 a. ou mais) dos cemitérios do Pôrto, conservados no Mus. do Instituto de Anatomia (Fac. de Med. da Univ. do Pôrto). A frequência das formas, divididas em dois grandes grupos — *Dolicomorfos* e *Braquimorfos* —, é de 34,8 % de Elipsoides; 44,0 Ovoides; 12,5 Pentagonoides Euripentagonoides 0,5; Esfenoides 7,4; Esferoides 0. Apresentam-se frequentemente as formas eurafricanas estenomorfos-dolicomorfos, sendo pequeno o número de braquimorfos. As formas foram confrontadas com os índices cefálicos. As mais frequentes entre os crânios portugueses observados foram Elipsoides e Ovoides e depois as Estenopentagonoides.

BETHENCOURT FERREIRA.

M. DA SILVA LEAL & J. DE ESPREGUEIRA MENDES — *Quelques cas de polydactylie* — «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. VII, Coimbra, 1932.

Descrição de quatro casos de polidactilia, observados pelos AA. no seu serviço de Radiologia. Trata-se de três casos de hiperdactilia radial e dum caso de hexadactilia do pé esquerdo com macrodactilia do dedo supranumerário, que, pela radiografia, se vê resultar dum desdobramento quasi completo do 5.º raio metatarso-falangiano. Os outros casos não teem todos o mesmo grau de divisão.

Os AA. recordam, a propósito, os estudos do sr. Prof. J. A. Pires de Lima e de outros investigadores portugueses sobre a hexadactilia.

M. C.

AMÂNDIO TAVARES & G. D'AZEVEDO, FILHO — *Agénésie du pénis chez un nouveau-né* — «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. VII, Coimbra, 1932.

Trata-se duma observação na Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina do Pôrto. É um caso de ausência completa e real do pénis, acompanhada de sínfise renal. As bolsas testiculares eram normalmente desenvolvidas e o orifício uretral estava no fundo do sulco internadegueiro, sem que houvesse qualquer comunicação entre a uretra e o intestino. As duas anomalias — ausência *real* do pénis e sínfise renal com ectopia e perda de forma dos rins — são muito raras. A criança morreu ao 7.º dia, com icterícia generalizada, graves alterações inflamatórias do rim, etc.

M. C.

J. A. PIRES DE LIMA — *À propos d'un nouveau cas d'ectromélie* — «Annales d'Anat. Pathol. et d'Anat. Normale Médico-Chirurgicale», X, Paris, 1933; *Novos casos de inter-sexualidade* — «Medicina Contemporânea», Lisboa, 1933.

O sábio anatómico português, a vários casos de ectromelia humana ou animal que já descreveu, junta no primeiro trabalho mais um, o duma criança de 19 meses a quem faltavam os membros do lado direito. Esta criança era, além disso, portadora de pé bôto hipodáctilo.

No segundo estudo o sr. Prof. Joaquim A. Pires de Lima, publica mais três casos de anomalias dos órgãos génito-urinários a juntar à longa lista de que já deu notícia no seu importante volume *Vícios de conformação do sistema uro-genital*. Trata-se dum epispádias limitado à região balânica (que foi operado com êxito pelo Prof. Óscar Moreno), dum caso de intersexualidade por hipospádias perineal que ocasionou um êrro de sexo, e emfim dum caso de exostrofia vesical. O A. recorda alguns outros casos da bibliografia portuguesa do assunto.

M. C.

AFONSO DUARTE — Os desenhos animistas de uma criança de 7 anos — Sep. de «O Instituto», vol. 86.º, n.º 1, 28 págs., 4 est., Coimbra, 1933.

Este trabalho foi apresentado, em conferência, pelo seu A. na nossa Sociedade em Julho de 1933.

Sobre 48 desenhos infantis faz interessantes considerações acerca da maneira como as crianças exprimem os seus pensamentos, afirmando que «a criança percebe, pensa, raciocina ou actua, como desenha, mais do que como fala.»

Analisando cada um dos desenhos, encontra interessantes exemplos de sincretismo, animismo, realismo nominal, mágico-animismo e mágico-artificialismo.

S. J.

M. DA SILVA LEAL — Um aspecto particular da sodomia e do uranismo — «Portugal Médico», Pôrto, 1933.

O dr. Manuel da Silva Leal examina com saber, lucidez e bom senso a questão da atitude do médico perante as aberrações homossexuais e suas conseqüências de várias ordens, especialmente as lesões locais por elas ocasionadas. Além duma bibliografia a que não falta a menção dum caso de gonococcia rectal, descrito em 1715 por Madeyra Arraez, cita vários casos que tem observado e põe em evidência o papel importante do clínico na terapêutica dessas aberrações e dos males que elas ocasionam.

M. C.

DR. FALCONE LUCIFERO — Biotipo humano e criminologia.

O dr. Falcone Lucifero é um ilustre advogado de Roma, secretário do «Centro Romano di Studi sulla Delinquenza minorile», ao qual dedica extremos cuidados e louvável atenção. Tive o prazer de o conhecer na capital romana, em 1931, datando desse ano a boa amizade que nos liga. Colaborador do *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal do Pôrto*, enviou-me o dr. Lucifero, ultimamente, um curioso artigozinho seu publicado num mensário italiano, com o pedido de republicação no citado *Arquivo*. Fá-lo-

-emos com todo o prazer; mas é irresistível a tentação de, neste órgão da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» dizer algumas palavras a seu respeito. O dr. Lucifero relata o que foi a «XXII Reunião da Associação Italiana para o Progresso das Ciências», realizada de 12 a 18 de Outubro de 1933, em Bari, e à colaboração dos juristas na mesma, que considera boa, mas insuficiente e de poucas novidades. Contudo, é com grande entusiasmo que se refere ao belo discurso do ilustre morfologista dr. Nicola Pende, professor de medicina em Génova, que versou assuntos da sua especialidade, numa síntese magnificamente arquitetada.

O dr. Lucifero, sendo advogado, crê que somente o estudo profundo do delinqüente poderá servir de base à orientação dos novos códigos penais, falando-nos da *personalidade do criminoso* (*tendências criminais, periculosidade, intoxicações, etc.*), da *imputabilidade*, da *responsabilidade penal*, etc.

Emfim, o dr. Lucifero vê, no estudo da relação da complexa estrutura fisiopsíquica com as acções o fulcro dos mais seguros estudos criminais, desejando que os magistrados e advogados conheçam as ciências subsidiárias do Direito, como sejam a Antropologia, a Psicologia, etc., bem como os fundamentos da *Biòtiologia* que Pende tão inteligentemente trata, augurando belos resultados a este tão particular ramo da biologia humana, no que respeita ao estudo dos criminosos. Aponta o dr. Lucifero as quatro *faces* da personalidade humana, que o ilustre professor genovês adopta: I morfológica, II humoral dinâmica, III caracterológica ou afectiva-volitiva, IV intelectual.

Descriminando um pouco o que sejam essas quatro *faces*, falando-nos das harmonias e desharmonias do crescimento, da sexualidade, dos temperamentos, do *habitus* morfológico e *carácter* (asténicos, instáveis, normosténicos, bradiprágicos, taquiprágicos, hiper-e hipò-tiroideus, hiper-e hipò-pituitáricos, hiper-e hipò-suprarrenálicos, etc.), emocionabilidade, etc., etc., o autor passa às aplicações imediatas das doutrinas de Pende: à medicina clínica, à ortogénese psíquica e somática, à educação física e desportiva racional, à pedagogia, à organização do trabalho humano, etc., pondo em destaque a sua importância no estudo dos delinqüentes. E diz:

— «Come faranno magistrato e avvocato con le loro modeste cognizioni biologiche a valutare *capacità d'intendere e di volere, coscienza e volontà* de ciascun biotipo humano, che è diferente da ogni altro e che per essere valutato ha bisogno di sì complesso esame?» —

Refere os progressos da Biòtipologia e a orientação dos legisladores italianos no sentido da individualização da pena:

— «segnano, a mio parere, di pari passo l'evoluzione ovunque del processo penale nel senso già in parte adottato con anti-veggenza e intuizione dal legislatore facista, circa appunto la necessità di determinare la personalità del delinquente e di individualizzare la pena.»

Por fim, indica que:

«al magistrato debbono essere forniti, sia per il giudizio che per l'esecuzione della pena, i dati su ciascun giudicabile, su ciascun *biotipo umano*, dal medico specializzato».

Esta pequena referência ao trabalho do dr. Falcone Lucifero, adepto fervoroso das modernas doutrinas criminais, é bem merecida, porquanto é de admirar que um homem da Lei seja tam francamente apaixonado das mesmas e aconselhe aos colegas e juizes o seu conhecimento, para melhor aplicação do Código.

Infelizmente, nem em todos os países existem indivíduos demonstrando tam imparcial critério. No campo da Jurisprudência são êles muito raros; se aparecem, revelam-se suspeitos descrentes! E, contudo, no campo da criminologia, é cada vez mais necessário o acôrdo da Medicina e do Direito, do Médico e do Advogado, do Biologista e do Legislador!

LUÍS DE PINA.

W. BERARDINELLI & JOÃO L. DE MENDONÇA — *Biotipologia Criminal* — 1 vol. de 200 págs., Rio de Janeiro, 1933.

Neste pequeno volume da «Biblioteca de Cultura Científica» dirigida pelo eminente professor Afrânio Peixoto, os autores, respectivamente médico-antropologista no Rio e médico-criminologista na Baía, fazem uma síntese dos modernos estudos de biotipologia dos criminosos, constituindo o seu livro um trabalho do gabinete de Antropologia Criminal do importante Instituto de Identificação que na capital federal do Brasil dirige com proficiência e dedicação o ilustre professor Leonídio Ribeiro, prefaciador do volume.

Os AA. expõem as classificações biotipológicas, e os métodos usados, especialmente os de Viola, Barbara e (sobretudo para o

temperamento e carácter) Kretschmer. Em seguida, tratam então da biotipologia criminal que entendem dever distinguir da Antropologia Criminal, se bem que reconheçam que a escola neo-positiva desta é já precursora daquela. Conquanto, como Afrânio Peixoto e nós mesmo, as julguem artificiais, fornecem várias classificações de criminosos. Mais interessante é sem dúvida o biotipograma criminal que expõem, com as exemplificações num assassino e num gatuno.

Sinceramente entendemos que a Biotipologia Criminal está dentro das mais recentes orientações da Antropologia Criminal. A respectiva técnica (que os AA., em palavras amáveis, supõem não ser por nós usada) é hoje empregada por nós no Instituto de Antropologia do Porto e por Luís de Pina na Repartição de Identificação e Antropologia Criminal da mesma cidade. Não vemos, pois, necessidade de estabelecer, como os AA. com entusiasmo preconizam, uma cisão entre aquelas duas disciplinas. Não vale a pena por uma questão de nomes dissociar esforços que, conjugados, se tornarão mais úteis. Tanto mais que, no fundo, todos estamos de acôrdo, porventura com pequenas diferenças no cômputo do valor relativo dos vários factores do crime.

M. C.

F. BOUZA-BREY — *Máscaras galegas de origem prehistórica* — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», págs. 73-82, 3 figs., Guimarães, 1933.

Minucioso e interessante estudo etnográfico sôbre uma curiosa máscara galega, *O cigarrón*, que no entrudo, e gosando de imunidades especiais, corre muitas aldeias da região, divertindo-se e divertindo os outros.

O cigarrón é um traje garrido com calções de frocos, larga faixa vermelha, peças de sêda vestindo o tronco, peles de raposa e de gato montez presas nos ombros e caíndo pelas costas abaixo, vários chocalhos de cobre ou bronze à roda da cinta e uma extravagante máscara de madeira pintada, encimada por um avantajado chapéu que semelha um tricórnio do fim do séc. XVIII. Completa a indumentária um pau curto tendo na ponta uma bexiga de porco, com a qual *o cigarrón* tem o direito de bater a quem quer, sem que ninguém lhe possa bater a êle.

O A. compara *o cigarrón* com outras máscaras galegas, tais-

como *felos*, *murrieiros*, *choqueiros*, *charrúas* e *irrias*, não apresentando nenhuma delas o arcaísmo acentuado do *cigarrón*.

Por último faz referência às máscaras semelhantes que nos ritos indígenas de certas tribus americanas, africanas e da Oceania se encontram largamente representadas.

S. J.

XAQUIN LORENZO FERNANDEZ — *Notas etnográficas da terra de Lobeira — O Lino e a Lã*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», vol. VI, Sant-Iago, 1933, 58, págs. 44 figs., 1 mapa, 3 est.

Na montanhosa região fronteira de Lobeira, que faz cara com a serra portuguesa de Castro Laboreiro, efectuou o A. larga colheita de material referente às indústrias caseiras do linho e da lã.

É um trabalho cheio de interesse, escrito numa forma elegante, largamente ilustrado e que se lê com muito agrado.

Tôda a faina do linho é minuciosamente descrita; e assim o A. fala-nos da *sementeira*, da *arriga*, da *ripa*, do *emposar*, da *maza*, *remaza*, *deluba*, *espadela*, *tasca* e *aseda*, depois do que o linho está pronto a ser fiado.

A lã dá menos que fazer. Uma vez tosqueadas as ovelhas, lava-se e depois carda-se.

Para fiar o linho e a lã o povo de Lobeira junta-se às noites nos *fiadeiros*. O mesmo sucede em várias regiões de Portugal, nomeadamente em terras de Miranda, onde se fazem também os *fiadeiros*, tão cheio de interesse etnográfico.

O A. descreve a roca e os fusos dando desenhos de alguns modelos.

Merece-lhe um particular cuidado, e na verdade bem cabido, a descrição do *fiadeiro*.

Enquanto as mulheres e as raparigas, fiam sentadas cada uma em seu banco, os rapazes vão chegando, e começam então os despiques ao desafio entre eles e as raparigas. As cantigas, são as mais das das que se cantam a cada passo, mas há-as privativas dos *fiadeiros*. O A. regista cerca de duas dezenas dessas cantigas.

As moças, de quando em quando, largam os fusos, pousam as rocas e vão fazer com os moços vários jogos.

O A. descreve o jôgo do sarrilho, o do sapato, o dos casacos e o da cabra cega.

No *fiadeiro* também se dança. A orquestra é formada por

3 ou 4 tocadores. Um toca a *cazola* ou sertã batendo-lhe com uma chave a compasso. Outro toca a *lata*, caldeiro de água ou lata de gaz colocada entre as pernas e tocada batendo com as mãos espalmadas no fundo. Um terceiro toca o *pandeiro* apoiando-o contra o peito e batendo-lhe com as palmas das mãos. Um último toca as *cunchas* (castanholas) ou na falta destas com 3 colheres de pau manejadas de certo modo.

Depois de fiado, quer o linho, quer a lã, são ensarilhados em meadas, depois urdidos e por último tecidos.

Todas estas operações são minuciosamente descritas pelo A. bem como a aparelhagem necessária. A descrição do tear acompanhada de belos desenhos é clara, marcando o A. os nomes próprios de cada uma das peças do mesmo.

Fala por último nos diferentes tipos de tecidos, sua ornamentação com interessantes motivos decorativos estilizados de animais e vegetais. Em duas estampas coloridas dá exemplo das côres mais geralmente empregadas.

Em certas regiões de Portugal são muito curiosos os processos de obtenção das cores, servindo-se o povo de certas plantas que muito bem conhece e que trata de formas especiais.

É digno ainda de particular menção o belo desenho numa velha a fiar, publicado em estampa.

S. J.

CARLOS DE PASSOS — *Esbôço de um vocabulário ariano (Vedas, Mahabarata e Ramajana)*, 2.^a edição — Sep. da «Língua Portuguesa», Lisboa, 1934.

O sr. dr. Carlos de Passos teve a feliz lembrança de reeditar o seu trabalho *Esbôço de um vocabulário ariano*, que precede de duntas considerações, nas quais possuem especial interesse as relativas aos estudos portugueses sobre línguas e história orientais. O vocabulário compreende cerca de 200 palavras, cujo significado o A. fornece.

M. C.

G. H. LUQUET & P. RIVET — *Sur le tribulum* — «Mélanges Iorga», Paris, 1933.

Os AA. estudaram a distribuição geográfica, a história, o uso, os nomes e as variedades do *tribulum* (trilho), que, como se sabe,

é utilizado ainda nalguns pontos do globo para a debulha do trigo e de outros cereais. A distribuição é muito vasta, constituindo o trilho uma sobrevivência, com maiores ou menores modificações, dum costume deveras remoto. Na carta que elaboraram para o território português registam o seu emprêgo em Trás-os-Montes (especialmente Bragança, Miranda e Moncorvo), na Madeira (donde desapareceu há pouco), nos Açores e em Pôrto Santo. Em Espanha é mais usado do que em Portugal.

Uma bibliografia de 147 espécies denota o grande trabalho de pesquisa desenvolvido pelos AA.

M. C.

AMÉRICO PIRES DE LIMA — *Na costa d'África* — 1 vol. de 132 págs., Gaia, 1933.

Prefaciado pelo prof. Ricardo Jorge e ilustrado pelo prof. Abel Salazar, o volume *Na Costa d'África* contém as memórias que o prof. Américo Pires de Lima redigiu como médico expedicionário a Moçambique por ocasião da Grande Guerra. É um depoimento valioso sobre a organização... ou desorganização das nossas expedições africanas naquela época. É um triste sudário que ficará para a história das responsabilidades dalguns dos nossos dirigentes naquele momento. Escrito com o poder sugestivo de quem viveu e sentiu aquelas emoções dolorosas, o livro não é apenas um documento histórico, mas também apresenta interesse etnográfico, pelas freqüentes alusões à psicologia e costumes dos negros .. cuja mentalidade nos surge, porém, menos negra do que a de vários brancos que perpassam nalgumas páginas de vingadora justiça.

M. C.

Riksmuseets Etnografiska Avdebring — Smärre Meddelanden, n.º 3, 11 Estokholmo, 1927-33.

É notável esta publicação suéca, cada fascículo da qual encerra um estudo que tem relação com a Etnografia, escrito em língua inglesa por um especialista de merecimento. São por isso muito interessantes estes folhetos, alguns dos quais com ilustrações, por exemplo, o de Lindblon, *The use of slits especially in Africa and America* (uso das andas, especialmente na África e na América); *Fighting-Bracelets and Kindred Weapons in Africa* (Brace-

letes e pulseiras de ataque e defesa em África); *The spiked wheel trap and its distribution* (Armadilha redonda e sua distribuição); *The use of the hammock in Africa* (Uso da maxila em África), do mesmo autor, todos com excelentes fotografuras.

De Eric von Rosen, *Did Prehistoric Egyptian Culture spring from a marsh-dwelling people?* com fig. no texto. Entre todos, é notável a monografia de Lindblon, *The use of oxen as pack and rinding animals in Africa*, que trata do emprêgo do carro de bois e destes animais em diversos trabalhos, em África, assim como a de Lethe Lindblon, *Two kinds of fishing implements* (Duas espécies de aparelhos de pesca), na qual os autores fazem o estudo das armações e aparelhos de pesca, de duas formas, côvos e chinchorros (?), em África e noutros países, forma, descrição e rendimento, história e procedência, bem como a comparação entre os tipos de tais aparelhos em diversos países.

B. F.

EDUARD CONZEMIUS — *Ethnographical Survey of the Miskito and Sumu Indians of Honduras and Nicaragua* — «Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology», Bulletin 196, U. S. A.

É uma complexa monografia das que, desde longos anos, são publicadas pelo conhecido Instituto americano, sobre assuntos de História Natural, em particular sobre Etnologia de diferentes populações exóticas. Neste volume o autor descreve, sob os mais variados aspectos, os caracteres e os costumes, instrumentos, modo de trabalhar, indústria, agricultura, pesca, canoagem, caça, etc., tudo observado e descrito minuciosamente sem deixar de lado a religiosidade, as crenças e superstições destes povos, bem como a higiene, as doenças, a magia e o feiticismo, de que o autor dá a nota precisa. Trata-se de populações que foram erroneamente denominadas — Mosquitos —, o nome imposto à região costeira de Honduras, do lado do Atlântico, e conhecida pelo nome de *Costa dos Mosquitos*, denominação imposta pelos ingleses e que realmente se refere à tribo principal que habita a região, os *Miskitos*, os quais a partilham com os Sumus. A obra é ilustrada de estampas que representam nitidamente a indumentária original destes índios americanos.

B. F.

Universidad — Revista de Cultura y Vida Universitaria — Zaragoza, Núm. 3. Año X — Julio — Agosto — Septiembre de 1933, trimestral.

Inclui artigos extensos sôbre Filosofia e Letras, Ciências, Medicina e ainda sôbre Vida Universitária, Bibliografia e Revisitas. Entre outros, insere artigo doutrinário: *La justicia social*, de H. Luño Peña; *El processo civil aleman*, de Prieto Castro; *Estudio de las rinitis hipertróficas* (laureado com o prêmio de 1933, pelo Instit. Med. Valenciano); *La alergia en las enfermedades de la infancia*, por Lorente Sanz (Exts. de conferência en el Cursillo de Puericultura para Inspectores Municipales de Sanidad de Zaragoza); *Breves consideraciones acerca de un nuevo haz ligamentoso*, pelo prof. Sánchez Guisande; *Espectros de absorción de substancias opacas*, por Mariano Sesé; *Cinética de descomposición del ácido hipocloroso*, por José M.^a Gallart Sanz. Insere também notícias sôbre os cursos de Outono, de 1933, organizados pelo Instituto «Francisco de Vitoria», com assistência de diferentes professores e conferencistas.

B. F.

Grupo sangüíneo e tipo menstrual

ERRATA

Nos *Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.* (vol. v, págs. 347-349), onde foi publicada uma nota preliminar sôbre as relações entre o grupo sangüíneo e o tipo menstrual, figura, por lapso, uma indicação errada, que falseou uma das conclusões (referente ao grupo II).

Assim, a pág. 347, linha 4 do quadro I, onde se lê:

II | 119 | — | 8 | 18 | — | 18 | 15 | 1

deve ler-se:

II | 119 | — | 8 | 18 | 59 | 18 | 15 | 1

E a pág. 349, linhas 7 e 8, onde se lê:

Nêle se registam bastantes casos de puberdade precoce, mas a tendência para a puberdade tardia é mais acentuada;

deve ler-se:

Habitualmente, a puberdade assinala-se dos 13 para os 15 anos;

Pôrto, 30-Junho-33.

A. SAAVEDRA.

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa (Pág. 185).

LUÍS DE PINA:

O índice esquelético nas crianças portuguesas (Pág. 223).

ALFREDO ATHAYDE:

Estudos sobre a pigmentação e sua hereditariedade (Pág. 229).

Vária:— Prof. Alexandre Rodriguez Cadarso (HERNANI MONTEIRO): Escavações arqueológicas; O problema lígure em Portugal (MENDES CORRÊA); Moron (M. C.); Inscrições glazelianas em Sens? (Pág. 237).

Revista bibliográfica:— AICHEL & HOLST (271); A. PIRES DE LIMA (282); BERARDINELLI & MENDONÇA (278); BOUZA BREY (279); CARBALLO & LARIN (263); CONZEMIUS (283); DUARTE (276); JALHAY (269); J. PIRES DE LIMA (275); LIPSCHÜTZ (260); LORENZO FERNANDEZ (280); LUCIFERO (276); LUQUET & RIVET (281); MENDES CORRÊA (266); MONTANDON (259); OBERMAIER (262); PAÇO (266); PASSOS (281); PINA (273); RIVET (271); ROQUETTE PINTO (270); RIKSMUSEETS AVDEBRING (282); SALLER (261); SARMENTO (263); SERPA PINTO (265); SILVA LEAL (276); SILVA LEAL & ESPREGUEIRA MENDES (274); TAMAGNINI (269); TAVARES & AZEVEDO (275); UNIVERSIDAD (284).

ERRATA (Pág. 284).

TRABALHOS DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



VOL. VI—FASC. IV

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL
PORTO. 1934

O TARDO

((Notas de mitoloxia popular galega))

por

XAQUIN LORENZO FERNANDEZ

A concencia do home primitivo, poboada de mil seres, benéficos úns e maléficos outros, fluctuaba n-un ambiente de eternas preocupacións pra fuxir dos ruins e atraguerse a protección dos bós.

Fose a orixe de istes seres humán ou divina, fosen Deuses ou Mortos, o home estaba á súa mercede e somentes a forza de sacrificios podía evitar as súas vinganzas.

Aquiles Deuses e aquiles Mortos eran temidos e o temor presidia o seu culto. Cecais se lle misturase algo de gratitude, mais non había n-il amor.

Pasou o tempo e morreron moitos de aquiles antergos Deuses; xa se non fán sacrificios pra aplacar as súas iras. O culto ao Morto-Deus, ao Lar, pasou a ser un formulismo sen importancia, refrexado na nova relixión.

Mais todo non morreu; a alma esencialmente pagán dos nosos campesiños non podía prescindir en absoluto de todas aquelas forzas misteriosas e, pese aos esforzos do cristianismo, conserva aínda moitas formas da vella relixión.

Aínda son moitos os espíritos que viven no noso campo e que exercen a súa influencia n-il, anque a súa importancia foise perdendo.

Antre aquiles seres de poder ilimitado, había outros cuíais

accións non acadaban ao domiño do absoluto, senon que se vian reducidos a un curto campo de acción. Algúns de istes seres podían faguer ben ou mal, coma as fadas, as bruxas, os nubiños, etc.

Outros eran completamente inofensivos, como ocorre co tardo, obxecto de istas notas.

Os datos de que nos valemos foron recollidos por nós da tradición oral na terra de Lobeira, ao sul da provincia de Ourense e na fronteira con Portugal.

N-algunhas rexións da Galiza, entre elas en Lobeira, consérvase nidiamente a tradición de iste persoaxe misturada n-outros sitios co trasno e coa pantasma.

Non é difícil albiscar a súa primitiva natureza por entre as influencias que sufriu e que o fan aparecer hoxe entre os nosos campesiños c-un carácter un pouco híbrido.

É hoxe, e foi probablemente sempre, o diaño burlón.

Pousase pol-a noite no peito da xente que durme, producindo-lle unha opresión; finxe pasadas na noite atrás dos camiñantes, pra lles pór medo; parte o eixe do carro cando se está lonxe da casa; desfai os feixes que a xente leva ás costas; perde as almalhas no monte pra que o dono de elas ande toda a noite na súa procura...

Agora ben; como é o tardo?

Eu non-o vin, mais coñezo a un vello que tivo a fortuna de velo e que me contou como era.

O tardo é pequeniño; non ergue do chan arriba de tres coartas. O seu modo de andar non é coma o da xente, senon que anda aos pinchos e ten unha maravillosa axilidade. Vai cuberto c-un traxe vello, tén barbas e, coma nota característica, vai cuberto c-un gorretiño bermello.

Iste é o tardo, por decilo así, ao natural, pois tamén pode transformarse n-un ser calquera do reino animal.

O tardo tenlle medo á luz; somentes sai fora da terra cando o sol fuxiu detrás do horizonte pra tornar a ela en canto amañece. Cecais a esta súa condición aluda o nome de tardó que se lle dá.

Pol-o demais é un ser inofensivo; compracese en lle xogar á xente bromas mais ou menos pesadas, anque sin gran trascendencia.

Ademais, o tardo é cobarde: en canto ve que lle poden faguer mal, foxe coma unha centella; cando se atopa n-un apuro, homildase e suprica pra que o axuden. Coma pequeno que é, ten mal xenio e enrabexase pol-a mais pequena cousa.

A súa mentalidade é estremadamente reducida; de isto aproveítanse os campesiños pra se ceibaren de il.

Todos istes detalles doumos a min quen-o viu, quen sufriu as súas bromas e quen se ceibou de il por algúns dos procedimentos que se empregan pra esconxuralo.

Imos agora ver algunhas das fazañas do tardo e o remedio que en cada unha se lle puxo, cando iste remedio tiña lugar.

N-unha ocasión viña un home do muiño; era xa tarde e o home ia canso, desexando chegar a súa casa e deitarse. Á volta de unha carballeira viu, coa natural alegría, que por alí andaba a pacer unha besta; o home foise chegando a modiño a ela deica lle botar a man por riba, montou de un brinco, arreoulle cos talóns e a besta arrancou á carreira. Así estiveron a correr durante moito tempo, mais non daban chegado á casa, anque o camiño era o dereito, según podía comprobar o home. Seguiron correndo hastra que o cabalo cansou; entón, pegou un brinco, chimpou ao home no chan e desapareceu. Ergueuse o home e atopouse a unha enorme distancia da súa casa e, se quixo, colleu o camiño e chegou a meiodia onda a súa xente, despois de pasar toda a mañán andando. Aquela besta era o tardo, que o quixera embromar.

Un veciño de certo pobo observaba que un cabalo que tiña na corte, aparecía total-as mañáns suado e coas serdas do rabo trezadas de tres en tres. O home logo se deu conta da cousa: aquilo era obra do tardo. E propuxose espantalo.

Descravou unha taboa do piso que caía por riba da corte do cabalo e, cando chegou a noite, púxose a espreitar á beira de ela. Levaba xa alí un bó anaco, cando sentiu rebulir na corte; ergueu a taboa e ollou: o cabalo estaba quedo, mais atrás de il atopabase o tardo trezandolle os pelos do rabo: cando rematou esta importante operación, montou dacabalo e comezou de trotar darredor da corte. N-unha de estas carreiras acertou a pasar por baixo do sitio en que estaba o home, quen, aproveitando a ocasión, meteu o brazo pol-o burato e agarroulle o gorretiño ao tardo. En canto iste sentiu que llo quitaban, comezou a se laiar, pedíndolle ao home que llo devolverse, que se non voltaria a meter coil; o home deullo e o tardo desapareceu a todo correr.

Velaquí, pois, un procedemento pra se ceibar de íl: quitarlle o gorrete. En efecto; o tardo non se pode marchar sen levar o seu capucho e ao mesmo tempo ten que se ir denantes que naza o dia, por eso non volta ao sitio en que llo pillaron unha vez.

Mais hai tamén outros procedimentos pra que o tardo se vaia e non moleste mais.

Como queda dito, ten unha cativa intelixencia; non sabe contar mais que deica trés (n-outros sitios deica dez) e ten a mania de contar todo o que atopa; a xente sabe aproveitar ben isto.

Habia unha muller que total-as noites sentia por riba do peito un peso que a abafaba. Ela non sabia de que poideria ser, mais unha veciña a quen llo contou, resolveulle a dúbida: era o tardo que viña pol-as noites a se sentar por riba de ela. Ao mesmo tempo deulle un remedio que a muller utilizou ao día seguinte: deixou no seu coarto, por riba de unha mesa, unha

cunca chea de liñaza. Cando o tardo apareceu, caeu na tentación de contar as sementes, que o mesmo houberan podido ser de millo, de centeo, de fabas, ou de outra cousa calquera. Valeiron a cunca encol da mesa e comezou de contar:

— Unha, duas, tres; unha, duas, tres...

Pero como non sabe contar mais non podía sair de eiquí; estivo co-esta cantinela un bo anaco até que cansou e fuxiu deixando as sementes. E non voltou a molestar á muller

Outra vez entreñábase o tardo en ir faguer ruido no dobre de unha casa, non deixando dormir aos que vivían n-ela. Mais eiquí sabían con quen trataban e logo puxeron remedio: encheron un caneco de auga e puxerono por riba do teito, por onde andaba o tardo. Cando iste apareceu pol-a noite, chamoulle a atención o caneco e púxose a miralo e a lle dár voltas; n-unha de estas, a auga derramouse. Cando aquilo viu o tardo quixo volver a recoller a auga, pois a il gostalle deixar as cousas do mesmo xeito que as atopa. Andivo todo abraiado a apañar coas mans, mais cando viu que non conseguía collela, botou a correr e non apareceu mais por aquí dobre.

Outra maneira de conseguir que fuxa consiste en deixarlle un sarillo dos que se empregan pro liño; o tardo ponselle dar voltas até que cansa i-entón vaise.

Gosta tamén de ir aos muiños pra se rir dos que alí concorren pol-a noite.

Unha vez foron ao muiño tres mozas. Á porta atoparon un miniño chorando de frío; colleron, metérono dentro, tapárono ben e sentáronse á súa beira. O neno calou e estivo quedo, mais en canto queceu pillou a correr e saíu pol-a porta afora, namentras berraba:

— Ujújú

que as nenas do muiño
quentaronme o cú...!

Era o tardo, que as quixera embromar.

Outra vez un home foi ao muiño n-un burro pra levar un saco de millo. Cando voltou, viña dacabalo, mais o aparello afroxou e deu a volta; o home quedou por baixo do burro, cos pés cara arriba, mais sen caer ao chan. Así veu deica a sua casa sen se decatar da postura que traguia ate chegar onda a sua familia, con moita risa dos que o vian pasar.

Así pois, o tardo é conpretamente inofensivo e as suas bromas carecen de trascendencia.

Todas estas suas condicións fan que teña un caracter persoal, a pesares do coal non está perfectamente diferenciado en toda a Galiza. É moi corrente confundilo con outros seres mitolóxicos, especialmente co trasno, deica o extremo de lle chamar *trasnada* a unha fazaña semellante ás do tardo.

Mais a diferenca aparece ben crara si eisaminamos o seu aspecto e a sua maneira de ser.

En efecto; o tardo ten unha grande semellanza cos gnomos das lendas xermánicas. É coma istes un ser pequeno, co seu gorro bermello, as suas barbas e o intresante detalle de que o tardo, o mesmo que os gnomos, vive por baixo da terra.

É pois un xenio da terra, como o son os gnomos.

Ainda hoxe eisiste na Alemaña un ser idéntico ao tardo, chamado Alp ou Mahre, que se senta no peito da xente namentras esta dorme e que vai faguer ruído pol-as noites.

A orixe do tardo é tamén distinta da dos outros seres con que se lle confunde: tanto o trasno coma a pantasma teñen a sua orixe nos mortos. Son seres que pertescen ao mundo en que viven os mortos; denantes de ser trasnos ou pantasma foron homes.

O tardo, non; sempre foi tardo; tardo nace e toda a sua vida o é.

Sin embargo, teñen algúns puntos de contacto, anque de pouca importancia e que cecais se debe a que a xente os con-

funde ás vegadas: N-algúns sitios adoitase deixar no lume, pol-as noites, uns croios pra que os mortos se veñan a quentar n-iles.

Pois ben; o tardo fai o mesmo que os mortos; cando pol-a noite se deixan esquecidas as trébedes na lareira, o tardo ven a se sentar n-elas pra quecer.

Pol-o demais, diferenciase ben dos outros seres que forman parte do mais alá nas concencias dos nosos campesiños.

Pra nós, o tardo ten a sua razón de eistir nos pesadelos. Istes fixeron nacer un ser que se entretén en molestar â xente pol-a noite, sendo despois o que fai ruído no dobre e o que ocasiona todas esas molestias que se non podian espricar de primeira intención.

Iste será o mais antergo aspecto do tardo. Despois, coas invasións xermánicas o tardo foi contamiñado con outras crências análogas que istes pobos traguian consigo, anque non todas fosen de orixen xermánico, senon adequiridas por iles no seu contacto con outros pobos. Dos xermanos debeu tomar o tardo o seu aspecto físico, idéntico ao dos gnomos.

O detalle do gorretino bermello atopámolo bastante difundido no seu aspecto de gorro máxico, como se pode ver, entre outros sitios, nas aventuras de Hassán Al-Bassri, narradas nas *Mil noites e unha noite*, conto, cecais, de orixe persa.

O tardo é, pois, unha das moitas herencias dos nosos antergos. Ao través do tempo e das distancias vemolo hoxe erguerse antre a nosa mitoloxia popular, adornado con algunhas influencias estranas, mais deixando ver o seu ser primitivo.

A confusión que n-algúns sitios eisiste antre o tardo e os outros poboadores do mais alá, debese, seguramente, a estas influencias.

A pesares de todo, é o tardo, cecais, o ser que aparece c-unha persoalidade mais crara e mais marcada no panorama da nosa mitoloxia popular.

*

* *

Xa no prelo estas notiñas, tivemos ocasión de recoller em Lobreira unha intresante lênda en coi da orixe do tardo.

Vela aqui:

Cando Deus rematou de crear o mundo, foi-se prao ceo; unha vez dentro, chamou pol-os seus anxos pra que entrasen tamén. Os anxos viñeron e entraron, pechando-se as portas do ceo cando Deus dixo: *sursum corda*. Mais houbo un anxo que non correu tanto coma os outros e cando pecharon o ceo, aínda il non poidera entrar, tendo que se quedar no mundo en castigo da sua *tardanza*. Iste anxo é o *tardo*.

É, pois, un anxo que quedou fora do ceo e pol-o tanto un demo; mais o seu pecado non foi grave por eso il non é ruín, limitando o seu poder a se rír da xente.

Por eso é pecado o lle faguer mal, coma ceibarse de il por meios violentos ou baterlle. Somentes se pode esconxurar por procedimentos que non-o perxudiquem.

É un ser ao que se lle tén mais compasión que malquerenza.

Esta lênda ven a nos confirmar na nosa opinión de que a sua orixe é distinta da dos outros seres mitolóxicos cos que se confunde ás vagadas.

Lobeira, 1933.

MEDICINA E SUPERSTIÇÕES POPULARES DE VIEIRA

POR

CARLOS TEIXEIRA

O minhoto é, em geral, saúdável mas, mesmo doente, emquanto se pode arrastar trabalha e labuta, sacrificando por vezes a sua vida ao amanho difícil dos seus campos ou às necessidades do seu gado, as vaquinhas mansas, companheiras queridas de trabalho e canseiras.

Ora na faina dos sachos, agüentando o calor de Junho e Julho que lhe queima a pele, o inunda de suor e cobre de pó asfixiante, ora carregando às costas pesados molhos e cestos de erva escorrendo água que o encharca e lhe entra pela cabeça para lhe sair aos pés, ora no rigor do inverno agüentando o trabalho da poda encarrapitado nas uveiras, ou de enxada em punho, cortando no monte o mato que lhe há-de dar estrume e forrar as côrtes, ora em Agosto, descalço, correndo entre o milho para melhor aproveitar a água fecundante e límpida que bem longe foi buscar, o minhoto nem tempo tem para pensar na sua saúde. Não se pode pois dizer que seja desleixado.

O trabalho deu-lhe a alegria que o caracteriza; a alegria deu-lhe a saúde e a força, e estas a persistência, a vontade férrea que vence todos os obstáculos, salta tôdas as dificuldades.

Emquanto pode, resiste; o médico só em último caso é chamado à pressa.

A farmacopeia caseira é abundantíssima, desde práticas ingénuas em que a religião se junta à mais baixa superstição e em que a doença é tida como uma personalidade que se afasta com

rezas e benzeduras, aos chás e defumadoiros e aos mais disparatados e irrisórios tratamentos. O remédio é Deus, diz o povo em sua linguagem. Curandeiros de profissão não há.

Embora muitos dos remédios usados sejam verdadeiramente disparatados, no entanto um grande número tem a sua explicação científica e, é preciso notá-lo, dão às vezes ótimos resultados, efeito talvez da sugestão, pela fé inabalável com que são tomados ou praticados.

Não raro se recorre a bruxas e feiticeiras e, se o indivíduo mostra sinais de ter diabo, leva-se, num dia certo, a São Bartolomeu de Cavez, ou põe-se-lhe a Senhora das Neves, da Lagoa, na cabeça.

E a terapêutica popular não esqueceu sequer o remédio contra os freqüentes achaques de dor de cotovêlo:

O alecrim do Castelo
Tem a fôlha recortada;
Para dores de cotovêlo
Não há coisa mais provada.

E não esqueceu também os afamados chás de arestas ou de cabeças de prégos, muito bons... «para não tossir depois de morto».

A superstição desempenha também um papel importante na vida minhota, e como por vezes é difícil delimitar o campo puramente supersticioso do campo puramente medicinal aqui juntamos os dois.

Todos os factos e notas etnográficas aqui arquivadas fôram reinidas ou observadas por mim na freguesia de Roças, do concelho de Vieira do Minho, situado a nordeste da cidade de Braga.

Dada a pouca bibliografia que tenho à mão não posso indicar a maior ou menor generalização de certas práticas.

Aparições diabólicas:

São freqüentes as aparições do diabo, que se apresenta sôbre várias formas; ora é uma sombra, ora um animal, ora um homem, até.

Tenho notado que aparece só de noite e não conheço casos em que êle tenha aparecido a mais que uma pessoa juntas.

Em conclusão, parece-me que tudo isso não é mais que medo e sugestão.

Correm, no entanto, as mais diversas histórias sôbre tais aparições, e casos há em que elas não ocasionaram só o susto mas produziram a morte. Cita-se até, freqüentemente, o caso dum indivíduo, grande jogador de pau, que dizia que nem ao diabo tinha medo. Pois uma noite teve de defrontar-se com êle num caminho deserto e solitário. Só de manhã chegou a casa, cansado e esfalfado e, poucas horas depois morreu, acrescentando a tradição, que a cabeça lhe ficou voltada para as costas!

Acredita-se nesta região que, quem levar o dedo polegar da mão esquerda fechado e apertado pelos outros, está livre destas aparições, muito freqüentes, acredita-se também, a quem faltar alguma palavra do baptismo.

Esconjura-se o diabo dizendo três vezes esta oração e fazendo cruces:

Eu te esconjuro diabo
Tista com tista;
São Pedro e São Paulo
E São João Baptista
Em volta de mim assista.
Abrenuntia.

Bruxas e feiticeiras:

Não é raro o caso em que o povo recorre a alguma bruxa para sarar de qualquer mal.

A mais conhecida aqui é a de Escarei, perto de Ribeira de Pena.

Acredita-se também em feiticeiras, apontando-se esta ou aquela como tal. E diz-se que à noite, nuas, depois de espojadas na cinza da lareira e untadas com um óleo só delas conhecido, saem pelo buraco da fechadura e lá vão guiadas pela mais velha, que vai dizendo e repetindo:

Por baixo de portelêdos
Por cima de silvarêdos...

Ora são luzes que vão correndo de monte em monte, acendendo-se e apagando-se e correndo, a vingar-se de quem com elas se meteu e não teve a cautela de agarrar na fralda da camisa, ora sombras que fecham janelas com estrondo, ora isto, ora aquilo.

Conta-se que duas feiticeiras entraram uma noite numa adega para provar o vinho. Eram mãe e filha. A certa altura, porque se entornou algum vinho, a filha exclamou «ai Jesus».

«Ah! disseste alcaçuz, agora fica aí», tornou-lhe a mãe saindo pelo buraco da fechadura ao ouvir pronunciar o nome de Jesus. E ela lá ficou, nua como estava.

Feitiços e bruxedos:

É fértil a crença popular em feitiçarias e bruxedos.

Quando alguém tem raiva a uma pessoa e se quer vingar dela, agarra um sapo, cose-lhe a bôca com uma linha e deita-o seguidamente a um ribeiro (1). Consoante o animal, tão cruel e estupidamente sacrificado, se fôr secando e mirrando, assim a pessoa visada se vai engaranhando e secando também (2).

A môça que passar uma côdea de pão à volta da cinta do-

namorado e a puser depois por cima da porta da sua casa tem a certeza que êste jamais a deixará e muitas vezes virá vê-la.

Um copo de vinho com algumas gôtas (em geral três) de sangue menstrual de mulher, é um verdadeiro filtro de amor...

A môça que consiga fazê-lo beber a um môço, tem a certeza que daí para o futuro a vontade dela é a vontade dêle, e que jamais a trocará por outra.

Para tal pode servir também um bôlo. E a lenda popular conta que certa rapariga, querendo que o namorado a não deixasse, fêz um bôlo para lhe dar a comer, dizendo muitas vezes enquanto êle se assava:

Coze-te, coze-te minha bôla
Faz com que quem te côma
Por mim morra...

O rapaz, porém, desconfiando da cilada, em vez de o comer deu-o ao cavalo.

E acrescenta a lenda que sempre que o cavalo passava naquela aldeia não havia modo de o tirar de ao pé da casa da rapariga.

Também um caco, enfeitiçado e colocado num caminho, comunica o feitiço à primeira pessoa que por ali passar!

Oração dos ovos:

Quando se *lança* uma galinha deitam-se os ovos no ninho aos punhados, dizendo:

Em louvor de São Salvador
Saia tudo pitinhas
E um só galador.
Padre-nosso, Avé-Maria (1).

(1) Outras vezes é atirado para debaixo da cama da pessoa a quem se quer mal.

(2) Na expressão popular fazer feitiçaria a alguém é fazer-lhe *endrômina*.

(1) Vd. prática semelhante em *Tradições Populares de Barroso*, por F. B. Barreiro, in «Revista Lusitana», vol. XIX.

À volta do pão:

Depois de arrumada a massa a um canto da masseira, a amassadeira traça sôbre ela, com a mão, uma cruz, dizendo:

São Mamede te levede
São Vicente te acrescente
Como o fole da semente...
E nós a comer, a comer,
Sem te poder vencer.

Acabando por dar três palmadas na parede exterior da masseira, com a mão.

Muitas vezes, para que levede melhor, metem no meio da massa um casco de cebola ou uma fôlha de loureiro e, há quem, com o mesmo fim, a cubra com as calças dum homem.

Padejadas as broas e encarrapitadas uma a uma sôbre a pá, lá vão para o forno, enquanto a forneira diz, fazendo cruces com a mão enfarinhada:

Benza-te Deus
Dentro do forno
E fora do forno
Como a graça de Deus
Pelo mundo todo.

Para talhar o bicho:

O « bicho » é qualquer inflamação que aparece no corpo e que o povo atribui à passagem dum bicho peçonhento, uma aranha por exemplo, por essa região.

Para o talhar pega-se numa faca, que ha-de ser só de ferro, e numa vara de urze, onde se dão três golpes, dizendo de cada vez:

Bicho, bichão
Cobra, cobraão
Sapo, sapão
Aranha, aranhão
Bichos de tôda a nação
Bichos que viveis e reinais
Na graça de Deus não andais
Sêcos, mirrados sejais.

E atira-se com a vara golpeada ao lume.

Nos porcos o bicho toma o nome de *rabunhão* e é atribuído à passagem de algum sapo pelo ninho, manifestando-se pelo aparecimento de grandes *borbulhões* na pele. Cura-se fazendo-lhe uma *barrada* bem quente com cinza da barrela e vinagre, ou deitando-lhe no ninho um punhado de cinza e outro de sal.

Outra maneira de talhar o bicho, mais completa nas palavras, embora a prática seja a mesma, é:

Jesus. O Santíssimo nome de Jesus me ajude
Deus queira que onde
Eu puzer a minha mão
Ponha o Senhor a virtude.
Se é bicho ou bichão
Se é cobra ou cobraão
Se é sapo ou sapão
Se é sardoa ou sardão
Se é lagarto ou lagartão
Se é aranha ou aranhão
Se é mosca ou moscão
Se é centopeia ou centopião
Todos os bichos e bichas
Que se tratam por nome são.
Consante vós comeis
E bebeis
E rabiais
E graças ao Senhor não dais
Sêcos, mirrados sejais.

Diz-se três vezes, cortando de cada vez uma vara de urze com uma faca só de ferro.

Arremesso dos dentes:

Os rapazes quando lhe caem os dentes voltam-se de costas para o forno e atiram-nos para cima dêle, dizendo:

Dente fora
Outro novo na cova

ou

Dente fora
Cag..... na cova.

Outras vezes, em vez de os atirarem a cima do forno, arremessam-nos à torreira da cinza ⁽¹⁾.

Ninhos :

Se descobrem algum ninho os rapazes ao contá-lo aos outros têm sempre o cuidado de só falar em *pedrinhas* e *sapinhos* ⁽²⁾, porque se falam em ovos e passarinhos as formigas ouvem, e depois vão lá e comem-nos. Semelhantemente procedem as pastoras suecas ao falarem do urso e do lobo, que lhes atacariam os rebanhos se lhes falassem nos seus nomes. Os habitantes de Kamtchatka procedem igualmente com o leão e muitas tribus assim procedem com o seu totem, segundo o testemunho de Frazer.

À cata dos grilos :

Os rapazes divertem-se por vezes a apanhar grilos, que depois ligam aos pares como se fossem bois. Para os esquiçar serve uma palha fina, e enquanto os esquiçam vão dizendo :

Grilinho, grileiro
À porta está um cruzeiro

ou

Grilinho, grileiro
Está à porta o João gaiteiro

ou

Grilinho à porta
Que andam as cabrinhas na horta

ou

Grilinho sai, sai
Que mataram o teu pai.

(1) No Marco de Canavezes dizem : « Dente fora, cag . . . na toca ». Sobre o arremesso do dente ver — Santos Júnior, *Nótula sobre o arremesso do dente*, in « Trab. da Soc. Port. de Ant. e Etnol. », págs. 363 a 368.

(2) Em Rio Caldo (Gerez) dizem *seixinhos* e *pelatinhos*, e depois do ninho ter passarinhos não se deve ir ver, porque os pais sabê-lo-ão pelo *bafo* e *engeitam*. (Pelatinhos = peladinhos).

Ao jogar a pedrinha ouve-se por vezes entre eles também, como reza com que os companheiros perderão à certa :

Engaranho, engaranho
Como os cornos do meu anho.

Modo de talhar o « doce » :

Quando uma ferida se torna sangrenta e vermelha, como se tivesse estado ao lume, diz-se que ganhou « doce ».

É preciso talhá-lo então. Para isso passa-se-lhe uma pena molhada em azeite, recitando ao mesmo tempo a oração seguinte :

Talho-te doce
Da lareira e do lar,
Do moinho e da igreja
E do ferro marteiral ⁽¹⁾.
Se te der por traz
Senhor São Braz;
Se te der pela frente
Senhor São Vicente;
Se te der pela banda
Senhora Sant'Ana . . .
Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
Rezemos um padre-nosso
E uma Avé-Maria . . .

Modo de talhar o ar e a inveja :

Qualquer pessoa pode ser atacada do mal da inveja ou ter ar. É então preciso talhá-lo.

Toma-se uma tezoura aberta, põe-se um crucifixo por trás, e à frente uma faca colocada transversalmente. Com êste dispositivo seguro na mão faz-se o sinal da cruz ao doente, dizendo :

Corto e talho êste ar
Para que mais êle aqui
Não possa entrar

(1) Marteiral — Adej. deriv. de marteiro (martírio) (?).

Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
Que mēzinha faça,
Que mēzinha faria;
Em seu louvor
Padre-nosso, Avé-Maria...

Repetindo-se três ou nove vezes.

Depois continua:

Faço cruz de Cristo aqui
Coisas más fugi daqui,
Lá no campo do José
Que nome de Deus fato é (?).
O Senhor permita
Que o corpo do doente
Fique são e salvo
Como na hora em que foi nado..
Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
Que mēzinha faça
Que mēzinha faria
Padre-nosso, Avé-Maria.

Fazendo três vezes o sinal da cruz como anteriormente.

Toma-se depois alecrim, salva, arruda, sal, três pingas de azeite, três bocaditos de bosta da porta do forno e um raminho de giesta da vassoura de varrer a casa e defuma-se o doente três vezes ao toque da SS. Trindade. A cinza, depois disto queimado, leva-se a um rēgo de água ou a uma encruzilhada.

Seguidamente pega-se numa roca e faz-se com ela o sinal da cruz sôbre o doente, dizendo:

F... se vês que estás pejada
Com boi ou vaca ou burro
Por ti te despejo de lá para fora.
Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
Que mēzinha faça
Que mēzinha faria
Em seu louvor
Padre-nosso, Avé-Maria..

Mau olhado:

Só as mulheres botam mau olhado, havendo algumas que só em olhar para as coisas, mesmo sem querer, o botam. E então as vacas estacam no meio do caminho, a teia enrodilha-se, a pessoa seca-se, tudo corre mal.

Para o lançar fora benze-se a coisa atingida com a parte dianteira da fralda da camisa dum homem, fazendo o sinal da cruz sôbre ela. A fralda da mulher não serve.

Contra o mau olhado é costume ainda, quando as vacas parem, atar-lhe uma fitinha vermelha no rabo, para as preservar de tal perigo.

Quem levar a fralda da camisa agarrada na mão o mau olhado não entra com êle.

A «fraga das penas más»:

As fragas das Penas Más ficam situadas no Rio Mau, na freguezia de Salamonde, e de longe são visitadas pela gente de outras freguezias que aí vão passar as crianças doentes.

E embora a freguezia, onde tiro estas notas, seja muito distante dêste local, alguém me informou que, algumas vezes, gente daqui lá foi também.

Vai-se de noite e é preciso ir por um caminho e voltar por outro, senão a criança não sarará. Vai a passadeira e outra mulher, a criança e o acompanhamento para tornar o medo àquelas.

Chegados ao local, a passadeira volta-se para a nascente do regato, arregaça a saia e abre as pernas, recebendo por entre elas a criança que a outra mulher lhe dá pela rectaguarda, perguntando ao mesmo tempo:

Que é que tu me dás?
— Doenças das penas más.

Responde a segunda, repetindo-se isto três vezes.

Seguidamente vestem uma camisa nova à criança e a passa-

deira, voltada agora para a foz do rio, em idêntica posição à anterior, passa a camisa velha, que foi tirada à criança, por entre as pernas, dizendo:

Raios partam Satanaz
Na fraga das penas más
Camisa maldita
Camisa doente
Que o mal não sente
Na tua ida para o mar
A doença levarás
Que esta criança traz
Raios partam as doenças
Raios partam Satanaz
Viva aquela criancinha
Curada nas penas más...

Atirando com a camisa à água, terminando assim a prática curativa.

Oração à lua:

A lua, como o sol, é um espírito mandado por Deus. Para que a lua seja propícia a uma pessoa, esta deve dizer ao ver pela primeira vez a lua nova:

Benza-te Deus lua nova
Quantos males eu tiver
Quantos vão de mim para fora
Emquanto esta lua durar
Mal ruim comigo não possa entrar;
Emquanto eu com outra me não benzer
Mal ruim não me possa impècer
Padre-nosso, Avé-Maria, Salvé-Rainha...

Ínguas:

Quando aparece uma íngua, para que ela desapareça imediatamente, deve ir-se de noite ao cobêrto dos carros e, subindo para o cabeçalho dum, dizer, virado para uma estrêla:

Estrelinha, esta íngua
Diz que seques tu;
Mas eu digo que seque ela
E que medres tu.

Diz-se isto três vezes e faz-se o mesmo três noites seguidas.

Entorses:

Quando alguém tem um pulso ou um pé aberto, é preciso cosê-lo.

Para isso põe-se ao lume um púcaro de barro, cheio de água, esperando-se que ferva. Vira-se então a água numa bacia, mergulhando nela o púcaro de bôca para baixo, o que provoca a aspiração da água. Sôbre o fundo do panêlo, onde se põe uma tesoura aberta, coloca-se a região a coser. Arranja-se uma linha, que se enfia na agulha sem lhe dar nó, e um novêlo.

Segurando o novêlo na mão esquerda e, na mão direita a agulha, passa-se esta pelo novêlo, dizendo:

Eu que coso?
— Braço aberto, fio torto.
— Isso mesmo é que eu coso.
Padre-nosso, Avé-Maria...

Faz-se isto três vezes e três dias seguidos (1).

Erisipela:

São variados os processos que em Vieira usam para talhar a erisipela.

No mais simples, toma-se uma corôa de prata e andando com ela à volta do lugar atingido da doença, diz-se:

Eu te talho ar de zipela
E ar de zipelão.
Ar de zipela sai-te daqui,
Prata lavrada vai atraz de ti.

Noutro processo toma-se um raminho de sempre-verde molhado em azeite, e, andando com êle à volta da ferida, diz-se:

Eram três pombinhas brancas,
Uma foi ao monte
Outra foi à fonte

(1) Vd. prática semelhante e bibliografia em J. R. Santos Júnior, *Notas de Medicina popular trasmontana*, Pôrto, 1929, págs. 28 a 31.

E outra encontrou a Virgem Maria
 E lhe contou em que fogo ardia...
 A Virgem Maria lhe respondeu
 Que talhasse a erisipela
 Três vezes ao dia
 E rezasse três padre-nossos
 E três Avé-Marias...

Num outro processo toma-se também um raminho de sempre-verde, molhado em azeite, dizendo, enquanto se vão fazendo com êle cruces sôbre a região lesada:

Pedro e Paulo foi a Roma
 Jesus Cristo o encontrou
 E lhe perguntou:
 — Pedro e Paulo que vai por lá?
 — Senhor morre muita gente
 De erisipela e póla má.
 — Pedro e Paulo torna lá
 Dá-lhe com palma e lima...
 Rosa maldita que aqui nasceste
 Em tempo de geada,
 Chuva e tempestade
 Em nome de Jesus Cristo
 Como isto é verdade
 Nunca mais êste mal
 Aqui lavre.

Repetindo-se três vezes.

Outra maneira de talhar a erisipela:

Tomam-se três pingas de azeite, três areias de sal e uma pouca de água e, com um ramo de sabugo ou sempre-verde formado por três raminhos, cada um com três fôlhas, unta-se com êste líquido a parte lesada, dizendo:

— Como se chama?
 F... de Jesus
 Zipela me come imprói. (1)
 Com que a curemos?

(1) Impói = e me rói (?)

— Com agüinha da fonte,
 Ervinhas do monte,
 Areinhas do mar...
 Sai-te daqui zipela
 Que F... de Jesus
 Não te pode suportar.
 Em virtude do Santo nome de Jesus.

Faz-se nove vezes e em três dias seguidos.

Outro processo ainda, em que parece estarem refinidos os dois anteriores, é o seguinte:

Toma-se um raminho de oliveira com nove fôlhas, três pinguinhos de azeite e três areias de sal e, molhando as fôlhas neste líquido, fazem-se cruces sôbre o mal, dizendo:

Pedro Paulo foi a Roma,
 Jesus Cristo o encontrou
 E o Senhor lhe perguntou:
 — Pedro Paulo que vai pela tua terra?
 — Muita zip'la e muita zipela,
 Muita gente morre dela.
 — Pedro Paulo volta para traz
 E talha-lha com raminhos de oliveira
 Areinhas do mar
 E azeite da candeia
 Que ninguém morrerá dela.
 Avé-Maria.

Diz-se isto nove vezes, tirando de cada vez uma fôlha ao raminho de oliveira.

O processo que vou citar é menos usado.

Toma-se um ramo de sempre-verde com três galhinhos, cada um com três folhinhas, que se passa pelo lume, e com o qual se rodeia depois a região atacada de erisipela, dizendo:

Eu que talho?
 — Zipela e zipelão
 Zipela saltadeira
 Bailadeira
 Que não lavres mais
 Nem deixes os teus sinais

Pelo poder de Deus
 E da Virgem Maria
 Que mēzinha faça
 Mēzinha faria
 São Pedro e São Paulo
 Apóstolo São Tiago.
 Vem a mim amor,
 Vem às cinco chagas de Nosso Senhor
 Sempre-verde honrado
 Que na cama de Jesus Cristo
 Foste achado.
 Aqui talho este cão,
 Este *reburado*
 Para que este mal
 Aqui não layre mais
 Nem deixe sinais.

Mal, mal vai-te ó mar
 Que o corpo de F... não te pode suportar.
 Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
 Que mēzinha faça
 Mēzinha faria.

Outro modo ainda de talhar a «zipela» é o seguinte: arranjam-se três raminhos de oliveira com três fôlhas cada um e, tomando um por cada vez, molha-se em azeite misturado com água, e depois passando sôbre a região molestada, diz-se ⁽¹⁾:

Pedro Paulo foi a Roma
 Pedro Paulo lá tornou
 Com Jesus Cristo se encontrou
 E êle lhe perguntou:
 — Pedro Paulo que vai pela tua terra?
 — Senhor muita zipela, muita zipela
 E muita gente morre dela.
 — Pedro Paulo torna lá
 E atalha-lha com esparto do monte
 E azeite da oliva
 E água da fonte
 Que ela secará.

(1) Vd. práticas semelhantes e bibliografia em Santos Júnior, *Notas de Méd. pop. trasmont.*, cit., págs. 45 e segs.

Pelo poder de Deus
 E da Virgem Maria
 E do apóstolo senhor São Tiago
 Para que o meu corpo torne a seu estado
 Consante foi nascido e gerado.
 Em seu louvor: Avé-Maria.

Faz-se nove vezes e em três dias.

Mais uma maneira de talhar a «zipela»: toma-se um ramo de sabugueiro e, molhando-o em azeite, passa-se sôbre a região afectada, dizendo:

Sempre-verde bem-aventurado,
 Que nasceste sem ser semeado,
 Tira-me este doce e este roburado
 Que no meu corpo tem entrado.
 Pelo poder de Deus
 E da Virgem Maria
 Que mēzinha faça,
 Que mēzinha faria.
 Em seu louvor
 Avé-Maria.

Raiva:

Contra a raiva, nada mais conheço que esta oração de S. Romão, advogado de cães danados:

Encomendo-me eu à luz,
 E à santa bela Cruz,
 E à flor da verdade,
 E a São Romão
 Que em Roma está
 Que me livre de cães danados
 E por danar.
 Sou morto do mau encontro
 Sou vivo do maior perigo
 São Romão seja comigo.

E esta outra passagem do responso de Santo António:

Maria Santíssima
 Me livre de lobos, de lobas
 De cães, de cadelas
 De águas do rio,

De ferros de el-rei
E das más tentações
Que são piores que o demónio,
Ó meu padre Santo António.

Bichas:

São múltiplos os remédios caseiros usados para expulsar os vermes intestinais.

A infusão de hortelã moira, o suco de artemísia esmagada e espremida, o sumo de limão verde, são bastante usados como remédios infalíveis.

Um outro remédio obtém-se espremendo um limão, deitando-lhe no sumo alguma cinza e umas gotas de azeite, mexendo tudo durante vinte minutos ou meia hora e bebendo-o em seguida.

Outro remédio obtem-se com urtemige (artemísia) e alhos pisados, fritos em azeite. Com esta pasta esfrega-se a barriga do indivíduo atacado, para as bichas desennovelarem.

A água de fôlhas de codeço pisadas é usada também... mas para as bichas das vitélas.

A propósito, não deixarei de registar aqui o facto seguinte, que a tradição popular conserva:

Um rapaz, estendido no chão, contorcia-se com dores de barriga. Chega na ocasião um velhote, muito *pândego*, que se propõe logo sará-lo. E, muito sério, recita-lhe esta exquisita oração:

Se tu tinhas bichas
Porque mo não dizias,
Que eu t'as tiraria
Com três palhas alhas,
E fumo de três bugalhas
E três p..... meus,
E três do Mateus,
E três do meu cão...
Vai-te embora toleirão,
Que já estás são.

É de facto, segundo se diz, o rapaz sarou.

Previsão do sexo:

A mulher grávida que queira saber antecipadamente o sexo da criança que há-de nascer, toma uma castanha *bolerca* ou *choucha* e, pondo-a sôbre as brasas do lume, espera um pouco. Se a castanha fizer ffff... é rapaz; se se queimar sem ruido, é uma rapariga (1).

Um outro processo consiste em observar como a grávida traz a cara. Se a mulher traz a cara farrusca, isto é, com *pano*, traz uma rapariga; se a cara mostra um aspecto frêsko sem *pano* é, à certa, um rapaz.

Outra maneira de predeterminar o sexo é reparar, quando a grávida vai a subir uma escada, qual é o pé que *bota* primeiro. Se fôr o esquerdo, é rapariga; se fôr o direito, rapaz.

Há outro processo ainda, que não é mais que uma variante dêste. Junto da grávida, deixa-se cair qualquer coisa, para dar ensejo a que ela se agache para a apanhar. Se, ao agachar-se, ela ergue o pé esquerdo, é rapariga; se ergue o direito, é rapaz.

Gravidez e parto:

Se uma mulher não *vinga* os filhos, isto é, se estes morrem antes de atingirem o desenvolvimento fetal completo, recorre então, quando novamente se encontra grávida, à seguinte prática:

Dirige-se uma noite à ponte de Domingos Terno—podendo ser outra qualquer, mas sendo condição necessária que sôbre ela tenha passado o senhor arcebispo,—e aí espera que amanheça. A primeira pessoa que atravessar a ponte há-de baptizar a criança, aspergindo com água do rio a barriga da grávida. Esta

(1) Prática igual foi colhida em Moncorvo, pelo dr. Santos Júnior e publicada a pág. 14 do seu trabalho *Notas de Med. pop. trasmont.*, já cit.

mesma pessoa há-de ser mais tarde o padrinho, ou madrinha, da criança, que há-de nascer robusta e sã ⁽¹⁾.

Quando o parto é dificultoso e demorado, faz-se subir acima do telhado da casa uma menina virgem, que exclamará:

Ó Senhora de Salto
Valei a esta mulher que está em parto.

Repetindo isto umas poucas de vezes.

Se a parida não livra, isto é, se tardam as secundinas, faz-se com que ela bufe a uma garrafa e, seguidamente, defuma-se com alecrim, por causa do mau olhado.

É interessante também o processo de que usam para que as vacas *livrem*.

Vai o dono da vaca a uma horta e, isto é condição necessária, colhe três folhas de couve, e dando-as a comer ao animal, livrará imediatamente.

Terá mais virtude esta prática se cada folha de couve fôr colhida numa horta diferente e, deixará de ter eficácia, se o dono das couves presenciar o supersticioso roubo.

As crianças recém-nascidas são, em geral, defumadas com arruda, alecrim, salva, bosta do forno, sal, três pingos de azeite, etc. (às vezes 21 elementos), dizendo-se:

Dois te deram
Três te tiram:
Pai, Filho e Espirito Santo...

Após o baptizado, a madrinha põe a criança sobre o altar de Nossa Senhora das Dores, para que não tenha dores.

(1) Em Ruivães as mulheres que sofrem abortos consecutivos fazem a mesma prática na ponte de Misarela, que o povo crê que foi feita pelo diabo. Esta prática é belamente descrita no livro de Ferreira de Castro, *Terra Fria*.

Maleitas:

Para as maleitas, bastante raras nesta região, usava-se outrora um remédio em que entrava limão e aguardente. A pessoa que me informou não soube dizer mais. É interessante o que fazem os rapazes depois de tomarem banho, para se livrarem das maleitas.

Voltam-se de costas para o rio e tomando dois punhados de areia atiram-na por cima dos ombros para trás das costas, dizendo três vezes:

Maleitas a Braga,
Maleitas ao Pôrto,
Maleitas fora do meu corpo.

E só depois é que se vestem.

Cravos:

Quando alguém tem verrugas, na linguagem vulgar chamadas *cravos*, promete a São Bento ⁽¹⁾ um ramo de cravos se êle o sarar e o livrar delas. A estranha promessa provém talvez da homofonia das palavras, porque a semelhança entre a flor e a verruga não é assim manifesta.

Como remédio, é por vezes usada também a água forte para as queimar.

Um outro remédio é atar-lhe em volta um cabelo, o qual pouco a pouco, irá cortando a incómoda verruga, que finalmente cairá.

Asma:

Arranja-se uma tripa de porco bastante comprida, e faz-se com que o doente lhe bufe numa extremidade, enquanto a outra se dá a um gato que, seduzido pelo cheiro da carne, raivosamente lhe pegará e tentará fugir com ela. Está a ver-se a eficácia absoluta de tal remédio...!

(1) São Bento da Porta Aberta, mais conhecido pelo milagroso São Bentinho.

Para a asma é também usado fumar cigarros feitos com folhas de bretónica torrada e moída — *Melithis melissophilum*, Lin.

Ventre caído:

O ventre caído é de fácil diagnóstico. Quando uma criança anda continuamente destemperada e lança fora tudo quanto come, tem, à certa, o ventre caído.

E é preciso erguê-lo quanto antes.

Procura-se então uma casa em que haja uma porta de entre-meio virada ao nascente, servindo mesmo uma janela, e erguendo o menino de pernas para o ar debaixo da porta, diz-se:

Ventre caído,
Ventre emprastado
Torna a teu estado
Donde foste nascido e gerado...
Assim como esta porta está
Virada para o nascente,
Assim te Deus Nosso Senhor sare
Dês hoje para todo o sempre.
Avé-Maria.

Faz-se isto três vezes e em três dias seguidos.

Impigens:

Um remédio aconselhado para as impigens é o suco amarelo da seruda — *Chelidonium majus*, Lin. — com que se esfrega a região atacada.

Um outro é: Pela manhã, ainda em jejum, o indivíduo que tem a impigem vai à torreira e molhando o dedo indicador da mão direita na bôca mergulha-o na cinza. Correndo depois o dedo encinzado sobre a impigem à volta ou em cruz diz:

Impija, rebija
Sai-te daqui
Que cinza e borralho
Vai atrás de ti.

Faz-se isto três vezes cada dia e em três dias seguidos.

Um outro remédio obtém-se reduzindo a pó bocados de jornais queimados e deitando êste pó sobre a impigem.

Um remédio, também freqüente, consiste em, logo de manhã, em jejum ainda, passar sobre a impigem um dedo molhado em saliva, dizendo:

Impija, rabija
Sai-te daqui
Que eu já hoje comi e bebi.
Assim como isto é verdade
Assim tu medres aqui (1).

Diz-se três vezes.

Folgo-lobo:

O folgo-lobo é um bicho cuja mordedura produz grandes dores. Se acaso êle junta «o c... com a cabeça» a pessoa mordida morre.

Para o talhar diz-se:

Folgo-lobo vou talhar
Com azeite da oliva
E cinza do lar
Para que êle aqui não cresça
Nem possa medrar...
Para que não ajunte
O c... co'a cabeça.

Passando sobre a ferida as ervas do folgo-lobo molhadas em azeite e cinza (2).

Dores de dentes:

São variados os remédios contra a dor de dentes.

Um defumadoiro com alecrim, bosta sêca da porta do forno e centeio em grão é usado como remédio muito eficaz.

Outro remédio é pôr sobre o dente que doi um dente de alho, quente nas brasas. Quanto mais quente melhor fará.

(1) Vd. *Crençices e Linguagem de Pedroso*, por Rocha Beleza em «Revista Lusitana», vol. XIX.

(2) Não consegui saber de que ervas se trata.

O mesmo dente de alho aquecido e metido no canal auditivo do lado em que está o dente dorido, passa por ser muito bom.

Um remédio também empregado é o fermento.

Em tôdas as casas não deixa de haver nunca um *vidro* com aguardente do fumo, que é esplêndido específico contra dores de dentes e outros males.

O petróleo, o incenso e a urina são muitas vezes usados também para abrandar as dores de dentes.

Além dos simples defumadoiros, de que já falei, usam fazer por vezes os chamados *sódoiros*.

O indivíduo a quem doem os dentes mete-se na cama e, bem coberto, debruça-se para fora, apanhando na cara os vapores que saiem dum pote em que se ferveram folhas de alecrim, folhas de cana, folhas de arruda, folhas de salva e folhas de hera.

Desesperado com a dor, certo indivíduo, segundo êle próprio me contou, lançou mão doutro remédio que lhe foi duma eficácia absoluta. Tomou um garfo e meteu-o no lume até ficar reluzente. Depois queimou a gengiva à volta do dente que lhe doía.

Não deixarei, já agora, de citar mais um caso. Um mção estava com uma grande dor de dentes. Encontrando-o certo indivíduo, no monte, mandou-o pôr sôbre um penêdo, ajoelhado e com as mãos debaixo dos joelhos, dizendo depois:

O F... com uma dor de dentes está
E a mim pouco se me dá.

O que é certo, diz ainda a tradição, é que o dente deixou de doer e o rapaz foi a saltar de contente para casa.

Tumores, abscessos e espinhas:

Para que venham à supuração os tumores, os abscessos e as espinhas, deve aplicar-se sôbre êles um casco de cebola com azeite ou com fermento.

Outro remédio é colocar sôbre êles uma fôlha de silva (*Rubus*) com mel.

É aconselhada também, como eficaz, a aplicação de folhas de amieiro (*Abnus glutinosa*, Gaert.) embebidas em azeite.

Uma papa feita com farinha de milho e água, aplicada sôbre o tumor ou o abcesso, é tida como um remédio excelente.

Um remédio, ainda, muito bom para fazer puxar os tumores ou os abscessos é a aplicação sôbre êles, continuamente, de panos molhados em vinho.

Queimaduras:

Para as queimaduras é muito usada a aplicação, sôbre elas, duma pasta que se obtem fritando coucelos (*Cotiledon umbilicus*, Lin.) em azeite.

É também muito bom cobrir a região queimada ou escaldada com óleo de linhaça, que impedirá que enfolache.

A imersão da parte queimada em água fria é também usada.

A aplicação de azeite virgem é aconselhada como muito boa.

Mas de todos os remédios há um que é estúpido e brutal. É a aplicação sôbre a queimadura de excremento de boi (bosta) misturada com sal, o que deve causar grandes dores.

Engasgados:

Quando alguém se engasga ao comer, porque alguma migalha lhe passou à laringe, deve, quem estiver presente, dar-lhe dois murros fortes nas costas, dizendo:

Desadormece Vicente,
Não durmas sempre...

Reumatismo:

Contra dores de reumatismo dão esplêndidos resultado as fricções com unto de cobra. Apanhada uma cobra grande, corta-se-lhe palmo e meio de cabeça e palmo e meio de rabo, abre-se depois e tira-se-lhe a parte gordorosa. É crença geral que êste

unto atravessa todos os vasos, só se conservando dentro da casca dum ovo.

Outro remédio obtem-se pisando a seruda e assando-a depois debaixo do borrvalho, embrulhada numa fôlha de couve e misturada com gordura de porco. A pasta assim obtida aplica-se, bem quente, sôbre a região onde a dôr se manifesta.

Fricções de urina quente são também aconselhadas como boas para as dores de ossos e pontadas.

Outro remédio contra as dores de ossos é o cêbo de texugo, derretido, que se usa em fricções.

Para fricção, e contra o mesmo mal, se guarda, na ocasião da matança, dependurado ao fumo, o fel e o órgão genital do porco.

Um remédio considerado eficaz na dor de ossos e mesmo na inchação dos pés, é o seguinte:

Arranja-se uma certa quantidade de fêno das pontas da erva castelhana ou molar, e coze-se, durante muito tempo, num pote grande, cheio de água. A água fica da côr do vinho. Mete-se depois o membro atacado de dores nesta água, o mais quente que se possa suportar.

Ferimentos:

Quando se dá um golpe, são usados como hemostáticos as raspas de chapéu velho e as teias de aranha.

Quando se solta o sangue pelo nariz, é bom pôr nas costas do indivíduo, a quem êle se soltou, uma cruz feita com duas palhas. Para ser eficaz o indivíduo não deve dar conta que lha puzeram.

Bicha solitária:

Para a expulsão dêste parasita é muito bom o chá de raízes de romanzeira (*Punica granatum*, Lin.).

É aconselhado também, como bom, o comer bacalhau cru, salgado, em grande quantidade, durante algumas manhãs, e em jejum.

Um outro remédio é comer pevides de abóbora menina.

Sarna:

É usada, contra êste incomodo mal, untar o corpo com carne gorda e enxofre, durante três dias seguidos.

Um remédio definitivo e eficaz embora brutal e grosseiro, só usado quando a sarna resiste ao primeiro tratamento, é o petróleo. À noite, a pessoa que tem a sarna embrulha-se num lençol embebido em petróleo e mete-se na cama... É certa a cura.

Cólica e dores de barriga:

Contra a dor de cólica é remédio eficaz tomar um ôvo *borne* em que se faz um burquinho deitando-lhe dentro, por aí, lixo (excremento) de galinha, sêco e reduzido a pó. O remédio é mais eficaz se o excremento fôr de galinha preta. Garante-me pessoa ilustre que viu já fazer êste remédio com óptimos e imediatos resultados. O chá de fôlhas ou de *tonas* sêcas de pepino branco, é também considerado como eficaz.

Quando alguém está com uma cólica ou uma dor de barriga violenta é bom beber um copo de azeite ou um copo de água morna.

Um remédio aconselhado contra as dores de cólica é tomar um copo de água em que se deitou um pouco do pó que se obtem, torrando o revestimento interior, amarelo, da moela da galinha e pulverizando-o em seguida.

A infusão de barbas de milho amarelo é tida como excelente específico contra as dores de barriga. Não deixarei ainda esquecido o aforismo popular:

Doi-te a barriga?!...
Salta para ribal...

Garrotilho:

Contra o «gorgotilho» é remédio aconselhado friccionar a garganta com o órgão genital do porco defumado, que se guardou da matança.

Pisaduras:

Nas pisaduras e pontadas é usado deitar bichas (sanguessugas), para tirar o sangue podre.

Nas pisaduras é bom aplicar sobre elas uma pasta feita com urjebão (*Verbena officinalis*, Lin.) pisado, que come aquele mal.

Diarreia:

Contra a «soltura» é bom comer trigo sêco porque «entapa».

O chá de pontas de silva é tido como bom remédio também.

São aconselhados ainda o caldo de trigo torrado, a água fresca com limão e o chá de cascas de pepino.

Picadela de víbora:

Acredita-se que a víbora não ouve e o povo costuma dizer:

Se o lisranço visse
E a víbora ouvisse
Estava o mundo perdido.

E ainda êste outro:

Mordedura de lisranço não tem descanso.

Acredita-se também que a picadela de víbora só é mortal para o primeiro animal picado nêsse dia. Quando a víbora pica qualquer animal deve atar-se-lhe imediatamente acima da mordedura uma verga de carvalho cerquinho muito arrochada e, a ferida é bom ser esfaqueada e golpeada, metendo-se depois em água corredia.

Ê remédio aconselhado também a aplicação de carne gorda de toucinho (1).

(1) Sobre a mordedura de víbora vd. Santos Júnior, *Notas de Med. pop. trasmont.* cit. págs. 50 e segs.; Bethencourt Ferreira e Santos Júnior, *Sobre o ofitismo em Portugal — Medicina popular das mordeduras de víbora*, in «Comptes-rendus du XV.º Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique», Portugal, 1930, pág. 704; Bethencourt Ferreira e Santos Júnior, *Notas sobre a medicina popular das mordeduras de víbora — A Pedra Bezoar*, in «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», Coimbra, 1933.

O povo conhece perfeitamente o facto do porco ser refractário á picada de víbora e sabe também que êle, se a presentir, fossará até a encontrar, nem que para isso tenha de deitar a casa abaixo!...

Ougados:

Os meninos machos (!) estão muito sujeitos a ougar. Quando tal acontece ficam «enxêgados» e «oupila-se-lhes» o cabelo.

Para os curar faz-se um bolinho quando se coze o pão, e unta-se com azeite, fazendo-o comer à criança atrás da porta.

Idêntica prática conheço em Chaves, onde as crianças, para perderem o mêdo, devem comer e esbulhar atrás da porta uma cabeça de galinha.

Enxêgados:

Quando as crianças estão fraquinhas e enxêgadas levam-se a Felgueiras, freguezia próxima, dando-lhe um banho na pia de São Vicente.

A pia fica situada junto à capela dêste santo.

Saida do umbigo:

Quando as crianças se apresentam com o umbigo muito saliente põem-lhe sobre êle um vintém e ligam a criança à volta da cinta.

Queda do cabelo:

Contra a queda do cabelo é bom remédio lavar a cabeça com água em que se coze tormentêlo (*Thymus caespitius*, Brot.). E lá está a quadra popular a dizê-lo:

Menina d'além da ponte
Com que lavas o teu cabelo?
— Com uma ervinha do monte
Que se chama tormentêlo.

Lavar a cabeça com água-ardente dá-lhe fôrça e vigor também.

As mulheres usam untar o cabelo com banha de porco ou pingue sem sal.

Crê-se também que a resina do pinheiro é a causadora da *tinha*, como se acredita também que os gatos podem pegar a asma.

Sarampo:

É bom tomar chá de flores de sabugueiro (*Sambucus nigra*, Lin.).

Febre:

É bom atalhadoiro o chá de flor de sabugueiro e a aplicação de panos molhados em vinagre na testa.

Chá de raízes de urtiga (*Urtica membranacea*, Poir.) é usado também.

Feridas:

Para a cura de feridas é aconselhada a lavagem com água de malvas (*Malva rotundifolia*, Lin.).

É muito bom também sapejá-las com urina.

A aplicação sobre a ferida de um pano embebido em azeite virgem é aconselhada como dando resultados seguros.

Quando alguém tem uma ferida, se deixar cair sobre ela o sangue que escorre doutro ferimento da mesma ou doutra pessoa, a cura é imediata, por mais rebelde que ela seja.

Um remédio também usado é polvilhar a ferida com o pó obtido torrando ao lume uma camisa de cobra. Remédio semelhante é citado por Jerónimo Cortez num livro de 1786 (1).

Um outro remédio para feridas é a pomada que se obtém tomando cinco tostões de alvaiade e cinco tostões de pós de Joane e amassando tudo com azeite. Para que fique mais fresco é melhor fazer metade de cada vez, aplicando-o depois sobre as feridas.

(1) «Segredos, e virtudes da pele, que a cobra costuma despir — A pele da cobra queimada, e posta em cima de alguma ferida a deixa sã; e se houver bico ou ferro metido dentro na carne costuma atraí-lo a si, até o tirar fora. Notem huma, e outra vez, e advirtão que quem trazer consigo os pós desta pele de cobra será preservado da lepra, de lhe empecer qualquer peçonha... porém se ha-de queimar a dita pele, estando o sol no signo de Aries...» — *Fysionomia e varios segredos da natureza*, composto por Jerónimo Cortez, Lisboa, 1786.

Dores de ouvidos:

Contra a dor de ouvidos é bom lançar no canal auditivo externo leite de mulher.

Inflamação dos olhos:

Faz muito bem lavá-los com água em que se ferveram rosas de Alexandria.

Um outro remédio é lavá-los com uma estriga de linho embebida em vinho.

A água de flor de malvas é também usada como bom remédio.

Dores dos rins:

Contra a dor dos rins é boa a água em que se ferveu hipericão (*Hipericum androsaemum*, Lin.).

Constipações:

Nas constipações são bons os escalda-pés.

Um remédio muito freqüente é tomar um xarope, que se obtém fervendo figos secos com vinho e mel.

São múltiplos os chás usados contra constipações, mas entre êles são mais vulgares os de lorangeira e os de avenca (*Adiantum Capillus Veneris*, Lin.).

Café com aguardente é aconselhado também.

Um remédio tido por excelente é obtido fazendo um caldo de unto e cebola, que se deixa ferver durante quatro horas. Junta-se-lhe então uma quarta de açúcar mascavado, deixando-o ferver mais meia hora. Toma-se em seguida muito quente.

Flato:

É aconselhado o chá de cidreira ou de limonete (*Lippia triphila*, Okze.).

Prisão de ventre:

Contra a prisão de ventre é bom comer cebola cosida em grande quantidade.

Dores de estômago:

Chá de fel da terra (*Centaurium umbellatum*, Gilib.).

Para que o leite seque:

Para que o leite de qualquer fêmea seque basta deixar queimar no lume uma pequena quantidade dêle.

Anemia:

É um remédio excelente a água em que se cozeram ferros-velhos, tomada tôdas as manhãs.

Tuberculose:

É remédio considerado eficaz a água em que se cozeram lesmas, tomada de manhã. Para cozer as lesmas atam-se estas num paninho.

Rendidos:

A criança que fôr rendida deve ser curada do modo seguinte: vai a madrinha e o padrinho com a criança a um monte e aí racham ao meio um carvalho cerquinho, abrindo-o em seguida. A madrinha posta dum lado passa a criança ao padrinho que está do outro, dizendo:

Como êste carvalho soldar
Assim esta criança há-de sarar.

Faz-se isto nove vezes.

Seguidamente metem-se cinco réis na fenda do carvalho e liga-se êste outra vez muito bem ligado com barro misturado com gordura. Conforme o carvalho fôr soldando assim a criança irá sarando.

Em vez da madrinha e do padrinho podem servir duas Marias, virgens.

Afirmam-me que um carvalho que existe nesta freguesia e de grande tamanho serviu a uma destas práticas para um indivíduo, que ainda é vivo.

Espinhela caída:

O povo chama espinhela caída à deslocação do apêndice-xifoideu do esterno, que pela sua natureza cartilágnea dá, por

vezes, essa ilusão. É caracterizada por uma grande debilidade e fraqueza. A causa rial é, naturalmente, a insuficiência alimentar e o trabalho em demasia. O indivíduo que tiver a espinhela caída precisa de erguê-la.

Para isso há sempre alguém que sabe levantá-la. Segundo-me contaram, é do modo seguinte:

O doente senta-se numa cadeira, junta os pés, encosta-se para trás e a erguideira agarrando-lhe os pulsos leva-lhe, vagarosamente e puxando-os sempre para trás, bem estendidos, os braços acima da cabeça. Se nesta posição os dedos coincidendo à mesma altura, não se trata de espinhela caída. No caso contrário, a prática continúa. A erguideira, conservando o doente com os braços erguidos, começa por lhe correr sôbre êles as mãos, de cima para baixo, esfregando-os vagarosamente.

Finalmente, é colocado na bôca do estômago do doente um emplastro feito com uma fatia de trigo, frita em azeite e com açúcar. Durante três dias o doente deve comer bem e não trabalhar.

Icterícia:

Um remédio tido como eficaz é comer piolhos vivos.

Um outro remédio aqui usado é feito da seguinte maneira:

Compra-se na farmácia um quartilho de água de rosas e divide-se em duas partes iguais. Numa lançam-se quatro claras de ovo e na outra o sumo das ervas sapeiras ou lampeiras⁽¹⁾, pisadas e borrifadas com um pouco de água no dia anterior.

Mistura-se tudo e mexe-se bem durante bastante tempo. Depois divide-se para tomar em nove manhãs, sendo necessário, depois de o tomar, passear uma hora ou hora e meia.

É preciso guardar dieta, só comendo carnes frescas e não bebendo nada, a não ser leite.

(1) Hepáticas do gen. *Marchantia*.

Se se tratar de casados, não podem dormir juntos durante os dias da cura...

Superstições diversas:

Enquanto se leem os banhos os noivos não devem ir à missa... para que os filhos, depois, não saiam moucos.

Chover no dia da bôda é indício de prosperidade futura e muita riqueza.

Quando uma criança entra pela primeira vez num moinho, deve meter-se-lhe a mão direita no olho da mó, para que não seja ladra.

Se, nascida uma criança, não há cuidado e os ratos lhe fogem com a «embide», ela será sempre traquina e ladra.

Os ramos bentos de oliveira do Domingo de Ramos têm a propriedade de preservar o lugar, onde estiverem, das faíscas, e queimados no lume afastam as trovoadas.

Quando um borborinho de vento volteja à roda duma pessoa é o diabo que se quer meter nela.

Galinha que canta de galo, ou cão que uiva muito, é sinal de morte.

Quando os ovos das galinhas são extremamente pequenos, são atribuídos aos galos, e acredita-se que dêles nascerá uma cobra.

O indivíduo que matar a primeira cobra que encontrar depois do inverno, não terá boa sorte nêsse ano, e o que a não matar, embora tente feri-la, não será capaz de matar mais nenhuma até ao ano seguinte.

Para que a casa não seja atingida de desgraça e a família de doenças, deve ser defumada com rama de pinheiro e fôlhas de eucalipto no primeiro de Agosto.

Quando os porcos, ao serem levados para a feira, teimarem muito, pelo caminho, em voltar para traz, é porque pressentem muito dinheiro ao dono.

O porco em cada noite sonha sete vezes que está a comer o dono, e o cão sete vezes que lho estão a matar.

Quando uma nogueira atingir a grossura da pessoa que a semeou, esta morre fatalmente. Esta crença dá por vezes origem à estúpida destruição da preciosa árvore por aqueles mesmos que a semearam.

Para ver de que é que o ano será mais farto, observa-se a flor (inflorescência) do jarro (*Arum italicum*, Lin.) que apresenta uma parte que se assemelha a grãos de milho e outra que se parece com centeio e trigo. A que fôr mais desenvolvida indicará a espécie de mais abundância nêsse ano.

O porco pinto só tem um rim... porque o outro pertence ao matador.

Em cada laranjeira cresce uma laranja que há-de matar uma pessoa.

No «entrelúm» não se devem lançar galinhas porque os ovos não saem, nem tirar batatas porque apodrecem.

As cobras, quando vão beber, deixam ficar cá fora a peçonha no chão. Acontece por vezes que, depois, não dão com ela. Ficam então furiosas, revolvem-se como se estivessem em chamas e acabam por morrer.

Quando alguém apanha um susto, causado por outra pessoa, é preciso que esta lhe ponha a mão na testa, para que lhe não aconteça mal.

O môço a quem alguma mulher, ao varrer a casa, varra os pés, terá muita dificuldade em casar.

Os rapazes que comerem o pequeno embrião das castanhas serão atacados de piolhos.

Sonhos:

Sonhar com uvas brancas é sinal de morte.

Sonhar com uvas pretas é indício de cartas que chegam.

Sonhar com estrume é sinal de dinheiro.

Sonhar com alfaces é sinal de baptizado.

Sonhar com frangos é sinal de boda.

Sonhar com azeite é sinal de perdas.

O «sardão» e alguns remédios dos suínos:

Quando os porcos não endireitam o rabo têm «sardão». Para medrarem é preciso cortar-lho, o que se faz com um ferro quente numa mutilação quási total.

Para que aos bacorinhos recém-nascidos não caia o rabo unta-se-lhes todos os dias com petróleo da candeia.

Para curar a tosse dos porcos é bom dar-lhe uma camisa de cobra a comer ou, então, dar-lhe um chá feito com ela. Acredita-se ainda que se a camisa fôr de cobra macho não fará efeito algum.

O mesmo remédio é usado também para as vacas.

Quando os suínos comem mal é necessário «olhar-lhes a bôca». Corta-se-lhes então a «bicha», que está debaixo da língua e, queima-se-lhe o trevo dos dentes com o rabo duma colher, levada ao rubro.

Para atalhar à febre dos porcos faz-se-lhe uma barrada com barro do forno e vinagre, nas cruzes.

Para a tosse das vacas:

Para a tosse das vacas é bom dar-lhes a beber urina humana, tôdas as manhãs.

Sôlho:

O sôlho, doença que ataca as mãos e os pés das vacas é curado com vitríolo, a que o povo chama *metriül*.

Sangrias:

São muito usadas as sangrias principalmente para as vacas. O local é em geral a base da cauda. Para provocar a afluência do sangue antes de fazer o golpe, dão-lhe com um pau na região onde êle há-de ser feito.

Gravidez das porcas:

O tempo da gravidez das porcas é contado desta maneira:

Três meses, três semanas,

Três dias, três horas,

Três meias-horas:

Bacorinhos fora.

Gôgo e outras doenças das galinhas:

Quando as galinhas têm gôgo espeta-se-lhes no pescoço uma pena da cauda e arrancam-se-lhe as penas novas.

Não é raro ver também, quando as galinhas não comem, tirar-lhes a «pibeda» isto é, com uma agulha arrancam-lhe a extremidade coriácea da língua.

Uma galinha «desinövada» sarará imediatamente se fôr passada através das calças dum homem.

Já vi também várias vezes interessantes operações de cirurgia em galinhas. Quando, por comerem muito, lhes incha o papo dum modo extremo a dona agarra numa tesoura, rasga-lhe a pele e os tecidos, despeja-lhe o grão e torna a coser-lhe com uma agulha e uma linha a incisão feita, deitando-lhe no fim sôbre a ferida umas gotas de azeite. E o animal, quási sempre, não morre.

Os pintaínhos são atacados terrivelmente pelos piolhos que se localizam em geral na cabeça. Para os destruir por completo basta untar-lha com o suco da erva piolheira (*Angélica silvestris*, Lin.).

Oração das doze palavras:

Entre as orações destinadas aos moribundos a mais interessante é a oração das doze palavras ⁽¹⁾.

(1) Esta oração é largamente espalhada de norte a sul do país. Vd. Santos Júnior, *Estudo antropológico e etnográfico da população de S. Pedro (Mogadouro)* in «Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. II, Pôrto, 1924, págs. 160 e segs.

A crença popular diz que esta oração começada tem de ser acabada, e foi por isso que o diabo a foi perguntar ao moribundo Custódio. Se êle se enganasse ficaria em poder do demônio.

É do seguinte modo:

Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as doze palavras.

a) Diz-me lá a uma.

— A uma é o sol mais claro que a *lúa*, como Nossa Senhora não há nenhuma.

b) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as duas.

— As duas são as duas tabuinhas de Moisés onde Nossa Senhora põe os pés.

— A uma é o sol mais claro que a *lúa*, como Nossa Senhora não há nenhuma.

c) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as três.

— As três são as três pessoas da SS. Trindade.

— As duas são as duas tabuinhas de Moisés onde Nossa Senhora põe os pés.

— A uma...

d) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as quatro.

— As quatro são os quatro evangelistas.

— As três...

— As duas...

— A uma...

e) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as cinco.

— As cinco são as cinco chagas.

— As quatro...

—

f) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as seis.

— As seis são os seis círios bentos.

— As cinco...

g) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as sete.

— As sete são os sete sacramentos.

— As seis...

—

h) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as oito.

— As oito são as oito *aventuranças*.

— As sete...

—

i) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as nove.

— As nove são os nove coros de anjos.

— As oito...

—

j) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as dez.

— As dez são os dez mandamentos.

— As nove...

—

l) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as onze.

— As onze são as onze mil virgens.

— As dez...

—.....

m) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as doze.

— As doze são os doze apóstolos.

— As onze...

— As dez...

—.....

E termina dizendo:

Doze raios tem o sol

Doze raios tem a lua

Arrebenta aí demónio

Que esta alma não é tua.

Tipos constitucionais e criminalidade

POR

LUÍS DE PINA

Professor aux. da Faculdade de Medicina
Chefe dos Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil
Pôrto

(Comunicação apresentada à Soc. Port. de Antrop. e Etnol.
em 12 de Março de 1934)

O ilustre antropologista prof. Mendes Corrêa realizou o ano passado, no Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, duas notáveis lições sobre Antropologia, na segunda das quais versou o tema *Constituição, raça, endócrinas. A personalidade humana*. Da leitura desta exposição colhe-se a certeza do atraso em que anda o estudo da Biotipologia no nosso país. Diz, a êsse propósito, o cientista portuense ⁽¹⁾:

« Em Portugal não fôra ainda estudada a frequência dos tipos constitucionais no conjunto da população. Aurélio da Costa Ferreira, Vitor Fontes e eu mesmo aplicamos a algumas figuras nacionais de

(1) Mendes Corrêa, *Introdução à Antropobiologia*. Biblioteca de Altos Estudos. Lisboa, 1933.

Em Lisboa existe um Instituto de Biò-tipologia, pertencente à Assistência Pública, dirigido pelo ilustre médico dr. A. de Caires.

No Pôrto tenta-se organizar outro, anexo à Faculdade de Medicina, assentando nesta iniciativa o seu director, prof. dr. Almeida Garrett, que nos prometeu todo o auxílio.

No Laboratório de Antropologia Criminal desta cidade, como adiante se diz, procede-se também, de há mais de dois anos para cá, ao estudo morfo-constitucional dos criminosos.

relêvo a classificação morfológica de Sigaud. Mas tratava-se do estudo de casos isolados. Só recentemente, na Beira-Alta, reüni alguns elementos a tal respeito numa série de 298 indivíduos do sexo masculino.»

A êstes trabalhos juntarei um outro, muito recente, do citado prof. Vítor Fontes, sôbre constituição e doenças mentais, publicado em Janeiro dêste ano ⁽¹⁾.

E, no entanto, a importância do conhecimento da Biòtipologia é cada vez maior. Em Medicina e Higiene Social, como diz Nicola Pende ⁽²⁾, em Eugénica, em Criminologia, etc., ela reveste excepcional interêsse; o próprio político e dirigente de povos a deve conhecer, o que lhe será de inestimável valor na organização duma política biológica, psicò-fisiológica ou biò-sociológica.

A êste respeito publicou últimamente o prof. Arturo Sabatini um curioso artigo sôbre o futuro da raça através da colonização interna, focando especiais aspectos da política italiana e orientação da mesma nesse sentido, indicando utilíssimas iniciativas a pôr em prática ⁽³⁾.

Carmelo Midulla, professor na *Accademia Fascista de Educação Física*, em Roma, é um dos mais inteligentes admiradores das doutrinas constitucionais e suas aplicações aos problemas de que Pende nos fala. Assim o afirma o ilustre anatómico de Roma, prof. Versari, reitor daquela Academia, no prefácio do livro de Midulla sôbre Antropologia, a propósito da orientação morfò-constitucional na «...scelta degli esercizi fisici più appropriate al

⁽¹⁾ Vítor Fontes, *A constituição e as doenças mentais. Notas de Morfologia*. «Lisboa Médica», n.º 1, 1934.

⁽²⁾ Nicola Pende, *Trabajos recientes sobre endocrinología y psicología criminal*. Trad. de Ruiz-Funes. Madrid, 1934.

⁽³⁾ Arturo Sabatini, *L'avvenire della razza attraverso la colonizzazione interna*. «Il Popolo di Roma», 11 de Fevereiro de 1934. Roma.

terreno organico del fanciullo educando.» ⁽¹⁾ Midulla, nessa obra, faz uma sincera e criteriosa apologia dêsse método, acompanhando-a dum valioso estudo de 100 desportistas italianos.

M.^{lle} Chatelier, num trabalho de há 11 anos, tratava êstes mesmos problemas, falando da utilização dos estudos morfológicos em muitos sectores da Medicina, da Sociologia, da Higiene do Trabalho, da Pedagogia, etc. ⁽²⁾.

No que respeita à sua importância em Clínica, basta-nos ler as obras de Pende, o eminente patologista genovês e considerar o valor dos trabalhos saídos do seu Instituto Biò-tipológico.

O prof. Vítor Fontes, no seu já referido trabalho ⁽³⁾, acentua a íntima ligação entre fenómenos psíquicos e somáticos, elevando a morfologia ao nível que merece, em Clínica e em Propedêutica; e, a propósito da sua importância em Psiquiatria, diz que «*ela veio dar à psiquiatria e à psicologia um maior e mais preciso fundamento somático.*» É digno de nota também o seu trabalho sôbre os tipos morfológicos e sua aplicação à Medicina ⁽⁴⁾.

O conhecimento dos biotipos criminais é muito valioso ainda para a orientação no destino e tratamento a dar aos delinquentes.

⁽¹⁾ Carmello Midulla, *Antropologia fisica*. Roma, 1931.

⁽²⁾ Chatelier, *Considérations morphologiques sur quelques faits sociaux*. «Bulletin de la Société d'Étude de Formes Humaines», n.º 2. Paris, 1923.

⁽³⁾ Vítor Fontes, *A constituição e as doenças mentais*. Ob. cit.

⁽⁴⁾ Vítor Fontes, *Os tipos morfológicos e a sua aplicação à Medicina*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. IX. Lisboa, 1924-25. Já depois de apresentada esta comunicação, recebi, por amável oferta de seus autores, os professores Vítor Fontes e Berardinelli (do R. de Janeiro), dois trabalhos sôbre doutrinas constitucionais, intitulados, respectivamente, «Crítica dos tipos morfológicos» (Arq. de Anatomia e Antropologia. Vol. XVI. 1233-34) e «Noções de Biò-tipologia. Constituição. Temperamento. Carácter» 1930. No do professor Berardinelli condensam-se os actuais conhecimentos sôbre a matéria, sendo de muito interêsse alguns capítulos que tratam do mesmo assunto a que se reporta esta nossa comunicação.

*

* *

Como se viu, é muito pobre o rol de estudos portugueses neste campo; esta a razão da nota que estou lendo à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; ainda que muito modestamente, desejo contribuir com a minha parte para o estudo dos tipos constitucionais portugueses, em particular dos delinquentes.

No Laboratório de Antropologia Criminal do Pôrto, dirigido pelo prof. J. A. Pires de Lima, estou realizando, desde fins de 1931, investigações neste sentido, como Chefe de Serviço daquele estabelecimento oficial da Justiça.

Orientado pela moderna escola criminológica, organizei o plano de estudo dos delinquentes que passam por aquele laboratório, tendo já referido o método adoptado numa das minhas lições de concurso a professor auxiliar da Faculdade de Medicina do Pôrto, em 29 de Abril do ano passado ⁽¹⁾. Apresentei, então, os primeiros resultados desse exame, bem como todo o documentário utilizado para o mesmo e que consta de fichas a preencher, com as quais se organiza o processo de cada delinquente. Essas fichas dizem respeito ao exame morfô-fisiô-psicológico do criminoso, seguindo o novo caminho da Antropologia Criminal ⁽²⁾.

Tenho aqui presente um exemplar de cada; numa colhem-se os dados biográficos, inscrevendo-se também o resultado das observações psicológicas e clínicas do indivíduo, bem como a classificação do tipo constitucional; noutra, complemento desta,

⁽¹⁾ Luís de Pina, *O estudo biológico do criminoso*. Inédito.

⁽²⁾ Luís de Pina, *A investigação biológica criminal no Pôrto* «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal do Pôrto», n.º 3. Pôrto, 1931.

guardam-se as observações sobre a estrutura do corpo, segundo o critério da escola alemã (Kretschmer). Uma outra ficha, enviada a todos os Delegados do Procurador da República das comarcas de Àquem-Mondego, nas quais fôram julgados os delinquentes, é preenchida por esses magistrados, com indicações necessárias à organização do referido processo; essas indicações dizem respeito à biografia do delinquente, aos seus hábitos sociais, familiares, etc., isto é, elementos difíceis de colhêr, às vezes, por interrogatório, no nosso serviço. Os Delegados têm facilidade em nos prestar esses esclarecimentos, atendendo a que a vida e a personalidade dos criminosos, julgados nas suas comarcas, são bem discutidas em tribunal.

Desta forma completamos os exames dos delinquentes no nosso Laboratório; e, se esses exames não podem ainda, por exiguidade de instalação do mesmo, na Cadeia Civil e escassez de tempo e pessoal idóneo, ter o desenvolvimento requerido e ser executados com regularidade, como é nosso desejo, ao menos vai sendo organizada e aperfeiçoada a maneira de os executar num futuro melhor.

Devo dizer que, em 1932, assinado pelo Ministro da Justiça dr. Almeida Eusébio, foi publicado um decreto (n.º 20:877) que estabelece o exame biô-psíquico dos delinquentes nos três centros de investigação criminológica do país (Lisboa, Pôrto e Coimbra) ⁽¹⁾.

De alcance prático extraordinário e de elevado critério científico, esse documento, referindo-se à suspensão do degrêdo para Angola, substituindo-o por trabalho em colónias agrícolas, a exemplo da Itália e dos Estados Unidos da América, e tratando da criação de colónias agrícolas penitenciárias, estimando-se que a pên-

⁽¹⁾ *Diário do Governo*, n.º 37, 1 série, 13 de Fevereiro.

deixe de ser *intimidativa*, para ser *reeducativa*, trocando-se a *reclusão pela vida ao ar livre*, estabelece o mencionado exame no artigo quarto e seu parágrafo único:

Art. 4.º — O destino do condenado será fixado pelo Ministro da Justiça e dos Cultos, sob proposta do Conselho Penal e Prisional, que atenderá às circunstâncias seguintes, entre outras: constituição bio-psíquica do criminoso, seus antecedentes pessoais, meio social em que viveu, crime e condições em que foi praticado e a informação do director do estabelecimento e do Instituto de Criminologia ou repartição correspondente.

§ único — Para efeito de estudo indispensável à informação prevista na parte final deste artigo, os condenados farão estágio de trinta dias na Cadeia Civil do Porto ou na cadeia penitenciária respectiva.

Contudo, devo frisar que, anteriormente a êste decreto e logo após o meu regresso, em 1931, dum estágio em Itália nos centros antropológicos de Bologna e Roma, como bolseiro da Junta de Educação Nacional, comecei organizando as referidas fichas e o indicado exame, a exemplo do que vi realizar-se no Cárcere de Regina Coeli, daquela capital (serviço do prof. Salvatore Ottolenghi).

Dêsse exame, como disse, faz parte o estudo da constituição morfò-psíquica do delinqüente. Na parte morfológica estamos utilizando o método de Giovanni-Viola, empregando as medidas antropométricas dêsses investigadores e as escalas de Viola sôbre o homem veneziano. Como é sabido, êste método dá-nos a divisão dos indivíduos em megalò-esplâncnicos, normò-esplâncnicos e micrò-esplâncnicos.

O exame endocrinológico e psicológico será realizado segundo a doutrina de Pende e Kretschmer. Devo informar que começare-

mos a utilizar os perfis individuais sistematizados do prof. Mendes Corrêa, já apresentados a esta Sociedade (1).

Como, durante os exames atrás referidos, observei os quatro tipos constitucionais de Sigaud (respiratório, muscular, digestivo e

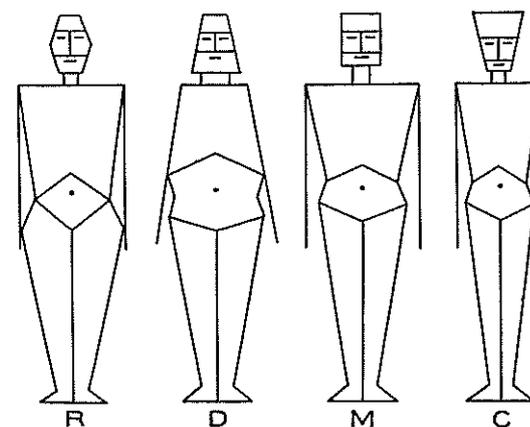


Fig. 1 — Esquemas dos tipos morfológicos (Robin P. — «Les déviations de l'évolution morphologique facio-cranienne chez l'homme actuel. Leur traitement». Bull. de la Soc. d'Et. des Formes Humaines. N.º 3. 1933). Executados segundo os tipos de Sigaud (Ind. por Thooris em «La vie par le stade»).

R — Respiratório, D — Digestivo, M — Muscular, C — Cerebral

cerebral. Figs. 1, 2, 3, 4), o resultado dessa observação será o assunto desta nota.

Desejaria ir mais longe e apresentar o que já pude colher segundo a escola constitucionalística de Viola e Pende; os casos estudados são poucos, em meu entender, e alguns ainda em observação demorada. Para outra vez deixarei o assunto.

(1) Mendes Corrêa, *Fórmulas e perfis individuais na Antropologia Criminal*. «Arquivos de Medicina Legal e Identificação», n.º 7, ano III. Rio de Janeiro.

*
* *

Na lição referida fez o prof. Mendes Corrêa o resumo de toda a doutrina constitucional, sendo desnecessário repeti-lo neste momento. Simplesmente, quero apresentar um rápido esboço de

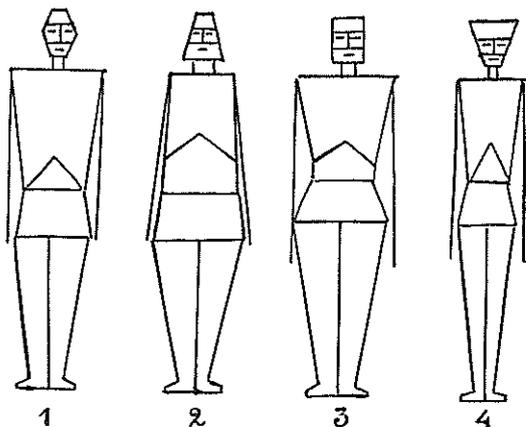


Fig. 2 — Esquemas dos tipos morfológicos. (Extraído de A. Theoris. «La vie par le Stade») 1 — Respiratório; 2 — Digestivo; 3 — Muscular; 4 — Cerebral

parte da história da mesma, na impossibilidade de a relatar completamente; esta se encontra muito largamente tratada por Mac-Auliffe (1), Arturo Sabatini (2) e outros investigadores.

Desejaria, também, deixar delineada a história das constituições, temperamentos, doutrinas humorais, etc., em Portugal, estu-

(1) Mac-Auliffe, *Les tempéraments. Essai de synthèse*. Paris, 1926; *Les origines de la Morphologie humaine*. «Bulletin de la Société d'Étude de Formes Humaines», n.ºs 2-3. Paris, 1925.

(2) Arturo Sabatini, *Contributo allo studio degli abili costituzionali*. «Annali di Clinica Terapeutica», ano V, vol. XI, n.ºs 2 a 6.

dando a repercussão que no nosso país tiveram essas doutrinas, desde remotas épocas.

Dada a escassez de tempo, não posso fazê-lo; e, mesmo, vai sendo hora de entrar no tema deste estudo. Fá-lo-ei noutra ocasião

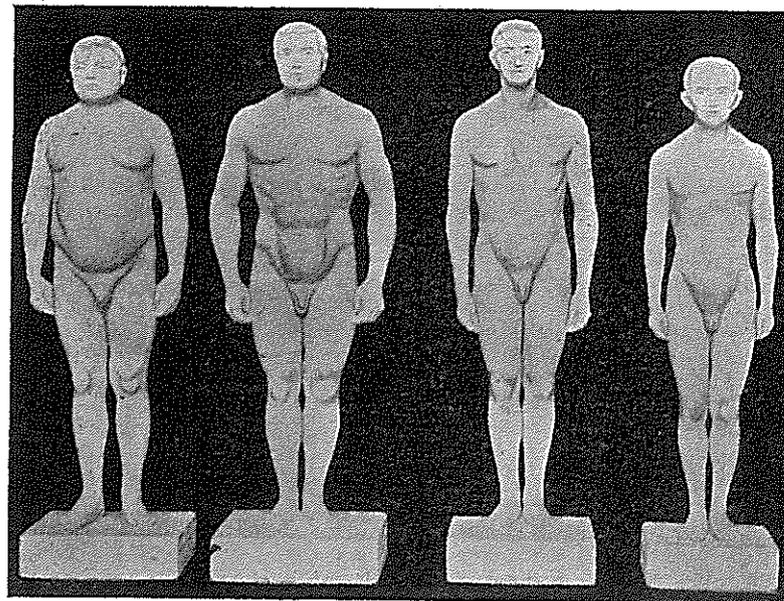


Fig. 3 — Representações plásticas dos 4 tipos Sigaud-Mac-Auliffe. Extr. de Anthropol. Gesellsch. in Wien. 1930-31: artigo de V. Lebzelter e Erna Engel-Baiersdorf, «Plastische Darstellung der Konstitutions-typen nach Sigaud und Mac-Auliffe».

e neste mesmo lugar, se a Sociedade de Antropologia e Etnologia tiver, mais uma vez, paciência de ouvir-me.

Não deixarei de notar, desde já, que os médicos portugueses, em especial e um ou outro amador cientista, trataram do assunto mais ou menos curiosamente, tal como se verificou com outros homens e outros lugares.

Assim, desde o nosso grande filósofo e médico do século XIII, Pedro Julião ou Pedro Hispano (Papa João XXI), nos seus notáveis

trabalhos de Psicologia, possivelmente a Rolando, médico do séc. XIV, com o seu *De Physionomia*, aos autores dos variados almanaques dos séculos XV e XVI (astrólogos, nigromantes, etc.), a El-Rei D. Duarte no seu precioso *Leal Conselheiro*, a Brás Luís de Abreu

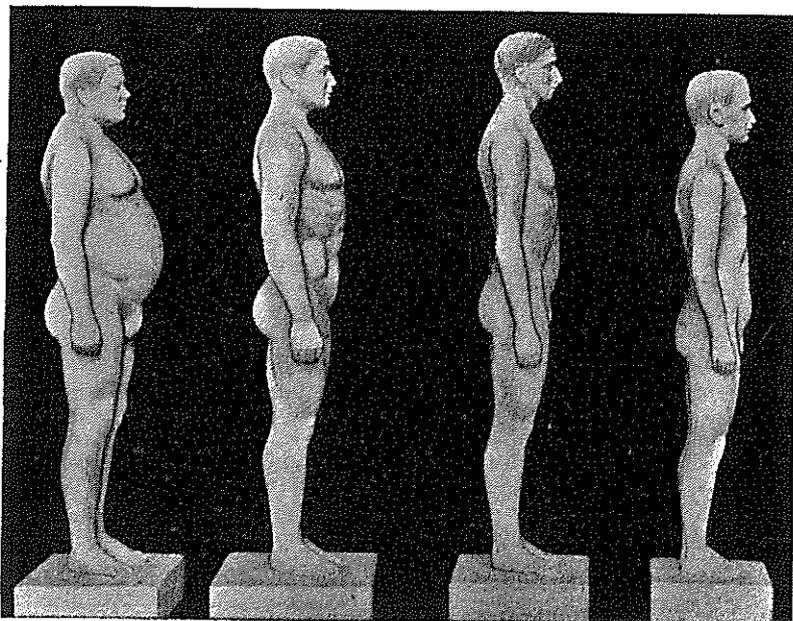


Fig. 4 — Tipos morfológicos de Sigaud e Mac-Auliffe
Os mesmos da fig. 3, observados de perfil

e Fonseca Henriques, para não citar mais, do século XVIII, a Gama Machado, frenologista do século XIX, a Camilo Castelo Branco e outros, encontramos estudiosos dedicados à morfologia e humorismo, às relações do físico e do moral, do corpo e da alma, do soma e da psique.

Para amostra, peço licença de ler-lhes algumas passagens das obras de B. Luís de Abreu e Fonseca Henriques, bem como do famigerado *Lunário Perpétuo*.

O primeiro, sobre quem o nosso genial Camilo escreveu o conhecido romance *O olho de vidro*, deixou-nos o esquisito livro *Portugal Médico, etc.* (1), do princípio do século XVIII, há mais de 200 anos, que contém um capítulo intitulado *Reflexão symbolica. Medico physiognomico*, que começa por estas palavras, a respeito da dificuldade de estudo do assunto:

« Mais perpicax & aguda vista que a do Lynce, mayor difvelo, & alento que o do Veado, he neccessario para a prezente Indagação? Querer conhecer o homem por dentro, pella phyfionomia de fora; intentar definir os affectos do animo, pellas signaturas do corpo; he empenho, que transcede as balizas do barro, por mais, que atodas as luzes se atrevam as exhalaçoens do pó? »

Continuando a demonstrar a impossibilidade de, « *sem Deos alcançar os altos segredos desta fabrica* », Brás Luís refere alguns autores que disso trataram, como o célebre João Baptista della Porta, um dos mais notáveis fisionomistas do século XVI. A propósito da ciência fisionómica, no decorrer dos séculos, leia-se o que narra Antonini (2). Num dos meus últimos trabalhos deixei esboçada, muito ligeiramente, essa história, baseada na obra daquele autor (3); aí registo os mais velhos filósofos, médicos e naturalistas que da fisionomia trataram, entre os quais Anaximandro, Aristóteles, Galeno, Hipócrates, Riprandino, Scotto, Albano, Ingeneri, Pellegrino, Maramonte, Lavater, Gall, Otel, Morel, etc.

Mas, voltemos ao nosso médico, que diz, noutra ponto:

(1) Brás Luís de Abreu, *Portugal medico ou Monarchia Medico-Lusitana. Historica, Practica, Symbolica, Ethica e Politica, etc.* Coimbra, 1726.

(2) Antonini — *I precursori di Lombroso*. Turim, 1900.

(3) Luís de Pina — *Etiologia e Profilaxia do Crime*. Arq. da Repart. de Antrop. Criminal. Vol. II. T. 3.º. Porto, 1932.

«São porem taõ conjecturais, & incertos os arbitrios da *Physiologia*, que pella maior parte naõ respondem os *successos da vida...*» e «nem sempre o rosto he pregoeiro das acçoens; nem semper os olhos saõ interpretes da alma; como notou Cicero: *I Frons, oculi, vultus per faepe mentiuntur.*»

Cita casos em que o estudo fisionómico não acertou com o verdadeiro temperamento do indivíduo, como o caso de Sócrates estudado por Zópiro e Hipócrates por Philemon! A propósito, escreveu o curioso médico:

«...a deforme, & horrivel presença do gesto, he pregoeira de costumes depravados; & fiscal, que accuza o licenciozo das acçoens torpes; & tanto, que havendo em hum carcere alguns prezos por culpa grave, & que seja necessario offerecellos ao tormento para confessarem, quem tem fido os delinquentes; deve principiar-se a atormentar o que for mais feio, & deforme na *Physiologia do corpo*; como mais apto para commeter delictos; & por isso mais suspeito de ter delinquido no crime, de que o accuzaõ; como seguem Baldo, Hyppolito Marfilio, Paris de Puteo & Jozeph Mascardo.»

Brás Luís, por estas palavras, aceita a doutrina de alguns dos verdadeiros precursores de Lombroso! Mais adiante, o médico setecentista refere-se à constituição:

«He porem attendivel, & licito em quanto observa a determinada posição de tal, ou tal astro; de tal ou tal constelação, debaixo da qual o homem tem nascido; para dahi se conjecturar a complexão natural dos membros, a *physisca constituição das partes*; & a virtude, a força, & economia do todo; sem passar a mais indagação, que aquella, que por força dos influxos do Ceo, & constituições do Ar, nos pode dar fundamento para indicarmos o vigor, ou fraqueza das

faculdades; o tezaõ, ou debilidade das officinas; & da qui a immnencia dos achaques, ou continuação da faude; como largamente adverte Pedro Ciruelo Dorocense.»

A seguir, enumera as várias compleições humanas: Saturnina, Jovial, Marcial, Solar, Venérea, Mercurial e Lunática, derivadas dos sete planetas: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio e Lua.

Seria curioso descrever agora essas compleições, como interessante amostra de todo o capítulo; porém, isso ficará para outra vez, limitando-me a considerar, rápidamente, a Saturnina. Diz Abreu:

«O Planeta, de quem tomaõ a denominação, he frio, secco, melancholico, terreo, masculino, & diurno...»

Nesta compleição, a estatura do corpo he grossa, avultada, & grave; mas com alguma improporção a respeito das partes, que a compoem...; o rosto é grande, largo & comprido; a cor entre pallida, & livida...; a fronte larga, elevada, & cheia de lineamentos obliquos, tortuosos, & profundos; & entre elles se nota com mayo distincão a linha, que naquella parte chamaõ de Saturno...; a cabeça é imperfeitamente redonda; os cabellos negros...; os olhos negros, grandes; as sobrancelhas grandes, longas, espessas, & unidas huma com outra; o nariz grande, descarnado, & agudo; a fabrica avultada, & os orificios largos...; a bôca larga, & rasgada; o beijo superior mais contrahido; o inferior mais grosso...; o pescoço magro, comprido... cheio de musculos, tendoens, arterias & veas, que se manifestaõ com boa distincão...; os ombros grandes, grossos, largos, & levantados...; o peito grande, mas apertado; as costas largas, & espessas; a pelle aspera, & bem povoada de cabelos...; os braços robustos, & grossos; assim na grandeza dos ossos, como na fabrica

dos musculos; os pés cheyos de veas superficialmente dispositas; abundantes de arterias que se distinguem; a pelle dura, & fetida.

Não é custoso comparar êste conjunto morfológico com o tipo longilíneo de Pende, micrò-esplâncnico (Viola) e respiratório de Sigaud.

Eis como Abreu descreve o temperamento dos tipos saturninos:

«Saõ pella mayor parte timidos, cogitabundos, & de profundas ideas, & inclinados as fabricas dos campos. Saõ melancholicos, tristes, dezabridos, inconstantes, cavilozos, perfidos, & dados aos voos de Venus pela falacidade de que he dotada esta complexaõ, & nimio provento de flatos que della resulta. Amaõ a soledade, aborrecem os ajuntamentas, bullicios & festas; enojamse de pouco, & duralhe muyto... este malevolo astro os inclina a ser dezalinhados, immun-dos, & descompostos...»

Pela maior parte destas características, podemos identificar êste temperamento com o hipertiroideu (Pende) e esquizóide ou esquizotímico (Kretschmer).

Num outro capítulo denominado *Microscomo, Sigillado pella Natureza, e discutido pella razaõ*, Brás Luís continua a relacionar a morfologia da cabeça, nariz, ombros, mãos, etc., com o temperamento do indivíduo.

Outros autores discreteiam sôbre estes assuntos, mas a ocasião de os tratar não pode ser esta; todavia, não termino estas indicações sem me referir a mais duas obras: o *Lundrio Perpétuo* e *Medicina Lusitana, Socorro Delphico* (1), êste do já citado Fonseca Henriques.

(1) Fonseca Henriques, *Medicina Lusitana, Socorro Delphico, Aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*. Pôrto, 1750.

No primeiro, edição de meados do século XVIII, existe um quadro de correspondências das quatro qualidades, dos quatro elementos, das quatro partes do mundo, dos quatro ventos, das quatro partes do ano, dos quatro humores, das quatro idades e das qualidades dos doze signos! As quatro qualidades são: quente e úmida, quente e sêca, fria e úmida, fria e sêca; os quatro elementos, Ar, Fogo, Água e Terra; os quatro humores, Sangue, Cólera, Pleuma e Melancolia.

A páginas 67 começa a indicação dos sete planetas e das qualidades, e efeitos que causão nos que nascem debaixo de seus domínios, da *Physionomia*, que dá a cada hum, e das condiçoens, officios, e arte, a que cada hum se poderá applicar.

A citada obra de Fonseca Henriques, de 1750, apresenta uma parte final chamada *Dissertaçam unica dos humores naturaes do corpo humano*, muito curiosa, que demonstra vasta erudição do seu autor e louvável conhecimento das doutrinas médicas dos séculos XVII e XVIII. Em seu entender os humores não são os quatro da antigüidade (fleuma, sangue, cólera e melancolia), mas seis: quilo, sangue, linfa, cólera, suco pancreático e suco nervoso. No parágrafo III dêste tratado, emite a sua opinião sôbre o assunto, dizendo: *reprovamos aquella quimerica quaternião de humores, que os antigos consideraraõ no corpo humano*.

O autor fala-nos das propriedades, usos, constituição, origem, etc., dêsses humores, sendo interessante e digna de registo a ideia que fazia, em especial, do sangue e respectiva circulação, linfa e suco nervoso. Não como Van Helmont, que no século XVII combatia o *humorismo*, Fonseca Henriques queria, como se vê, a remodelação do mesmo, talvez suggestionado pelas novas teorias fisiológicas dos séculos XVII e XVIII.

Emfim, a história portuguesa dos temperamentos, das constituições, das doutrinas humorais, etc., apresenta-nos factos importantes que relatarei com largueza no já prometido trabalho.

*

* *

No que respeita à mais antiga história dos temperamentos e constituições, somente desejo falar-lhes das doutrinas de Hipócrates e Galeno, para não ir mais longe rebuscar as suas origens, como fazem certos autores. Ao tempo de Hipócrates, Aristóteles, Asclepiades, etc., já elas se encontram esboçadas; Galeno estabeleceu, com mais precisão, a teoria temperamental.

Como graciosamente diz Afrânio Peixoto (1), a doutrina humoral «viveu séculos, milênios, até que a esqueceram. Quando a esqueceram, reinventaram-na.»

Eis como Hipócrates se refere aos quatro humores, no seu livro *Da Natureza do Homem*, segundo tradução italiana de Aldo Mieli (2):

«O corpo humano compreende sangue, fleuma, bile amarela e bile negra; isto é o que constitui a natureza do corpo e que cria a doença e a saúde. Há saúde quando estes humores estão em justa relação de mistura, de força e quantidade...»

A doutrina dos quatro elementos e das quatro qualidades foi secularmente admitida, neste arranjo de combinações (3):

Quente + sêco = fogo
 Quente + úmido = ar
 Frio + sêco = terra
 Frio + úmido = água

(1) Afrânio Peixoto, *Criminologia*. Rio de Janeiro, 1933.

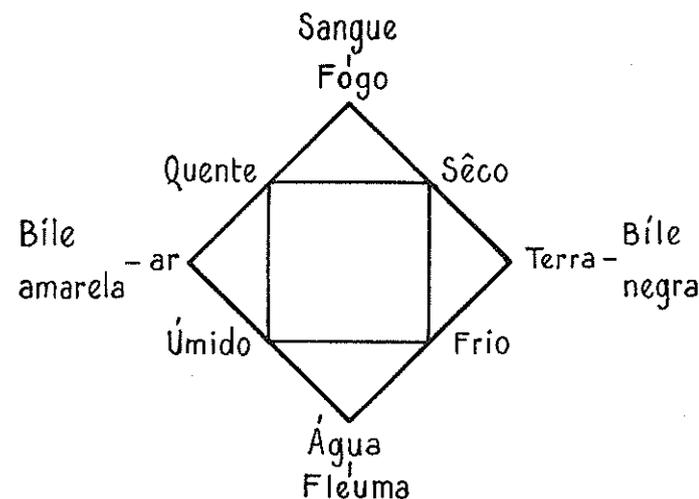
(2) Aldo Mieli, *Manual di Storia della Scienza. Antichità*. Roma, 1925.

(3) F. Garrison, *Introducción a la Historia de la Medicina*. Trad. de G. del Real. Madrid, 1921.

Analogamente se pode obter a seguinte composição de humores e qualidades (1):

Calor + úmido = sangue
 Quente + sêco = bile amarela
 Frio + úmido = fleuma
 Frio + sêco = bile negra

Singer apresenta-nos, numa das suas mais notáveis obras, o seguinte esquema de combinações (2):



É também curioso o seguinte esquema de correspondências, apresentado por Mac-Auliffe (3):

Humor quente e úmido	Terra e água	Temperamento sangüíneo	Predomínio na Primavera	Predomínio na Infância	Doenças sangüíneas
	Humor quente e sêco	Terra e fogo	Temperamento bilioso	Predomínio no Estio	

(1) F. Garrison. *Id., id.*

(2) Charles Singer, *A short History of Medicine*. Oxford, 1921.

(3) Mac-Auliffe, *Les origines de la Morphologie humaine*. Ob. cit.

}	Humor frio e sêco	Ar e fogo	Temperamento melancólico	Predomínio no Outono	Predomínio na Idade viril	Doenças caquéticas
	Humor frio e úmido	Ar e água	Temperamento pituitoso	Predomínio no Inverno	Predomínio na Velhice	Doenças catarrais

Aos humores sangue, fleuma, bile negra e bile amarela corresponderam os temperamentos sangüíneo, fleumático, melancólico e colérico. Durante a Renascença, e mesmo depois, esta teoria estava em voga. Numa figura que logo farei projectar (fig. 5) ver-se-ão representados os quatro temperamentos por quatro imagens humanas, figura inserta no livro dos Barbeiros-Cirurgiões de York, guardado no British Museum e que data de cêrca de 1500. Essa estampa é apresentada por Singer na sua mencionada obra.

Como se sabe, essas doutrinas originaram a duradoira *patologia humoral* dos médicos galénicos e árabes, doutrina que se espalhou até ser utilizada na própria farmacologia, dizendo-se que certos medicamentos eram sêcos, frios, úmidos ou quentes.

Hoje ainda, na Medicina popular encontramos restos bem patentes dessas doutrinas nas qualidades dos fármacos caseiros, tradição que neste lugar não tenho tempo de estudar. A propósito da extensão dessas teorias à classificação dos alimentos, diz o erudito mestre Afrânio Peixoto ⁽¹⁾:

«O povo diz ainda hoje, expressões como esta que, para se compreenderem, há mister invocar Aristóteles: as carnes gordas são «quentes», como as castanhas, os amendoins; as frutas ácidas são «frias», como os cereais, as carnes brancas...»

(1) Afrânio Peixoto, *Criminologia*. Ob. cit.

O nosso já citado Fonseca Henriques, para não referir outros, deixou bem estudadas essas qualidades na conhecida obra *Ancora Medicinal*.

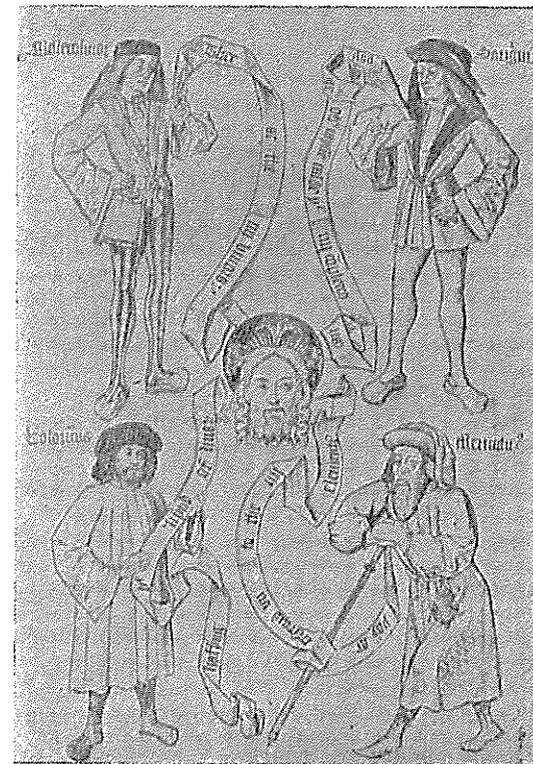


Fig. 5 — Os quatro temperamentos (Guild Bock-Barber Surgeons of York). Século xvi. (Extraído de Singer: *A short history of medicine*). De cima para baixo e da esquerda para a direita: Melancólico, Sangüíneo, Colérico e Fleumático

Remato aqui êste incompleto esbôço histórico, para entrar no assunto desta comunicação, esperando que me seja desculpado o tempo com êle gasto, em prejuízo, bem o sei, do que agora passo a dizer.

*
* *
*

A abundante e inútil, em grande parte, antropometria utilizada na observação de criminosos (importante em certos casos especiais, em determinados inquéritos judiciais, etc.), sucedeu

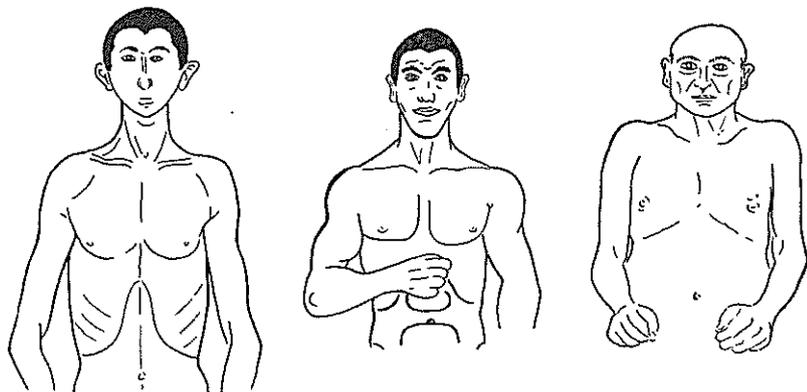


Fig. 6 — Os tipos morfológicos, de E. Kretschmer. Extr. da sua obra «La structure du corps et le caractère». Trad. franc. de Jankélévitch, Paris, 1930.
Da esquerda para a direita: *asténico, atlético, pícnico*

uma mais acomodada e simples inspecção morfológica, no sentido do estudo dos tipos constitucionais. Alguns métodos modernos excluem mesmo as medidas, em grande parte; outros as utilizam mais ou menos largamente, como os de Kretschmer (Figs. 6 e 7) e Viola (Fig. 8). O método francês de Sigaud-Mac-Auliffe não requiere medidas antropométricas: a observação é visual. Ainda recentemente o professor brasileiro Bastos de Ávila tratou êste mesmo assunto, pondo em relêvo o exame antropométrico dos tipos morfológicos, a que chama Antropò-tipologia (1).

(1) Bastos de Ávila, *Curso de Antropometria*. «Boletim do Museu Nacional», n.º 2, vol. IX. Rio de Janeiro, 1933.

Utilizando, como disse, o método de Sigaud na avaliação constitucional dos delinquentes, não entrei em detalhes de sub-tipos ou variedades, admitidos por Chaillou-Mac-Auliffe: e, contudo, é abundante o número dos tipos-desvios ou mistos, incluindo os de maior ou menor dismorfia patológica.

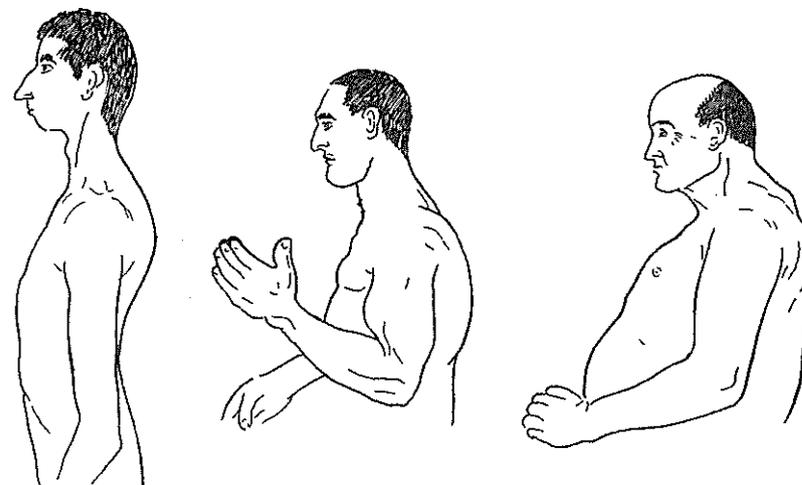


Fig. 7 — Tipos morfológicos de Kretschmer
Os mesmos da figura anterior, de perfil

Segundo Viola, 50 % dos indivíduos dum grupo são tipos mistos; os restantes, são, de facto, tipos mais ou menos puros. Montandon o confirma nestas palavras (1):

«Quant à la fréquence des types constitutionnels purs, il en est de même que des types raciaux purs: ils sont rares. Pour un type caractérisé, on rencontre quantité d'intermédiaires à tous les degrés.»

Nos casos duvidosos, que muitos são, segui o critério do

(1) G. Montandon, *La Race. Les Races*. Paris, 1933.

prof. Mendes Corrêa, perfeitamente aceitável (1): classifiquei o tipo segundo a predominância dum dos componentes. Em muitos casos

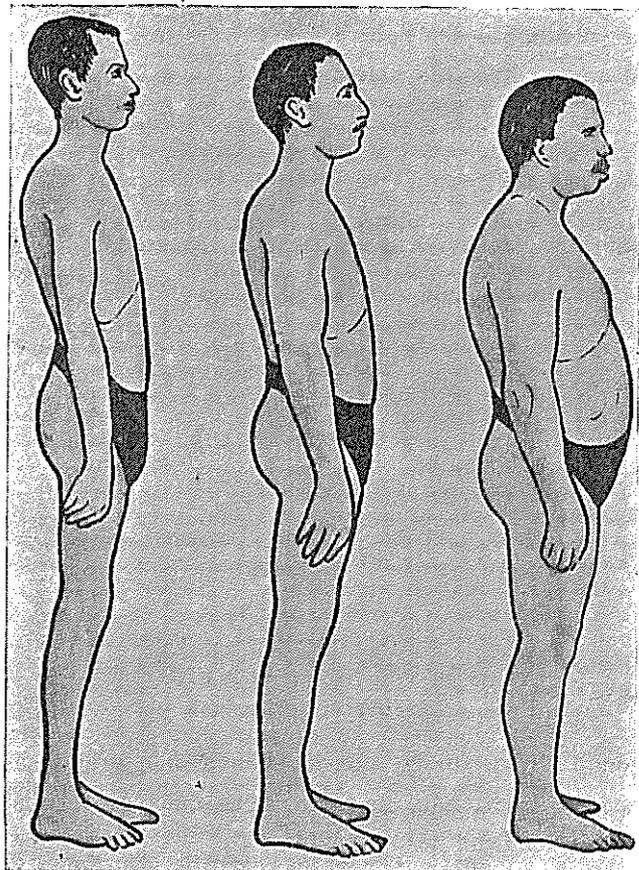


Fig. 8 — Tipos constitucionais, segundo Viola (extraído de: A. Sabatini, «Contributo allo studio degli abiti costituzionale. Anali di Clinica Terap.». Vol. v. N.ºs 2 a 6).

Da esquerda para a direita: *Micro-esplâncnico*, *Normo-esplâncnico*, *Macro-esplâncnico*

não se observa aquela sistematização ou esquematização dos tipos crânio-faciais, próprios das diferentes constituições, de que nos fala a escola francesa.

(1) Mendes Corrêa, *Introdução à Antropobiologia*. Ob. cit.

Estimaria tratar êste assunto aqui, mas o problema é complexo e importante, merecendo estudo especial.

Esta minha nota baseia-se na observação de 350 criminosos diversos, na sua grande maioria naturais do Norte do País, todos do sexo masculino. As idades dos mesmos escalonam-se entre 18 e 72 anos, notando-se ser muito reduzido o número dos que contam idade inferior a 25 anos, se bem que para o estudo dos tipos constitucionais a pouca idade dos indivíduos cause diferenças de pouca monta.

Eis os crimes que levaram à cadeia os homens examinados:

Furto	156
Homicídio voluntário.	54
Ofensas corporais	45
Desfloramento	10
Mendicidade	10
Abuso de confiança	9
Desobediência à autoridade.	8
Estupro	6
Homicídio frustrado	5
Moedagem falsa	5
Dinamitistas	4
Ofensas ao pudor	3
Desórdem	3
Violação	3
Contrabando	3
Vadiagem	3
Fogo pôsto.	3
Embriaguês	3
Porte de arma proibida	2
Falsificação de gêneros	2
Transgressão	2
Falsificação de documentos	2
Embriaguês e desórdem	1
Obscenidades	1
Envenenamento	1
Bigamia	1
Incesto	1
Adultério	1
Sodomia	1
Imoralidades	1
Quebra fraudulenta	1
Total	350

Para facilitar êste estudo, agrupei em cinco categorias os referidos criminosos. Na 1.^a, reüni os que praticaram delitos contra a propriedade, nas suas diferentes modalidades; na 2.^a, os de carácter sexual; na 3.^a, os de crimes violentos; na 4.^a, os de delitos contra os costumes sociais; na 5.^a, os de vária ordem, leves e vulgares.

A freqüência dos tipos morfológicos de Sigaud-Mac-Auliffe é (Figs. 9 a 18):

Tipo respiratório . . .	165 indivíduos . . .	47 %
Tipo muscular . . .	105 indivíduos . . .	30 %
Tipo digestivo . . .	25 indivíduos . . .	7 %
Tipo cerebral . . .	55 indivíduos . . .	15.7 %

O tipo mais freqüente é, pois, o respiratório, sendo menos comum o cerebral. A única tabela portuguesa que possuímos para comparar estes resultados deve-se ao prof. Mendes Corrêa e refere-se a 298 indivíduos não criminosos da Beira-Alta; as percentagens são, contudo, diferentes das que obtive, excepto na que respeita ao tipo digestivo (1). Vejamos:

Tipo respiratório . . .	229 indivíduos . . .	76.8 %
Tipo muscular . . .	37 indivíduos . . .	12.4 %
Tipo digestivo . . .	23 indivíduos . . .	7.7 %
Tipo cerebral . . .	9 indivíduos . . .	3.0 %

Nesse trabalho, o prof. Mendes Corrêa coteja a sua tabela com a de Mac-Auliffe em não delinquentes franceses; a diversidade é também notória. Confrontando estas tabelas melhor se verá tal diferença:

	MENDES CORRÊA	MAC-AULIFFE	LUÍS DE PINA
Tipo respiratório . . .	76.8 %	30 %	47.1 %
Tipo muscular . . .	12.4 %	47 %	30.0 %
Tipo digestivo . . .	7.7 %	14 %	7.1 %
Tipo cerebral . . .	3.0 %	9 %	15.7 %

(1) Mendes Corrêa, *Introdução à Antropobiologia*. Ob. cit.

O que imediatamente se nota é a menor diferença entre as minhas percentagens e as de Mac-Auliffe e a dissemelhança entre estas e as de Mendes Corrêa; não pretendo explicar o caso, porque teria de cotejar duas séries de indivíduos não criminosos com outra de criminosos, acrescentando que uma delas diz respeito a

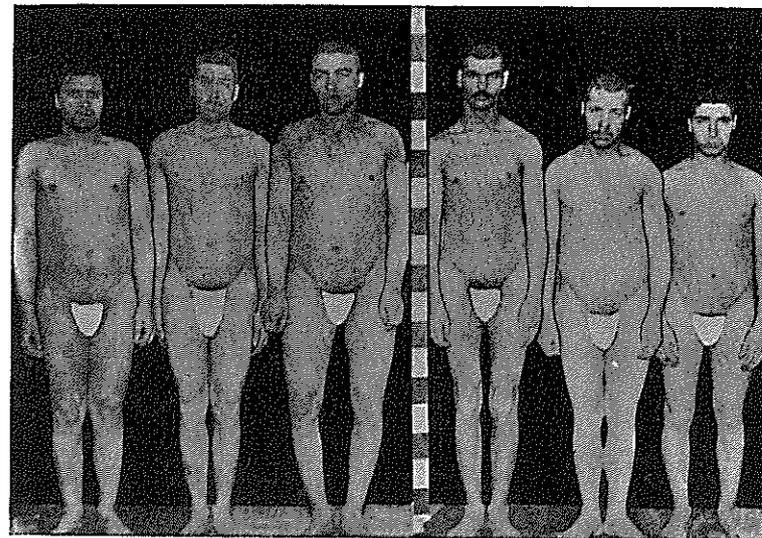


Fig. 9 — Exemplares de tipos morfológicos em delinquentes (Obs. do autor)
Da esquerda para a direita: muscular, respiratório, muscular, respiratório, digestivo, muscular.

estranheiros. Farei, somente, algumas considerações sobre as duas séries portuguesas. Não pretendo, de forma alguma, assacar as diferenças a uma especial freqüência de tipos em criminosos; dessa forma, teria de aceitar uma menor freqüência de respiratórios nos delinquentes, a par duma maior percentagem de musculares e cerebrais.

O número de respiratórios na série do prof. Mendes Corrêa é muito elevado, sendo de-veras baixa a freqüência dos musculares.

A falta de outras séries, obtidas somente com indivíduos do Norte do País — a admitir-se influências regionais — não me permite esclarecer o assunto. Devo notar que, na minha série, como na do prof. Mendes Corrêa, a percentagem de digestivos é muito inferior, em desacôrdo com a afirmação de Czekanowski (a que o

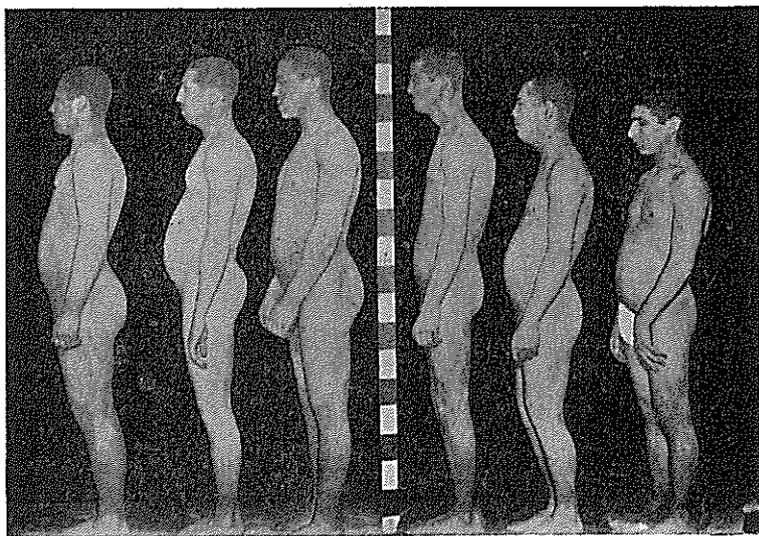


Fig. 10 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Os mesmos da figura anterior (perfil)

ilustre professor se refere na mencionada lição) que apresenta o tipo digestivo predominando na raça iberò-insular.

Se as diferenças regionais não existem e se os erros pessoais de observação são mínimos, teremos realmente de aceitar a explicação que, há pouco, tímida e resumidamente fiz. Mas, confesso-o francamente, acho nulas as diferenças morfológicas entre não delinqüentes e delinqüentes. Encorajam-me na afirmação os estudos de certos autores, e alguns meus sôbre o assunto. E, contudo, têm-me passado pelos olhos, no serviço que cheffio, alguns milha-

res de criminosos. Em vários e muito ligeiros trabalhos de Antropologia criminal o deixei expresso (1).

Passo agora a apresentar o que pude colhêr no que respeita às afinidades entre formas de delito e tipos referidos. Neste quadro resumo essa investigação:

	Respiratórios	Musculares	Digestivos	Cerebrais
Grupo I — Furto, ab. de conf., contrab., falsif., etc. . .	91	47	11	32
Grupo II — Violação, estupro, incesto, etc.	11	6	2	7
Grupo III — Homicídio vol., hom. frust., of. corp., etc.	49	43	10	7
Grupo IV — Embriaguês, desórden, vádiagem, etc. . .	12	8	—	7
Grupo V — Transgressões, etc.	2	1	2	2
Total	165	105	25	55

As respectivas percentagens são:

	Respiratórios	Musculares	Digestivos	Cerebrais
Grupo I	55.1	44.7	44.0	58.1
Grupo II	6.6	5.7	8.0	12.7
Grupo III	29.6	40.9	40.0	12.7
Grupo IV	7.2	7.6	—	12.7
Grupo V	1.2	0.9	8.0	3.6

Vejamos o que se aprende nesta tabela. É certo que um número muito maior de indivíduos nos daria melhores resultados, pois assim aumentaria o de cerebrais e digestivos. Porém, mesmo assim, estabeleceremos algumas considerações.

No que respeita a delitos contra a propriedade, são mais frequentes nos respiratórios e mais particularmente nos cerebrais;

(1) Luís de Pina. Vidè Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, etc., vol. I. Pôrto, 1932.

praticam mais crimes sexuais êstes últimos: os musculares e respiratórios aparecem em menor percentagem na prática dêsses delitos; no que respeita a crimes violentos, a diferença é nítida: os cerebrais são pouco freqüentes, sendo mais pesados nêsse



Fig. 11 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Digestivos

grupo os tipos muscular e digestivo; no IV grupo não aparece um só digestivo, sendo em maior número os cerebrais; o V grupo compõe-se sòmente de sete delinqüentes; se bem que apresente a sua percentagem, sôbre ela não faço considerações, devido a ser restrito êsse número; porém, mesmo assim, é mais pesada nos digestivos.

Em resumo: pode estabelecer-se êste esquema da relação entre delitos e tipos morfológicos:

Ladrões, falsificadores, etc.	Cerebrais e respiratórios
Delinqüentes sexuais	Cerebrais
Assassinos, agressores, etc.	Musculares e digestivos
Vadios, êbrios, desordeiros, etc.	Cerebrais
Transgressores vulgares, etc.	Digestivos

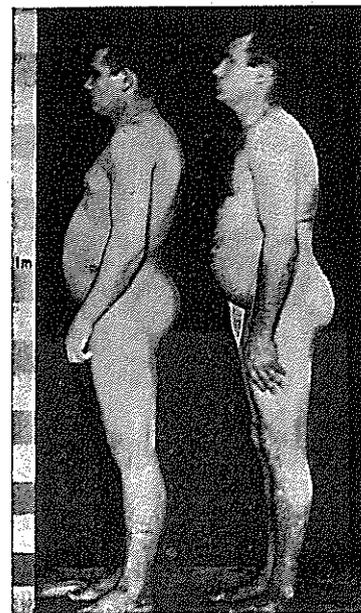


Fig. 12 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Os mesmos da figura anterior (perfil)

Mais se colhe dêstes quadros que os respiratórios são, muito particularmente, ladrões, falsificadores, etc., aparecendo nas restantes classes de delitos em percentagem menor que qualquer outro tipo.

Infelizmente, não existem análogas estatísticas portuguesas,

para confronto. Valer-me-ei, até certo ponto, das estrangeiras; e digo até certo ponto, porque os autores que conheço utilizam outro método de estudo, seguindo diferente escola tipológica. São muitos êsses investigadores, que procuraram a relação entre de-

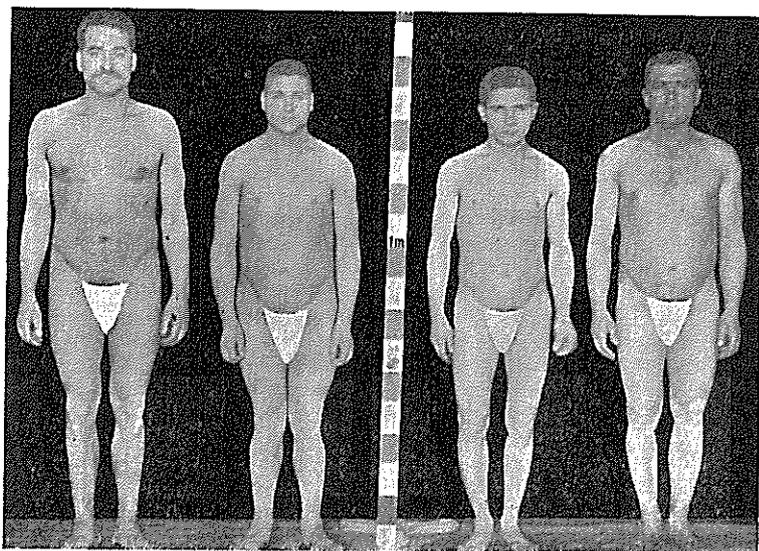


Fig. 13 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Da esquerda para a direita: *muscular, digestivo, cerebral, muscular*

lito e morfologia e entre esta e a demência: Willemse, Gaupp, Boxich, Cabitto, Vidoni, Kretschmer, Boschi, Pellegrini, Ravà, Tommasi, Lugiato, etc., etc.

Como os tipos constitucionais das diferentes escolas variam, podendo, no entanto, identificar-se com os de Sigaud-Mac-Auliffe, devo apresentar essas correspondências para, em seguida, confrontar os meus resultados com os de alguns daqueles investiga-

dores. Para isso utilizarei as indicações de Pende, Mac-Auliffe, Mendes Corrêa, etc. (1):

Tipo respiratório — Leptosoma (Kretschmer), estenò-plástico (Bounack), heteròtónico muscular (Bounack), longo ou micrò-esplâncnico (Viola), linear (Stockard), hiper-ontò-mórfico (Bean), etc.

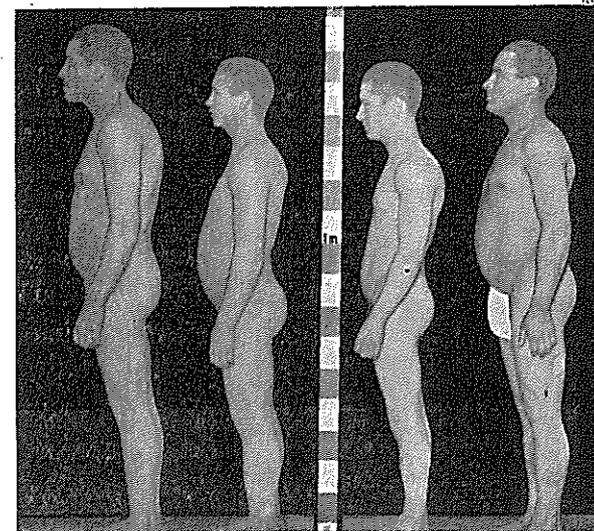


Fig. 14 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Os mesmos da fig. anterior (perfil)

Tipo muscular — Atlético (Kretschmer), mesò-plástico ou arquiteônico muscular (Bounack), normal (outros autores), etc.

Tipo digestivo — Pícnico (Kretschmer), apoplético ou artrítico (patologistas), euriplástico ou arquiteônico nutritivo (Bounack), macrò-esplâncnico (Viola), variedade adiposa do tipo curto (Sterne), lateral (Stockard), etc.

Tipo cerebral — Infantil (patologistas), nervoso, sub-plástico (Bounac), oligotónico nutritivo (Bounack).

(1) O citado manual de Berardinelli insere um quadro de correspondências idêntico ao que apresentamos, mais completo e pouco diferente do nosso.

Assentes estas correspondências, poderemos estabelecer o seguinte paralelo, orientado pelos dois ectipos fundamentais de Pende, *longilíneo* e *brevilíneo*:

Longilíneo	Brevilíneo
<i>(Longitipo — PENDE)</i>	<i>(Braquitipo — PENDE)</i>
Habitus phtysicus (micrò-esplâncnico (Viola) .	Habitus apoplecticus (macrò-esplâncnico (Viola)
Chato (Mac-Auliffe)	Redondo (Mac-Auliffe)
Estenò-tipo (Castaldi)	Plati-tipo (Castaldá)
Estenò-plástico (Bounack)	Euri-plástico (Bounack)
I Combinação (De Giovanni)	III Combinação (De Giovanni)
Linear (Stockard)	Lateral (Stockard)
Muscular (Respiratório? Cerebral?) (Sigaud-Mac-Auliffe).	Digestivo (Sigaud-Mac-Auliffe)
Esquizóide (leptosomas, displásticos: astênicos) (Kretschmer)	Ciclóide (Kretschmer)
Catabólico hipò-vegetativo (simpático) (Pende)	Anabólico hipervegetativo (parasimpático) (Pende)
Hipertiroides (Pende)	Hipòtiroides (Pende)
Hipò-suprarrenalico (Pende)
Hiperpituitárico (Pende)
Hipostênico, distênico (Pende)	Hiperatênico (Pende)
Instável (Pende)	Estável (Pende)
Taquiprágico (Pende)	Bradiprágico (Pende)

Sub-tipos (PENDE)

Morfológicamente hiper-evolutivo	Verdadeiro tipo apoplético
Hipersômico acromegalóide.	Linfático venoso
Hipoplástico tímò-linfático	Hábito brevilineo atlético
Enucóide longilíneo	Hipersexual

Variedades (PENDE)

Hiper-tiroideu-hiper-pituitárico	Hipòtiroides-hipòpituitárico
Hiper-tiroideu-hipòsuprarrenalico	Hipòtiroides-hipòsuprarrenal
Hiper-tiroideu-hipògenital	Hipòtiroides-hipògenital
Hiper-tiroideu-hipòparatiroideu

No que respeita à identificação do tipo respiratório com o tipo astênico da escola alemã e o longilíneo da italiana, o próprio Mac-Auliffe a contrária, como afirma Pende (1). Êste autor identi-

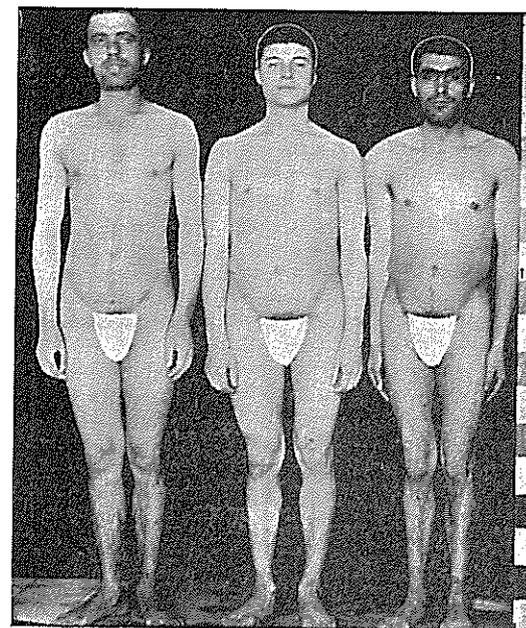


Fig. 15 — Exemplos de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Da esquerda para a direita: *respiratório, muscular, muscular*

fica os tipos franceses muscular e cerebral com o longilíneo; o respiratório e o digestivo com o brevilíneo. Nas correspondências que nesse trabalho apresenta, Pende coloca os digestivos irregulares de Mac-Auliffe entre os macrò-esplâncnicos e os muscular e cerebral do mesmo autor entre os micrò-esplâncnicos, não entrando em consideração com o tipo respiratório.

(1) Nicola Pende, *Le debolezze de costituzione*. Roma, 1328.

Vejamos, agora, o que dizem certos autores sôbre correlação entre delito e constituição. Landogna Cassogne (1) observou que, entre os assassinos, predomina o tipo megalô- ou macrô-esplâncnico (hiper-vegetativo, brevilíneo); entre os ladrões, o tipo micrô-esplân-

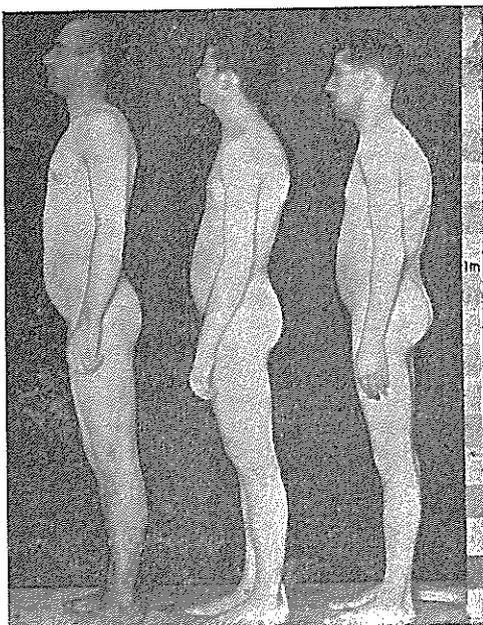


Fig. 16 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Os mesmos da fig. anterior (perfil)

cnico (hipô-vegetativo, longilíneo). Feitas as necessárias correspondências com os tipos que observei nos delinqüentes, verifica-se que condizem os resultados obtidos. Assim o havia observado Boxich (2).

(1) Nicola Pende, *Trabajos recientes sobre endocrinología*, etc. Ob. cit.

(2) Idem, idem.

As investigações de Vidoni levam a idênticos resultados (1). Este cientista encontrou 50 % de brevilíneos nos autores de delitos violentos e 12 % nos que não usaram violência; encontrou o

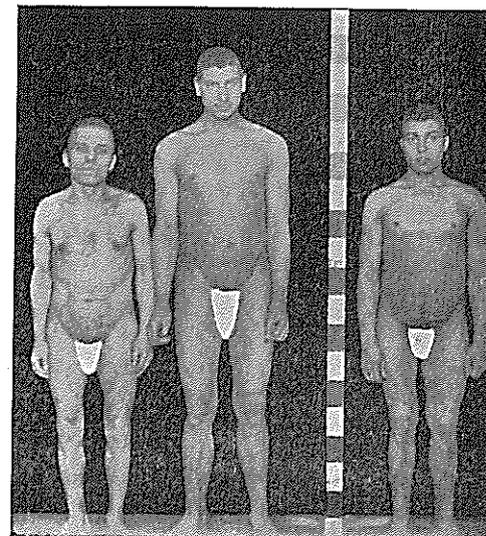


Fig. 17 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Da esquerda para a direita: cerebral, muscular, muscular

longilíneo em 18 % dos criminosos violentos, 44 % nos não violentos.

Nos criminosos contra a moral colheu Vidoni freqüência do tipo brevilíneo, hiper-vegetativo, de baixa estatura (variedade hiper-genital de Pende).

Nos delituosos sexuais da minha série o mesmo se observa, notando-se que predominam, como autores desses crimes, os cerebrais, de baixa estatura.

Em 116 menores delinqüentes Vidoni e Cabitto descobriram

(1) Idem, idem.

21.9 % do tipo micrò-esplâncnico e 41 % do tipo macrò-esplâncnico (1).

Já Lombroso e Göring haviam notado a prevalência, entre os delinqüentes, do tipo brevilineo, de estatura baixa (2).

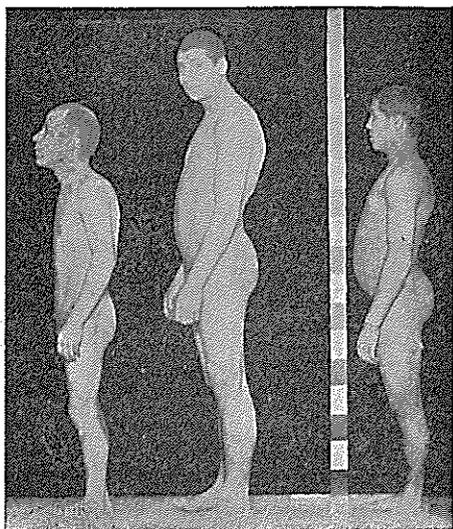


Fig. 18 — Exemplar de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)
Os mesmos da fig. anterior (perfil)

Esclareço que nas minhas fichas registei o pêso e a estatura de todos os delinqüentes; no que respeita a esta, verifica-se que os cerebrais são os mais baixos de todos, seguindo-se-lhes os digestivos; entre os musculares e respiratórios não há diferenças estaturais, sendo êstes tipos os mais altos dos quatro. As médias oscilam à volta de 1^m,570 nos cerebrais, 1^m,600 nos digestivos e 1^m,640 nos respiratórios e musculares.

(1) Vidoni e Cabilto, *Contributo allo studio della personalità in Antropologia Criminale*. (Cit. por R. Funes, em *Endocrinologia y Criminalidad*). Madrid, 1929.

(2) Nicola Pende, *Trabajos recientes*, etc. Ob. cit.

Outros investigadores estudaram o endocrinismo nos criminosos, chegando a conclusões que, por paralelismo com os tipos morfológicos, se aproximam das minhas e das dos autores que citei; entre aqueles investigadores contam-se Morris, Schlapp, Berman, Timme, etc.

Pende resume a questão dizendo que os autores de delitos não violentos são longilíneos, hiper-tiroideus, hiper-suprarrenânicos, hipò-genitais e hipò-pituitânicos; nos de crimes violentos predomina o tipo brevilineo, hipò-tiroideu, hiper-pituitârico, hipò-suprarrenal, hiper-genital (1).

Se bem que haja sempre entusiasmos e exageros, fáceis de compreender, quando nasce uma doutrina e começa a propagar-se, não deixam de ser surpreendentes estes primeiros resultados do estudo dos criminosos debaixo do ponto de vista morfò-psicò-endòcrinico. Contudo «*é prematuro pretender estabelecer uma classificação exclusivamente endocrinológica dos delinqüentes*», diz o prof. Mendes Corrêa (2).

Atendendo a estas dúvidas e instabilidades, é lícito ampliar cada vez mais o estudo do delinqüente; são, portanto, bem aplicadas aqui as palavras de Giuseppe Vidoni:

«*Per questo si sente vivo il bisogno di approfondire ulteriormente la individualità del criminale nei suoi dati genotipici e costellativi onde penetrarne la trama della complessa personalità, che, a traverso le nuove indagini, si manifesta quale un tutto unico nei suoi aspetti fisici, funzionali e psichi*» (3).

(Trabalho subvencionado pela Junta de Educação Nacional).

(1) Idem, idem.

(2) Mendes Corrêa, *Introdução à Antropobiologia*, etc. Ob. cit.

(3) Giuseppe Vidoni, *Lo studio morfologico del delinquente*. «*Endocrinologia e patologia costituzionale*», n.º 1, vol. 1. Bologna, 1926.

VÁRIA

I Congresso Nacional de Antropologia Colonial

Por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, de acôrdo com a Direcção da Exposição Colonial Portuguesa, deve realizar-se de 22 a 26 de Setembro do corrente ano, no Pôrto, o I Congresso Nacional de Antropologia Colonial. Num momento em que se torna indispensável evidenciar perante as outras nações o labor que o nosso país tem desenvolvido e está desenvolvendo em matéria de investigação científica colonial, é da maior oportunidade que, a par com a demonstração eloquente de poderoso esforço realizador que é a dita Exposição, se congreguem, naquela assembleia, os estudiosos que aos problemas variados e complexos das populações coloniais dedicam a sua atenção. O conhecimento destas populações, sob os seus múltiplos aspectos biológicos, étnicos e sociais, está necessariamente na base de qualquer plano racional de organização e aproveitamento das colónias. Assim, os assuntos de que vai ocupar-se o Congresso, revestem, além do seu grande interesse científico, uma alta importância nacional.

Para a apresentação e discussão de comunicações e elaboração de votos o Congresso estará repartido em três secções:

1.^a — *Antropologia física; Biologia étnica; Cruzamentos; Grupos sanguíneos.* — Presidente, Prof. J. A. Pires de Lima.

2.^a — *Etnografia; Folklore; Linguística; Psicologia; Sociologia; Religiões.* — Presidente, Mons. Dr. Manuel Alves da Cunha.

3.^a — *Prehistória e Arqueologia; Geografia humana; Migrações; Demografia; Criminologia; Actimação.* — Presidente, Conde de Penha Garcia.

Cada secção terá um presidente e um secretário, especialmente incumbidos da organização dos seus trabalhos e da transmissão dos seus votos à assembleia plenária final. Durante as sessões a presidência poderá, entretanto, ser exercida por qualquer congressista para tal designado pela presidência efectiva da secção ou por esta.

O Congresso terá, pelo menos, duas sessões plenárias, a de inauguração e a de encerramento, mas haverá conferências sobre assuntos de interesse mais amplo, que se realizarão perante todas as secções reunidas. Os conferentes e os temas serão anunciados no programa definitivo.

Podem inscrever-se como membros efectivos do Congresso todas as pessoas diplomadas com cursos superiores ou especiais e ainda aquelas que de qualquer modo hajam exercido uma actividade que se relacione com assuntos coloniais. Para efectivarem a sua inscrição terão de preencher um boletim, e, fazendo-o acompanhar da importância de Esc. 20\$00, enviá-lo à Secretaria do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial — Universidade do Pôrto.

Podem ser inscritas como congressistas auxiliares as pessoas de família dos congressistas efectivos, devendo por cada inscrição ser enviada a importância de Esc. 10\$00.

Oportunamente será distribuído o programa definitivo do Congresso, com menção das facilidades concedidas para viagens e alojamentos, lista das conferências e comunicações, recepções e festas, etc.

O Congresso, além dos assuntos de livre escolha dos congressistas, versará especialmente os seguintes temas:

Classificação das raças da Guiné, Angola e Moçambique.

Antropologia das partes moles nas colónias.

Valor social das raças indígenas.

Hereditariedade nos cruzamentos étnicos.

Psicologia dos mestiços.

Factores da criminalidade nas colónias.

O povoamento dos territórios coloniais, «Lebensraum» e a acção dos europeus.

As grandes migrações africanas.

Os resíduos bochimanos em Angola.

A antropologia de Timor e a divisória de Wallace.

A preparação antropológica dos administradores e funcionários coloniais.

Os questionários etnográficos nas colónias.

Necessidade de pesquisas arqueológicas nestas.

Deve registrar-se que, por ocasião do Congresso, serão exibidos na Exposição numerosos documentos etnográficos e espécimes de várias raças indígenas.

O prazo para a indicação dos títulos de comunicações ao Secretariado do Congresso termina em 20 de Agosto. As comuni-

cações cujos títulos forem notificados após esta data, não poderão já ser anunciadas no programa a distribuir.

Além das conferências plenárias e discursos inaugurais das secções, estão já inscritas mais de 70 comunicações, o que dá a medida da importância desta iniciativa da nossa Sociedade.

Dissecção de uma negra de Angola

Há quasi cinco anos (1 de Maio de 1929) apresentaram a esta Sociedade os drs. Álvaro Rodrigues, Luís de Pina e Sousa Pereira uma comunicação sobre os resultados do exame anatómico dum negro de Moçambique, realizado segundo as normas estabelecidas pelo «Comité International» de Investigação sobre as partes não ósseas dos indígenas primitivos, criado pelo prof. Eduardo Loth, de Varsóvia (1).

O que seja este Comité e quais os seus objectivos ficou narrado na introdução desse estudo, o primeiro em resposta às circulares do mesmo.

Ai se referiam os trabalhos anteriormente realizados sobre indígenas das nossas colónias, devidos aos profs. Américo Pires de Lima, Joaquim A. Pires de Lima, Ernâni Monteiro e Constâncio Mascarenhas.

De então para cá, alguns trabalhos têm saído do Instituto de Anatomia do Pôrto, orientados pela doutrina antropológica adoptada por aquêlê Comité, da autoria dos profs. Ernâni Monteiro, Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira, sobre nervos, do prof. Luís de Pina, sobre músculos, e dos assistentes Lino Rodrigues e Melo Adrião, sobre vísceras.

Como se vê, tem sido importante a contribuição do referido Instituto para a Antropologia das Partes Moles.

A primeira nota preenchendo o questionário proveniente do Comité, foi, já o dissemos, referente a um natural de Moçambique, enviada para Varsóvia e publicada na *Folia Morphologica* daquela capital (2).

Após essa, notas idênticas foram remetidas ao prof. Loth,

(1) Álvaro Rodrigues, Luís de Pina e Sousa Pereira — *Dissecção de um negro de Moçambique*. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», fasc. III, vol. IV, 1930.

(2) Álvaro Rodrigues, Luís de Pina e Sousa Pereira — *Dissection d'un nègre de Mozambique*. «Folia Morphologica», vol. I, n.º 2, Varsóvia, 1929.

onde alguns anatomistas estrangeiros inseriram o resultado de análogos exames em diversos indivíduos.

Assim, algumas dessas notas se devem aos drs. Renato Locchi, de S. Paulo (Brasil), Leblanc (Argélia, — êste de colaboração com Ribet, Curtillet, Ezes e Liaros) e Vinelli Baptista (Rio de Janeiro).

Desta maneira tem sido estudados já algumas dezenas de indivíduos brasileiros e africanos (berberes).

Últimamente, entrou no Instituto de Anatomia o cadáver de uma indígena angolense, remetida pelo Instituto de Medicina Legal do Pôrto, onde fôra autopsiada.

A-pesar-de se não poder responder completamente ao questionário, bastantes elementos anatómicos se estudaram.

O resultado dêsse estudo é o tema desta nota, nova contribuição do Instituto de Anatomia para a Antropologia das Partes Moles.

A observação foi realizada em Dezembro do ano passado.

A negra era mendiga, nascida em Angola (Benguela), de idade desconhecida, mas aparentando 40 anos, de nome Maria Joana de S.

Começamos por apresentar o protocolo de dissecação adoptado pelo Comité e as respectivas observações.

Infelizmente, devido à autópsia realizada no seu cadáver, não se pôde responder a muitas interrogações.

Cabeça:

- 1.º — Risorius de Santorini — existe, mais desenvolvido à direita.
- 2.º — Transverso do mento — existe.
- 3.º — Transverso da nuca — existe, atrofiado.
- 4.º — Parietò-epicraniano — falta.
- 5.º — Auricular posterior — existe, muito atrofiado.

Pescoço:

- 1.º — Forma do ómò-ioideu — recebe um feixe acessório à esquerda.
- 2.º — Esterno-clido-ioideu — normal.

Tronco:

- 1.º — Prè-esternal — ?
- 2.º — Grande peitoral (parte abdominal) — ?
- 3.º — Grande dentado — insere-se, à direita, na 8.ª costela; à esquerda??

- 4.º — Grande recto — duas intersecções, acima do umbigo.
- 5.º — Grande recto (inserções costais) — ??
- 6.º — Oblíquo externo — inserções sôbre as 8 últimas costelas (12-5).
- 7.º — Oblíquo interno — inserções sôbre as 9.ª, 10.ª, 11.ª costelas e em parte sôbre a 12.ª.
- 8.º — Transverso do abdome — ??
- 9.º — Piramidal — existe, muito desenvolvido à esquerda.

Dorso:

- 1.º — Trapézio — última inserção espinhosa sôbre a 9.ª vértebra.
- 2.º — Grande dorsal — inserções até à 5.ª apófise espinhosa.
- 3.º — Grande dorsal — inserções costais sôbre as 6 últimas costelas (à direita) e sôbre as 7 últimas (à esquerda).
- 4.º — Dorsò-epitrocleano — falta.
- 5.º — Elevador da òmoplata (angular) — inserções até à apófise transversa da 5.ª vértebra cervical.
- 6.º — Esplénio — em baixo, inserções até à 6.ª apófise espinhosa dorsal e, em cima, até à metade inferior do terço superior do ligamento cervical posterior.

Membro superior:

- 1.º — Bicipite braquial — dois feixes.
- 2.º — Redondo pronador — recebe um pequenino feixe coronoideu.
- 3.º — Pequeno palmar — existe.
- 4.º — Curto extensor do polegar — normal.
- 5.º — Longo extensor do polegar — bifurcação do tendão de inserção distal.
- 6.º — Lombricais — normais.

Membro inferior:

- 1.º — Pequeno psoas — falta.
- 2.º — Piramidal da bacia — existe.
- 3.º — Gémeos — à esquerda, o interno desce mais 3,5 centim.; à direita, 1,4 centim.
- 4.º — Plantar delgado — existe.
- 5.º — Flexor tibial — envia 5 tendões à esquerda e 4 sòmente à direita, para os 4 últimos dedos.
- 6.º — Flexor peronial — envia, à direita, 1 tendão bifurcado para o hallux.
- 7.º — Peronial anterior — existe, atrofiado.
- 8.º — Curto flexor comum dos dedos — normal.

Vísceras:

- 1.º — Palatino — 3 cristas transversais.
- 2.º — Língua — papilas caliciformes em forma de V, muito alongado.
- 3.º — Comprimento do intestino delgado — ?
- 4.º — Apêndice — ?
- 5.º — Divertículo de Meckel — ?
- 6.º — Pêso do fígado (são?) — 1:280 grs.
- 7.º — Pêso do baço (são?) — 120 grs.
- 8.º — Nariz — número de cornetos nasais: 3.
- 9.º — Laringe — comprimento do ventrículo?
- 10.º — Glândula tiroideia — pêso?
- 11.º — Rins — bassinets?

Angiologia:

- 1.º — Pêso do coração — 310 grs.
- 2.º — Crossa da aorta e seus ramos — ?

Satisfeitas estas perguntas, não podemos deixar de referir algumas variações anatómicas encontradas nesta negra, se bem que não sejam das mais curiosas.

Assim procederam os já mencionados autores a propósito do negro de Moçambique.

I

Ómò-ioideu:

À esquerda, êste músculo era reforçado, na sua inserção clavicular, por um delgado feixe musculò-aponevrótico, prêso ao bôrdô posterior da clavícula, na união do terço externo com os dois terços internos daquele osso.

È uma variação idêntica à observada no lado direito do negro de Moçambique. A propósito desta anomalia, os drs. A. Rodrigues, Luís de Pina e Sousa Pereira, registaram tôdas as observações análogas, registadas aos profs. J. A. Pires de Lima, Ernâni Monteiro, Henrique de Vilhena e Amândio Tavares, para só falar nas portuguesas.

Além desta particularidade, há a notar que o músculo esquerdo era normal em volume, ao passo que o direito aparecia muito atrofiado, quasi reduzido a um feixe filiforme, especialmente na sua metade superior.

II

Trapézio:

À direita, as suas inserções são relativamente normais. Porém, à esquerda, a inserção fazia-se muito distante da extremidade interna da clavícula, muito separado, portanto, do músculo esternò-clidò-mastoideu.

O músculo, ao nível da sua inserção, era bastante delgado e reduzido. Trata-se dum caso de atrofia muscular.

III

Triângular do esterno:

Apresentando-se mais ou menos normal na sua posição e no número dos feixes, êste músculo, por intermédio dos seus feixes direitos e superiores, estava em relação com a clavícula por meio dum conjunto fibroso, cujos feixes se prendiam, uns nas faces posteriores das costelas, junto do esterno e ainda neste osso; outros, muito delgados, formando um só corpo filiforme, na clavícula (face posterior) depois de ter circundado o ómò-ioideu, ao nível da sua inserção nesse osso.

Como se sabe, o triangular do esterno é um dos músculos mais variáveis do corpo humano.

Segundo Hyrtl⁽¹⁾ as suas inserções podem ir até à 1.ª costela; no nosso caso, vai um pouco mais acima, à clavícula.

IV

Longo extensor do polegar:

À esquerda, o tendão do longo extensor do polegar bipartia-se, voltando a reúnir-se, em baixo, as duas partes, ao nível da sua normal inserção falângica.

São, como vemos, ligeiras variações musculares.

Esta nossa nota será a 11.ª enviada ao «Comité International des Recherches sur les parties molles (non osseuses)». A 10.ª é da autoria de Vinelli-Baptista e foi organizada com o resultado da dissecação de 26 indivíduos brasileiros.

Trabalho do Instituto de Anatomia do Pôrto (subsidiado pela «Junta de Educação Nacional»). Director: Prof. J. A. Pires de Lima.

LUÍS DE PINA & ARMANDO LEÃO.

(1) L. Testut — *Traité d'Anatomie Humaine*, t. I, 1928, Paris.

O Prof. Mendes Corrêa no Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura

O Presidente ilustre da nossa Sociedade que é também o Director da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto e do Instituto Antropológico da mesma Faculdade, recebeu na sua recente viagem ao Brasil uma justa consagração. Os nossos irmãos de além-mar tiveram ensejo de admirar as suas múltiplas qualidades que desde o primeiro instante o impuzeram à consideração do meio culto e universitário do Brasil.

Os grandes jornais brasileiros, aos quais fui colher elementos para esta nota, não regateiam louvores ao Prof. Mendes Corrêa, pondo em relêvo o êxito retumbante das suas lições e conferências.

No Rio de Janeiro

A Universidade do Rio de Janeiro criou o I. L. B. A. C. e convidou para o inaugurar os Professores portugueses, Doutor Carneiro Pacheco, ilustre Reitor da Universidade de Lisboa, e Doutor Mendes Corrêa.

Não foi possível ao Prof. Carneiro Pacheco aceder ao honroso convite.

O Prof. Mendes Corrêa embarcou em Lisboa em 22 de Maio e no dia 3 de Junho chegava ao Rio de Janeiro.

No momento da chegada foram a bordo apresentar-lhe cumprimentos, o Reitor da Universidade do Rio, Doutor Cândido de Oliveira Filho, uma delegação do Conselho Universitário, o 1.º Secretário da Embaixada Portuguesa em nome do respectivo embaixador, então ausente do Rio, os Doutores Afrânio Peixoto e Alcântara Machado pela Academia Brasileira de Letras, o cônsul geral de Portugal, representantes de Associações portuguesas, tendo à frente o Sr. Carlos Malheiro Dias, e muitas outras individualidades de destaque social.

No Rio o Prof. Mendes Corrêa foi hóspede da Universidade.

Durante a sua permanência na capital brasileira, visitou muitas das suas Escolas e Institutos e várias sociedades ou agremiações, tais como Instituto de Identificação, Escola Militar de Educação Física, Beneficência Portuguesa, o Instituto Histórico e Geográfico, a Universidade, a Biblioteca Nacional, as Faculdades de Medicina e Direito, o Museu Nacional, a Escola Nacional de Belas Artes, o Instituto Anatómico Benjamin Baptista, os Laboratórios Granado, o Rotary Club, o Instituto Nacional de Música,

etc., sempre acolhido com as maiores deferências e homenagens e cumulado de atenções.

Foram-lhe apresentados cumprimentos por muitas colectividades, tendo sido recebido em audiência especial pelo chefe do Governo, Doutor Getúlio Vargas e pelo Ministro dos Estrangeiros.

A convite das Faculdades de Nictheroy foi visitar aquela cidade fluminense. Foi recebido pelo Interventor federal. Esteve nas Faculdades de Medicina e Direito, tendo havido nesta última uma sessão solene em sua honra. O elogio académico do Prof. Mendes Corrêa foi feito pelo Prof. Oliveira Viana, e a saudação em nome dos estudantes pelo Prof. Ribas Carneiro.

Tomou parte activa no Congresso de Identificação, falando na sessão inaugural, discutindo algumas teses e fazendo uma conferência intitulada: *O indivíduo realidade biológica*.

Na inauguração do I. L. B. A. C., realizada em 10 de Junho sob a presidência do chefe do Governo Doutor Getúlio Vargas, em que foi conferido o diploma de Professor «honoris-causa» ao ilustre embaixador de Portugal no Brasil, Prof. Martinho Nobre de Melo, foi o Prof. Mendes Corrêa saudado pelo Prof. Portocarrero, ao qual respondeu agradecendo.

Em 12 de Junho iniciou as suas conferências e lições com o seguinte programa, publicado nos jornais do Rio:

1.ª conferência—No salão do Gabinete Português de Leitura, na noite de 12 de Junho, sobre as *Raças das Colónias Portuguesas*, com o seguinte sumário:

Depoimentos dos autores quincentistas sobre as raças descobertas pelos portugueses, especialmente os bochimanos-hotentotes, populações orientais e índios do Brasil. A política colonial não deve ser de assimilação, mas de cooperação. O problema da mestiçagem, a condição biológica e social dos mestiços. Contribuição moderna portuguesa para o progresso da antropologia étnica.

2.ª—No salão do Gabinete, na tarde de 13 de Junho, sobre *O homem no mundo animal*, com o seguinte sumário:

O homem entre os Primatas.—Esbôço da classificação destes.—Os Antropóides. Caracteres gerais dos Hominídeos.—Estudo especial de algumas diferenças entre os Hominídeos e os Antropóides.—O pé humano.—O cérebro humano.—Consequências genealógicas destes estudos.—Significado zoológico do dimorfismo sexual.—O espírito humano em conexão com o esforço anterior da vida.—O espírito humano e a conquista do mundo.

3.^a—No salão do Gabinete, na noite de 15 de Junho, sôbre *O homem fóssil*, com o seguinte sumário:

Bases da cronologia pre-histórica.—A antiguidade do homem e o problema do homem terciário.—Os simios fósseis.—O Pithecanthropo e o Sinantropo.—Os homens fósseis de Piltown, Heidelberg e Neanderthal.—As raças humanas do quaternário superior e suas relações com as actuais.—O homem dos tempos mesolíticos.—O arco antropológico índico e o povoamento primitivo da América do Sul.

4.^a—No Congresso Nacional de Identificação, em 18 de Junho, sôbre *O indivíduo, realidade biológica*, com o seguinte sumário:

Diferenças individuais, nos aspectos morfológico, bioquímico e psíquico.—Os fundamentos genéticos da desigualdade.—A importância da definição da individualidade em medicina clínica, pedagogia, criminologia, etc.—Fórmulas e perfís individuais em Antropologia Criminal.

5.^a—Na Escola Nacional de Belas Artes, na noite de 19 de Junho, sôbre *A arte pre-histórica na Europa Ocidental*, com o seguinte sumário:

Origens da arte.—A arte quaternária na Europa Ocidental.—Arte mobiliária e arte parietal.—A descoberta de Sautuola.—Figurações antropomorfas, sinais tectiformes, alfabetiformes, etc.—Arte utilitária e arte desinteressada.—Arte, magia e religião.—Naturalismo e esquematismo.—Arte do mesolítico, do neo-eneolítico e do princípio dos metais.—Escrita.—Ornatos de cerâmica e de joias.—Síntese sôbre a evolução artística no ocidente da Europa. Independência em relação aos modelos orientais.

6.^a—Na Academia Brasileira de Letras, na noite de 22 de Junho, sôbre *Montaigne e a América pre-colombiana*, com o seguinte sumário:

As evocações do centenário de Montaigne em Portugal e no Brasil. Montaigne, observador do homem, e, como êste em geral, mixto de virtudes e defeitos. Os índios do Brasil e as civilizações pre-colombianas do México e do Perú, em Montaigne; os informadores do autor quincentista; as vantagens do «estado natural», segundo êste, sôbre a intolerância sangrenta da sociedade do seu tempo. A atitude de Montaigne, precursor de algumas orientações antropológicas modernas.

7.^a—Na Academia Brasileira de Letras, na noite de 23 de Junho, sôbre *A Atlântida e as origens de Lisboa*, com o seguinte sumário:

A Atlântida no tempo e no espaço, segundo os autores; ciência e fantasia; os depoimentos da geologia, da oceanografia, da biogeografia, da antropologia e da pre-história; o exame do texto de Platão e as suas inverosimilhanças; a «tradução das lendas em linguagem histórica»; a Atlântida e Tartessos; a Atlântida e a protohistória portuguesa; a Atlântida e as origens de Lisboa.

8.^a—No Instituto Histórico e Geográfico, às 4 da tarde de 26 de Junho, sôbre *Vallaux e a Geografia Geral dos Mares*, com o seguinte sumário:

O método geográfico moderno no estudo dos mares; classificação destes; curva hipsográfica; translações e pontes continentais. O menos humanizado dos Oceanos; a via antártica de povoamento da América; no mar dos tuões e dos corais; o Oceano das águas quentes e o arco antropológico; o Atlântico através das idades; a campanha do «Meteor»; o Mediterrâneo moderno do homem branco; o mar teatro de energias físicas e humanas.

9.^a—No Gabinete Português de Leitura, na noite de 27 de Junho, sôbre *As origens do Povo Português*, com o seguinte sumário:

A antiguidade do homem no território português; o paleolítico, o mesolítico e o neo-eneolítico em Portugal; o homem dos concheiros de Muge; o construtor dos dolmens; idades do bronze e do ferro; relações entre os documentos arqueológicos e os textos mais antigos; os Lusitanos; o depoimento da moderna Antropologia Portuguesa.

O Prof. Mendes Corrêa foi eleito sócio honorário da Academia de Medicina e da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Durante a permanência no Rio foram-lhe oferecidos numerosos banquetes e almoços, bem como uma festa de notável relêvo artístico no Instituto Nacional de Música.

Em S. Paulo

No dia 2 de Julho a convite da Universidade de S. Paulo partia o Prof. Mendes Corrêa para aquela notável e intelectual cidade brasileira.

Ali foi distinguido com a extraordinária homenagem de ser hóspede do Estado de S. Paulo.

Múltiplas individualidades do maior relêvo social e político lhe apresentaram cumprimentos de boas vindas.

Foram três as conferências realizadas em S. Paulo, tôdas elas sendo presididas pelo Reitor da Universidade, Doutor Reinaldo Porchat e feitas no Instituto Histórico e Geográfico.

Os temas das conferências, escolhidos pela Universidade, foram respectivamente:

- 1.^a — *O homem na série animal.*
- 2.^a — *Montaigne e a América pre-colombiana.*
- 3.^a — *A Atlântida e as origens de Lisboa.*

O Doutor Porchat teceu ao Prof. Mendes Corrêa os mais rasgados elogios, apreciando altamente o notável labor científico do nosso Mestre.

Em tôdas as conferências êste foi calorosamente aplaudido pela enorme assistência, entre a qual se encontravam o secretário da Educação do Estado de S. Paulo, e numerosos catedráticos do Brasil e estrangeiros.

Durante a sua estada em S. Paulo, o Prof. Mendes Corrêa visitou a Faculdade de Medicina, o Instituto de Medicina Legal, a Repartição de Identificação, a Faculdade de Direito, o Instituto Butantan, a Penitenciária, a Santa Casa, a Beneficência Portuguesa e o Museu Paulista onde estudou 26 crâneos de «sambaquis» da ilha de Santo Amaro, ainda não estudados por nenhum outro cientista.

Com os elementos colhidos prepara o Prof. Mendes Corrêa um trabalho que oportunamente será publicado.

Na noite de 9, foi-lhe oferecido no Club Português, um banquete de homenagem e despedida, por iniciativa das associações portuguesas, nêle tomando parte os secretários do Interventor e da Educação, o Reitor e Professores da Universidade, directores de serviços públicos, autoridades consulares e representantes das associações portuguesas, bem como algumas senhoras.

O Prof. Mendes Corrêa foi saúdo pelo Dr. Ricardo Severo e pelo director da Biblioteca Municipal Dr. Eurico de Goes, a todos agradecendo em caloroso discurso as constantes e inesquecíveis manifestações de aprêço que desde a sua chegada recebeu tanto de brasileiros como de portugueses.

Numa visita que fez a Santos foi o Prof. Mendes Corrêa acolhido na Beneficência Portuguesa e saúdo pelos representantes da nossa colónia.

Depois visitou o Padrão de S. Vicente, marco glorioso dos empreendimentos náuticos portugueses de Quinhentos. Nesta visita foi acompanhado pelos referidos representantes e pelo Doutor Ricardo Severo, o sobrevivente do grupo admirável da «Portu-

gália» que, num esforço enorme de realização, nos legou essa obra de altíssimo preço. Rocha Peixoto, José Fortes e Fonseca Cardoso, unidos a Ricardo Severo por um entusiasmo vibrante e um fervoroso ideal nacionalista, subscreveram e reuniram nos dois grossos volumes da *Portugália* valiosos trabalhos de antropologia, arqueologia, prehistória, etnografia, folclore, etc.

De novo no Rio de Janeiro

Em 11 de Julho o professor portuense regressou à capital federal.

Em 12 foi recebido em sessão da Academia Brasileira de Letras, sob a presidência do Barão Ramiz Galvão, tendo feito o seu elogio os académicos Afrânio Peixoto, Roquete Pinto e Gustavo Barroso.

A convite do Instituto dos Advogados foi ali recebido, saüdando-o o presidente, Dr. Pinto Lima, e o Sr. Dr. Dionísio da Silveira, e fêz naquela douta agremiação uma conferência sôbre *Os criminosos em Portugal*.

Ainda no mesmo dia tomou posse de sócio honorário da Academia Nacional de Medicina. Presidiu o Prof. Austregésilo que saúdo o Prof. Mendes Corrêa e deu a palavra ao Prof. Leonídio Ribeiro, que proferiu o elogio do novo Académico.

No dia 13 visitou o Museu Histórico e efectuou no Museu Nacional uma palestra sôbre *Técnica das investigações prehistóricas*, perante uma assistência especializada nestes assuntos. Foi a 14.^a e a última conferência das que realizou no Brasil.

No dia 14 de Julho visitou ainda alguns estabelecimentos científicos e de educação, tendo-lhe sido à noite oferecido um banquete de homenagem e despedida pelos representantes da colónia portuguesa. Neste banquete que, no impedimento do Sr. Embaixador, foi presidido pelo cônsul geral de Portugal, foi o Prof. Mendes Corrêa saúdo pelo eminente escritor Malheiro Dias.

No dia 15, após uma gloriosa estada de cêrca de mês e meio nas terras irmãs de além Atlântico, regressou a Portugal ao seio da família, da sua Universidade e dos seus discípulos, amigos e admiradores, que se sentem envaidecidos pelo extraordinário brilhantismo da missão de tão insigne embaixador da intelectualidade portuguesa.

SANTOS JÚNIOR.

Congresso Científico de Santiago de Compostela

A «Asociación Española para el Progreso de las Ciencias» de acordo com a resolução tomada no XIII Congresso, celebrado em Lisboa em Setembro de 1932, realizou o XIV na velha cidade de Santiago, que por direito próprio é capital da Galiza. Acertada escolha, pois Santiago, pela sua história, pela sua riqueza artística e pelo seu carácter eminentemente académico, é bem o centro orientador das quatro províncias galegas.

O programa elaborado estabelecia ao Congresso uma duração de oito dias, de 1 a 8 de Agosto.

Um trágico desastre veio, porém, pôr-lhe termo em 5 desse mês.

Quando neste dia os congressistas foram, em excursão organizada pela Universidade, de visita ao feracíssimo vale del Ulla e a algumas casas solarengas da região, os típicos *pazos antiguos*, parte do soalho do salão nobre do *pazo* da Oca dos Marqueses de Camarasa, quando aos congressistas era servido uma esplêndida merenda, abateu, arrastando na queda mais de 50 pessoas, muitas das quais ficaram mal feridas. Uma senhora congressista espanhola morreu pouco tempo em consequência dos ferimentos recebidos.

Até então o Congresso decorrera normalmente e com certo brilho, a-pesar-da chuva que durante dois ou três dias caiu abundantemente para radicar no espírito dos congressistas o dizer corrente de que em Santiago chove sempre e desabaladamente.

Já havia dois dias de trabalhos das Secções, nas quais tinham sido feitas várias comunicações, algumas de grande interesse.

Três conferências tinham sido efectuadas no salão nobre da Universidade, além do discurso inaugural em que o ilustre Professor D. Rafael Altamira versou *La idea de una política actual hispano-americana*.

Na primeira sobre *Compostela monumental* tivemos o prazer de ouvir o Dr. Ramon Otero Pedrayo, orador de fluência verdadeiramente torrencial, cheio de entusiasmo e de intuição artística. Tratou o assunto proficientemente, dando-nos uma magnífica conferência.

La evolución de la música gallega desde el siglo XII, constituiu o tema da segunda conferência a cargo do Sr. Santalices que, depois de eruditas considerações sobre o tema que se propôs tratar, fez uma interessante demonstração musical tocando sanfona e cantando velhas canções galegas. Como fecho da sua explana-

ção o Sr. Santalices tocou na gaita de fole algumas lindas músicas galegas.

A terceira conferência foi feita pelo capitão Iglésias que, havendo permanecido alguns meses no Amazonas, teve ensejo de estudar aquela extraordinária região brasileira, e dissertou largamente sobre *Antropogeografía americana; el hombre amazónico*.

Na primeira parte o conferente abordou o problema demográfico mundial, capítulo do maior interesse antropogeográfico, pondo em contraste as regiões europeias densamente povoadas e em crescente aumento de população, com as extensas e feracíssimas regiões da América do Sul, em especial da Amazônia, onde a densidade de população baseada nas estatísticas recentes não vai além de um habitante por quilómetro quadrado. Julga que a Amazônia será a região da terra que há-de receber o excedente de população do velho continente.

Descreve com brilho e por vezes com eloquência a grandiosidade da selva virgem, citando a propósito merecidamente o talentoso escritor português Ferreira de Castro.

Na segunda parte estuda as terras e o homem da região amazónica, demorando-se em especial nas diferentes raças e tribus indígenas, cujos hábitos, usos e costumes vai descrevendo. Uma das conclusões deste trabalho é a de interessar o governo espanhol na organização e envio duma missão científica para estudar, debaixo de múltiplos aspectos, a região e as gentes que descrevera.

No final uma série de projecções mostrou-nos trechos de paisagem, exemplares da flora, da fauna, tipos étnicos, etc.

A assistência que enchia por completo o salão nobre, aplaudiu demoradamente o notável trabalho do capitão Iglésias.

O «ayuntamiento» de Santiago organizara em honra dos congressistas uma linda Festa Galega, cheia de interesse etnográfico. Um grupo que de Orense veio expressamente a Santiago fez curiosos bailados e cantares regionais. Agradaram sobremaneira as *muiñeiras*. O grupo executante de trajes garridos e policromos foi muito aplaudido.

O dia 4 de Agosto foi dedicado à Corunha que recebeu solenemente os congressistas. A conferência que nesse dia devia fazer o notável Professor Ortega y Gasset, foi adiada para um dos últimos dias do Congresso, mas não pôde realizar-se em virtude do desastre da Oca ter encerrado trágicamente os trabalhos.

Outras conferências e visitas deviam efectuar-se. A suspensão absoluta de todos os trabalhos do Congresso após o desastre não permitiu, porém, a realização das mesmas.

A organização do Congresso não foi impecável. Os serviços

da secretaria decorriam muito burocratizados e com pouco despacho. Houve congressistas portugueses que não puderam tomar parte nas festas e visitas oficiais por na secretaria do Congresso lhe serem negados convites para as mesmas. Inclusive nem emblemas lhes foram distribuídos.

Por outro lado a « Associação Portuguesa para o Avanço das Ciências » não tratou, como lhe cumpria, de conseguir facilidades de transporte nos caminhos de ferro portugueses e facilidade de passagem na fronteira.

Um outro índice da desorganização dêste Congresso está, por exemplo, na maneira como apareceram distribuídas as várias comunicações pelas diferentes secções.

Na segunda secção que compreende ciências astronómicas, geofísicas e geográficas figuravam, assim, os trabalhos do distinto arqueólogo e etnógrafo galego D. Florentino Lopez Cuevillas, intitulados « O culto das fontes no noroeste da Península », « Caracteres distintivos da cultura norte dos Castros ». Na mesma secção figurava uma comunicação intitulada « Sobre una interesante disposición de las concentraciones de mica en el granito ». Uma comunicação minha sobre um curioso caso de albinismo num gaio (*Garrulus glaudarius faciatus* Brehm.), estava anunciada na secção de ciências médicas. Podia, se quisesse, dar mais exemplos neste género.

Foram anunciados cerca de 150 trabalhos, repartidos pelas oito secções. A 1.ª secção (ciências matemáticas) figurava apenas com 6 trabalhos. A 5.ª secção (ciências sociais) apenas com 5.

Pelo contrário as secções 4.ª (ciências naturais) e 6.ª (ciências históricas, filosóficas e filológicas) eram as mais sobrecarregadas — respectivamente, com 30 e 27 comunicações.

Pelo que respeita à secção de ciências naturais, havia vantagem em a desdobrar em duas, uma abrangendo as ciências biológicas, outra as ciências geológicas.

A 6.ª secção devia também ser desdobrada. Das 27 comunicações desta secção um terço referia-se a estudos de arqueologia e etnografia.

Este terço, juntamente com as comunicações de carácter antropológico, poderia dar uma nova secção que descongestionava a 6.ª.

Segue a lista das comunicações de interesse antropológico, arqueológico e etnográfico que foram anunciadas.

Capitan Iglésias — *Antropogeografía americana; el hombre amazónico.*

D. Luís de Hoyos Sáinz — *Naturalidad y mortalidad actual en*

España y especialmente en Galicia. — Avance a la antropología de Galicia: Lo cráneo y el hombre vivo. — Una hoja de valores y relaciones antropométricas y biométricas, especialmente en el niño. — Ensayo de un estudio de las fiestas populares en Galicia.

D. F. de las Barras de Aragón — *Notas sobre crania hispanica. — Indices craneales medidos de cinco yacimientos visigodos de España.*

D. Florentino Lopez Cuevillas — *O culto das fontes no Noroeste da Península. — Caracteres distintivos da cultura norte dos Castros.*

D. Casto Maria Rivero y Sáinz de Baranda — *El mito de Teseo en las pinturas de los vasos griegos.*

D. Vicente Risco — *Concordancias do folklore galego e o germanico. — Os deuses do ceo na relixión pre-roman de Galiza.*

Dr. Vergílio Correia — *As novas explorações de Conimbriga.*

Dr. Manuel Heleno — *Dólmenes primitivos.*

Dr. Luís de Pina — *Contribuição ao estudo da bio-psicologia dos criminosos portugueses.*

Dr. J. R. dos Santos Júnior — *Novas gravuras rupestres transmontanas.*

Muitos congressistas visitaram o Seminário de Estudos Galegos. Esta agremiação científica marca na vida intelectual de Santiago um lugar de inconfundível destaque. A ânsia de conhecer profundamente a terra galega, de saber das suas riquezas, necessidades e interesses, é o lema do admirável grupo de intelectuais que, cheios de mocidade e de entusiasmo, se congregaram para o progresso e exaltação da cultura galega.

Sendo, há 2 anos, por imerecida distinção, sócio do Seminário, não podia deixar de visitar as suas instalações.

No antigo « Colexio de Fonseca » ocupa várias dependências, entre elas o famoso « Salón artesonado » onde se acha instalado o Museu. Colecções valiosas de arte, arqueologia e sobretudo de etnografia, entre as quais avulta a série de casas populares galegas em miniatura, atestam o carinho e o cuidado posto na colheita de todos êsses elementos.

São singelas as instalações da biblioteca e da sala de trabalho.

A primeira, aberta ao público, possui 4:000 volumes, entre os quais, exemplares raríssimos da bibliografia galega, bem como valiosos manuscritos.

A segunda é uma sala anexa, onde estão expostas lindas esculturas, pinturas e desenhos que ao Seminário tem sido oferecidos pelos artistas galegos contemporâneos, donde resulta ter a sala um ambiente de arte encantador.

De como se trabalha no Seminário e de qual foi a tarefa ali realizada de 1923-1934 dá-nos conta uma publicação intitulada *Seminário de Estudos Galegos — Dez cursos de trabalho*.

No regresso a Portugal visitei os museus de Pontevedra, onde fui ver as célebres gravuras de Parada, estudadas há anos pelo Prof. Mendes Corrêa, e o rico «tesouro de Foxados», estudados por Carro García e Sebastián Gonzalez García-Paz.

Em La Guardia visitei a citânia de Santa Tecla e trabalhei algumas horas no Museu.

Colhi alguns elementos para estudo da cerâmica castreja primitiva, registei algumas marcas de cerâmica arretina e trouxe, por amável deferência, algumas amostras de cerâmica para o Museu do Instituto Antropológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.

S. J.

Congresso de Identificação no Brasil

Por iniciativa do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, dirigido pelo ilustre professor Leonídio Ribeiro, realizou-se em Junho último, no Rio e em S. Paulo, um Congresso Brasileiro de Identificação que decorreu com grande brilho e interesse. A presidência de honra da assembleia foi entregue ao professor argentino Reyna Almandos, sucessor de Vucetich. Foram discutidos vários assuntos relativos a polícia científica, biotipologia e identificação, sendo no final aprovados diferentes votos e uma proposta no sentido da próxima realização dum congresso Pan-americano da mesma matéria.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia foi representada no Congresso pelo seu presidente, que se encontrava então no Brasil, tendo visitado com as melhores impressões os magníficos Institutos de Identificação do Rio e de S. Paulo e tendo pronunciado no Congresso uma conferência sobre «O indivíduo, realidade biológica», além duma breve saudação na sessão inaugural.

Nesta sessão, proferiu uma bela alocução o Prof. Afrânio Peixoto e fez também uma conferência o Prof. Reyna Almandos, que ofereceu um artístico busto de Vucetich ao Instituto do Rio de Janeiro, sendo êsse busto solenemente inaugurado numa sessão especial presidida pelo académico e antigo ministro Dr. Felix Pa-

checo, que foi o introdutor da dactiloscopia no Brasil e um grande amigo do cientista argentino.

Já estão publicadas as actas da importante assembleia científica em volume especial dos «Arquivos de Identificação e Medicina Legal».

MENDES CORRÊA.

Lutuosa

Tem esta revista a assinalar no presente número, com profundo pesar, a morte de várias individualidades ilustres no domínio da antropologia e ciências conexas.

Três sócios desta colectividade, os professores J. Loth, José Teixeira Rêgo e José Maria de Oliveira, pertencem ao número de tais individualidades.

O primeiro, nascido em 1847 no Morbihan, antigo professor do ensino secundário, depois professor da Faculdade de Letras de Rennes e por fim sucessor de D'Arbois de Jubainville na cadeira de Língua e Literatura Célticas no Colégio de França, foi um celtista eminente, autor de obras valiosas sobre línguas antigas, sobre a lenda de Tristão, sobre o Mabinogion, sobre toponomástico romano e céltico, etc. Bretão de nascimento, era um apaixonado pela sua região que percorreu a pé. Interessou-se pelos monumentos megalíticos, pelas relações prehistóricas entre a Península Ibérica, a Bretanha e a Irlanda, etc. Fez mesmo, em antropologia física, um estudo sobre a cor dos olhos e dos cabelos nas crianças das escolas bretãs. No debate de Glozel, tomou partido entre os glozelófilos, defendendo a autenticidade da célebre estação na Academia das Inscricões e na sua cátedra do Colégio de França. O professor Loth era director da *Revue Celtique*. A sua morte é uma grande perda para a erudição francesa.

O professor Teixeira Rêgo, da antiga Faculdade de Letras do Pôrto, era um humanista distintíssimo, possuindo, além disso, uma vasta cultura geral que assombrava todos os que liam os seus trabalhos, ou escutavam as suas lições e a sua conversa cintilante. Autor duma *Nova teoria do sacrificio*, em que, com grande cópia de saber, defendia a tese da origem simiana do homem em consequência duma mudança de regime alimentar, publicou tam-

bém, em dois volumes, vários *Estudos e Controvérsias*, entre os quais destacaremos uma polémica com D. Carolina Micaélis sobre a palavra *gonzo*, um estudo comparado dos alfabetos de Alvão e de Glozel (de cuja autenticidade Teixeira Rêgo era, como Loth, partidário convicto) e hipóteses originais sobre a personalidade de Bernardim Ribeiro.

O professor José Maria de Oliveira, da Faculdade de Medicina do Pôrto, contribuiu para o labor da nossa sociedade com os seus valiosos estudos sobre a *Fistula auris congenita*. A sua prolongada doença há muito o retirara duma colaboração permanente, mas nem por isso a Sociedade de Antropologia deixava de ser prestigiada com o valioso apoio do seu nome.

Um outro sócio efectivo, homem de letras eminente, antigo secretário da Universidade de Coimbra, o dr. Manuel da Silva Gaio, foi também uma perda da nossa Sociedade nos últimos tempos. Não sendo um antropologista, o dr. Manuel Gaio, interessava-se vivamente por êstes estudos e por esta colectividade. O glorioso autor da *Chave Dourada*, homem de rara cultura e de trato distintíssimo, deixa um nome literário de alto prestígio.

Fora do grémio desta Sociedade, outros notáveis espíritos desapareceram ultimamente, com grande perda para as ciências antropológicas.

O dr. Papillault, falecido repentinamente há meses em Paris, dedicava-se à Antropologia física, à Psicologia étnica e à Antropologia social. Era professor na Escola de Antropologia e director do laboratório de Antropologia na Escola de Altos Estudos, e fôra um dos organizadores e um dos secretários gerais do Instituto Internacional de Antropologia.

Espírito culto e lúcido, conferente primoroso, cientista metódico e prudente, o dr. Papillault creara uma justa reputação entre os antropólogos. Escreveu numerosos trabalhos sobre métodos antropométricos, psicologia, negros africanos, individualismo experimental, etc. Uma das suas últimas obras é *Des instincts à la personnalité morale*, que o sinatário analisou oportunamente nos «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto» sendo a análise traduzida em francês na «Revue Anthropologique».

Nos últimos tempos, o dr. Papillault encontrava-se num estado de sombrio nervosismo que aliás não diminuíra a distinção das suas maneiras. Em 1930 viera ainda ao Congresso de Antropologia de Coimbra e Pôrto, em que fôra naturalmente uma das figuras proeminentes. Mas incidentes vários limitaram já a sua participação no Congresso de 1931 em Paris e o levaram a afastar-se do secretariado do Instituto Internacional a que prestara

tantos serviços. O seu humor sofria já com a doença que o isolava e o vitimaria. Foi encontrado morto no quarto de aluguer em que vivia ultimamente. Recolhera a casa, recebera da porteira o seu correio, e sucumbira, sentado à mesa em que colocara a correspondência, sem a abrir.

Vários antropólogos portugueses conviveram e trabalharam com o dr. Papillault. Todos guardaram do seu valor, da sua distinção e da sua afabilidade as mais gratas recordações.

Um dedicado amigo de Portugal e dos Portugueses desapareceu também em 1 de Agosto do ano corrente com a morte súbita, em Grenoble, do coronel A. Constantin, presidente da Sociedade de Geografia de Lyon e ilustre antropólogo. O coronel Constantin tomou parte no Congresso de 1930 em Coimbra e Pôrto, e era autor de vários trabalhos, de muito interesse como *Vouivres et Saints sauroctones et cavaliers à l'Anguipède*, *Influence de la guerre de 1914-1918 sur la criminalité juvénile*, *Questions de folklore matrimonial et sexuel*, *Le rêve dans l'Ethnographie et le Folklore*, *Contribution à l'étude des questions ligures*, etc. Devem ainda mencionar-se a sua colaboração no livro *Hérédité et Races* e uma conferência sobre Portugal, que foi publicada no boletim da Sociedade de Geografia de Lyon e traduzida em português nos *Estudos do Integralismo Lusitano*.

Em Itália faleceu há poucas semanas o eminente criminalista, prof. Ottolenghi, catedrático de Medicina Legal, director da Escola de Polícia Científica de Roma e da revista publicada por esta escola, e autor de numerosos e importantes trabalhos sobre criminologia, identificação e polícia científica.

Emfim, enorme perda foi para a ciência das origens étnicas a morte recente de Camille Jullian, o autor eloquente e erudito da *História da Gália*, o director da *Revue des Études Anciennes*, o professor admirado do Colégio de França, o membro glorioso da Academia Francesa e da Academia das Inscrições, o laureado do Prémio Osiris do Instituto de França.

De baixa estatura, vivo, nervoso, orador espontâneo e colorido, sábio autêntico, Camille Jullian, era um meridional que, tendo o brilho dos meridionais, desmentia a opinião corrente sobre a superficialidade destes.

Quem escreve estas linhas, deve-lhe, como a Loth, Papillault, e Constantin um reconhecimento que não implica parcialidade na pequena homenagem que lhes tributa. Guarda, dos quatro, correspondência que tem mais do que o simples interesse do nome que a subscreve. De todos recebeu inesquecíveis provas de estima que seria inoportuno especificar, mas que, radicando sua gratidão, não significam que ao reverente preito pessoal que rende aos

nossos mortos — aos mortos da nossa Sociedade e das Ciências Antropológicas — hesite em juntar, convicto da justiça que isso representa, e do sentimento colectivo que interpreta, o testemunho profundo de condolência desta agremiação científica pela morte das ilustres individualidades portuguesas e estrangeiras às quais se referem estas breves notícias necrológicas.

M. C.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGON — *Notas sôbre restos humanos prehistóricos, protohistóricos y antiguos de España* — «Actas y Memórias de la Soc. Españ. de Antrop., Etnogr. y Prehist.», t. XII, Madrid, 1933.

Continua o ilustre professor de Antropologia da Universidade de Madrid na meritória tarefa de estudar os caracteres de todos os restos esqueléticos humanos encontrados em estações arqueológicas espanholas. Está assim constituindo um verdadeiro *Corpus* antropológico que facultará elementos preciosos para o estudo da prehistória e história étnicas da Península Ibérica, impossível de fazer sem esta base objectiva.

No presente trabalho, o A. examina, entre outros, os restos humanos encontrados nas estações visigóticas de Herrera de Pisuerga e Hinojar del Rey, recentemente exploradas por Santa Olalla. Reúne os valiosos resultados obtidos aos que já publicara na mesma revista sôbre os documentos osteológicos recolhidos noutras necrópoles visigóticas espanholas, o que permite uma interessante ideia de conjunto sôbre os tipos físicos dominantes.

Das restantes observações publicadas neste trabalho por Barras de Aragon destacaremos a do famoso crânio de Alcolea, que pelo seu *torus supraorbitalis*, sugeriu aproximações com o tipo de Neanderthal. O A. reconhece que o desenvolvimento do *torus* é ali análogo ao dum crânio de Spy, mas, pela sua descrição e pelas fotografias, não se encontram outras afinidades neandertalianas marcadas. A fronte não é fugidia, o crânio é alto, não há compressão vertical do occiput. O prof. Barras de Aragon não diz nada sôbre a região mentoniana nos restos mandibulares dêste exemplar. Não estaria bem conservada.

O baixo índice cefálico, o alto índice vertical, a *norma verticalis*, o próprio *torus*, lembram-me os exemplares de Combe Capelle, Brünn, Brux, etc., o pretense *Homo aurignacensis* de Klaatsch, o *H. protoaethiopicus* de Giuffrida-Ruggeri. Será cabida esta aproximação? Não o posso dizer sem ver o exemplar.

A Barras de Aragon os maiores louvores pelo seu esforço tenaz e sistemático no estudo da Antropologia antiga do seu país.

MENDES CORRÊA.

S. A. S.—Bollettino del Comitato Internazionale per l'Unificazione dei metodi e per la sintesi in Antropologia ed Eugenia—
Vol. I, n.º 1, Bologna, 1934.

Dirigido pelo sábio antropólogo de Bolonha, prof. Fábio Frassetto, e publicado pelos professores V. Bounak (Moscou), E. Fischer (Berlin), F. Frassetto, K. Hilden (Helsingfors), Mendes Corrêa (Pôrto), G. Montandon (Paris), M. Steggerda (Long Island) e J. Weninger (Viena), saiu o 1.º fascículo do S. A. S. (Standardização Antropológica Sintética), boletim do Comité Internacional de Unificação de Métodos, organizado após o congresso realizado em Bolonha em Março findo.

O boletim publica os trabalhos de Bounak, Davenport, Frassetto, Montandon, Latarjet e Weninger, apresentados já àquele *Comité*.

É desnecessário pôr em relêvo a importância desta iniciativa. Desejamos-lhe, como à nova revista, o melhor êxito.

M. C.

LUÍS DE PINA—Le muscle petit dentelé postérieur et supérieur chez l'Homme et les Primates— «C. R. de l'Assoc. des Anatomistes», Lisbonne, 1933.

O A. tem tratado, no ponto de vista antropológico, de vários músculos: o trapézio, os rombóides, o grande complexo, o angular do omoplata e o costureiro. Para êsse estudo baseou-se em 129 exemplares de Primatas e em indivíduos portugueses. A série de Primatas fazia parte das colecções dos profs. Anthony e Loth, respectivamente de Paris e Varsóvia.

Na presente nota dá conta dos resultados das suas investigações sôbre o pequeno dentado póstero-superior. Sumariamente pode dizer-se que verificou diminuir dos Lemuróides e Hapalídeos até aos Hominídeos o número das vértebras e costelas em que o músculo se insere. Tabelas minuciosas dão para cada grupo a frequência das inserções vertebraes e costais do referido músculo.

Uma valiosa contribuição de miologia étnica é constituída por êstes trabalhos de Luís de Pina.

M. C.

MARTHE ET SAINT-JUST PÉQUART—La nécropole mésolithique de l'île d'Hoëdic (Morbihan)— «L'Anthropologie» t. XLIV, Paris, 1934.

No Morbihan, a uns 30 kilómetros da ilha Téviec em que os AA. fizeram anteriormente a exploração duma estação mesolítica,

encontra-se a ilha de Hoëdic, que em anos sucessivos tem sido objecto das cuidadosas pesquisas arqueológicas dos mesmos AA. Na presente nota êstes dão conta dos resultados dos seus trabalhos, relatando os achados por êles feitos num concheiro mesolítico, muito semelhante ao que exploraram em Téviec. Encontraram 9 sepulturas, com restos de 13 indivíduos, dos quais 8 aproveitáveis para estudo antropológico.

No ponto de vista industrial, a necrópole de Hoëdic forneceu triângulos e trapézios, microburis, lâminas, etc., dos tipos microlíticos, não aparecendo, porém, nem cerâmica nem pedra polida. Algumas sepulturas continham hastes de veado, como em Téviec, mas os espólios de Hoëdic são mais miseráveis. A fauna é pobre.

Estas explorações, que os AA. conduzem com o seu excelente método, bem conhecido, tem, para nós, o interêsse especial de fornecer confrontos para os achados, também mesolíticos, de Muge.

M. C.

BARBOSA SUEIRO—La trépanation crânienne chez l'homme néolithique des stations portugaises (Note de paléopathologie), sep. do tomo XIX das «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», 13 págs., 11 figs., Lisboa, 1934.

Examinando 19 crânios neolíticos de várias estações portuguesas, o A. verificou que 5 tinham sofrido uma trepanação incompleta. Nenhum caso de trepanação completa.

Dêses 5 casos, dois haviam sido já descritos por Nery Delgado, um da gruta de Furninha (Peniche) e outro da Casa da Moura (Cesareda). Os 3 novos crânios descritos pelo A. são da gruta das Fontainhas (Serra de Monte Junto).

O prof. Barbosa Sueiro faz interessantes considerações sôbre a natureza e manejo dos instrumentos que teriam servido para realizar as trepanações descritas.

Por último reúne em síntese as várias hipóteses que tem sido apresentadas para explicar as trepanações do homem neolítico.

SANTOS JÚNIOR.

JOAQUIM R. DOS SANTOS JÚNIOR—A cerâmica campaniforme de Mairos— «In Memoriam Martins Sarmiento», Guimarães, 1933.

O norte de Portugal constituía uma área em branco na carta da distribuição da cerâmica do vaso campaniforme na Península,

segundo o belo livro de Albert del Castillo. As descobertas sucessivas daquela cerâmica eneolítica na Penha, em Pepim, em Outeiro Sêco, em Mairós, etc., permitiram a Santos Júnior preencher uma tal lacuna e dar uma sistematização nova dos grupos da cerâmica campaniforme no nosso país.

A importante estação eneolítica de Soutilha, Mairós (perto de Chaves), forneceu ao dr. Santos Júnior, seu descobridor, o principal material para esta notícia preliminar, que representa um considerável avanço aos conhecimentos anteriores sobre a referida época pré-histórica em Portugal.

M. C.

EUGÉNIO JALHAY — A adaga da Quinta da Romeira (Subsídio para o estudo da época do bronze em Portugal), sep. da revista «Brotéria», vol. XIX, fasc. I, 11 págs., 2 figs., Lisboa, 1934; *L'industrie de type asturien sera-t-elle une industrie purement locale?*, Reprinted from the Proceedings of the First International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences; August, 1-6, 2 págs., London, 1932.

Estudo descritivo e comparado duma adaga de bronze, encontrada na Quinta da Romeira, freguesia de S. Vicente do Paúl, no limite do concelho de Santarém com o de Tôrres Novas.

O que torna êste documento arqueológico digno de especial menção é não só a sua grande semelhança com a conhecida adaga da Quinta da Água Branca, em Vila Nova de Cerveira, estudada por José Fortes, mas também o estado de perfeita conservação, sem a mais leve fractura, o que faz dizer ao A. ser «lícito admiti-la como o primeiro exemplar do país».

O sr. P.^o Jalhay faz considerações de ordem vária sobre as lanças, punhais e adagas encontradas naquela região do centro do país e no estrangeiro, o que o leva a considerar a adaga da Quinta da Romeira como pertencendo ao início da idade do bronze.

Contrariamente à opinião de alguns autores que consideram a indústria asturiense como puramente local, nascida, a bem dizer, por geração espontânea, sem ter antes de si estados evolutivos prévios, o sr. P.^o Jalhay, baseando-se na grande extensão desta cultura que se estende ao longo das costas atlânticas da África e da Europa, na coexistência em algumas estações de Portugal e da Galiza de instrumentos de tipo cheleo-acheulenses, (vd. «Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. VI, fasc. I, pág. 72) na actual submersão marinha, pelo menos em parte, de algumas estações da Galiza e de Portugal, nos elementos de ordem estrati-

gráfica e faunística que permitiram duma maneira segura estabelecer para as estações de Santander (Astúrias) uma cronologia post-paleolítica e pre-neolítica, e ainda no facto de as estações da Bretanha, da Estónia e da Irlanda serem tidas como dum período muito próximo do mesolítico, ou mesmo francamente dêsse período da idade da pedra, admite, e com razão, que:

a) «L'industrie dite asturienne évolua du paléolithique et peut-être lui sera partiellement contemporaine dans quelques régions plus méridionales.

b) «L'industrie de type asturien suivit un itinéraire sud-nord (Afrique — Portugal — Galice — Asturies — Bretagne (?) — Irlande (?) — Esthonie (?). Il y eut peut-être un mouvement de peuplades asturiennes semblable à celui qui introduisit la culture capsienne dans la Péninsule Ibérique.»

S. J.

DR. JOAQUIM FONTES — Sobre algumas figuras rupestres do santuário pré-histórico do Gião — Sep. da «Revista de Arqueologia», 8 págs., 2 figs., Lisboa, 1932; *Figuras rupestres astrais no santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Val-de-Vez)* — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», 2 págs., 1 fig., Guimarães, 1933; *Várias modalidades do sinal cruciforme no santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Val-de-Vez)* — Sep. do fasc. VIII da «Revista de Arqueologia», 11 págs., 13 figs., Lisboa, 1934.

A estação rupestre do Gião, a alguns quilómetros ao norte de Arcos de Val-de-Vez foi descoberta há anos pelo R. P.^o José Saraiva de Miranda.

Dentre as centenas de sinais gravados nos vários penedos da Chã do Gião, o A. aparta 18, que tem um particular interesse, pois é lícito considerá-los como figuras humanas em grupo e intimamente ligadas. Descreve cada um dos grupos procurando dar-lhe uma explicação lógica. Deve, no entanto, notar-se que se poderiam procurar também comparações com conhecidas gravuras trasmontanas.

Na segunda nota ocupa-se o A. de alguns sinais gravados, também do Gião, «estrêlas de quatro, sete e oito raios», que considera como representações de figuras astrais. Para as gravuras de sete ou oito raios sem esforço se admite que possam representar estrêlas; quanto ao sinal de quatro raios é possível atribuir-lhe outro ou outros simbolismos. Razões contudo deve haver que levaram o A. a considerá-lo como tal.

No terceiro trabalho, o A., professor ilustre da Universidade de Lisboa, a quem a Arqueologia portuguesa deve contribuições da maior valia, estuda em especial 75 sinais de tipo cruciforme, que, como é sabido, representam a esquematização da figura humana.

A extraordinária riqueza dos sinais dêste tipo permite ao A. separá-los em 14 grupos, tomando em linha de conta determinadas particularidades.

Faz a descrição de cada sinal e procura explicar o significado de cada um. Ali se vêem, segundo o A., representações masculinas, estilizações de mulheres, possivelmente ídolos, figuras em atitudes de dança, em adoração, uma provável representação dum indivíduo sentado, etc.

S. J.

F. BOUZA-BREY — O brazaletes posthallstático de Toén, sep. del número extraordinario del «Boletín de la Universidad de Santiago», dedicado al Prof. Rodríguez Cadarso, 8 págs., 1 fig., Santiago, 1934.

Na freguesia orensana de Santa Maria de Toén, debaixo duma pedra que se encontrava no emaranhado das raízes dum carvalho apareceu um bracelete de ouro puro com 71,5 gr. e com êle um fio enrolado igualmente de ouro e com 1 mil. de diâmetro.

O bracelete que o A. descreve em seguida tem 2 cm. de alto, é fenestrado verticalmente numa zona média, tendo dum lado e doutro, dois filetes lisos e nos bordos duas fiadas dum perlado fino obtido a punção.

Bouza-Brey faz eruditas considerações sobre os motivos ornamentais do bracelete, estabelecendo paralelismos vários, destacando em especial os que se referem às jóias encontradas na Galiza.

Pela técnica de manufactura do bracelete, pelos motivos que o ornamentam, e pela similitude e vizinhança com achados análogos da ourivesaria proto-histórica, conclue que o mesmo se deve incluir num período pre-romano já post-halstático.

S. J.

JÚLIO MARTINEZ SANTA-OLALLA — Esquema de la Arqueologia Visigoda — «Investigación y Progreso», VIII, Madrid, 1934.

Depois dum longo compasso de espera nas noções referentes à arqueologia da época bárbara na Península — compasso marcado mais acentuadamente em Portugal — experimentou emfim êsse

capítulo, graças aos trabalhos de Zeiss, Santa-Olalla, Perez de Barradas e Serpa Pinto, um apreciável avanço. Quantos achados dessa época, passaram, entre nós, como tipicamente romanos!

O prof. Santa-Olalla, baseado sobretudo nos resultados das escavações nas necrópoles de Herrera de Pisuerga (Palência) e Hinojar del Rey (Burgos) e em investigações nos Museus, admite três períodos arqueológicos, desde o século V ao século VIII, caracterizando o primeiro pela vinda dos elementos da Europa oriental (grupo *gótico*), o segundo pela evolução dêsses elementos (grupo *visigótico* — entre Eurico e Lisebuto), e o terceiro pela transformação sob o espírito bizantino e orientalizante (grupo *bizantino* de Suintila até o fim do reino visigótico). Fíbulas e placas de cinturão, além doutros objectos de metal e cerâmica, servem para a distinção dêsses grupos. Portugal aparece representado nesta classificação por peças de Beja, existentes no Museu de Belém.

M. C.

GEORGE C. ENGERRAND — The so-called Wends of Germany and their Colonies in Texas and in Australia — «The University of Texas Bulletin», Austin, 1934.

Os Vendos da Lusácia, território da Prússia e da Saxónia, não representam uma raça, no ponto de vista antropológico, mas constituem um grupo lingüístico eslavo, que após a guerra se pretendeu incluir entre as minorias étnicas com direito a uma certa autonomia, mas que, na verdade, segundo o A., se encontra cada vez mais reduzido numericamente, sob a influência germânica.

O prof. Engerrand estuda nesta interessante monografia os Vendos na Alemanha e as suas colónias migratórias no Texas e na Austrália. É um estudo demográfico, histórico, político, lingüístico, folklórico, etc. Os pequenos núcleos de Vendos no Texas podem, segundo o A., considerar-se separados do núcleo primário da Lusácia. Vão esquecendo as tradições e a língua, vão-se americanizando. Sobre os núcleos australianos, o prof. Engerrand tem menos elementos. É interessante que, em sua opinião, as migrações dos Vendos foram determinadas por motivos religiosos e não por factores políticos. Os Vendos do Texas são luteranos. A sua devoção religiosa é mais firme do que o seu apregoado sentimento nacional.

M. C.

DR. RENÉ MARTIAL — *L'immigration et le pouvoir de résorption de la France* — Extr. da «*Revue Anthropologique*», t. XLIII, Paris, 1933.

O dr. René Martial, encarregado do curso de imigração no Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina de Paris, defende nesta conferência, como noutros trabalhos seus, a necessidade duma política científica de imigração em França, política baseada tanto numa selecção racial como numa selecção de famílias e dos indivíduos. O A. não se atemoriza com a diminuição da natalidade no seu país, que considera uma coisa passageira, mas com o desvio do elemento agrícola para a indústria e para as cidades, porque foi do camponês francês que a França tirou sempre o seu fundo moral e o seu fundo físico. A resistência física do Ligure — escreve — a sua tenacidade moral, «a coragem nascida atrás da charrua», como disse muito exactamente Gaston Roupnel, ainda se encontram no camponês actual — mas é uma preciosa herança que não deve deixar-se desaparecer. Uma imigração *de boa qualidade* resolveria, em seu parecer, o problema.

M. C.

VICENTE RISCO — *Notas en col do culto do lume na Galiza*, sep. da «*Homenagem a Martins Sarmiento*», págs. 342-351, Guimarães, 1933; *Murguía*, sep. dos «*Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*», VI, 42 págs., Sant'Iago, 1933.

Risco, porfiando no estudo inteligente dos velhos usos e costumes que os «labregos» da Galiza ainda conservam, dá-nos uma série de tradições e usanças referentes ao lume, que deixam transparecer um arreigado culto ao mesmo prestado desde remotas eras.

Pela simples enumeração dos capítulos e suas divisões ajuíza-se do interesse etnográfico deste trabalho.

I. *O fogar* — a) O lume é un ser vivente; b) O lume non debe ser profanado; c) O lume ten uma orixe celeste; d) As ánimas véñense quentar no lume; e) As bruxas véñense espaxer na lareira; f) Preparación e conservación do lume; g) Ofrendas e oraciós ao lume.

II. *Cerimonias públicas do culto do lume* — a) O folión; b) Os lumes de San Johan; c) Os lumes d'outras épocas; d) A beinzón dos campos.

III. *Virtudes do lume*.

Valorizam o trabalho numerosas citações bibliográficas de práticas semelhantes usadas em Portugal, na França e na Alemanha.

O segundo trabalho é uma esplêndida análise biográfica e bibliográfica, no que diz respeito sobretudo à personalidade de Murguía como historiador. Risco divide o estudo em 4 capítulos, que são respectivamente:

A significación histórica de Murguía; A vida; A persoa; A obra.

Este trabalho constitui com outros uma brilhante homenagem prestada à memória do nome ilustre de Murguía, o insigne patriarca galego, cujo centenário se celebrou em Maio de 1933.

S. J.

DR. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — *As telhas do teu telhado* (Nota etnográfica), in «*Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*», VI, Seición Folklore — Sant-Iago, 1933.

No folclore regional, tanto faz Português ou Galaico, a poesia popular, que brota espontânea e no estado de genuína pureza, sem retoque as mais das vezes, tem encontrado o sr. dr. Santos Júnior inexgotável veio, cuja exploração inteligente e artística lhe vale a publicação de algumas notas interessantes e excertos muito apreciáveis.

Este assunto, aparentemente singelo, fornece habitualmente, segundo o autor, motivo folclórico de-véras original para muitas quadras:

As telhas do teu telhado,
O mais delas tem virtude:
Passei por elas doente,
Logo me deram saúde.

É que as telhas possuem, na verdade, para as gentes significado, ora triste, ora alegre, em geral, sentido e comovente e, pode-se afirmar, em vista do trabalho deste etnólogo, já bem conhecido por outras produções congêneres, que elas têm valor etnográfico considerável e atingem até certo simbolismo que se deve conhecer. É porventura em tais pormenores, bem analisados, que se pode desvendar a íntima psicologia dum povo, sobretudo um povo como o nosso, rico de manifestações estéticas, que tanto distinguem e enobrecem o espírito popular, ainda ignorado por muitas pessoas.

O trabalho do sr. dr. Santos Júnior desenvolve-se em 20 páginas, abundantes de documentos, notas e transcrições, que valorizam extremamente a obra e enaltecem as trovas apreciadas, algumas de relêvo literário admirável, em relação à sua origem humilde.

São referidas também algumas práticas medicinais e supersticiosas em que as telhas interveem. A maior parte dessas práticas são transcrições, há porém algumas que foram colhidas directamente pelo A.

Os exemplos são bem escolhidos, dentre os cantares das províncias do Norte, e portanto revelam o carácter regional e a inspiração própria do povo que os dita.

BETHENCOURT FERREIRA.

LEONÍDIO RIBEIRO — *Polícia Científica* — 1 vol. de 400 págs., ilustrado. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1934.

Na Biblioteca Brasileira de Medicina Legal, dirigida pelo grande Mestre Afrânio Peixoto acaba de ser publicado um volume de Leonídio Ribeiro sobre *Polícia Científica*. O ilustre director do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, reuniu nesse livro, de grande interesse didáctico e documental, uma série de capítulos, seus e de colaboradores seus, sobre variados assuntos daquela disciplina. Com os srs. Cláudio de Mendonça e Felisbela Belletti, o prof. Leonídio Ribeiro expõe primeiramente os métodos de identificação, em especial pelas impressões digitais e pelas impressões de pés. Uma exposição, também desenvolvida e interessante, é feita em seguida pelo sr. Carlos Arroxellas Galvão sobre grafoscopia, moeda falsa, etc. A terceira parte do livro é pelo prof. Leonídio Ribeiro consagrada à organização dos laboratórios de polícia técnica, escolas de polícia, filmagem de locais do crime, investigação da paternidade, incêndios, identificação de armas de fogo, arquivo monadactilar, etc., expondo o autor nesses capítulos não só os seus trabalhos originais sobre tais assuntos, como os de outros cientistas brasileiros. O livro é uma bela demonstração do labor do país irmão nesses domínios.

Uma bibliografia ampla valoriza ainda as diferentes secções do importante tratado do prof. Leonídio Ribeiro.

M. C.

ÍNDICE DO VOL. VI

	Pág.
DR. RENATO KEHL — Política eugénica	5
HUMBERTO PINTO LIMA — A cerâmica predinástica	21
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — O abrigo prè-histórico da «Pala Pinta»	33
A. A. MENDES CORRÊA — A posição sistemática do esqueleto de Combe-Capelle	105
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — Gravuras rupestres de Linhares	141
ALFREDO ATHAYDE — Nota sôbre o crescimento dos Portugueses	149
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — As pinturas prè-históricas do Cachão da Rapa	185
LUÍS DE PINA — O índice esquelico nas crianças portuguesas	223
ALFREDO ATHAYDE — Estudos sôbre a pigmentação e sua hereditariedade	229
XAQUIN LORENZO FERNANDEZ — O tardo	285
CARLOS TEIXEIRA — Medicina e superstições populares de Vieira	293
LUÍS DE PINA — Tipos constitucionais e criminalidade	333

Vária:

Rui de Serpa Pinto	45
Congresso dos Anatómicos (PIRES DE LIMA)	50
Escavações arqueológicas	51, 156 e 243
Sur le métopisme, son origine et sa signification (MENDES CORRÊA)	58
Um precursor português da Eugenia (HERNANI MONTEIRO)	60
Curso de Antropologia Médica	62
Monumento ao prof. Silva Teles	63
Prémio «Rui de Serpa Pinto»	63 e 162
Centenário de Martins Sarmiento	155
Les peintures mégalithiques de Côta (Beira Alta) (M. C.)	157
Sociedade Portuguesa de estudos eugénicos (M. C.)	161
I Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas	162
Centro di Documentazione Etnica	162
Lutuosa (M. C.)	163 e 389
Prof. Alexandre Rodriguez Cadarso (HERNANI MONTEIRO)	237
O problema lígure em Portugal (M. C.)	246
Moron (M. C.)	251
Inscrições glozelianas em Sens?	257

	Pág.
I Congresso Nacional de Antropologia Colonial	371
Dissecção de uma negra de Angola (Luís de Pina & Armando Leão)	373
O Prof. Mendes Corrêa no Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura (SANTOS JÚNIOR)	378
Congresso Científico de Santiago de Compostela (S. J.)	384
Congresso de Identificação no Brasil (M. C.)	388

Revista bibliográfica — Índice alfabético de autores:

Absolon & Czizek, 168; Afrânio Peixoto, 183; Aichel & Holst, 271; American School, 169; A. Pires de Lima, 282; Barbosa Sueiro, 79 e 395; Barras de Aragon, 393; Barroso, 95 e 183; Bégouen, 169; Bégouen & Vallois, 71; Berardinelli & Mendonça, 278; Bosch, 174; Bouza Brey, 279 e 398; Breuil, 170; Carballo & Larin, 263; Carro & Gonzalez, 173; Castellanos, 67 e 103; Chaves, 100; Cipriani, 68; Constantin, 97 e 103; Conzemius, 283; Cuevillas, 73 e 173; Duarte, 276; Engerrand, 399; Fontes, 397; Frets, 181; Fraguas, 101; Furuata, 165; Graça, 97; Hilden, 85; Hrdlicka, 175; Jalhay, 72, 269 e 396; J. Pires de Lima, 275; Kehl, 181; Keiter, 176; Kiss, 83; Landsteiner & Levine, 165; Leonídio Ribeiro, 184 e 402; Lipschütz, 260; Lourenzo Fernandez, 99 e 280; Lucifero, 276; Lundborg & Wahlund, 104; Luquet & Rivet, 281; Magnino, 166 e 177; Martial, 400; Mendes Corrêa, 75, 90, 177 e 266; Miller, 78; Montandon, 259; Mühlmann, 180; Mydlarski, 176; Niceforo, 94; Obermaier, 262; Oliveira Viana, 87; Paço, 102 e 266; Passos, 281; Peyrony, 70; Pina, 273 e 394; Puccioni, 168; Quelprud, 84; Regnault, 86; Rellini, 166; Reygasse, 74; Risco, 400; Rivet, 271; Roquette Pinto, 263; Saintyves, 102; Saldaña, 183; Saller, 86 e 261; Saller & Maroske, 83; Santa-Olalla, 398; Santos Júnior, 395 e 401; Sarmiento, 263; S. A. S., 394; Schweitzer, 88; Serpa Pinto, 172 e 265; Serrano, 172; Silva Leal, 276; Silva Leal & Espregueira Mendes, 274; Simões Viana, 167; Suk & Augusta, 180; Tamagnini, 269; Tavares & Azevedo, 275; Universidad, 284; Vallois, 69 e 85; Van Gennep, 98; Victor Fontes, 81; Wickert, 77.

ERRATA, pág. 284.

